

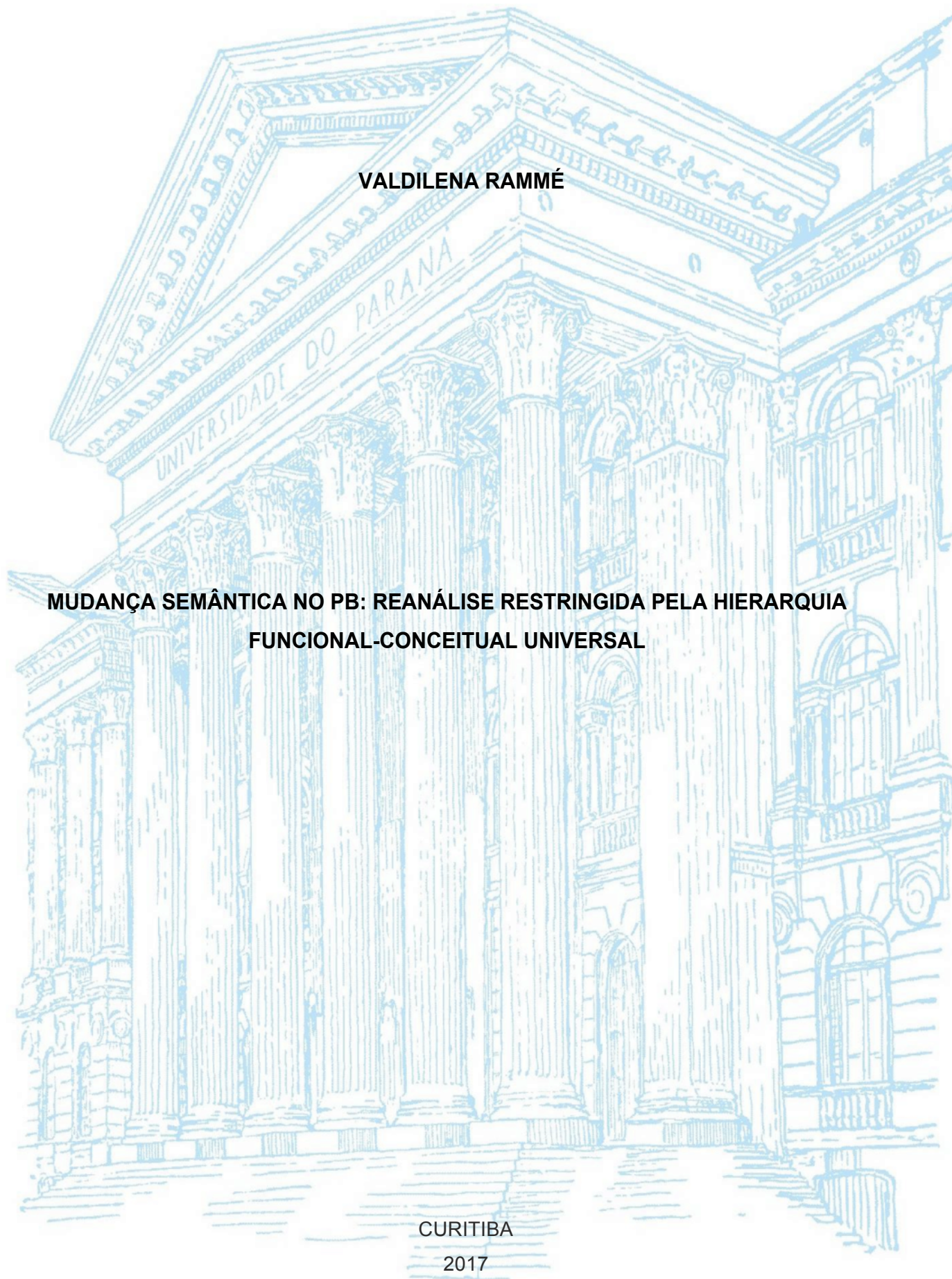
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VALDILENA RAMMÉ

**MUDANÇA SEMÂNTICA NO PB: REANÁLISE RESTRINGIDA PELA HIERARQUIA
FUNCIONAL-CONCEITUAL UNIVERSAL**

CURITIBA

2017



VALDILENA RAMMÉ

**MUDANÇA SEMÂNTICA NO PB: REANÁLISE RESTRINGIDA PELA HIERARQUIA
FUNCIONAL-CONCEITUAL UNIVERSAL**

Tese apresentada para defesa como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Linguística, no Curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Linha de pesquisa: Estudos gramaticais: descrição, análise, teoria, meta-teoria e historiografia

Orientadora: Profa. Dra. Teresa Cristina Wachowicz

CURITIBA

2017

Catálogo na publicação
Mariluci Zanela – CRB 9/1233
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Rammé, Valdilena
Mudança semântica no PB: reanálise restringida pela hierarquia funcional-conceitual universal / Valdilena Rammé – Curitiba, 2017.
318 f.; 29 cm.

Orientadora: Teresa Cristina Wachowicz
Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

1. Gramática comparada e geral - Sintaxe. 2. Semântica. 3.
Verbos - Linguística. I. Título.

CDD 415



Universidade Federal do Paraná
Setor de Ciências Humanas
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras
Tel./Fax: +55 41 3360-5102

Ata septingentésima nonagésima segunda, referente à sessão pública de defesa de tese para a obtenção de título de doutor a que se submeteu a doutoranda **VALDILENA RAMMÉ**. No dia vinte e três de março de dois mil e dezessete, às catorze horas e trinta minutos, na sala 1005B, 10º andar, no Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos da Banca Examinadora, constituída pelos seguintes Professores Doutores: Teresa Cristina Wachowicz, Presidente, Marcos Barbosa Carreira, Maria José Foltran, Patrícia Araújo Rodrigues e Marcus V. da Silva Lunguinho designados pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Letras, para a sessão pública de defesa de tese intitulada “**MUDANÇA SEMÂNTICA NO PB: REANÁLISE RESTRINGIDA PELA HIERARQUIA FUNCIONAL-CONCEITUAL UNIVERSAL**”, apresentada por **VALDILENA RAMMÉ**. A sessão teve início com a apresentação oral da doutoranda sobre o estudo desenvolvido. Logo após, a senhora presidente dos trabalhos concedeu a palavra a cada um dos examinadores para as suas arguições. Em seguida, a candidata apresentou sua defesa. Na sequência, a Professora Teresa Cristina Wachowicz retomou a palavra para as considerações finais. Na continuação, a Banca Examinadora, reunida sigilosamente, decidiu pela aprovação da candidata. Em seguida, a senhora Presidente declarou **APROVADA** a candidata, que recebeu o título de **Doutor em Letras**, área de concentração **Estudos Linguísticos**. A versão final da tese deverá ser encaminhada à Coordenação em até 60 dias. Encerrada a sessão, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pela Banca Examinadora e pela candidata. Feita em Curitiba, no dia vinte e três de março de dois mil e dezessete.

Dr^a Teresa Cristina Wachowicz

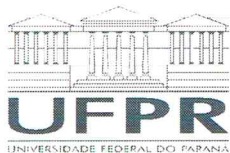
Dr. Marcos Barbosa Carreira

Dr^a Maria José Foltran

Dr. Marcus V. da Silva Lunguinho

Dr^a Patrícia Araújo Rodrigues

Valdilena Rammé



Universidade Federal do Paraná
Setor de Ciências Humanas
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em
Letras
Tel./Fax: +55 41 3360-5102

PARECER

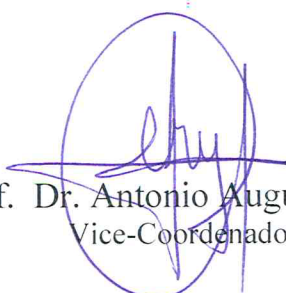
Defesa de tese de doutorado de **VALDILENA RAMMÉ** para obtenção do título de **Doutor em Letras**.

Os abaixo-assinados Teresa Cristina Wachowicz, Presidente, Marcos Barbosa Carreira, Maria José Foltran, Patrícia Araújo Rodrigues e Marcus V. da Silva Lunguinho arguíram, nesta data, a candidata, que apresentou a tese **“MUDANÇA SEMÂNTICA NO PB: REANÁLISE RESTRINGIDA PELA HIERARQUIA FUNCIONAL-CONCEITUAL UNIVERSAL”**.

Procedida à arguição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a candidata está apta ao título de **Doutor em Letras**, conforme especificações abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADO(A) Não APROVADO(A)
Dr ^a Teresa Cristina Wachowicz(Presidente)		Aprovada
Dr. Marcos Barbosa Carreira		Aprovada
Dr ^a Maria José Foltran		Aprovada
Dr ^a Patrícia Araújo Rodrigues		Aprovada
Dr. Marcus V. da Silva Lunguinho		Aprovada

Curitiba, 23 de março de 2017.


Prof. Dr. Antonio Augusto Nery
Vice-Coordenador

AGRADECIMENTOS

É um grande desafio limitar os agradecimentos a uma página de papel. Contudo, inicio agradecendo à minha mãe, Helena Rammé, e ao meu pai, Valdir T. Rammé. Sem seu apoio e incentivo eu não teria conseguido fazer tudo que fiz. Eu devo minha formação e minhas realizações profissionais a vocês. Palavras não são suficientes para expressar minha gratidão.

Agradeço também à minha irmã Juliana Rammé, por sua força, exemplo, companheirismo e incentivo. Obrigada, mana!

Agradeço sobretudo à minha orientadora Teresa Cristina Wachowicz, pelas conversas, orientações, por me permitir explorar e buscar novas respostas teóricas, por não ter medo das perguntas sem respostas, pela amizade e pela inspiração. Você é meu exemplo de professora e pesquisadora.

Agradeço ao meu companheiro Fábio Mazzardo pelo amor, pela cumplicidade, pela força e por ter suportado comigo as distâncias e os momentos mais difíceis.

Agradeço aos meus amigos Arthur Ferreira, Xênia Mello, Lígia Birindelli, David Amenda, Karen Duek, Elisa Moura, Fernanda C. Mendes, Ricardo Magno, Gianna Roland, Christoph Fuchs e César Gonzalez Barra. Obrigada pelo amor, pelas risadas e por me fazerem esquecer, às vezes, da loucura que é escrever uma tese.

Também agradeço aos meus amigos-colegas da Pós-Graduação em Letras da UFPR, Guida Bittencourt, Andressa D'Ávila, Cindy Prestes, Marina Legroski, Livy Real, Luana de Conto, por fazerem deste programa uma referência no Brasil. Em especial, agradeço à patota Thayse Ferreira, Alex Britto, Denise Mazocco, Diogo Simão, Letícia Kolberg, Fábio Mesquita e Kayron Beviláqua pelas conversas, leituras, viagens inesquecíveis, congressos, discussões, posters e festinhas. Sobretudo, obrigada Diogo por também ter me ajudado a revisar este trabalho.

Agradeço aos meus amigos de Foz, Angela Erazo, Larissa Tirloni, Jocenilson Ribeiro, Paulo Glanert, Francisco del Olmo e Emerson Peretti. Vocês foram fundamentais na reta final de escritura deste trabalho. Obrigada pela força, amizade, apoio e incentivo.

Obrigada ao secretário do programa, Odair Rodrigues, por todas as “ajudinhas” e por sempre ser atencioso e gentil. Agradeço também aos professores coordenadores e demais funcionários que fizeram deste programa um projeto de excelência.

Também agradeço a oportunidade de ter realizado um período de Doutorado-Sanduíche na Universidade de Utrecht - Holanda, através do Convênio CAPES/NUFFIC, Projeto 040/12, coordenado pelas Profa. Dra. Roberta Pires de Oliveira (UFSC/PGLe UFPR), Profa. Dra. Maria José Gnata Dalcuche Foltran (UFPR) e Profa. Dra. Henriëtte de Swart (Utrecht University). Agradeço, especialmente, ao meu orientador no Instituto de Linguística da Universidade de Utrecht, Prof. Dr. Joost Zwarts. Nossas conversas e suas orientações foram fundamentais para a consolidação deste projeto, pois me permitiram refinar meu problema de pesquisa e encontrar novos caminhos para a investigação.

Também, registro meu agradecimento a minha colega de trabalho em Utrecht, Erin Pretorius. Nossos encontros e discussões me ajudaram a aprofundar meus conhecimentos na Nanossintaxe e as comparações com a língua Afrikan me mostraram novas possibilidades de resposta para o Português do Brasil.

Concluo agradecendo, em especial, aos professores e pesquisadores Maria José Gnata Dalcuche Foltran, Patrícia de A. Rodrigues, Marcos B. Carreira, Marcus V. S. Lunguinho e Lígia Negri por aceitarem ler e debater meu trabalho. Mormente, agradeço às professoras Maria José Foltran e Patrícia Rodrigues pela leitura e discussão para a qualificação deste trabalho. Seus apontamentos foram fundamentais para a conclusão desta pesquisa.

*Je ne me demande pas où mènent les routes;
c'est pour le trajet que je pars.*

Anne Hébert

RESUMO

A proposta desta tese é analisar e discutir as mudanças semânticas que os verbos e preposições envolvidos na expressão do deslocamento espacial podem ter sofrido no Português Brasileiro (PB) entre os séculos XVIII e XXI. Colocando-se na interface da semântica e da sintaxe, este trabalho busca na Nanossintaxe e na Semântica Conceitual o referencial teórico que embasará a concepção de arquitetura da gramática das línguas naturais, ao mesmo tempo em que orientará a decomposição das estruturas conceituais de verbos e de preposições envolvidos na expressão do deslocamento. Paralelamente, para tratar das mudanças diacrônicas que o PB sofreu nos últimos três séculos, buscam-se em teorias de distintas linhas pressupostos que unifiquem a ideia de Reanálise como o principal mecanismo instigador dos processos de semantização observados. Veremos, nos resultados, que alguns verbos de movimento têm sofrido mudanças em seus sentidos influenciadas pelos contextos de ambiguidade estrutural em que comumente aparecem. Ao mesmo tempo, verificaremos que a preposição ‘em’ não pode ser analisada como codificando o sentido de alvo do movimento como tradicionalmente é proposto. A análise e os testes são baseados na comparação de dois *corpora* distintos, um primeiro com dados dos Séculos XVIII-XIX, a partir de trabalhos do Projeto PHPB, e outro de dados dos Séculos XX-XXI retirados da plataforma NILC-São Carlos. Espera-se que este debate possa provocar um novo olhar sobre o fenômeno da variação e da mudança no português que, ao mesmo tempo, seja adequado teórica e empiricamente.

Palavras-chave: Nanossintaxe; Semântica Conceitual; verbos de movimento; preposições espaciais;

ABSTRACT

The purpose of this thesis is to analyze and discuss the semantic changes that motion verbs and prepositions involved in the expression of spatial displacement may have undergone in Brazilian Portuguese (BrP) between the 18th and 21st centuries. Located on the semantic and syntax interface, the present work finds in Nanosyntax and Conceptual Semantics the theoretical framework that will support its architectural conception of the natural languages grammar. At the same time, this theoretical framework will orient the decomposition of the conceptual structures of verbs and prepositions involved in the expression of motion and displacement. In order to deal with the diachronic changes that BrP has suffered in the last three centuries, I search in different theories for proposals that unify the idea of Reanalysis as the main instigator mechanism of the observed semantic processes. We will see, in the results, that some motion verbs have undergone changes in their meanings influenced by the contexts of structural ambiguity in which they commonly appear. At the same time, we will verify that the preposition 'em' can not be analyzed as encoding the meaning of direction or goal as traditionally proposed. The analysis and the tests are based on the comparison of two distinct corpora, one containing data from the 18th and 19th Centuries, based on works from the PHPB Project, and another including data from the NILC-São Carlos platform - 20th and 21st Centuries. It is hoped that this debate can provoke a new look at the phenomenon of variation and change in Portuguese that, at the same time, is theoretically and empirically adequate.

Keywords: Nanosyntax; Conceptual Semantics; Motion verbs; Spatial prepositions;

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	VI
RESUMO	I
ABSTRACT	II
ÍNDICE DE FIGURAS	IX
ÍNDICE DE QUADROS	X
PEQUENO GLOSSÁRIO	XI
ÍNDICE DE ABREVIÇÕES	XIII
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 CONTEXTO E OBJETO DE ESTUDO	1
1.2 A RIQUEZA DE DADOS DO PB	5
1.3 PROPOSTAS CENTRAIS E HIPÓTESES: DUAS TESES PARA A TESE	8
1.3.1 UMA HIPÓTESE PARA A VARIAÇÃO	8
1.3.2 UMA HIPÓTESE PARA A MUDANÇA	9
1.4 IMAGEM SIMPLIFICADA DA MUDANÇA: RESULTADOS DA ANÁLISE	10
1.5 METODOLOGIA E ESTRUTURA DA TESE	14
1.5.1 COMO LER ESTA TESE	16
1.5.2 SUMÁRIO EXPLICADO	16
2 POR UM TRATAMENTO SEMÂNTICO-CONCEITUAL DA MUDANÇA	20
2.1 INTRODUÇÃO	20
2.2 SEMÂNTICA CONCEITUAL: BREVE APRESENTAÇÃO	21
2.2.1 EM DEFESA DE UMA ABORDAGEM SEMÂNTICA DECOMPOSICIONAL	24
2.3 A “CLASSE” DOS VERBOS DE MOVIMENTO NA SEMÂNTICA CONCEITUAL	31
2.3.1 REVENDO AS “CLASSES NATURAIS”: TRANSITIVOS VS. INTRANSITIVOS	38
2.3.2 REVENDO AS “CLASSES NATURAIS” - INERGATIVOS VS. INACUSATIVOS	41
2.3.3 REVENDO AS “CLASSES NATURAIS” - VERBOS DE MANEIRA VS. RESULTADO	45
2.3.4 ARGUMENTOS INTERNOS E SEUS PAPÉIS	52
2.3.5 ARGUMENTOS RESULTANTES E SEUS PAPÉIS	57
2.4 O PODER EXPLICATIVO DA SEMÂNTICA CONCEITUAL	60
2.5 PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES	69
3 UMA DECOMPOSIÇÃO DE EVENTOS ESTRUTURADA A PARTIR DA ONTOLOGIA DE PRIMITIVOS CONCEITUAIS	71
3.1 PRIMITIVOS CONCEITUAIS	71
3.2 AS ESTRUTURAS DOS VERBOS DE MOVIMENTO DO PB	79

3.2.1	DIAGNÓSTICOS SEMÂNTICOS PARA OS DADOS DO PB DOS SÉC. XVIII E XIX	91
3.3	ALGUMAS OBSERVAÇÕES INTERMEDIÁRIAS	93
3.4	AS ESTRUTURAS CONCEITUAIS DAS PREPOSIÇÕES DO PB	94
3.4.1	BREVE PANORAMA DOS TRAÇOS ASSOCIADOS ÀS PREPOSIÇÕES 'A' 'EM' E 'PARA' NO PB	94
3.4.2	A SEMÂNTICA CONCEITUAL E AS PREPOSIÇÕES	97
3.4.3	DIAGNÓSTICOS SEMÂNTICOS : PREPOSIÇÕES PROJETIVAS/LOCATIVAS	98
3.4.4	DIAGNÓSTICOS SEMÂNTICOS : PREPOSIÇÕES ESPACIAIS LIMITADAS/DIRECIONAIS	103
3.4.5	DIAGNÓSTICOS SEMÂNTICOS : PREPOSIÇÕES ESTENDIDAS/ROTAS	107
3.4.6	CONCLUSÃO DOS DIAGNÓSTICOS: AS ESTRUTURAS DE 'A', 'EM' E 'PARA' NO PB	112
3.5	OUTRAS CONSIDERAÇÕES INTERMEDIÁRIAS	115
4	O MODELO NANOSSINTÁTICO	116
4.1	INTRODUÇÃO	116
4.2	SEQUÊNCIAS HIERÁRQUICAS UNIVERSAIS E O LÉXICO	116
4.3	A HIPÓTESE DA LEXICALIZAÇÃO CÍCLICA EXAUSTIVA	124
4.3.1	LÉXICO, SELEÇÃO E INSERÇÃO/COMBINAÇÃO	125
4.4	SINCRETISMOS E ITENS LEXICAIS POSSÍVEIS	134
4.5	AS OPERAÇÕES SINTÁTICAS: PRINCÍPIOS E RESTRIÇÕES	138
4.6	PANORAMA RESUMIDO DA PROPOSTA NANOSSINTÁTICA	142
5	TEORIAS DE MUDANÇA E A REANÁLISE	145
5.1	INTRODUÇÃO	145
5.1.1	A ARQUITETURA DA GRAMÁTICA	145
5.1.2	A FORMA DOS ITENS LEXICAIS	152
5.2	GRAMATICALIZAÇÃO E REANÁLISE: DISTINTAS ABORDAGENS	153
5.2.1	MECANISMOS, PROCESSOS E PRINCÍPIOS DE MUDANÇA LINGUÍSTICA	155
5.2.2	DESBOTAMENTO, METAFORIZAÇÃO E METONIMIZAÇÃO	159
5.3	REANÁLISE	163
6	REANÁLISE E MUDANÇA: UM ESTUDO DE CASO DO PB	168
6.1	INTRODUÇÃO: OUTROS CAMINHOS PARA A MUDANÇA	168
6.2	OS DADOS: PANORAMA	169
6.3	ESTUDO DE CASO DO PB : MUDANÇA SOB REANÁLISE NOS VERBOS DE MOVIMENTO E PREPOSIÇÕES	174
6.3.1	BREVE PAINEL QUANTITATIVO	174
6.3.2	VERBOS 'ENTRAR' E 'SAIR'	175
6.3.3	VERBOS 'IR' E 'VIR'	187
6.3.4	VERBOS DE MANEIRA: 'ANDAR', 'CAMINHAR' E 'NADAR' VS. 'CORRER', 'ROLAR' E 'VOAR'	207

6.3.5	VERBOS 'DESCER' E 'SUBIR'	218
6.4	SÍNTESE DAS MUDANÇAS SEMÂNTICAS OCORRIDAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	222
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	224
7.1	PERCURSO EMPREENDIDO	224
7.2	RESULTADOS DA (RE)ANÁLISE	226
7.3	CAMINHOS PELA FRENTE	228
8	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	230
APÊNDICES		237
1	APÊNDICE I: DADOS PHPB ETIQUETADOS	238
1.1	ANDAR	238
1.1.1	'ANDAR A': NENHUMA OCORRÊNCIA	238
1.1.2	'ANDAR EM': 1 OCORRÊNCIA	238
1.1.3	'ANDAR PARA': 1 OCORRÊNCIA	238
1.2	CAMINHAR	238
1.2.1	'CAMINHAR A': 1 OCORRÊNCIA	238
1.2.2	'CAMINHAR EM': NENHUMA OCORRÊNCIA	238
1.2.3	'CAMINHAR PARA': 1 OCORRÊNCIA	238
1.3	CORRER	239
1.3.1	'CORRER A': 3 OCORRÊNCIAS	239
1.3.2	'CORRER EM': NENHUMA OCORRÊNCIA	239
1.3.3	'CORRER PARA': 5 OCORRÊNCIAS	239
1.4	DESCER	240
1.4.1	'DESCER A': 2 OCORRÊNCIAS	240
1.4.2	'DESCER EM': NENHUMA OCORRÊNCIA	240
1.4.3	'DESCER PARA': NENHUMA OCORRÊNCIA	240
1.5	ENTRAR	240
1.5.1	'ENTRAR A': NENHUMA OCORRÊNCIA	240
1.5.2	'ENTRAR EM': 19 OCORRÊNCIAS	240
1.5.3	'ENTRAR PARA': 8 OCORRÊNCIAS	242
1.6	IR	243
1.6.1	'IR A': 27 OCORRÊNCIAS	243
1.6.2	'IR EM': 2 OCORRÊNCIAS	245
1.6.3	'IR PARA': 29 OCORRÊNCIAS	245
1.7	NADAR	248
1.7.1	'NADAR A': NENHUMA OCORRÊNCIA	248

1.7.2	'NADAR EM': 2 OCORRÊNCIAS	248
1.7.3	'NADAR PARA': NENHUMA OCORRÊNCIA	248
1.8	ROLAR	248
1.8.1	'ROLAR A': NENHUMA OCORRÊNCIA	248
1.8.2	'ROLAR EM': 1 OCORRÊNCIA	248
1.8.3	'ROLAR PARA': 1 OCORRÊNCIA	249
1.9	SAIR	249
1.9.1	'SAIR A': NENHUMA OCORRÊNCIA	249
1.9.2	'SAIR EM': NENHUMA OCORRÊNCIA	249
1.9.3	'SAIR PARA': 8 OCORRÊNCIAS	249
1.10	SUBIR	250
1.10.1	'SUBIR A': 5 OCORRÊNCIAS	250
1.10.2	'SUBIR EM': 1 OCORRÊNCIA	250
1.10.3	'SUBIR PARA': 1 OCORRÊNCIA	251
1.11	VIR	251
1.11.1	'VIR A': 11 OCORRÊNCIAS	251
1.11.2	'VIR EM': NENHUMA OCORRÊNCIA	252
1.11.3	'VIR PARA': 11 OCORRÊNCIAS	252
1.12	VOAR	253
1.12.1	'VOAR A': 3 OCORRÊNCIAS	253
1.12.2	'VOAR EM': NENHUMA OCORRÊNCIA	253
1.12.3	'VOAR PARA: 1 OCORRÊNCIA	253
2	APÊNDICE II : DADOS NILC-SÃO CARLOS ETIQUETADOS	254
2.1	ANDAR	254
2.1.1	'ANDAR A': NENHUMA OCORRÊNCIA	254
2.1.2	'ANDAR EM': 6 OCORRÊNCIAS	254
2.1.3	'ANDAR PARA': 1 OCORRÊNCIA	254
2.2	CAMINHAR	254
2.2.1	'CAMINHAR A': NENHUMA OCORRÊNCIA	254
2.2.2	'CAMINHAR EM': 29 OCORRÊNCIAS	254
2.2.3	'CAMINHAR PARA': 6 OCORRÊNCIAS	256
2.3	CORRER	257
2.3.1	'CORRER A': 13 OCORRÊNCIAS	257
2.3.2	'CORRER EM': 50 OCORRÊNCIAS SELECIONADAS	258
2.3.3	'CORRER PARA': 50 OCORRÊNCIAS SELECIONADAS	260

2.4 DESCER	263
2.4.1 'DESCER A': 11 OCORRÊNCIAS	263
2.4.2 'DESCER EM': 31 OCORRÊNCIAS	264
2.4.3 'DESCER PARA': 26 OCORRÊNCIAS	266
2.5 ENTRAR	267
2.5.1 'ENTRAR A': NENHUMA OCORRÊNCIA	267
2.5.2 'ENTRAR EM': 50 OCORRÊNCIAS SELECIONADAS	267
2.5.3 'ENTRAR PARA': NENHUMA OCORRÊNCIA	270
2.6 IR	270
2.6.1 'IR A': 50 OCORRÊNCIAS	270
2.6.2 'IR EM': 4 OCORRÊNCIAS	273
2.6.3 'IR PARA': 50 OCORRÊNCIAS SELECIONADAS	273
2.7 NADAR	276
2.7.1 'NADAR A': NENHUMA OCORRÊNCIA	276
2.7.2 'NADAR EM': 4 OCORRÊNCIAS	276
2.7.3 'NADAR PARA': 3 OCORRÊNCIAS	276
2.8 ROLAR	277
2.8.1 'ROLAR A': NENHUMA OCORRÊNCIA	277
2.8.2 'ROLAR EM': 17 OCORRÊNCIAS	277
2.8.3 'ROLAR PARA': 7 OCORRÊNCIAS	278
2.9 SAIR	278
2.9.1 'SAIR A': 2 OCORRÊNCIAS	278
2.9.2 'SAIR EM': 10 OCORRÊNCIAS	279
2.9.3 'SAIR PARA': 9 OCORRÊNCIAS	279
2.10 SUBIR	280
2.10.1 'SUBIR A': 50 OCORRÊNCIAS SELECIONADAS	280
2.10.2 'SUBIR EM': 40 OCORRÊNCIAS	283
2.10.3 'SUBIR PARA': 1 OCORRÊNCIA	286
2.11 VIR	286
2.11.1 'VIR A': 24 OCORRÊNCIAS	286
2.11.2 'VIR EM': NENHUMA OCORRÊNCIA	287
2.11.3 'VIR PARA': 12 OCORRÊNCIAS	287
2.12 VOAR	288
2.12.1 'VOAR A': 3 OCORRÊNCIAS	288
2.12.2 'VOAR EM': 23 OCORRÊNCIAS	288

2.12.3 'VOAR PARA': 40 OCORRÊNCIAS	290
3 APÊNDICE III : BREVE HISTÓRICO DA NANOSSINTAXE	293

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: <i>Ascending and Descending</i> , de M.C. Escher, 1960, Litografia.....	18
Figura 2: Diagrama dos módulos cognitivos de Jackendoff (1983)	22
Figura 3: <i>Waterfall</i> , de M.C. Escher, 1961, Litografia	143
Figura 4: Resultado da busca “and* para” no programa <i>AntConc</i>	171
Figura 5: Imagens das possíveis interpretações do verbo ‘vir’ em PB	189

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: SPs argumentos internos.....	57
Quadro 2: Classificação aspectual de Bertinetto (2001)	58
Quadro 3: Resumo dos diagnósticos de possíveis argumentos de verbos de movimento em PB.....	90
Quadro 4: Sentidos das preposições ‘a’, ‘em’ e ‘para’ em pesquisas sobre o PB na última década.....	96
Quadro 5: Reprodução do quadro 6.1 de Pantcheva (2011:97): sistema de caso espacial em Lak.....	123
Quadro 6: Sistema de casos do estoniano (CAHA, 2009, p. 102).....	135
Quadro 7: Sistema de casos do grego moderno (CAHA, 2009, p. 102).....	135
Quadro 8: Panorama das preposições ‘em’, ‘para’ e ‘a’ + verbos de movimento - Séc. XVIII-XIX.....	174
Quadro 9: Panorama das preposições ‘em’, ‘para’ e ‘a’ + verbos de movimento - Séc. XX-XXI	175
Quadro 10: Frequências dos verbos ‘entrar’ e ‘sair’ : <i>corpus</i> 1 e 2.....	176
Quadro 11: Frequências dos verbos ‘ir’ e ‘vir’ : <i>corpus</i> 1 e 2.....	188
Quadro 12: Frequências dos verbos ‘andar’, ‘caminhar’ e ‘nadar’ : <i>corpus</i> 1 e 2	208
Quadro 13: Alvo vs. Lugar nas construções com ‘correr’, ‘rolar’ e ‘voar’ - <i>Corpus</i> 1	211
Quadro 14: Alvo vs. Lugar nas construções com ‘correr’, ‘rolar’ e ‘voar’ - <i>Corpus</i> 2	212
Quadro 15: Frequências dos verbos ‘descer’ e ‘subir’ : <i>corpus</i> 1 e 2.....	222

PEQUENO GLOSSÁRIO¹

Nesta tese, tomei a decisão de utilizar termos exclusivamente em português. Deste modo, coloco abaixo um pequeno glossário das traduções que adotei para as expressões do inglês mais comumente usadas nesta área:

Inglês	Português
Phrasal Spell Out	Lexicalização Sintagmática
Motion	Movimento
Manner	Maneira
Lugar	Lugar
Location	Localização
Path	Trajetória
Source	Fonte
Route	Rota
Initiation	Iniciação
Initiator	Iniciador
Process	Processo
Undergoer	Sofredor
Result	Resultado
Resultee	Resultante
Rheme	Rema
Bounded	Limitada
Bound	Limite
Phrase	Sintagma
Merge	Mergir
Move	Mover
Elsewhere Condition	Condição “Elsewhere”
Exhaustive Lexicalisation	Lexicalização Exaustiva
Spell out	Lexicalização / Inserção

¹ Agradeço, especialmente, às profas. Maria José Foltran e Patrícia Rodrigues pela orientação e auxílio na tradução dos termos frequentemente usados em teorias sintáticas.

Match	Combinação
Govern	Regência
Degree	Grau
Scale	Escala
Event	Evento
Thing	Coisa
Cause	Causa / Causação
Theme	Tema
Actor	Ator
Patient	Paciente
Affected	Afetado
State	Estado
False syncretism	Falso sincretismo
Peeling theory	Teoria do Descasque
Minimize Underattachment	Minimize Subassociação
Underassociation	Subassociação
Underattachment	Desassociação

ÍNDICE DE ABREVIÇÕES

As seguintes abreviações são usadas nas glosas e no texto:

1s	Primeira pessoa do singular
3s	Terceira pessoa do singular
ACC	Acusativo
ACT	Ação
Ag	Agente
Assoc	Associado
BE	Estar: conceito estativo que também denota localização
BECOME	Tornar-se/Resultado
Ben	Beneficiário
Ca	Causa
CAUSA	Causativo / Causação
DAT/Dat	Dativo
DIR	Direcional/Direção
ESCALA	Argumento de SEscala
Exp	Experienciador
FROM	De: Fonte
GEN	Genitivo
GO	Ir: conceito dinâmico que denota movimento e mudança
GRAU	Argumento de SGrau
I	Pretérito Imperfeito
INCD	Argumento Iniciador
INIC	Iniciação
Inst	Instrumento
L	Lugar
LOC	Argumento Locativo
M	Meta
M	Masculino
MAN/Man	Maneira
NOM	Nominativo
O	Origem
P	Pretérito Perfeito

Pac	Paciente
PAR	Partícula (PANTCHEVA, 2011)
PL	Plural
POSS	Possessivo
PROC	Processo
PRON	Pronominal
Rec	Recipiente
RES	Resultado
REST	Argumento Resultante
SAcc	Sintagma do Acusativo
SDat	Sintagma do Dativo
SEscala	Sintagma da Escala
SFonte	Sintagma da Fonte
SG	Singular
SGen	Sintagma do Genitivo
SGrau	Sintagma de Grau
Sinic	Sintagma da Iniciação
SLimite	Sintagma da Limitação
SLoc	Sintagma do Locativo
SLugar	Sintagma do Lugar
SN	Sintagma Nominal
SNom	Sintagma do Nominativo
SOF	Argumento Sofredor
SP	Sintagma Preposicional
SProc	Sintagma do Processo
SRes	Sintagma do Resultado
SRota	Sintagma da Rota
STraj	Sintagma da Trajetória
SV	Sintagma Verbal
T	Tema
Temp	Tempo
TEMP	Temporal
TO	Para: Alvo / Direção
TRAJ	Trajetória

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTO E OBJETO DE ESTUDO

A presente tese está interessada em olhar para leves mudanças nos sentidos de verbos e/ou preposições que codificam relações espaciais de movimento e de deslocamento no Português Brasileiro (PB), como a sentença em (1), sentenças (a) e (b), a partir da interface sintaxe-semântica.

- (1) a. Joana correu para o quarto.
b. Joana correu no quarto.

É amplamente aceito na literatura que este tipo de construção é capaz de codificar distintas dimensões de sentido, aparentemente complementares, que estão envolvidas em um evento de movimento: uma dimensão estativa, usualmente referida pelo termo *Localização* ou *Resultado*, que aponta para a localização estativa resultante do movimento; uma outra dinâmica, comumente denominada *Trajatória*, que destaca o percurso e a mudança ocasionada pelo movimento/deslocamento; e pelo menos uma terceira, a *Maneira*, que especifica a forma como o movimento em questão aconteceu (JACKENDOFF, 1983, 1990; TALMY, 2000; PANTCHEVA, 2010, 2011; ZWARTS, 2008; FÁBREGAS, 2008; CAHA, 2007, 2009; SVENONIUS, 2007, 2008; SON & SVENONIUS, 2010; BEAVERS, 2008; LEVIN & RAPPAPORT-HOVAV, 2008; LEVIN, BEAVERS & THAM, 2009).

Eventos desta natureza são linguisticamente interessantes por diversos motivos. Primeiramente, sua codificação em itens lexicais leva, tradicionalmente, à postulação de duas classes, a “classe” dos verbos de maneira de movimento e a “classe” dos verbos de movimento direcionado, que, translinguisticamente, apresentam ampla gama de evidência para tanto corroborar, como falsear distintas teorias. Seus padrões de comportamento são, além disso, observados para se postular classificações tipológicas que orientam teorias de aquisição e de mudança linguística.

Somente como ilustração, tomemos a clássica hipótese tipológica de Talmy (1985). Segundo este autor, as línguas humanas poderiam ser divididas em, pelo menos, dois grupos. Por um lado, teríamos aquelas que, preferencialmente, codificam nos verbos sentidos do primitivo ontológico *MANEIRA*, enquanto deixam para itens

preposicionais ou para afixos a codificação da TRAJETÓRIA. O inglês seria uma destas línguas:

- (2) Joana ran to the room.
 Joana[3ps] ran[correr-P-MAN] to[TRAJ] the room[o quarto]².
Joana correu para o quarto.

No outro grupo, encontraríamos as línguas românicas, e entre elas o português brasileiro (PB), que apresentariam outro padrão: codificariam o sentido de Trajetória, preferencialmente, no verbo, enquanto deixariam para perífrases verbais a codificação do sentido de Maneira:

- (3) Joana foi_{TRAJ} correndo_{MAN} para_{TRAJ} o quarto.

Este padrão, então, orientaria a aquisição, e possivelmente a mudança, destas línguas. Neste sentido, uma criança em fase de aquisição da língua portuguesa poderia observar, por exemplo, a partir de pouquíssimo *input*, que sua língua respeita uma determinada configuração. Ao ouvir que “Joana foi correndo para o quarto”, sua gramática interna anotaria uma regra relativa à configuração dos traços acima que se conformaria com o padrão das línguas do segundo grupo. Essa regra, assim, lhe permitiria aprender um grande número de verbos e suas configurações sintáticas na base de escassa evidência.

O presente trabalho se coloca, então, como uma pesquisa que busca verificar não só quais traços conceituais estariam codificados nos itens lexicais que expressam movimento e deslocamento, mas também a sua organização e possível hierarquia. Acredito haver evidências no PB que nos permitem essa verificação. Neste sentido, se levarmos em conta propostas como as da Semântica Conceitual e da Nanossintaxe³,

² É importante esclarecer as formas de anotação utilizadas nesta tese. Para glosas, optei por deixar os traços entre colchetes ao lado dos itens lexicais a eles associados na língua original. Nos demais exemplos em português e nos apêndices, sempre que quiser elucidar os traços que um determinado item lexical está codificando, deixo as etiquetas subscritas ao lado do item.

³ A Nanossintaxe é um quadro teórico relativamente recente que se desenvolve a partir de pesquisas dentro do Programa Minimalista e da Cartografia. O autor apontado como seu fundador é Michal Starke, da Universidade de Tromsø, Noruega. Uma de suas propostas centrais é a possibilidade de uma representação sintática articulada a partir de elementos muito menores que palavras e morfemas, daí o nome Nanossintaxe. Além disso, propõe-se a convergência dos módulos sintático e semântico em um único sistema gerativo e o princípio de inserção sintagmática (não exclusiva de nós terminais). No Capítulo 4, apresentarei em detalhes as principais propostas desta teoria, tendo em vista a falta de publicações a esse respeito em português do Brasil.

nomeadamente, a de que itens lexicais codificam mais de um traço conceitual primitivo de forma articulada, acredito poder propor um tratamento que leve em conta o *continuum* de nuances e possibilidades de combinação que, em geral, são ignoradas por posicionamentos categóricos.

Um posicionamento mais flexível seria preferível, tendo em vista os contraexemplos que já foram levantados na literatura para falsear, ou pelo menos flexibilizar, a tipologia acima. Somente para citar um trabalho mais recente, é possível encontrar na discussão de Levin, Beavers & Tham (2009) a sugestão de que o “inglês e as línguas românicas têm menos diferenças do que aparentam: todas elas podem atribuir leituras direcionais para Sintagmas Preposicionados (SPs) locativos com verbos de maneira de movimento, dada a conjuntura pragmática apropriada.”⁴ (LEVIN, BEAVERS & THAM, 2009).

Em outras palavras, não é possível afirmar, categoricamente, que o inglês possui itens verbais codificando exclusivamente o traço de MANEIRA, tendo em vista que usos como “correr no quarto_{ALVO}” também são atestados naquele idioma (LEVIN, BEAVERS & THAM, 2010). Deste modo, poderíamos concluir que as línguas somente se distinguiriam nas especificidades e no tamanho do inventário de itens lexicais que são usados para codificar um determinado evento de movimento.

Para ilustrar tal possibilidade, retomemos as sentenças em (2) e (3) acima. Na sentença em (2), o verbo ‘run’ é em geral tratado como carregando somente o traço de MANEIRA. Contudo, ao examiná-lo dentro de uma abordagem conceitual, pode-se propor que o item lexical ‘run’ carrega, para além do traço de MANEIRA, o traço de TRAJETÓRIA⁵, como em (4) abaixo. É este traço, então, que permite o seu uso em estruturas que denotam deslocamento em direção a um alvo, pois permite a seleção de uma preposição que, ela também, codifique este sentido. Assim, chegamos a uma nova distribuição de traços para os itens aqui analisados, como vemos na comparação do exemplo já citado, em inglês, e de uma versão sua para o PB:

- (4) Joana ran_{TRAJ-MAN} to_{TRAJ} the room.
 (5) Joana foi_{TRAJ} correndo_{MAN} para_{TRAJ} o quarto.

⁴ “English and Romance languages are less different than they appear to be: all may attribute directional readings to locative PPs with manner of motion verbs, with appropriate pragmatic support.” - T.A.

⁵ Nesta introdução, o termo TRAJETÓRIA é usado para referir um conceito bastante genérico de deslocamento no espaço. Mais adiante, refinaremos esse conceito, seguindo Jackendoff (1983, 1990) e Pantcheva (2011) em traços mais finos, como ALVO, FONTE, ROTA e LUGAR.

Ao adotarmos tal posicionamento, percebemos que ambas as línguas estariam codificando estruturas conceituais idênticas, distinguindo-se apenas nos itens de superfície que utilizam para empacotar um ou outro traço primitivo. A diferença, desta forma, se reduziria à quantidade de traços que cada item lexical pode/deve codificar em uma língua e em outra. Seguindo esta linha de raciocínio, acredito poder demonstrar, nesta tese, que, apesar de estarem codificados em diferentes itens, estes traços encontram-se hierarquicamente estruturados, como propõe a Nanossintaxe. Além disso, essas estruturas nanossintáticas hierarquicamente arranjadas se configurariam como um reflexo de nossa Estrutura Conceitual (JACKENDOFF, 1983, 1990).

Deste modo, ainda é importante observar que, quando se trata de mudança semântica, em geral, somente se fala da alteração na quantidade ou no tipo dos sentidos associados a um determinado item. Contudo, se tratarmos estes sentidos como organizados de forma estruturada e hierárquica, será possível chegar a uma imagem mais clara do caminho que a mudança de uma língua pode empreender. A Nanossintaxe, neste ponto, se apresenta como uma teoria que estrutura os conceitos estabelecidos pela Semântica Conceitual de modo que a sintaxe opere sobre eles respeitando a Hierarquia Funcional Universal⁶ e restrições como adjacência.

Assim, chegamos aos dois objetivos centrais desta tese: inicialmente, proporei um tratamento semântico decomposicional para os dados do PB que acomodem os pressupostos da Semântica Conceitual e da Nanossintaxe, de modo que o módulo sintático-semântico seja um reflexo de nossa Estrutura Conceitual. Em seguida, na segunda parte do trabalho, me dedicarei à verificação do potencial que tal representação tem para explicar a Reanálise⁷ e as sutis mudanças ocorridas na codificação dos

⁶ A Hierarquia Funcional ou Sequência Funcional é um dos princípios centrais da Nanossintaxe. Dentro da Semântica Conceitual, a noção de Hierarquia também é fundamental. Colocado de forma simples, esse princípio prevê que certos conceitos são mais complexos do que outros, pois uns são construídos a partir dos outros. Tanto a interpretação semântica quanto a derivação sintática observam, deste modo, a ordem rígida de organização dos traços conceituais. Além disso, para a Nanossintaxe, os traços/conceitos são equivalentes a núcleos funcionais, que estabelecem e respeitam as já tradicionalmente aceitas relações sintáticas. Vale também mencionar que em ambas as teorias, a Hierarquia ou Sequência é universal, isto é, o mesmo arranjo subjaz a todas as línguas naturais. Para alguns autores, isto também é evidência de que ela seja inata.

⁷ Embora muitos trabalhos sobre mudança linguística tratem da Reanálise como um processo/mecanismo de mudança, poucos se preocupam em descrever seu funcionamento. De forma geral, a reanálise é entendida como uma avaliação errônea de uma estrutura sintática, de um parâmetro ou de uma inferência que leva o falante-ouvinte a modificar levemente sua gramática interna. Neste trabalho, mais especificamente na Parte II, tratarei de propor que a Reanálise seja um mecanismo central de mudança que permitirá ao falante-ouvinte associar uma estrutura conceitual levemente diferente a um item lexical que se encontra em contextos finos de ambiguidade estrutural.

sentidos espaciais de movimento e deslocamento nesta língua. Antes de apresentar essas propostas em detalhes (Seção 1.3), veremos, na próxima Seção, que nossa língua possui um arsenal de dados empíricos riquíssimo para guiar e embasar a presente discussão.

1.2 A RIQUEZA DE DADOS DO PB

Para Jackendoff (1983, 1990), o conjunto dos itens que codificam relações espaciais é de especial interesse, pois são estes itens que codificam os conceitos mais básicos ou primitivos que também servem de fundamento para outros sistemas cognitivos, como a visão e a percepção. Assim, para o autor, ao entendermos como os conceitos espaciais são codificados na linguagem, poderemos nos aproximar da compreensão de como nossa mente filtra o mundo físico e organiza os conceitos relevantes, de forma estruturada, para permitir que possamos falar do que vemos e sentimos de forma razoavelmente simples.

Segundo Jackendoff, além disso, ao estabelecermos os princípios de organização do campo semântico espacial, conseqüentemente estaremos estabelecendo os princípios de organização da Estrutura Conceitual que subjaz a toda linguagem. Evidência para esse paralelismo entre a estruturação do campo semântico espacial e a Estrutura Conceitual estaria no fato de que sentidos do domínio espacial são sistematicamente recrutados para codificar sentidos mais abstratos. Note-se que a primeira consequência da riqueza do campo semântico espacial é que, justamente, os verbos usados para expressar os sentidos espaciais não podem se configurar em uma classe gramaticalmente coesa.

Passemos a alguns exemplos do PB, em que as sentenças em (a) ilustram usos tradicionalmente aceitos para os verbos em questão, enquanto que os exemplos em (b) trazem usos inovadores:

- (6) a. Joana **nadou na piscina** dos adultos.
b. **Nadou a prova** em 1min01s70 e ficou com a 25ª posição.
- (7) a. **O cavalo saltou**.

Deste modo, verbos e preposições poderiam estar “trocando” traços conceituais quando se encontrassem em construções que permitiriam a associação de um determinado primitivo (ALVO, por exemplo), tanto ao verbo, quanto à preposição. Uma definição mais detalhada deste mecanismo pode ser encontrada na Seção 5.3. Na Parte I, contudo, sua definição detalhada não será crucial para o desenvolver da discussão.

- b. **Felipe saltou o cavalo** na Europa durante 3 meses.
- (8) a. Ele **foi para o/ao hospital**.
- b. Ele **foi no hospital** no dia que a Lurian nasceu, à tarde.
- (9) a. **A nota dos alunos subiu**.
- b. As disciplinas com melhorias mais significativas foram Geografia, em que **os alunos subiram a nota** em 43% (...).
- (10) a. **Corri para o quarto**.
- b. **Corri no quarto** pra ver se tinha um MM por lá pra tirar aquele gosto detestável da boca (...).
- (11) a. A criança **pulou pelo muro**.
- b. Segundo Blanco, após ouvir a aproximação da GCM o suspeito **pulou a criança por um muro** nos fundos da casa, a fim de escondê-la.
- (12) a. Os preções das inscrições **desceram para** R\$ 90,00.
- b. Acho que atendendo aos pedidos e pressão do público, **a Fila e a Latin desceram o preço** das inscrições para R\$ 90,00.

Como podemos observar rapidamente, dados do PB contemporâneo demonstram que, para além das possibilidades tradicionalmente aceitas, nossa língua possui uma grande habilidade de adaptação para codificação, de forma composicional, de traços conceituais como os de TRAJETÓRIA, MOVIMENTO, ALVO, LUGAR etc. Portanto, acredito que, ao olhar para estes fenômenos que parecem violar os princípios lexicais e sintáticos tradicionalmente aceitos, poderemos entender melhor o funcionamento e organização da Estrutura Conceitual.

Somente para ilustrar um fenômeno específico, consideremos brevemente uma suposta mudança semântica observada no PB que tem recebido ampla investigação (MOLLICA, 1996; RIBEIRO, 1996, 2008; VALLO, 2004; FRANÇA, 2006; KEWITZ, 2007; ASSIS, 2009; WIEDEMER, 2008, 2013; entre outros). Tradicionalmente, no PB, um verbo como 'ir' deve ser associado a um preposição que, ela também, expresse TRAJETÓRIA e ALVO, como 'a' ou 'para'. Assim, construímos sentenças como 'ir para o banco' ou 'ir ao hospital'. Contudo, diferentes pesquisadores têm observado que, nas últimas décadas, essas preposições aparentam estar perdendo lugar para uma preposição locativa, 'em', que passa a ser associada ao sentio de ALVO em construções como "ir no hospital".

Diferentemente dos posicionamentos acima citados, a saída, dentro deste trabalho, será propor que a preposição 'em', mesmo carregando exclusivamente o sentido de LUGAR, pode ser uma boa candidata para a introdução de um argumento de RESULTADO estativo, como é o caso dos lugares-Alvo que são introduzidos por verbos de movimento direcionado. Mais do que isso, o fato de esta preposição somente carregar o traço de LUGAR faz com que seja uma melhor candidata para a codificação do alvo de verbos de movimento direcionado. Voltaremos a analisar esta hipótese em detalhes na Seção 3.4.3. Contudo, é necessário ainda mencionar que o fato de este ambiente sintático ser propício para a suposição de um falso sincretismo de traços associados à preposição 'em' faria com que ele também seja o ambiente sintático-semântico propício para a Reanálise.

Como mencionado anteriormente, o fenômeno de falso sincretismo, como usado por Pantcheva (2011), se refere a contextos de ambiguidade estrutural em que um mesmo traço conceitual pode ser associado a mais de um item de superfície. No caso do PB aqui em análise, o fato de encontrarmos construções como 'ir em' e 'ir para' poderia fazer com que associássemos, erroneamente, à preposição 'em', o traço ALVO encontrado no verbo 'ir' e na preposição 'para'.

Contudo, minha análise irá demonstrar que, embora esse contexto leve muitos linguistas a proporem que a preposição 'em' carregue o sentido de ALVO, este se configura em um falso sincretismo e não é o caso para a gramática dos falantes-ouvintes de PB. Assim, embora os contextos de uso da preposição 'em' com verbos de movimento permitam a suposição de um falso sincretismo entre 'em', 'a' e 'para', este fenômeno pontualmente não levou à Reanálise do item 'em', que continua codificando unicamente o sentido de LUGAR. Todavia, ao mesmo tempo, por um processo de analogia, esses mesmos contextos fizeram com que os verbos de movimento do tipo 'correr' e 'subir' fossem reanalisados para codificar ou não o sentido de ALVO do movimento que denotam.

Dentro da presente abordagem, portanto, proporei que os possíveis sentidos conceituais novos associados a um determinado item não podem ser aleatórios. Eles são motivados pelos contextos linguísticos que permitem a Reanálise, entendida como a associação de um traço conceitual de um item vizinho a outro item que, antes disso, não carregava tal traço. Esse movimento, portanto, deverá sempre respeitar a Hierarquia Funcional-Conceitual Universal e o princípio de adjacência.

Tendo isto em mente, analisemos brevemente uma outra evidência para este posicionamento. Em casos como (10)-b acima, é exatamente um “novo” traço, associado ao verbo ‘correr’, nomeadamente, o traço de RESULTADO, que permite seu uso direcional com uma preposição locativa. Assim, ao ser associado com a estrutura PROCESSO-RESULTADO, um novo verbo ‘correr’ é criado. Neste caso, o novo item pode selecionar uma preposição locativa, i.e., que carrega unicamente o traço LUGAR, para licenciar o argumento alvo de seu deslocamento, tendo em vista que um movimento direcionado, entendido como uma mudança do espaço A para o espaço B, termina em uma localização estativa.

Um último parêntese se faz necessário. Devido a esta distinção entre verbos que codificam movimento, mas não codificam TRAJETÓRIA, e verbos que codificam ambos os sentidos, adotarei a nomenclatura “verbos de movimento e deslocamento”. Portanto, todos os itens lexicais examinados nesta tese codificam, entre muitos outros, o sentido de TRAJETÓRIA, entendida como uma mudança de lugar a partir de um deslocamento espacial. O RESULTADO final desta trajetória pode, todavia, estar codificado ou não na entrada lexical destes itens, na forma do primitivo ALVO. Com estas observações em mente, podemos passar às hipóteses centrais deste trabalho.

1.3 PROPOSTAS CENTRAIS E HIPÓTESES: DUAS TESES PARA A TESE

1.3.1 Uma hipótese para a variação

Primeiramente, proponho que os itens lexicais empregados pelo PB para codificar eventos de movimento e deslocamento no espaço carregam distintos arranjos de conceitos que refletem, por sua vez, partes da Estrutura Conceitual. Estes arranjos, ao mesmo tempo, respeitam a Hierarquia Funcional Universal como proposto dentro do quadro Nanossintático. Consequentemente, estou assumindo que a Hierarquia Funcional Universal reflete a forma e organização (pelo menos em parte) da Estrutura Conceitual.

Já as estruturas conceituais arranjadas arboreamente dentro dos itens lexicais funcionam como reguladoras dos contextos sintáticos com que tais itens podem ser combinados, permitindo-nos prever bastante acuradamente as estruturas sintáticas licenciadas pelos verbos e pelas preposições de uma determinada língua, assim como suas prováveis combinações e interpretações. Importante destacar, contudo, que essas estruturas estocadas no léxico não regulam ou projetam a sintaxe. O módulo sintático-semântico cria e opera sobre os traços conceituais primitivos respeitando regras próprias

internas ao sistema. Assim, o que observamos nos contextos sintáticos de superfície é a habilidade de um item lexical de se combinar com sucesso às construções produzidas pelo módulo sintático-semântico, e não o contrário.

Deste modo, como observado na Seção 1.2, a grande variação encontrada nos dados do PB reflete diferentes combinações possíveis de partes da Hierarquia Funcional-Conceitual Universal. Ao mesmo tempo, esta Hierarquia é, ela mesma, sujeita a princípios computacionais sintáticos, o que permite propor que a sintaxe também seja vista como um reflexo da Estrutura Conceitual e que ambos os níveis, sintático e semântico, sejam combinados em um único módulo computacional. Esta é, efetivamente, a proposta da Sintaxe de primeira fase⁸ (RAMCHAND, 2008a) e de muitos autores do quadro teórico nanossintático. Na Seção 1.4, apresento o panorama da variação e da mudança observado na análise dos dados, levando em conta esses pressupostos.

1.3.2 Uma hipótese para a mudança

Paralelamente à primeira proposição, esta tese ainda defende a hipótese de que a existência de contextos finos estruturalmente ambíguos, como aqueles que levam diferentes pesquisadores a diagnosticarem casos de falso sincretismo (PANTCHEVA, 2011) entre as preposições do PB, pode ter levado à Reanálise da Estrutura Conceitual associada a um determinado item lexical desta língua. Segundo Pantcheva (2011), o fenômeno do ‘falso sincretismo’ pode acontecer quando se interpreta inadequadamente o(s) sentido(s) (ou, em termos nanossintáticos, a estrutura) de um determinado item lexical por causa do contexto sintático em que ele frequentemente aparece.

Assim, como nos casos de análise linguística, falantes-ouvintes podem associar, de forma análoga, um traço diferente a um item que se encontra em um ambiente estruturalmente ambíguo, sendo levados a concluir que este item e um outro de configuração similar, mas não idêntica, codificam a mesma estrutura. De forma cíclica, a mudança na associação de um novo traço a um determinado item lexical, por sua vez,

⁸ Ao longo deste trabalho, a expressão “Sintaxe de primeira fase” será utilizada para fazer referência especificamente à proposta de Ramchand (2008a) e seus trabalhos posteriores. A autora, porém, adverte que não utiliza o termo “fase” no sentido de Chomsky (2001), mas somente em um sentido que implica uma prioridade lógica (RAMCHAND, 2008a, p.16). Assim, a construção do evento que uma determinada proposição lexicaliza aconteceria antes de outras “fases” sintático-semânticas, como marcação de caso, concordância, tempo ou outras modificações. Ramchand ainda declara que a especificação da “segunda fase” não seria relevante para sua proposta. Tendo em vista que a presente tese se debruça sobre a decomposição de estruturas de evento lexicalizadas por verbos de movimento e preposições, também deixarei de lado preocupações com a definição do que poderia ser a segunda fase.

faz com que os contextos sintáticos em que esse item pode ser inserido se ampliem também, alterando, de fato, na gramática de muitos falantes, o sentido e interpretação associados ao item. Na Seção 1.4, explico brevemente um exemplo deste fenômeno.

Nesta tese, mais precisamente, pretendo demonstrar que, da mesma forma que a codificação dos conceitos previstos pela Hierarquia Funcional-Conceitual deve obedecer à adjacência de traços estipulada na sequência funcional, a Reanálise deve obedecer à esta mesma adjacência. Isto é, um item somente pode ser reanalisado estando em um contexto de sincretismo falso ou ambiguidade estrutural. Como as construções que podem criar tais contextos obedecem à Hierarquia, então a Reanálise deve estar sujeita a tal sequência.

Em síntese, tentarei demonstrar com evidências empíricas do PB que uma teoria possível para explicar a mudança semântica no quadro verbal e preposicional brasileiro obedece a princípios da Semântica Conceitual, da Nanossintaxe e, em especial, da Sintaxe de primeira fase. Desenvolvo esta análise específica no Capítulo 6, a partir de um exame diacrônico comparativo entre dados dos Séc. XVIII e XIX, por um lado, e do final do Séc. XX e começo do Séc. XXI, por outro.

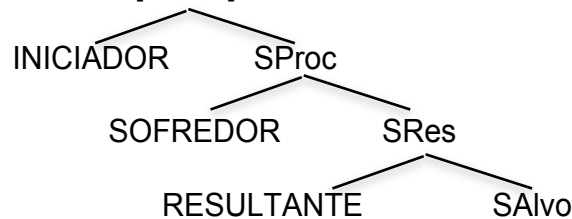
1.4 IMAGEM SIMPLIFICADA DA MUDANÇA: Resultados da análise

Na Parte I desta tese, trabalharei sobre a decomposição dos sentidos associados aos Sintagmas Verbais (SVs) que são usados no PB para a expressão do deslocamento espacial. Especificamente, na seleção dos verbos que decompõem nesta pesquisa, levei dois critérios em consideração. Primeiramente, optei por trabalhar com aqueles verbos que se mostraram mais frequentes quando acompanhados das preposições ‘a’, ‘em’ e ‘para’, tanto nos dados históricos, quanto nos dados contemporâneos. Em segundo lugar, busquei garantir a análise de um número aproximado de verbos de movimento direcionado e de verbos de maneira de movimento, como tradicionalmente são classificados os verbos de movimento. Chego, assim, às estruturas que apresento abaixo para os verbos ‘entrar’, ‘sair’, ‘ir’, ‘vir’, ‘subir’, ‘descer’, ‘correr’, ‘rolar’, ‘voar’, ‘caminhar’, ‘nadar’ e ‘andar’.

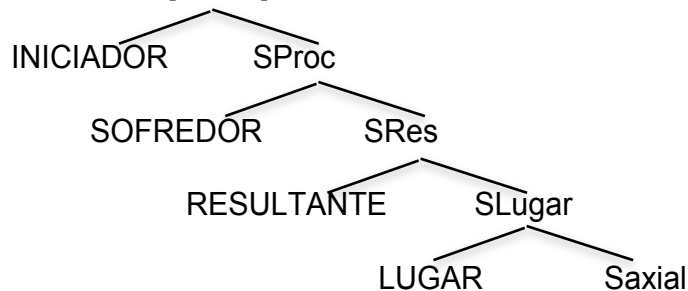
Vale ainda mencionar que, dentro da Nanossintaxe, uma entrada lexical possui informação sobre os traços conceituais gramaticalmente relevantes associados a um determinado item, assim como informação sobre a configuração arborea destes traços, respeitando-se a Hierarquia Funcional. Portanto, nas estruturas abaixo, os núcleos dos sintagmas denominados INIC (INICIAÇÃO), PROC (PROCESSO), RES (RESULTADO),

ALVO e LUGAR devem ser entendidos como uma Função que toma um ou mais argumentos. Esses argumentos, por sua vez, podem ser uma outra Função ou argumentos-complemento como INICIADOR, SOFREDOR, RESULTANTE, ALVO e LUGAR. No Capítulo 3, explorarei de forma aprofundada os sentidos e os comportamentos destes traços dentro do sistema. Abaixo, listo as possíveis configurações encontradas nos itens lexicais envolvidos na expressão do deslocamento no PB, que foram levantadas após metucioso exame decomposicional:

(13) 'ir' / 'vir' → [SInic]



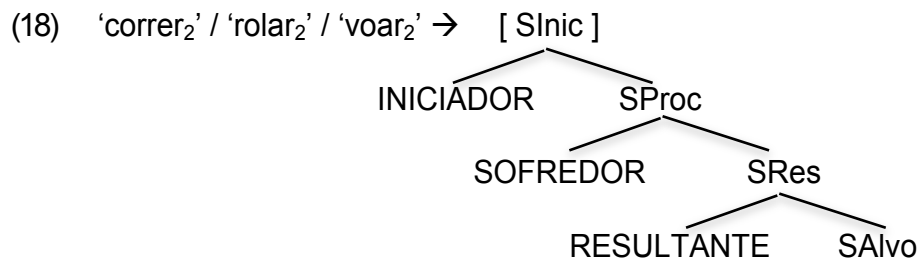
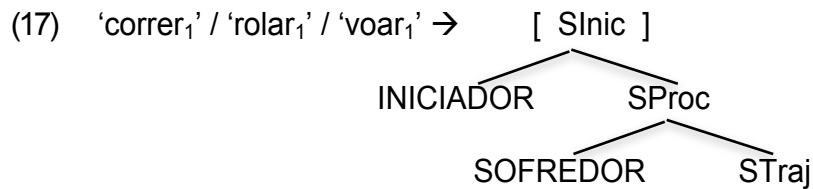
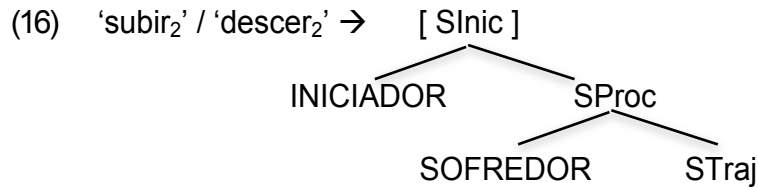
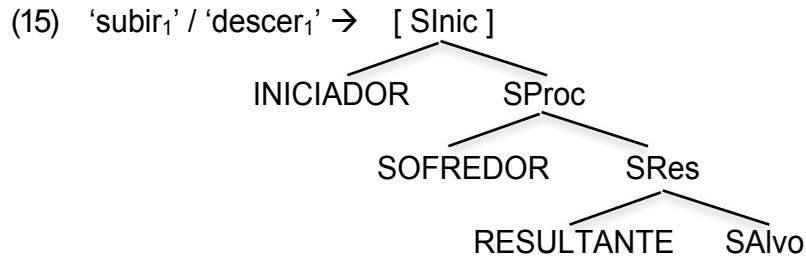
(14) 'entrar' / 'sair' → [SInic]



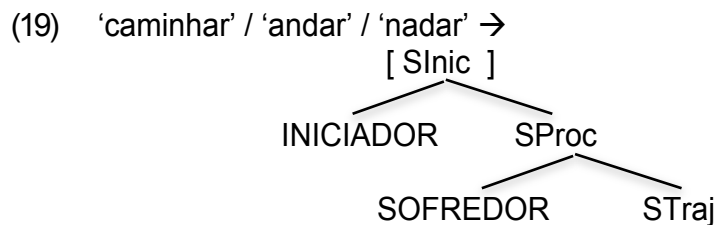
Como ilustrado em (13) e (14), perceberemos que os verbos do tipo 'ir' e 'entrar' codificam os sentidos de INICIAÇÃO, PROCESSO, RESULTADO e ALVO/LUGAR, podendo tomar argumentos que se relacionem com esses subeventos. Além disso, sua estrutura não se modificou na passagem dos últimos séculos.

Paralelamente, de (15) a (18) abaixo, observaremos que os itens do tipo 'subir' e 'correr' tiveram suas estruturas modificadas na mudança do português brasileiro. Minha proposta é que, baseando-nos nos dados dos Séc. XVIII e XIX, poderíamos supor somente a existência dos itens 'subir₁', codificando os sentidos de INICIAÇÃO, PROCESSO, RESULTADO e ALVO, e 'correr₁', codificando os sentidos de INICIAÇÃO, PROCESSO e TRAJETÓRIA.

No PB contemporâneo, porém, ambas as estruturas 'subir₁/'subir₂' e 'correr₁/'correr₂' coexistem:

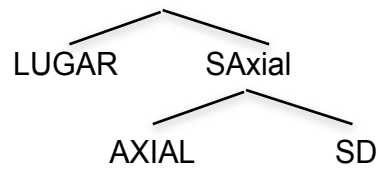


Além disso, verificaremos que um outro grupo de verbos que também codificam maneira de movimento (verbos do tipo 'caminhar'), porém, continuam codificando os sentidos INICIAÇÃO-PROCESSO-TRAJETÓRIA, como representado abaixo, e não teriam sofrido modificações no passar dos últimos dois séculos:

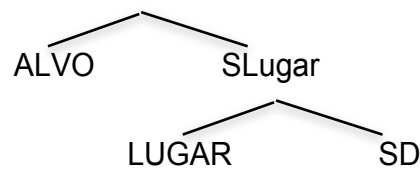


Finalmente, também chego à conclusão de que as preposições 'em', 'a' e 'para' do PB codificam as seguintes estruturas conceituais nanossintáticas, não tendo sofrido mudanças nos seus sentidos ao longo dos Séc. XVIII a XXI:

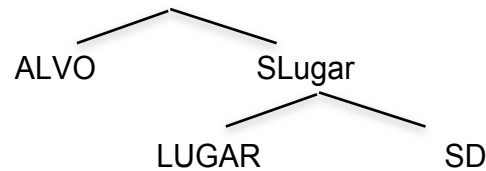
(20) 'em' → [/ẽ/, SLugar, <...>] → Sentido de Região



(21) 'para' → [/para/, SALvo, <...>] → Sentido de Transição



(22) 'a' → [/a/, SALvo, <...>] → Sentido de Transição



Primeiramente, no que concerne às preposições, é preciso mencionar que os itens 'a' e 'para' carregam, em muitos contextos espaciais, a estrutura completa ALVO-LUGAR como ilustrado acima. Contudo, como veremos nas análises, em diversas ocorrências, o sentido mais concreto de LUGAR parece ficar desassociado⁹ em muitos contextos em que elas codificam somente um argumento ALVO mais abstrato. Ao mesmo tempo, é preciso destacar que não vejo a necessidade de postularmos a existência de duas preposições diferentes (um 'para₁' e um 'para₂', por exemplo), como estipulado para os verbos acima. No caso das preposições, o sistema prevê a possibilidade de traços serem deixados de fora da lexicalização¹⁰ de uma estrutura nanossintática, permitindo que os itens acima colaborem unicamente com o traço ALVO em certas construções. Discutiremos essa mudança em detalhes no Capítulo 6.

⁹ No inglês, o termo usado neste caso é "underattached". Dentro da Nanossintaxe, a Subassociação é um princípio importante que controla, entre outros fenômenos, a seleção de itens que podem se combinar para formar predicados mais complexos (RAMCHAND, 2008b). Deste modo, quando fizer menção ao fato de que traços mais baixos na estrutura de um item lexical estão ficando de fora de uma combinação com a construção sintática, usarei o termo desassociado para evitar confusão.

¹⁰ No inglês, dentro do quadro nanossintático, o termo frequentemente usado como sinônimo de "lexicalization" é "spell out". Assim, tanto "lexicalization", quanto "spell out" designam o ponto da computação em que a estrutura criada até então encontra correspondência ("match") em um item lexical e pode ser traduzida fonologicamente. Seria possível ter deixado o termo "spell out" sem tradução, tendo em vista que ele é usado em inglês, em muitos trabalhos em português, para evitar confusão com o termo lexicalização, usado em teorias funcionalistas ou lexicalistas. No entanto, nesta tese, com o objetivo de introduzir esta teoria no português, optei por traduzir a expressão "spell out" por "lexicalização". É importante ressaltar, deste modo, que o termo lexicalização, dentro da Nanossintaxe, designa o ponto da computação em que a estrutura sintagmática criada até então pode ser pareada com um item lexical e, então, ser expressada fonologicamente.

Além desta observação, também pode ser visto nas representações acima que o presente sistema possibilita que certos itens do domínio do SV lexicalizem partes da estrutura tradicionalmente associada a SPs (PANTCHEVA, 2011; CAHA, 2009). Paralelamente, preposições e sufixos marcadores de caso igualmente compartilham partes das sequências funcionais relacionadas, tradicionalmente, ao SP e ao Sistema de Casos. De acordo com Caha (2009), é exatamente essa “estrutura compartilhada” entre SV e SP que regulará a seleção dos itens lexicais elegíveis para inserção/cominação em determinada configuração sintática.

Neste cenário, é a variedade de combinações possíveis entre itens com arranjos diferentes e o fato de verbos, por um lado, e preposições por outro, compartilharem certas partes da estrutura funcional de seus respectivos domínios que permitirá que dois itens sejam (re)interpretados como codificando a mesma estrutura, quando, de fato, não estão. Esta interpretação “errada” se configura, então, como um ambiente propício para a Reanálise, ou a associação de traços a um item vizinho que não os carrega de fato.

Para ilustrar, usemos dois itens lexicais como ‘para’ e ‘em’. Ao serem inseridos como complementos de verbos de movimento direcionado, por carregarem uma parte coincidente da Hierarquia Funcional-Conceitual, nomeadamente, o traço LUGAR, estas preposições podem aparecer na mesma configuração sintática de superfície e, assim, são interpretadas, equivocadamente, como sendo codificadoras de estruturas idênticas. Paralelamente, verbos como ‘correr’, ao serem usados em contextos com a preposição ‘para’, que codifica ALVO, podem ser reanalisados para carregar em si o sentido de ALVO da Trajetória denotado pelo verbo, traço este que se assemelha àquele de RESULTADO, presente nos verbos de movimento direcionado.

Combinando, então, estes dois fenômenos, chegamos a contextos em que dizemos “correr no quarto” e interpretamos ‘o quarto’ como um argumento de ALVO, muito embora a preposição utilizada seja puramente locativa e o verbo em si, tradicionalmente, não codifique sentido de direcionalidade ou RESULTADO. No Capítulo 6, explorarei mais detalhadamente casos como este no PB e suas respectivas consequências para a Reanálise dentro da Hierarquia Funcional-Conceitual Universal.

1.5 METODOLOGIA E ESTRUTURA DA TESE

No que concerne à metodologia que guiou este trabalho, é importante destacar que, embora esta seja uma pesquisa sobre mudança semântica diacrônica, este não é um trabalho de *corpus*. Como argumentarei na Parte II, entendo que a simples descrição

e anotação de frequência das ocorrências dos itens analisados nos *corpora* a que temos acesso não nos permite entender as mudanças mais finas que estão acontecendo em sua estrutura.

Para tal, proponho uma análise qualitativa de dados retirados do repositório *online* do Projeto NILC-São Carlos para o final do Séc. XX e começo do Séc. XXI, e de textos de cartas manuscritas, cartas oficiais e anúncios registradas e transcritas pelo projeto PHPB, para o final do Séc. XVIII e Séc. XIX, e disponibilizados na Plataforma de Corpora do Projeto Nacional PHPB.

Quanto à análise e organização da argumentação, desenvolvi o seguinte percurso: primeiro, apresento e discuto a necessidade e a relevância da orientação semântica que fundamentará o trabalho. A partir desta visão, estabeleço e busco motivar uma proposta de primitivos conceituais empiricamente necessários para a decomposição dos sentidos e das estruturas dos verbos de movimento e das preposições do PB. Além disso, porém, também acredito ser possível propor que estes primitivos estão organizados de forma articulada.

Consequentemente, encontro na Nanossintaxe uma teoria elegante para implementar a representação e derivação dos conceitos que estão na base das estruturas sintático-conceituais que proponho. Portanto, na sequência, apresento detalhadamente o maquinário da Nanossintaxe que fundamenta a estipulação de tais estruturas e sua computação, tendo em vista que esta teoria ainda é pouco divulgada em português (e conta com poucas publicações no Brasil, especificamente). É importante indicar, porém, que menções aos princípios e regras da Nanossintaxe já aparecerão, em alguns momentos, ao longo dos primeiros Capítulos, embora sua compreensão aprofundada não seja necessária neste momento. De todo modo, o(a) leitor(a) que se interesse em entender essas indicações de forma mais completa antes de percorrer toda a leitura da discussão semântica pode se dirigir ao Capítulo 4 diretamente.

Dando continuidade à argumentação da tese, na Parte II, apresentarei teorias linguísticas que se propuseram a entender o mecanismo da Reanálise, assim como uma interpretação minha para seu funcionamento dentro da Nanossintaxe. Em seguida, me debruço sobre a comparação dos dados dos *corpora* de dois períodos históricos na busca de comprovação para a tese de que a Reanálise condicionada por princípios de adjacência da Hierarquia Funcional-Conceitual Universal seja um dos mecanismos através do qual os sentidos dos itens verbais e preposicionais do PB têm mudado.

1.5.1 Como ler esta tese

Esta tese foi escrita como um todo coeso e coerente. Assim, para sua melhor compreensão, deve ser lida na sua totalidade. Contudo, para facilitar a leitura seletiva, o texto foi organizado em duas partes principais. Para os interessados em aprender mais sobre a Semântica Conceitual e o modelo Nanossintático, assim como sobre a sintaxe e a semântica da decomposição de SVs e SPs envolvidos na expressão do deslocamento espacial do português brasileiro, a Parte I apresenta, em detalhes, as regras e os princípios deste novo modelo teórico assim como uma detalhada decomposição de verbos e preposições do PB a partir de teorias sintático-semânticas amplamente aceitas.

Para aqueles que se interessam por estudos linguísticos diacrônicos, a Parte II revisitará as principais propostas envolvendo o mecanismo da Reanálise encontradas nas teorias de sintaxe e semântica diacrônica debatidas atualmente. Para explicitar a argumentação, debruço-me então sobre dados do PB na tentativa de mapear o caminho da mudança semântica sofrida por alguns verbos e preposições ao longo dos dois últimos séculos.

Assim, como principal contribuição desta tese, o Capítulo 6 apresentará a proposta de que a restrição para lexicalização imposta pela adjacência da Hierarquia Funcional-Conceitual Universal opera como restrição para a Reanálise e consequente mudança de sentido associado aos itens sob apreciação. Nos apêndices, o/a leitor(a) interessado(a) também poderá encontrar um breve histórico das propostas do quadro teórico nanossintático, assim como a lista completa dos dados tabulados e etiquetados.

1.5.2 Sumário explicado

Capítulo 1: Introdução

PARTE I

Capítulo 1: Apresentação do referencial teórico e aproximação da Nanossintaxe com a Semântica Conceitual.

Capítulo 2: Testes semânticos para a decomposição dos itens envolvidos na expressão do deslocamento e movimento no PB que motivarão o estabelecimento dos traços que estão codificados em cada item lexical.

Capítulo 3: Exposição das regras e dos princípios do modelo nanossintático e breve análise de dados de variação do PB para implementação da derivação e lexicalização propostas pela Nanossintaxe.

PARTE II

Capítulo 5: Revisão de teorias de mudança linguística dentro do modelo gerativo em comparação com teorias funcionalistas de gramaticalização para explicitar o mecanismo de mudança conhecido como Reanálise.

Capítulo 6: Estudo de caso: proposta de que a Hierarquia Funcional-Conceitual Universal opera como restrição para a Reanálise, acompanhada de análise diacrônica de dois períodos sincrônicos: dados do PB dos Séculos XVIII e XIX, no primeiro *corpus* e dados do final do Séc. XX e começo do Séc. XXI, no segundo.

Capítulo 7: Considerações finais

Apêndices:

I - Dados do *corpus* PHPB etiquetados

II - Dados do *corpus* NILC-São Carlos etiquetados

III - Breve histórico da Nanossintaxe - Publicações e links

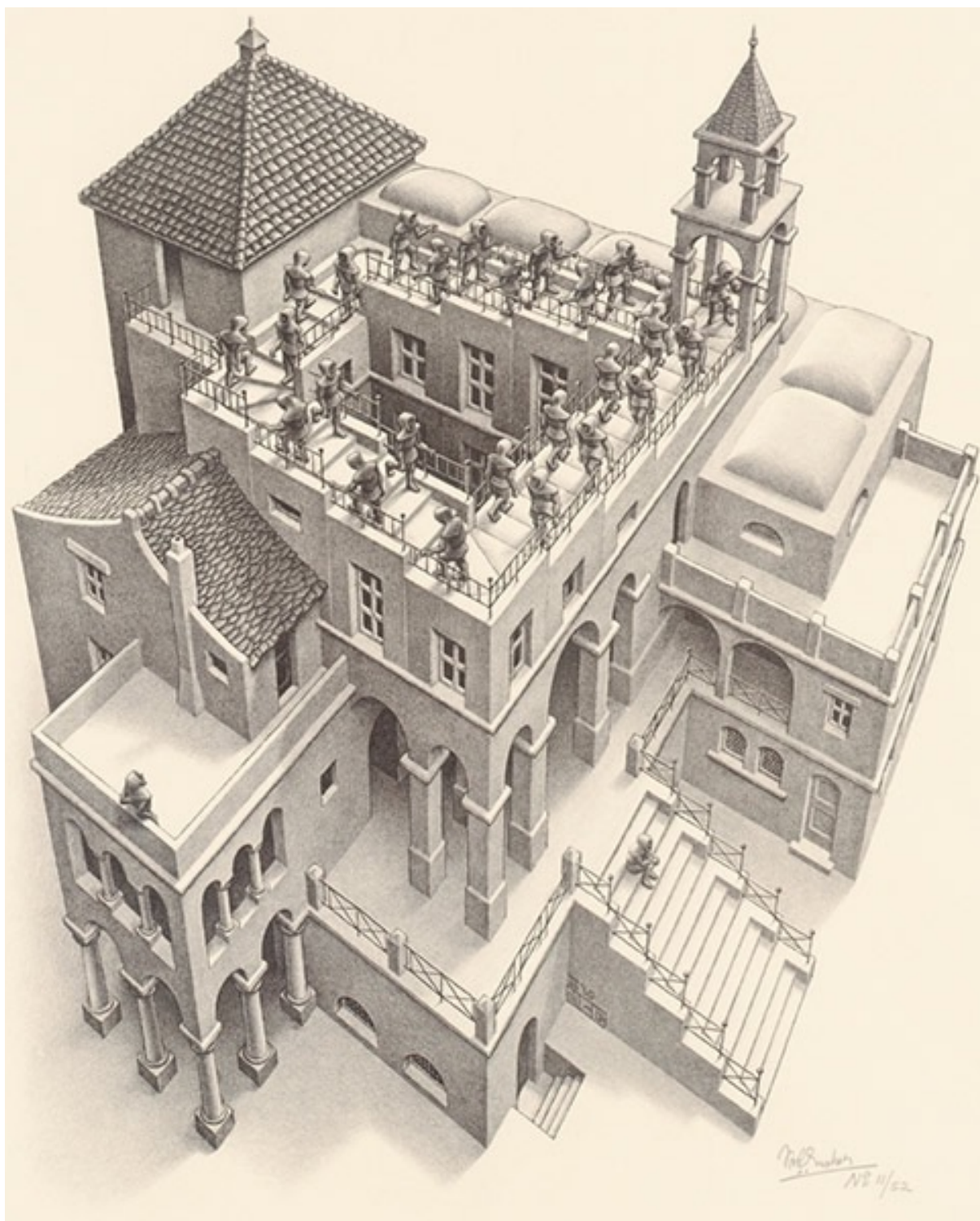


Figura 1: *Ascending and Descending*, de M.C. Escher, 1960, Litografia

2 POR UM TRATAMENTO SEMÂNTICO-CONCEITUAL DA MUDANÇA

*Quem olha para fora sonha,
quem olha para dentro desperta.*

C. G. Jung

2.1 INTRODUÇÃO

Como já foi mencionado no Capítulo 1, esta tese pretende propor uma análise para a mudança nos sentidos codificados pelos itens - verbos e preposições - envolvidos na expressão do deslocamento no Português Brasileiro (PB). Farei isso a partir da investigação de questões sintático-semânticas que possam ter comprovação empírica e, ao mesmo tempo, relevância para os quadros teóricos da Nanossintaxe e da Semântica Conceitual.

Levando em conta que estas duas linhas teóricas propõem uma visão da arquitetura da gramática que relaciona traços conceituais e projeções sintáticas de forma bastante direta, acredito ser possível aproximá-las para estabelecer um tratamento semântico-conceitual das construções que a Nanossintaxe propõe, de modo que uma complete a outra. Portanto, este estudo se coloca entre dois pontos de vista distintos, mas complementares. Um deles é o (nano)sintático proposto por Ramchand (2008a), de orientação construtivista e situado dentro da linha nanossintática; o outro é o semântico-conceitual proposto por Jackendoff (1983, 1990). Tentarei agregar as descobertas e as propostas de ambas as teorias.

Vale destacar que, mesmo que não assumam abertamente uma abordagem semântico-conceitual, como a proposta de Jackendoff (1983, 1990), será possível perceber, ao longo desta tese, que variadas pesquisas dentro do quadro da Nanossintaxe têm conseguido demonstrar, de forma bastante explícita e bem sucedida, que a organização em traços conceituais primitivos pode ser relacionada de modo muito direto a uma sintaxe articulada, permitindo a concepção de um processo derivacional que congrega os níveis semântico e morfossintático de maneira aberta e sistemática, fato que justificaria a proposta de Ramchand (2008a) da existência de um só nível computacional.

Com isto em mente, inicio esta tese com uma breve discussão sobre as possíveis conveniências de se adotar uma teoria semântica conceitual e decomposicional, sem, contudo, seguir uma proposta estritamente formalista ou lexicalista. Após ter estabelecido a abordagem semântica que embasa minha análise, então, partirei para a decomposição dos verbos e preposições do PB (Capítulo 3),

aplicando de forma sistemática testes e hipóteses amplamente aceitos na literatura para o estabelecimento dos primitivos semântico-conceituais necessários para a construção dos eventos de deslocamento espacial aqui analisados.

É importante enfatizar, porém, antes de continuarmos nossa discussão, que o presente Capítulo não tem a intenção de propor a investigação de nenhum fenômeno em particular. A única pretensão do debate apresentado aqui será a definição de uma ontologia de primitivos conceituais que estariam operando dentro dos verbos de movimento e das preposições espaciais do PB. No próximo Capítulo, abordarei a possível representação destes traços em estruturas nanossintáticas. Também verificarei, então, a relevância empírica de tal proposta com a análise dos dados dos Séc. XVIII e XIX. A análise comparativa dos dados especificamente, acompanhada de discussão sobre a variação e mudança no quadro verbal e preposicional do português, será apresentada na Parte II desta tese.

2.2 SEMÂNTICA CONCEITUAL: BREVE APRESENTAÇÃO

Nesta seção, apresentarei de forma bastante resumida a proposta de Jackendoff para uma abordagem conceitual da semântica. Ao longo desta tese, porém, voltaremos diversas vezes e em diferentes momentos a discutir conceitos centrais para esta teoria. Deste modo, com este rápido panorama, pretendo estabelecer a base para uma argumentação que será costurada ao longo de todo o trabalho.

O termo “Semântica Conceitual” é, de fato, cunhado por Jackendoff em dois de seus principais tratados: “Semantics and Cognition” (1983) e “Semantic Structures” (1990). Com este termo o autor delinea uma abordagem semântica que busca, ao mesmo tempo, entender a relação do módulo da linguagem com os outros módulos de nossa cognição e que pretende estabelecer a estrutura e funcionamento do que ele chama de módulo conceitual da linguagem (tradicionalmente referido como módulo semântico).

Inicialmente, nos dois trabalhos que estabelecem a base para as pesquisas dentro desta abordagem, Jackendoff defende a existência de, pelo menos, três módulos autônomos: um módulo morfossintático, um fonológico e um semântico-conceitual. Cada um destes módulos teria uma estrutura e organização interna própria, com regras e princípios próprios, que se distinguiria da estrutura e funcionamento dos outros módulos.

Além disso, para Jackendoff (1983), tendo em vista que nossos pensamentos e ações parecem se estruturar a partir de conceitos que se encontram na base de

diferentes habilidades cognitivas (o autor se baseia, principalmente, em pesquisas da psicologia e sobre os sistemas motor e visual), seria possível propor que tais conceitos estariam estruturados em um módulo independente da linguagem que mediaría a relação de todos os outros módulos cognitivos.

Em outras palavras, este módulo conceitual, que também é conhecido como Estrutura Conceitual, garantiria o bom relacionamento entre todos os módulos cognitivos e/ou entre os (sub)módulos que os compõem. Neste sentido, Jackendoff (1983) propõe que, quando levamos em conta pesquisas de outras áreas que investigam a cognição humana, não encontramos razões para estabelecer um módulo conceitual (semântico) exclusivo do módulo linguístico. Ou seja, Jackendoff defende que os conceitos/sentidos que comporiam o sistema linguístico que tradicionalmente tratamos como módulo semântico também se encontrariam refletidos, em diferentes níveis de abstração, dentro de outros módulos cognitivos. Portanto, o autor propõe que o módulo semântico não seja exclusivamente linguístico, mas seja, de fato, o sistema que se encontra na interface da linguagem com os outros módulos da cognitivos.

Consequentemente, para Jackendoff, o módulo semântico É o módulo conceitual, como podemos observar no diagrama abaixo, reproduzido de Janckendoff (1983, p. 21):

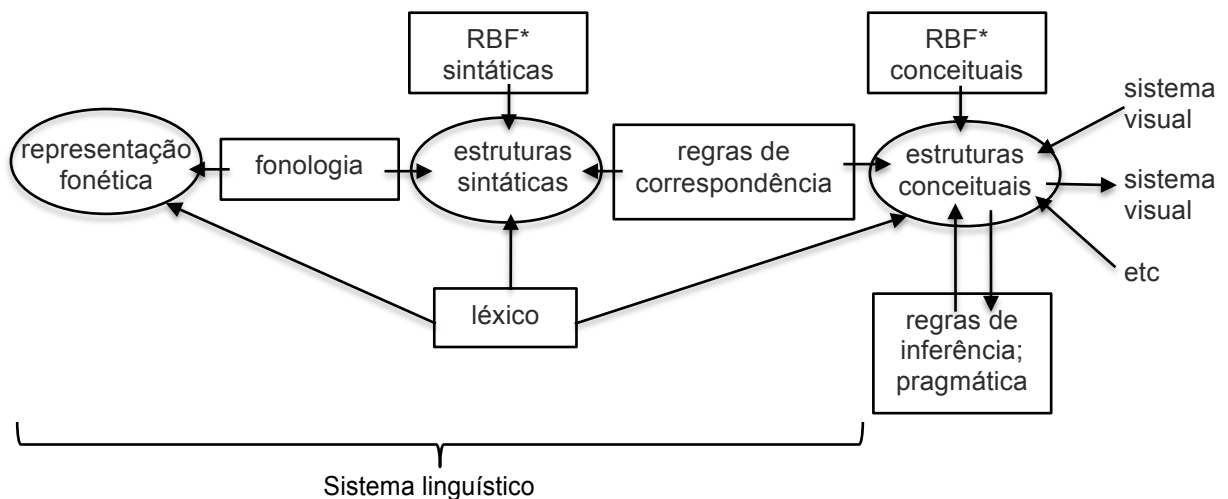


Figura 2: Diagrama dos módulos cognitivos de Jackendoff (1983)

A partir deste posicionamento, Jackendoff (1983, 1990) desenvolve, então, sua argumentação na busca do estabelecimento da estrutura e funcionamento deste módulo que ele denomina Estrutura Conceitual. Como já mencionado, o autor procura em diferentes pesquisas da psicologia, do sistema motor e do sistema visual, subsídios

para estipular os conceitos que estariam na base da Estrutura Conceitual. Neste sentido, Jackendoff (1990, p. 8) propõe que, da mesma forma que a sintaxe é capaz de produzir infinitas sentenças a partir de um arcabouço limitado de elementos, a Estrutura Conceitual também é capaz de produzir um número infinito de conceitos a partir de um conjunto limitado de primitivos conceituais. É à investigação deste conjunto limitado de primitivos conceituais que o autor se dedica.

Sua investigação se desenvolve, inicialmente, a partir da proposta da Teoria Localista de Gruber (1965). Assim, seus dois tratados expõem uma coesa argumentação baseada na decomposição das estruturas conceituais de sentenças que denotam localização e movimento no espaço, tendo em vista que este domínio linguístico seria construído a partir de sentidos que estariam mais fortemente ancorados em conceitos que são comuns aos sistemas motor e visual, o que permitiria a verificação de sua existência para além da linguagem.

Logo, uma abordagem semântico-conceitual parte da decomposição de itens lexicais em conceitos mais finos, como LUGAR, TRAJETÓRIA, CAUSA, etc. Tal abordagem nos leva, conseqüentemente, a assumir um último posicionamento crucial: os itens lexicais de uma língua são passíveis de decomposição em primitivos menores que os itens lexicais encontrados em uma a sintaxe de superfície. Para Jackendoff, este entendimento não é problemático, uma vez que o autor concebe o item lexical como a interface entre a Estrutura Conceitual e as estruturas sintática e fonológica. Isto é, o léxico de uma língua é a ponte que faz a mediação entre a Estrutura Conceitual, com seus primitivos e organização próprios, e os outros módulos linguísticos (JACKENDOFF, 1997).

Segundo o autor, isso é possível, pois o item lexical carregaria informação sobre as regras de boa formação tanto da Estrutura Conceitual, quanto dos módulos linguísticos. Como veremos ao longo deste trabalho, contudo, será possível estabelecer uma outra razão para que os itens lexicais se encontrem na interface entre a Estrutura Conceitual e o sistema linguístico: eles carregariam uma estrutura de primitivos conceituais já arranjados em uma estrutura nanossintática condizente com o que o módulo sintático é capaz de constituir.

Veremos exatamente como isso se daria no Capítulo 4. Porém, é importante destacar que é, principalmente, a partir desta concepção do Léxico como interface que acredito ser possível aproximar a proposta de Ramchand (2008a), Starke (2009) e outros trabalhos da Nanossintaxe com a concepção da Semântica Conceitual de Jackendoff

(1983, 1990, 1997). Além disso, tendo em vista que o módulo sintático também se construiria a partir de primitivos conceituais comuns a outros módulos cognitivos (como muitos dos trabalhos da Nanossintaxe assumem), não seria surpreendente que sua forma, organização e funcionamento também refletissem a Estrutura Conceitual. De fato, é esta a hipótese que estaria por traz das correspondências que Jackendoff (1983, 1990, 1997) estabelece.

Nas próximas subseções, prosseguirei, de forma também breve, na defesa de uma abordagem decomposicional para a Semântica, tendo em vista que este é o posicionamento partilhado tanto por Jackendoff (1983, 1990), quanto pelos autores do quadro nanossintático considerados para esta pesquisa. Ao longo da Seção 2.3, então, veremos como uma abordagem semântico-conceitual, em oposição a outras teorias estritamente sintáticas ou lexicalistas, daria respostas mais interessantes para a variação observada na classe dos verbos de movimento do PB.

2.2.1 EM DEFESA DE UMA ABORDAGEM SEMÂNTICA DECOMPOSICIONAL

Como podemos perceber, a Semântica Conceitual se coloca como uma abordagem decomposicional. Portanto, é importante reforçar a minha opção por uma teoria decomposicional-conceitual em oposição a outras teorias semânticas que partem do princípio de que os significados dos itens lexicais devem ser interpretados como unidades mônadas, sem estrutura interna (FILLMORE, 1982; COLLINS & QUILLIAN, 1969). Neste sentido, sigo a argumentação de Jackendoff (1983, 1990) e, como espero demonstrar ao longo desta tese, parto da hipótese de que a observação de dados empíricos nos sugere que os significados dos itens lexicais de uma língua natural - e entre eles os verbos de movimento e as preposições espaciais - são passíveis de representação em traços mais finos, primitivos, que, por sua vez, estão estruturados de forma bastante articulada por uma Sintaxe de primeira fase (RAMCHAND, 2008a).

A hipótese de que os itens lexicais de uma língua podem ser decompostos em traços mais finos nos permitirá, ao longo deste trabalho, entender a variação e as restrições encontradas em nossos dados de forma simples, generalizante, e ainda mais importante, sem lançar mão de todo um maquinário ou de princípios que não sejam independentemente motivados. Dentro do quadro decomposicional, contudo, é preciso separar a abordagem semântico-conceitual, que é aqui adotada, de outras duas abordagens: a abordagem formal, por um lado, e a abordagem lexical, por outro lado.

Assim, inicialmente, acolho a defesa de Jackendoff (1983) da limitação de uma abordagem formalista para a Semântica. O autor se baseia, para tal, no que ele chama de “Restrição Gramatical”: a representação lógica/conceitual de uma determinada construção não deveria estar muito distante da representação sintática correspondente. Dentro do formalismo baseado em uma lógica quantificacional, tal restrição questiona a necessidade imposta por esse quadro teórico de se postularem operações extras que garantiriam a apropriada correlação de ambos os níveis sintático e semântico. Com efeito, o autor aponta que “[s]eria difícil supor que uma criança em fase de aquisição devesse aprender as complexas regras de correspondência necessárias para correlacionar o formalismo quantificacional com a sintaxe de superfície”¹¹ (JACKENDOFF, 1983, p.15). Com essas observações, o semanticista pretendia justificar a sua proposta de decomposição de sentenças em primitivos que se organizariam de forma a estar diretamente ligados às projeções sintáticas já previstas no quadro teórico gerativista da época.

Segundo Jackendoff (1983, p. 63), há ainda outra limitação na abordagem formalista: a quantidade de categorias deste quadro (constantes, predicadores, quantificadores, etc) não seria rica o suficiente para dar conta das numerosas nuances de sentido que estão ligadas a um SP, por exemplo, e que restringem, de maneira bastante previsível, as estruturas de superfície em que tais sintagmas podem aparecer. Para ilustrar esse ponto, o autor examina o uso do que ele chama de “preposições intransitivas”¹², explorando o fato de que este tipo de item lexical poderia ser tratado como um predicador (23) ou como um termo que preencheria os lugares argumentais de um predicado (24), incorrendo em uma contradição.

(23) Joana está lá.

(24) Joana correu lá.

Assim, Jackendoff (1983, p.67) assume que é possível prever que, pelo menos, “cada constituinte principal na sintaxe de uma sentença corresponde a um constituinte

¹¹ “[o]ne could hardly expect a language learner to learn the complex correspondence rules required to relate quantificational formalism to surface syntax.” - Tradução da Autora (T.A.)

¹² Preposições intransitivas seriam aquelas que codificariam os mesmos sentidos comumente encontrados em preposições, mas que não tomariam outras entidades ou categorias conceituais como argumentos.

conceitual que pertence a uma das principais categorias ontológicas”¹³. Como veremos na sequência deste trabalho, o maquinário da Nanossintaxe nos possibilitará uma correlação entre sintaxe e semântica bastante fidedigna, nos termos de Jackendoff, mas com uma importante distinção: a proposta desse autor levava em conta a Teoria Gerativa dos anos 80, enquanto que a Nanossintaxe constrói sua proposta sobre os mais recentes trabalhos de inspiração ou de origem gerativa, como o programa Minimalista (CHOMSKY, 1995) e a Cartografia (CINQUE, 2002; CINQUE & RIZZI, 2010).

Ainda, é importante sublinhar que, embora eu adote uma orientação decomposicional conceitual, não formal, esta orientação não é necessariamente lexicalista. Sigo Ramchand (2008a) na proposta de que, definidos os primitivos conceituais estritamente necessários para capturar as generalizações sintático-semânticas que encontramos em dados empíricos e lançando mão de um maquinário sintático reduzido e amplamente aceito, o Léxico não se sustenta como um módulo independente que projete e controle a estrutura das línguas naturais através de regras de correspondência.

Ao mesmo tempo, partindo de um ponto de vista empírico, torna-se difícil assumir a sintaxe como um módulo independente e autossuficiente. Seguindo uma intuição amplamente investigada dentro do quadro Lexicalista, por exemplo, também acredito que “parece haver generalizações relacionadas com o tipo semântico do participante que faz diferença no comportamento linguístico de diferentes tipos de verbos” (RAMCHAND, 2008a, p. 18), embora essas generalizações não pressuponham, necessariamente, uma precedência do módulo semântico sobre o sintático (ou vice-versa).

É essa intuição que, vale destacar, está presente em teorias sintáticas e semânticas desde, pelo menos, a Teoria Localista de Gruber (1965) ou a gramática de casos de Fillmore (1967). Ela tem levado, há décadas, diversos semanticistas e sintaticistas a explorarem a relação entre a grade temática de um verbo - seu conjunto de argumentos semânticos - e sua expressão de superfície. Em consequência da grande variação nos papéis temáticos associados aos mesmos argumentos verbais que surge das investigações desta área, então, muitos autores exploraram a ideia de uma hierarquia temática. O primeiro autor a propor tal hierarquia foi Fillmore (1967).

¹³ “(...) every major constituent in the syntax of a sentence corresponds to a conceptual constituent that belongs to one of the major ontological categories”. - (T.A.)

Como muitas hierarquias foram propostas desde então, Soares & Menuzzi (2010) trazem uma lista comparativa retirada, por sua vez, de Levin & Rappaport-Hovav (2004, *apud* SOARES & MENUZZI, 2010¹⁴), que reproduzo abaixo:

- | | | |
|------|------------------------------------|---|
| (25) | a. Baker (1997) | - Ag > T/Pac > M/O/L |
| | b. Belletti & Rizzi (1988) | - Ag > Exp > T |
| | c. Bresnan & Kanerva (1989) | - Ag > Ben > Rec/Exp > Inst > T/Pac > L |
| | d. Dik (1978) | - Ag > Pac > Rec > Ben > Inst > L > Temp |
| | e. Fillmore (1971) | - Ag > Exp > Inst > Pac > M/O/L > Temp |
| | f. Givón (1984) | - Ag > Dat/Ben > Pac > L > Inst/Assoc > Man |
| | h. Van Valin (1990) | - Ag > Ca > Exp > L > T > Dat |
| | g. Jackendoff (1990) ¹⁵ | - Ag > Pac/Ben > T > M/O/L |

Como distintos autores já observaram, mesmo essas hierarquias encontraram muitos contraexemplos nas mais variadas línguas e dentro das mais variadas classes verbais. Em uma tentativa de resolver o problema da incompatibilidade de tais hierarquias temáticas, Dowty (1991) já havia, de fato, proposto uma decomposição dos papéis temáticos em propriedades semânticas mais finas, baseada nos conjuntos de acarretamentos lexicais que os verbos oferecem para seus argumentos. Esses primitivos, por sua vez, estariam hierarquizados de uma forma *fuzzy* em dois grandes papéis prototípicos, nomeadamente, de Protoagente e de Protopaciente: assim, segundo Dowty, caso um verbo possua dois argumentos, aquele que carregar mais propriedades de um Protoagente será ligado, mais prototipicamente, à posição de sujeito da sentença, mesmo que o outro argumento também possua algumas propriedades de Protoagente.

Cançado (2003), por sua vez, embora tome de Dowty (1991) a ideia de protótipos e de decomposição dos papéis em traços mais finos, propõe que tais traços

¹⁴ Soares & Menuzzi (2010, p.27-28) apresentam a seguinte legenda para as hierarquias expostas: “Nas hierarquias temáticas que seguem, Ag é agente, T é tema, Pac é paciente, M é meta, O é origem, L é lugar, Exp é experienciador, Ben é o beneficiário, Rec é o recipiente, Inst é o instrumento, Temp é tempo, Dat é dativo, Assoc é associado, Man é maneira e Ca é causa e a “meta” de Dik e o “objetivo” de Fillmore são renomeados como paciente e on“effector” de Van Valin é traduzido como causa, de acordo com o uso mais convencional.”

¹⁵ Embora esteja entre as clássicas Hierarquias Temáticas e seja assim denominada pelo próprio autor, a proposta de Jackendoff difere das outras por estar fundamentada em uma decomposição de eventos e nos traços conceituais que podem compor estes eventos. O próprio autor, por vezes, se refere a esta classificação como “Hierarquia Conceitual”, mas acaba adotando o termo “Hierarquia Temática”. Nesta tese, contudo, adoto o termo “Hierarquia Conceitual” quando faço referência à proposta de Jackendoff (1990). Explorarei essa proposta na Seção 2.4.

sejam interpretados como propriedades discretas interagindo entre si. Para desenvolver sua teoria, a autora investiga, no PB, ao longo de mais de uma década, a classe dos chamados verbos psicológicos ('temer', 'amar') com sujeito experienciador (entre outros trabalhos, CANÇADO, 2002, 2003, 2012; FRANCHI & CANÇADO, 2003). Para resolver as dificuldades tradicionalmente associadas a esses verbos, Cançado (2003) propõe uma hierarquia que, por sua vez, relaciona somente os acarretamentos semânticos de um argumento que são sintaticamente relevantes (entre eles, por exemplo, a noção de Controle). Concretamente, o argumento que "tem como parte de seu papel temático a propriedade mais proeminente do diagrama é localizado na posição de argumento externo na estrutura sintática". A hierarquia de Cançado (2003, p. 30) se materializa da seguinte forma:

$$(26) \text{ DC} > \text{D} > \text{AC} > \text{A} > \text{EC} > \text{E}^{16}$$

Ramchand (2008a, p. 19), contudo, embora não critique a noção de hierarquia como um instrumento que impõe restrições à organização de traços primitivos, critica esse tipo de abordagem por duas razões principais. Primeiramente, tendo em vista os problemas e contraexemplos encontrados em diferentes trabalhos (LEVIN & RAPPAPORT-HOVAV, 1995; AMARAL, 2009; CIRÍACO & CANÇADO, 2011; SILVA & DE FARIAS, 2011; entre outros), o uso de hierarquias *temáticas* para "regular o mapeamento [de argumentos semânticos] para a sintaxe nem sempre dá os resultados empíricos corretos"¹⁷ (RAMCHAND, 2008a, p. 26). Em segundo lugar, outros autores (Ramchand se refere a Dowty, 1989) já haviam reconhecido que as generalizações comumente associadas à aplicação de hierarquias temáticas dependem, muitas vezes, de outros primitivos semânticos ou explicam, exclusivamente, o comportamento de verbos dentro de uma mesma classe semântica, mas não através de várias classes distintas.

Para Ramchand, essas evidências sugerem que não é a raiz verbal que está codificando e definindo papéis temáticos a seus argumentos. E esta é, efetivamente, a mesma proposta de Jackendoff (1983, 1990), ou seja, os argumentos de um verbo assumiriam determinados papéis argumentais a depender de sua ligação com um ou outro primitivo conceitual presente na estrutura conceitual associada àquele verbo.

¹⁶ DC que é desencadeador com controle, D que é desencadeador, AC que é afetado com controle, A que é afetado, EC que é estado com controle, e E que é estado.

¹⁷ "(...) regulate the mapping to the syntax does not always give the correct empirical results" - (T.A.)

Como Jackendoff (1983, 1990), Ramchand (2008a) propõe que os fatores que estão regulando os papéis que os argumentos de um verbo podem desempenhar têm relação direta com as propriedades de uma estrutura de eventos. Deste modo, um argumento é interpretado como assumindo um determinado papel a depender da posição que tomar em uma estrutura de eventos. Conforme observaremos no PB, tal hipótese parece explicar de forma satisfatória a variação e a mudança dentro do quadro verbal e preposicional de nossa língua. Por este motivo, assumo a mesma hipótese.

Portanto, me dedicarei, na Seção 2.3 deste capítulo, ao que Ramchand considera ser o primeiro passo para uma análise sintático-semântica baseada em primitivos conceituais, ou seja, o estabelecimento e a motivação daqueles que são empiricamente necessários para uma decomposição de evento que seja fidedigna à variação e às generalizações que encontramos:

(...) estabelecer os papéis primitivos segue de mãos dadas com o estabelecimento dos elementos primitivos de uma decomposição de eventos, já que os participantes no evento somente serão definíveis através do papel que desempenham no evento em si ou em um subevento.”¹⁸ (RAMCHAND, 2008a, p. 23).

Como se pode perceber, e da mesma forma que Jackendoff (1983,1990), Ramchand (2008a) sugere que os sentidos verbais podem ser decompostos levando-se em consideração os primitivos envolvidos em uma decomposição de eventos¹⁹. Segundo a autora, “(...) a projeção sintática de argumentos é baseada na estrutura de eventos”²⁰ (RAMCHAND, 2008a, p. 39). Consequentemente, os argumentos envolvidos em tal decomposição poderão ter um ou outro papel no evento em questão dependendo do subevento com o qual estiverem relacionados. É importante ressaltar que, nesta concepção, não é o item lexical (um verbo, por exemplo) que determinaria os papéis temáticos dos participantes do evento, mas estes participantes “assumiriam” papéis de acordo com a sua relação com as respectivas subpartes do evento (ou com o evento como um todo) codificado pela raiz verbal.

Para ilustrar, observemos o seguinte par de sentenças:

¹⁸ “(...) establishing the primitive role types goes hand in hand with establishing the primitive elements of event decomposition, since participants in the event will only be definable via the role they play in the event or subevent.” - (T.A.)

¹⁹ Jackendoff & Culicover (2005, p.183) já propuseram uma hierarquia mais fina baseada em uma estrutura de eventos. Antes disso, Jackendoff (1983, 1990), inspirado em Gruber, também faz sua proposta baseado na decomposição de eventos.

²⁰ “(...) the syntactic projection of arguments is based on event structure.” - (T.A.)

(27) O cavalo saltou sobre o obstáculo.

(28) Felipe saltou o cavalo na Europa durante 3 meses.²¹

Em (27), o verbo 'saltar' é entendido como selecionando um único argumento com o papel temático de agente ou iniciador do evento. No exemplo em questão, o cavalo é entendido como iniciando e/ou tendo controle sobre o evento de saltar. Na sentença em (28), porém, o mesmo verbo seleciona dois argumentos com papéis distintos: o sujeito carregaria o papel- Θ de agente/iniciador enquanto o argumento em posição de objeto direto receberia o papel selecionado pelo verbo de sofredor ou tema. Neste caso, o cavalo passa a ser o sofredor do evento, ou o tema, enquanto Felipe assume o papel de agente, iniciador ou controlador do evento. Temos, assim, uma situação em que o sujeito é ocupado por um outro argumento agente e o que antes era o agente passa à posição de sofredor ou tema.

O desafio para uma teoria temática seria, como vemos, o de explicar como o mesmo verbo, no caso 'saltar', estaria atribuindo papéis temáticos diferentes a um argumento que, aparentemente, realiza a mesma parte do evento; ou, inversamente, como dois argumentos que, aparentemente, realizam a mesma tarefa de saltar teriam papéis distintos. Ainda, nesta troca de papéis, vemos argumentos que são tradicionalmente entendidos como agentes da ação denotada pelo verbo receberem o rótulo de paciente/tema.

Como se pode observar, se as teorias de papéis temáticos muitas vezes não dão conta de explicar a variação na grade temática/argumental de um só verbo como 'saltar', é legítimo que se questione a sua habilidade em lidar com classes inteiras. Neste sentido, espero também demonstrar com os dados do PB que as chamadas "classes naturais" de verbos e de preposições aqui sob análise não são parte do sistema linguístico. Elas são, de fato, uma simples consequência da nossa percepção da estrutura do sistema linguístico e da forma como percebemos e analisamos as línguas naturais, amplamente mediada por princípios cognitivos mais abrangentes.

Em outras palavras, não são todos os traços primitivos tradicionalmente associados aos argumentos verbais que se encontram na base de uma estrutura de eventos. Além disso, não é o item lexical que projeta essa estrutura. A Sintaxe de

²¹ “O Dante retornou à Europa com o Felipe Amaral em Abril de 2012, aos 9 anos. Felipe saltou o cavalo na Europa durante 3 meses. Ele obteve bom resultados a nível de 2*.” Afirmou Karina JohanSNeter.” - Disponível em: http://brasileirodehipismo.com.br/site/nhtml/nstbh_dnoticia.asp?n=411. Acesso em 23/11/2016.

primeira fase constrói uma estrutura de eventos utilizando-se de traços-funções que definem as partes (subeventos) essenciais desta. Assim, os argumentos que um verbo toma podem se relacionar com uma parte (subevento) ou com o evento como um todo. Também, argumentos diferentes podem se relacionar com a mesma subparte, enquanto o mesmo argumento pode ser associado a partes distintas. A diversidade de possibilidades para essa relação seria, portanto, evidência de que os itens lexicais não projetam a estrutura funcional-conceitual que subjaz à sintaxe, mas se combinam com ela de distintas formas. Finalmente, a possibilidade de um item se combinar com diferentes estruturas provaria que uma abordagem conceitual decomposicional pode ser capaz de explicar melhor a variação. Na próxima Seção, (2.3), veremos como essa abordagem trata a “classe” dos verbos de movimento.

2.3 A “CLASSE” DOS VERBOS DE MOVIMENTO NA SEMÂNTICA CONCEITUAL

Nesta seção, nos debruçaremos sobre dados empíricos para discutir as possíveis estruturas conceituais que carregam os verbos de movimento do tipo ‘ir’, ‘entrar’, ‘subir’, ‘correr’ e ‘caminhar’²² no PB, ao mesmo tempo em que investigaremos como os traços por eles codificados estariam nos ajudando a prever seu comportamento sintático. Tradicionalmente, para organizar de forma mais sistemática essa relação entre traços conceituais/primitivos e comportamentos sintáticos, os verbos são colocados em “classes naturais”. O fato de pertencer a uma ou a outra classe, então, permitiria que se estabelecessem restrições para o seu comportamento sintático e para as possíveis interpretações semânticas das construções em que são encontrados.

Ao examinarmos os dados do PB, contudo, nos depararemos com diversos desafios a essa concepção de classe natural. Principalmente, porque muito embora pertençam à classe natural dos “verbos de movimento”, os itens acima apresentam comportamentos bastante heterogêneos, o que nos permite colocá-los em grupos distintos de acordo com o ponto de vista ou teoria assumidos. Nas próximas seções veremos que, ao mesmo tempo em que a proposta de Ramchand (2008a) permite um

²² Como já mencionado, ao longo desta investigação, foi possível estabelecer cinco arranjos distintos que os verbos de movimento estariam codificando em nossa língua. Estes cinco verbos de movimento foram selecionados por pertencerem, cada um, a um grupo que representa um destes arranjos e que apresenta exemplos intrigantes de variação e mudança. Eles não esgotam, contudo, a tradicional classe dos verbos de movimento do PB. Espero que a análise desses poucos exemplares já nos permita questionar a existência e a relevância teórica de uma tal classe ou de tradicionais classes dentro desta, assim como propor uma nova configuração possível para a estrutura argumental de certos verbos de movimento.

tratamento abrangente dos mais variados fenômenos envolvendo tal “classe”, ela nos leva a abandonar a ideia de uma classe natural de verbos de movimento.

Como Jackendoff (1983, 1990) já sugeria, os verbos de movimento podem ser encontrados em uma grande riqueza de configurações que diferem entre si, porque são eles que codificam toda a riqueza de sentidos da esfera mais básica de nossa experiência cognitiva, o domínio espacial. A organização linguística deste domínio estaria, assim, intimamente ligada à organização da nossa Estrutura Conceitual. Este módulo, por sua vez, filtra e traduz em termos linguísticos, sensoriais, físicos, e mentais, por exemplo, nossa percepção do mundo.

Neste sentido, os conceitos e a organização que observamos nos dados que codificam sentidos espaciais nas línguas naturais não são, obviamente, reflexo das relações espaciais do mundo físico em si (JACKENDOFF, 1983, 1990; TALMY, 1985, 2000), mas consequência da forma e da organização da Estrutura Conceitual. Tendo em vista que nosso sistema linguístico reflete esta Estrutura Conceitual, de forma inversa, podemos supor que, ao descrevermos princípios e elementos constituintes do módulo linguístico, estaríamos mais próximos de estabelecer os princípios e elementos básicos do módulo conceitual.

A “classe natural” de verbos de movimento, portanto, no sentido de ser um agrupamento de itens que compartilham um (ou mais) traço(s) semântico(s)-conceitual(-ais), pode ser uma consequência de nossa necessidade cognitiva de organização e coordenação, mas não se configura, empiricamente, como uma classe linguisticamente relevante. Todavia, embora apresentem comportamento que diferem grandemente entre si, os verbos de movimento e as preposições espaciais podem nos fornecer pistas e subsídios para estabelecer a forma, os constituintes e os princípios de nossa Estrutura Conceitual que, na sequência, podem ser generalizados para outras classes naturais e através delas, demonstrando, assim, que nosso sistema linguístico se organiza de forma bastante simples e produtiva.

Deste modo, para uma compreensão mais abrangente das diferentes configurações conceituais que estão refletidas nos comportamentos verbais e linguisticamente relevantes, concentraremos nossa atenção na proposta de decomposição de eventos de Ramchand (2008a), resgatando sua argumentação e confrontando suas sugestões e hipóteses com aquelas de autores como Pinker (1989), Jackendoff (1983, 1990, 2005), Talmy (2000) e Pinker & Jackendoff (2005), entre outros.

Com o intuito de organizar a argumentação, acredito que a primeira tarefa a ser realizada envolve a discussão dos possíveis participantes de um evento dinâmico²³ e de seus papéis em relação ao evento ou às suas subpartes. Principiarei este debate resgatando algumas das classes naturais mais amplamente aceitas e aplicando os testes propostos na literatura aos dados do PB dos Séc. XVIII e XIX.

Antes de prosseguirmos, todavia, são necessários alguns esclarecimentos sobre a nomenclatura. No que concerne à estrutura de eventos, trabalharei nesta tese com verbos dinâmicos de movimento. Logo, sigo Ramchand (2008a) na visão de que “verbos dinâmicos possuem uma estrutura parte-todo, definida pela nossa percepção humana da noção de mudança. [Ou seja,] (...) eventos dinâmicos são mudanças generalizadas análogas às trajetórias espaciais”. (RAMCHAND, 2008a, p. 26).

Jackendoff (1983, 1990), em sua análise de verbos de movimento e preposições do inglês, já distinguia, igualmente, verbos eventivos de verbos estativos. Para o autor, expressões de movimento espacial (no formato SN V SP) apresentam evidências interessantes para uma teoria conceitual, pois

“(...) a correspondência de sintaxe e semântica é transparente: o SP se refere a um Lugar ou Trajetória, o sujeito SN se refere a uma coisa/entidade, e a sentença como um todo se refere a uma situação ou evento em que a coisa/entidade está localizada ou se move de alguma forma com respeito a um Lugar ou Trajetória. O verbo especifica exatamente o que a coisa/entidade está fazendo com relação ao Local ou Trajetória.”²⁴ (JACKENDOFF, 1983, p. 170)

Assim, dentro da classe de verbos de movimento, Jackendoff ainda faz outra distinção, separando exatamente os verbos que expressam situações estativas de localização, acima mencionadas, e aqueles que expressam eventos. Para o autor, o teste que separaria expressões locativas de eventos dinâmicos de movimento seria baseado em construções como “O que aconteceu foi que...”.

Verbos como ‘correr’, ‘voar’ e ‘cair’ passam no teste, enquanto verbos como ‘estar’ e ‘ficar’ não. Como veremos, na seção em que analisamos as preposições do PB, esses últimos verbos podem nos ajudar na tentativa de identificar preposições puramente locativas, enquanto que os primeiros se combinam bem tanto com preposições locativas,

²³ Embora a autora discuta eventos dinâmicos e estativos em seu livro, nos ateremos neste trabalho aos eventos dinâmicos, tendo em vista que os eventos de movimento e deslocamento, aqui sob análise, pressupõem dinamicidade, trajetória e mudança.

²⁴ “(...) the correspondence of syntax and semantics is transparent: the PP refers to a Lugar or Path, the subject SN refers to a thing, and the sentence as a whole refers to a situation or event in which the thing is located or moving in some way with respect to a Lugar or Path. The verb specifies exactly what the thing is doing with respect to the Lugar or Path.” - (T.A.)

quanto com preposições de direção/trajetória. A Estrutura Conceitual de tais verbos, segundo o semanticista, estaria representada da seguinte forma:

- (29) a. [Evento GO²⁵ ([Coisa x], [Trajetória y])] : O cavalo saltou.
 b. [Estado BE ([Coisa x], [Lugar y])] : O cavalo ficou na estrebária.

Jackendoff (1983) ainda prevê eventos de movimento causativos, em que um agente inicia ou executa o movimento da figura envolvida no evento expresso pela sentença. Para ele, tal evento complexo pode ser representado por uma função binária chamada CAUSE, com a estrutura abaixo:

- (30) a. [Evento CAUSA ([Coisa/Evento z], [Evento w])] → [Evento CAUSA ([Coisa/Evento z], [Evento GO ([Coisa x], [Trajetória y])])] : Edu saltou o cavalo.

Como se pode notar, embora seja amplamente aceito que a relação entre as formas em (30) seja reflexo de regras lexicais que orientem a transformação de sentenças intransitivas em sentenças transitivas (ou vice-versa) e que exista uma ordem profunda (seja ela causativa ou anticausativa), o autor não assume que entradas lexicais carreguem essa ordem e que derivações aconteçam em uma direção ou em outra (JACKENDOFF, 1983, p. 175-176). Para ele, tais construções são possíveis devido à recursividade do sistema conceitual e ocorrem apesar das especificações estruturais de itens particulares.

Veremos, nos Capítulos 3 e 4, que Ramchand (2008a) igualmente refuta, como já mencionado, a noção de uma estrutura profunda em que o léxico ou a sintaxe estariam projetando as estruturas de superfície e, por consequência, de que existe uma estrutura/ordem preferencial. Assumir a Sintaxe de primeira fase implica uma diferença sutil na compreensão desta relação: Ramchand (2008a) propõe que o módulo conceitual e o módulo sintático estão intrinsecamente ligados. Na minha concepção, este posicionamento nos permite assumir que, como Jackendoff (1983, 1990) sugere, a sintaxe (forma de superfície) reflete a organização da nossa Estrutura Conceitual.

Esta Estrutura é, por sua vez, o fundamento de todos os sistemas cognitivos humanos. É, portanto, esta base comum que permite à linguagem codificar sentidos dos

²⁵ Para os primitivos propostos por Jackendoff (1983, 1990), mantenho a maioria das siglas do inglês (GO, BE, FROM, TO, etc), tendo em vista que esses não são os verbos 'ir', 'ser' ou as preposições 'de' e 'para' propriamente, mas mnemônicos dos conceitos primitivos codificados por esses itens naquele idioma.

mais diferentes campos cognitivos, como visão, percepção, emoção, etc. Uma consequência direta deste posicionamento é que a forma da Estrutura Conceitual imporia determinadas restrições na forma dos outros sistemas e é isso, exatamente, que acredito ver nos dados que analisamos ao longo deste trabalho.

Neste sentido, quando autores dentro do quadro da Nanossintaxe propõem que a sintaxe e a semântica sejam combinadas em um só nível computacional, o que estão dizendo, a meu ver, é que as operações sintáticas possíveis estão submetidas aos mesmos princípios e regras que operam sobre os constituintes da Estrutura Conceitual. Acredito que será possível verificar essa hipótese ao longo deste trabalho.

Voltando à sentença (30) acima, é importante notar ainda que Jackendoff assume a possibilidade de que o primeiro argumento de Causa seja tanto uma Coisa quanto um Evento, partindo da visão de que categorias conceituais distintas estão submetidas às mesmas regras gerais de nosso sistema conceitual e, conseqüentemente, de nossa cognição. Ao mesmo tempo, tal posição supõe que a distinção entre os papéis de agente e de ator, amplamente discutidos na literatura, não seja gramaticalmente relevante. Como veremos mais adiante, a Sintaxe de primeira fase, da mesma forma, mas seguindo um caminho argumentativo diferente, propõe que o único primitivo sintática e semanticamente relevante para a composição de um subevento inicial que implique um processo - o que temos chamado de evento dinâmico - é o primitivo Causa, expresso neste sistema através das noções de Iniciação/INICIADOR e de sua relação com outras partes do evento. Mais do que isso, admite-se igualmente que a noção de Causa não está no mundo, mas é reflexo da estrutura e da organização de nosso sistema linguístico e conceitual (PINKER, 1989; JACKENDOFF, 1983, 1990).

Antes de passarmos para os testes que demonstrarão como esta noção se materializa nos dados do PB, contudo, é necessário resgatar ainda uma outra hipótese de Jackendoff (1983) que esclarece a presente posição de que verbos dinâmicos expressam eventos de mudanças análogas a uma trajetória espacial. Em seu tratado, o semanticista conjectura que a organização de conceitos em outros campos de sentido verbal não precisa nem deve ser independente dos conceitos espaciais mais primitivos: os conceitos que não possuem uma referência espacial podem, desta forma, se organizar em cima de uma estrutura já definida em nosso sistema conceitual.

Importante destacar, porém, que, seguindo Jackendoff (1983), igualmente refuto teorias do significado que tratem essas relações como metáforas: a observação de que itens que se referem a outros domínios conceituais (como tempo e posse) sejam

construídos ou compartilhem forma (sintática/morfológica) com itens que, inicialmente, eram especializados em sentidos espaciais, é uma consequência do caminho evolutivo que empreendeu nosso sistema conceitual, pois essas estruturas conceituais são “(...) uma organização abstrata que pode ser aplicada com a especialização adequada a qualquer campo”²⁶ (JACKENDOFF, 1983, p. 210). Para este autor, tal possibilidade tem relação direta com o desenvolvimento do nosso módulo linguístico-conceitual e com a constituição de nossa cognição, porque

[s]e há alguma primazia para o campo espacial, é porque este campo está fortemente fundamentado na cognição não linguística; é o terreno comum para as faculdades da visão, do toque e da ação. De uma perspectiva evolutiva, a organização espacial teve de existir muito antes da linguagem. Pode-se imaginar o desenvolvimento da estrutura temática em campos menos concretos como consequência do conservadorismo evolutivo na cognição - adaptam-se estruturas existentes a novos propósitos ao invés de desenvolver mecanismos inteiramente novos.

[Portanto], (...) pode-se afirmar que a estrutura temática é uma organização inata com a qual o organismo estrutura a sua experiência. No máximo, o organismo em desenvolvimento deve aprender a definição de localização em um campo particular, a fim de ser capaz de desenvolver uma gama completa de conceitos de evento e estado nesse campo.”²⁷ (JACKENDOFF, 1983, p. 210)²⁸

Assim, sentenças que expressam sentidos temporais, como (31)-(a) e (b), ou sentidos de posse, como (32)-(a) e (b), poderiam ser representadas conceitualmente da seguinte forma²⁹:

(31) a. A reunião é às 9h.

[Estado BE_{Temp} ([Coisa REUNIÃO], [Lugar AT_{Temp}([Hora 9H]])]

²⁶ “(...) an abstract organization that can be applied with suitable specialization to any field” - (T.A.)

²⁷ “If there is any primacy to the spacial field, it is because this field is so strogly supported by non linguistic cognition; it is the common ground for the faculties of vision, touch and action. From an evolutionary perspective, spacial organization had to exist long before language. One can imagine the development of thematic structure in less concrete fields as a consequence of evolutionary conservatism in cognition - the adaptation of existing structures to new purposes rather than the development of entirely new mechanisms.

[Portanto], (...) it can be claimed that thematic structure is an innate organization with which the organism structures its experience. At most, the developing organism must learn the definition of location in a particular field in order to be able to develop a full range of event- and state-concepts in that field.” - (T.A.)

²⁸ Note-se que o que Jackendoff chama de “estrutura temática” é o mesmo que Estrutura Conceitual. O autor adota a expressão estrutura temática para desenvolver uma teoria temático-conceitual. Eu, contudo, preferi manter sempre a mesma expressão “Estrutura Conceitual” ao me referir às relações que os diferentes conceitos cognitivos estabelecem entre si.

²⁹ Exemplos adaptados de Jackendoff (1983, p. 190).

b. Nós passamos a reunião das 9h para às 11h.

[Evento CAUSA ([Coisa NÓS], [Evento GO_{Temp} ([Coisa REUNIÃO], [TRAJETÓRIA FROM_{Temp} ([hora 9H]) TO_{Temp} ([Hora 11H])]])])]

(32) a. Joana tem uma bicicleta.

[Estado BE_{Poss} ([Coisa BICICLETA], [Lugar AT_{Poss} ([Coisa JOANA])])]

b. Ana deu uma boneca para Joana.

[Evento CAUSE ([Coisa ANA], [Evento GO_{Poss} ([BICICLETA], [TRAJETÓRIA FROM_{Poss} ([Coisa ANA]) TO_{Poss} ([Coisa JOANA])]])])]

Tal hipótese está na base de teorias de mudança linguística e de aquisição (JACKENDOFF & PINKER, 2005; JACKENDOFF, 2002, 2010) que entendem a grande rapidez com que a mudança ou a aquisição acontecem como uma evidência de que a linguagem humana e suas transformações são fruto da adaptação de estruturas conceituais previamente usadas para codificar e processar conceitos (também presentes em outros primatas), que evoluíram, então, no sentido Darwiniano, para se especializar em uma função comunicativa. A ideia central desta posição é a noção de que, para a mudança ou aquisição linguística acontecerem tão rapidamente, seria necessário somente uma pequena modificação em um sistema já complexo para que todo o sistema se transformasse.

Evolutivamente, tal hipótese implica assumir que a linguagem surge como consequência de uma pequena operação realizada sobre o sistema conceitual e que campos mais abstratos da linguagem são desenvolvidos a partir de estruturas mais concretas, diretamente ligadas a sistemas como percepção e visão. Do ponto de vista da aquisição, tal posição reflete a ideia de que a criança aprende uma língua mediada pelo nosso sistema conceitual, construindo rapidamente conceitos mais abstratos a partir de conceitos mais concretos. Vale destacar, neste momento, que seguirei a hipótese de que mudança e aquisição são processos que estão sujeitos às mesmas regras e restrições.

Voltaremos a esses pontos no Capítulo 5, em que discutiremos a teoria de mudança linguística assumida neste trabalho. Por hora, passaremos à decomposição dos verbos de movimento do PB. Como se verificará nas próximas subseções, reveremos classificações sintáticas e semânticas tradicionalmente aceitas e observaremos como essas classificações, uma após a outra, apresentam limitações na explicação de nossos dados.

2.3.1 Revendo as “classes naturais”: Transitivos vs. Intransitivos

A primeira distinção sintática clássica que abordarei consiste na oposição entre verbo transitivo e intransitivo. Como se evidenciará, inicialmente, já nos depararemos com um obstáculo: tradicionalmente, deveríamos colocar todos os verbos de movimento no segundo grupo. No entanto, é possível encontrar diversos contraexemplos (principalmente, translinguisticamente) de que os verbos ‘subir’, ‘viajar’, ‘entrar’ e ‘correr’, por exemplo, poderiam também ser alocados no conjunto dos verbos transitivos (exemplos de (33) a (35)³⁰):

- (33) a. O governo sobe o preço da energia.
b. O preço da energia sobe e anima geradoras.
- (34) a. Alguém entrou a senha errada muitas vezes.
b. Joana entrou.
- (35) a. Em 1967, uma americana desafiou as regras e correu a maratona de Boston.
b. Joana correu no parque ontem.

Com efeito, seria possível determinar que os exemplos acima são manipulações sobre a estrutura profunda dos itens em questão, que tomariam um verbo de um argumento e o transformariam em um verbo de dois argumentos, ou vice-versa. Essa solução poderia colocar todos os verbos da lista na classe dos intransitivos e deixar para uma regra transformacional o trabalho extra de responsabilidade pela variação. Todavia, esta artimanha somente desviaria a dificuldade de um nível para outro: a complexidade não estaria mais na entrada lexical, mas nas regras de ligação entre semântica e sintaxe, ou entre estrutura profunda e estrutura de superfície, sem, contudo, explicar por que somente alguns verbos intransitivos são encontrados nestas estruturas, e não outros.

Além desse empecilho, há igualmente o problema da discussão sobre a direção desta transformação: de um lado, autores como Levin & Happaport-Hovav (1995) defendem que a estrutura mais básica de um verbo que licencia alternância é a construção mais completa, ou seja, com dois ou mais argumentos, espeitando certas condições necessárias. Ao entrar em uma estrutura intransitiva, desta forma, os verbos transitivos ‘perderiam’ um ou mais de seus argumentos.

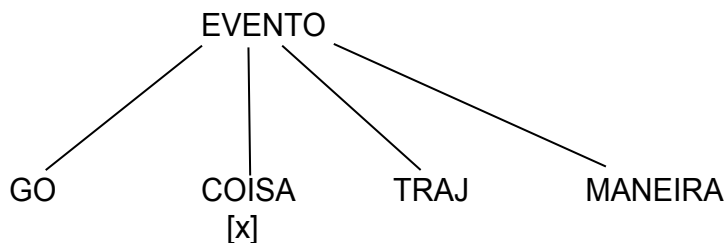
³⁰ Alguns exemplos são resultado de buscas realizadas na ferramenta *google.com* em 10/12/2016.

Diversos autores levantam objeções a esta proposta. Entre eles, Jackendoff (1983) já sugeria que a distinção entre versões transitivas e intransitivas dos mesmos verbos não deve estar gravada na entrada lexical de um determinado item, mas seria uma consequência da recursividade do sistema. Voltaremos a esse ponto no Capítulo 4.

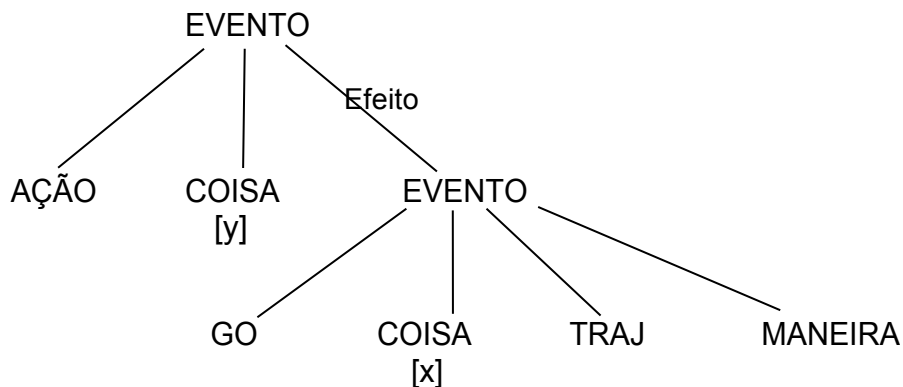
Além do autor acima, Comrie (1975) e Kittilä (2006, 2013) entendem que o processo motivando tais alternâncias seria aquele da Causativização. Para o primeiro autor, a “Causativização é normalmente compreendida como um processo sinalizado morfológicamente que adiciona um Agente à valência dos verbos” (COMRIE, 1975, p. 2). Para Kittilä (2013), por sua vez, “causativização também funciona como um dispositivo de transitivização” (KITILÄ, 2006, p. 33).

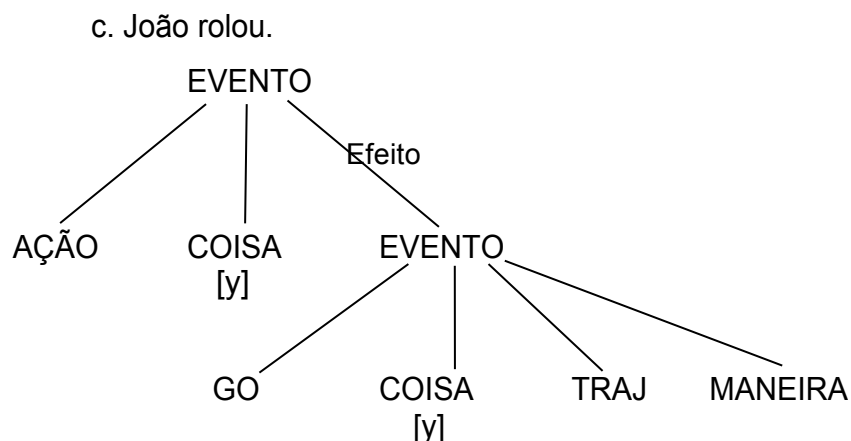
Do mesmo modo, Pinker (1989), também sugere que os verbos de maneira de movimento, intrinsecamente dinâmicos, denotem o sentido de Causa através de uma função CAUSA (efeito da relação entre dois (sub)eventos) adicionada à sua estrutura mais básica de movimento puro. Em seu sistema, isso ocorreria automaticamente como resultado da inserção de um evento AÇÃO acima de um evento dinâmico GO. De fato, tal hipótese permitiu explicar, em Rammé (2011), parte da variação que encontramos nos dados do PB:

(36) a. A pedra rolou.



b. João rolou a pedra.





Ramchand (2008a), por sua vez, aponta outros dois problemas para uma análise que defenda a alternância no sentido causativo → anticausativo como proposta por Levin & Happaport-Hovav (1995). Primeiramente, a autora apresenta dados translinguísticos que demonstram que os argumentos de L&RH (1995) não se baseiam em dados empíricos amplamente verificáveis. Segundo Ramchand, o que pode ser de fato verificado translinguisticamente é que, se tomássemos a porcentagem de línguas morfologicamente marcadas para a anticausativização - com estruturas anticausativas morfologicamente transparentes (francês, italiano, espanhol) - em comparação com línguas que abertamente marcam a causativização, teríamos que assumir a hipótese de que a marcação aberta da causativização é o mais natural, porque mais frequente.

Em segundo lugar, Ramchand argumenta que assumir a direção causativo → anticausativo não nos permitiria perceber e explicar generalizações bastante comuns translinguisticamente que aparentam ter uma relação muito sistemática e transparente na interpretação do par forma e sentido. Entre outros fenômenos, não seria possível esclarecer, por exemplo, a distinção entre os papéis de sujeito Autor vs. sujeito Agente que parecem ser uma consequência direta da adição de um argumento INICIADOR/externo à grade argumental de um verbo que inicialmente não previa sua existência. Abordarei essa hipótese em detalhes na Seção 3.4.3.

Com essa breve incursão na tradicional classificação de verbos transitivos e intransitivos, portanto, é possível perceber como a postulação de tais “classes naturais” não nos ajuda a explicar a grande variação observada no comportamento dos verbos de movimento, sejam eles transitivos ou intransitivos. Na sequência, observaremos como outra classificação tradicionalmente aceita também apresenta dificuldades para explicar o comportamento errático dos itens aqui analisados.

2.3.2 Revendo as “classes naturais” - Inergativos vs. Inacusativos

Para continuarmos a discussão sobre a existência e a posição dos argumentos verbais, sejam eles argumento externo ou interno, vamos nos concentrar, nesta segunda subseção, na classe dos verbos intransitivos. Nela, mais uma vez, encontramos outro desafio para os tradicionais arranjos em classes naturais, mais especificamente no que diz respeito à distinção entre verbos inacusativos e inergativos. Ou seja, ao observarmos o comportamento de distintos verbos destes grupos no PB, voltamos a encontrar obstáculos para uma generalização sistemática e previsível.

Com efeito, desde a postulação da Hipótese Inacusativa (PERLMUTTER, 1978), muitas pesquisas têm-se consagrado à investigação de fenômenos que envolvem as duas grandes classes de verbos intransitivos sugeridas pelo autor. Em um primeiro momento, tal teoria pareceu bastante promissora no sentido de prometer a antevindência de amplas classes verbais através de diferentes línguas, além de possivelmente mostrar, de forma bastante direta, uma ligação entre os módulos sintático e semântico: tais grupos de verbos seriam sintaticamente representados para além de serem semanticamente motivados (LEVIN & RAPPAPORT-HOVAV, 1995). Ou seja, a grande inovação desta hipótese permitia a postulação de uma regra de ligação entre a sintaxe e a semântica que possibilitava definir a qual classe determinado verbo pertenceria a partir de seus usos. Assim como possibilitava, analogamente, a previsão de seu comportamento sintático translinguisticamente.

De maneira bastante resumida, dentro de uma abordagem semântica, a proposta seria a de que verbos mono-argumentais poderiam estar organizados em, por um lado, um grupo cujos membros selecionariam como sujeito sintático (argumento externo) um agente, e portanto resistiriam a testes semânticos e sintáticos como causativização:

(37) Joana caminhou.

(38) *A mãe caminhou a Joana.

Por outro lado, teríamos o grupo dos verbos inacusativos, cujo sujeito sintático seria realizado por um argumento tema/afetado e resistiria, por sua vez, a testes de agentividade (como em (40)), ao mesmo tempo em que aceitaria entrar em construções causativas (como em (41)):

- (39) O vaso quebrou.
- (40) *O que o vaso fez foi quebrar.
- (41) Alice quebrou o vaso.

Neste momento, vale destacar que, historicamente, o comportamento dos verbos de movimento tem-se mostrado como um dos contra-argumentos que relativizam a força de generalização da Hipótese Inacusativa, pois diversos verbos de movimento inergativos - (42) a (44) - parecem aceitar bem estruturas causativas, enquanto que verbos tradicionalmente inacusativos - (45) e (46) - bloqueiam este clássico teste:

- (42) O avião voou.
- (43) Como voei o avião em Gavião Peixoto (SP), onde pista não é um problema, pareceu-me uma característica do avião.³¹
- (44) Muita gente quis voar o avião dele, mas ele não deixava qualquer pessoa fazê-lo³².
- (45) O vaso caiu.
- (46) *Sócrates caiu o vaso.

Para contornar tal empecilho, autores como Amaral (2009) tentam explicar o comportamento errático de alguns verbos de movimento com a postulação de restrições semânticas arbitrárias: os verbos de movimento, segundo Amaral (2009), seriam uma subclasse dos inacusativos que possuem um argumento locativo implícito (como em “O vaso caiu *no chão*”), sendo basicamente transitivos. Logo, tal propriedade explicaria por que resistiriam ao clássico teste da causativização.

Ferreira & Rammé (2014), contudo, resgatam trabalhos que questionam a abrangência e a eficácia de uma tal teoria, analisando simultaneamente os verbos de movimento do PB. Em seu artigo, as autoras encontram na Sintaxe de primeira fase uma hipótese mais generalizante para explicar os dados examinados. Como já mencionado, explorarei o mesmo caminho no debate da Seção 3.4.3.

Finalmente, é importante lembrar que muitos dos trabalhos que se dedicam à investigação da Hipótese Inacusativa pretendem verificar a determinação da semântica sobre a sintaxe (ou vice-versa). Como se perceberá nesta tese, dentro do quadro teórico

³¹ Fonte: <https://goo.gl/gWFc1X>. Acesso em 15 de nov. 2016.

³² Fonte: <https://goo.gl/4P3Xil>. Acesso em 15 de nov. 2016.

da Nanossintaxe, tal questão não chega a ser posta, uma vez que os níveis morfossintático e semântico são concebidos como parte de um único módulo.

Portanto, adoto a proposta de Ramchand (2008a) e assumo que, independentemente de o argumento externo ser agente ou afetado, a categoria abstrata relevante e inerente a todos os argumentos externos que podem ser encontrados na literatura é aquela de INICIADOR. Este posicionamento é igualmente justificado dentro de uma abordagem semântica que considere a relação de nosso sistema linguístico com outros sistemas cognitivos, mediado por uma Estrutura Conceitual.

No caso dos verbos de movimento, por exemplo, é sabido que tais itens codificam um evento dinâmico de deslocamento espacial ao longo de uma trajetória (TALMY, 1985, 2000). Eventos como estes envolveriam, então, uma relação de forças entre uma Figura e sua tendência à inércia ou à resistência do meio. Além disso, levando em conta as leis da física, um objeto sempre tenderia a permanecer inerte a não ser que algo o colocasse em movimento.

Paralelamente, para falarmos de tais eventos, nossa Estrutura Conceitual estaria selecionando aquelas informações do evento que são consideradas cognitivamente mais relevantes. Nesta seleção, esse “algo” que coloca o evento em movimento poderia ser codificado linguisticamente ou não. No caso de ter representação linguística, o traço relevante para expressar a relação entre este “algo” que dá início ao evento colocando o objeto em movimento e o subevento que denota o efetivo desenvolver de uma trajetória é o traço de Causa, independentemente de o INICIADOR possuir propriedades como volição, controle, etc.

Com efeito, independentemente de o verbo pertencer à classe dos transitivos ou intransitivos, inergativos ou inacusativos, é possível encontrar argumentos externos identificados como agentes, como os exemplos (47) e (51), causas indiretas, como (48), instrumentos, como (49), afetados, como (50), causas abstratas, como (52), fontes, como (49), etc. Assim, entendo que “[t]odos esses papéis temáticos são apenas instâncias do mundo real do conceito mais abstrato de causalidade”³³ (RAMCHAND, 2008a, p. 31) que é associado, na Sintaxe de primeira fase, ao subevento denominado Iniciação e ao argumento INICIADOR. Considerando isso, adoto a hipótese de que, embora “(...) agentividade possa ser relevante para o êxito [da construção] em certas circunstâncias,

³³ "All these thematic roles are just real-world instantiations of the more abstract concept of causation"
- Tradução da autora.

ela não determina diretamente pertencimento a uma classe sintaticamente relevante."³⁴ (RAMCHAND, 2008a, p. 24).

Para ilustrar este posicionamento, podemos verificar a materialização de tal hipótese nos exemplos abaixo, em que o mesmo verbo do PB (ou verbos da mesma “classe”) pode ser encontrado em construções em que o argumento externo pode ser associado aos mais variados papéis temáticos:

- (47) Joana quebrou o perfume.
- (48) A queda quebrou o perfume.
- (49) A bola quebrou o perfume.
- (50) Joana quebrou a perna/Joana cheira mal.
- (51) Joana cheirou o perfume novo.
- (52) O fantasma quebrou/derrubou o perfume.
- (53) O perfume forte me causou/deu dor de cabeça/me derrubou.

Portanto, para as propostas de decomposição aqui analisadas, admitirei que a única distinção por trás da realização sintática de sujeito está no fato de alguns verbos especificarem uma projeção que carrega o traço primitivo INICIADOR, enquanto outros não possuem esse traço em sua representação. Como podemos observar, é plausível postular que, embora exista uma distinção importante entre argumentos externos e internos, ela não está ligada estritamente ao traço [+agentivo], [+controle] (CANÇADO, 2003) ou a um protótipo de agente (DOWTY, 1991).

Deste modo, adoto a proposta de Ramchand (2008a) ao assumir que a real distinção entre esses participantes tem a ver com a relação que ambos estabelecem com o evento denotado pelo verbo. Argumentos externos, portanto, se relacionam com a subparte que produz o evento e que se liga ao evento como um todo, carregando um sentido de causação ou iniciação. Para a autora, argumentos internos se relacionariam, por outro lado, com a subparte que expressa o processo do evento, ou, em outras palavras, sua trajetória, sofrendo a mudança/transição por ela denotada. Apresentarei o argumento SOFREDOR, mais detalhadamente, na Seção 2.3.4.

Até o momento, vimos que embora a hipótese incausativa pareça apresentar uma boa saída para os dados de uma língua específica, investigações translinguísticas e

³⁴ “(...) agency might be relevant for felicity in certain circumstances, it does not directly determine syntactically relevant class membership.” - Tradução da autora.

considerações acerca do funcionamento de nossos sistemas cognitivo e conceitual demonstram que a resposta não estaria na determinação de um módulo sobre o outro (da semântica sobre a sintaxe ou vice-versa), mas na relação que os participantes de um evento estabelecem com as subpartes deste evento. Linguisticamente, então, esta relação se traduziria na capacidade de uma mesma raiz verbal poder codificar os traços relacionados a certas subpartes da estrutura de evento e não outras. Assim, enquanto argumentos externos, INICIADORES se relacionariam com a subparte que codifica a CAUSA do evento, argumentos internos, como veremos na Seção 2.3.4, estariam ligados à parte que denota o processo.

2.3.3 Revendo as “classes naturais” - Verbos de Maneira vs. Resultado

Antes de observarmos, especificamente, o status e comportamento dos argumentos internos no sistema nanossintático, vamos nos deter brevemente na revisão de outra proposta que tem ganhado força nas últimas décadas. Dentro da abordagem lexicalista, autores como Levin & Rappaport-Hovav (2008) e Levin, Beavers & Tham (2009) têm proposto que os sentidos de MANEIRA e RESULTADO são centrais para uma tipologia verbal. Por trás desta asserção estão duas hipóteses de Levin & Rappaport-Hovav (1995, 2008): (1) a primeira sugere que o sentido lexicalizado por um verbo deve se manter constante em todos os seus usos. Esta restrição teria relação, por sua vez, com um princípio de lexicalização mais amplo que limitaria a complexidade dos sentidos verbais. E (2), ao mesmo tempo, os traços de MANEIRA e de RESULTADO estão distribuídos de forma complementar em raízes verbais, i.e., um verbo pode lexicalizar somente um destes componentes de significado.

Do mesmo modo que na presente tese, as autoras acima sugerem que os significados verbais podem ser representados na forma de uma decomposição de predicado. Para Levin & Rappaport-Hovav, esta decomposição deve consistir, por sua vez, de dois componentes: (a) um primeiro que se configura em um esquema de eventos, representando um tipo de evento; e (b), um outro componente, chamado de raiz, que é “caracterizado por uma categorização ontológica, escolhida de um conjunto determinado de tipos (por exemplo, estado resultante, coisa, contenedor, maneira, instrumento)” (LEVIN & RAPPAPORT-HOVAV, 2008, p. 2). Assim, é a categorização da raiz que determina como ela pode ser integrada em um esquema de evento.

A partir destes pressupostos, as autoras desenvolvem a argumentação seguinte. Raízes podem ser integradas em esquemas de eventos na posição de modificadores,

como em (54), ou na posição de argumentos, como em (55), i.e., em posições argumentais distintas:

(54) [x ACT <MANEIRA>] : correr, caminhar, nadar, etc.

(55) [x BECOME <ESTADO>] : florescer, decair, enferrujar, etc.

Portanto, verbos que lexicalizam o sentido de MANEIRA podem modificar a função ACT (Ação). Paralelamente, raízes que codificam RESULTADO são argumentos da função BECOME (Tornar-se/Resultado). Tendo em vista que uma única raiz não poderia lexicalizar o sentido de MANEIRA, na posição de modificador de ACT, e o sentido de RESULTADO, na posição de argumento de BECOME, em um único esquema de eventos, conclui-se que um mesmo verbo não pode codificar ambos os sentidos.

É importante destacar, antes de observarmos alguns contraexemplos para esta hipótese, que as autoras fazem uma observação importante em relação à especificidade da hipótese: “a complementaridade maneira/resultado não é uma restrição sobre o que pode ser expresso em um SV. Em inglês, quando um verbo lexicaliza maneira ou resultado, o outro sentido pode ser expresso fora do verbo.” Assim, “um verbo de maneira pode se combinar com um SX de resultado (“Pat wiped the table clean”)” e “um verbo de resultado pode ser acompanhado de um SX adverbial que expressa maneira (“Pat cleaned the table by wiping it”)”³⁵ (LEVIN & RAPPAPORT-HOVAV, 2008, p. 3).

No caso dos verbos de movimento, as autoras sugerem que os verbos de movimento direcionado expressam uma mudança escalar, da mesma forma que verbos de mudança de estado. Assim, tais verbos nunca seriam capazes de lexicalizar, ao mesmo tempo, o sentido de MANEIRA, conformando esse grupo ao princípio da complementariedade. Há, contudo, muitos verbos que parecem ser contraexemplos para o princípio apresentado acima. Levin, Beavers & Tham (2009) exploram alguns deles e acabam concluindo que determinados itens, por causa de seus usos mais prototípicos, acabam sendo pragmaticamente associados a um sentido de maneira ou de resultado distinto do sentido que sua raiz lexicaliza. Por exemplo, o verbo ‘cortar’, na grande maioria de seus usos, se comporta como um verbo de resultado. Um teste comum para

³⁵ “Manner/result complementarity is not a constraint on what can be expressed in a VP; in English when a verb lexicalizes one of manner or result, the other can be expressed outside the verb.

(12) a. A manner verb can combine with a result XP:

Pat wiped the table clean.

b. A result verb can be accompanied by an adverbial XP expressing manner:

Pat cleaned the table by wiping it.” - T.A.

classificá-lo como tal é sua incapacidade em entrar em construções anticausativas:

- (56) O garçom cortou o bolo vs. *O bolo cortou
 (57) O garçom quebrou o copo vs. O copo quebrou

Ao mesmo tempo, porém, ‘cortar’ é uma ação fortemente associada a uma determinada maneira de manusear um objeto cortante. Deste modo, este item lexical também pode ser recrutado, às vezes, para codificar MANEIRA (exemplo retirado de Levin & Rappaport-Hovav (2008, p. 5)):

- (58) ... (I thought to myself as) **I cut at the rope** with my knife...
 ... **I[1ps] cut[cortar-I-MAN] at[em-LUGAR] the rope[a corda]** with my
 knife [com minha faca]...
 ... *Eu pensava comigo mesmo enquanto fazia cortes na corda com
 minha faca...*

O importante, nestes casos, é a seguinte constatação: nos usos em que codifica o sentido de MANEIRA, o sentido de RESULTADO é automaticamente apagado. No exemplo acima, ‘cut at the rope’ não acarreta que a corda foi partida ou completamente cortada. Portanto, o verbo ‘cortar’ pode lexicalizar, em alguns usos, o sentido de MANEIRA e, quando este é o caso, o sentido de RESULTADO deixa de ser acarretado, garantido, assim, que o princípio da distribuição complementar seja respeitado.

Se olharmos para os verbos de movimento, também encontramos neste grupo supostos contraexemplos para a complementariedade maneira/resultado. O verbo ‘escalar’ é um deles. Segundo Levin & Rappaport-Hovav (2008), este verbo pode ser usado para expressar dois tipos de sentido. Em um primeiro caso, ‘escalar’ pode significar a realização de um movimento em sentido ascendente, como em (59). Em outra situação, pode expressar um movimento de deslocamento em que se usa os pés e as mãos, independentemente da direção, como em (60).

- (59) ... passamos o procedimento de ascensão por corda no Abrigo e depois **escalamos a pedra do Pântano**.
 (60) Pulamos de lá de cima e aterrissamos em uma árvore e depois **descemos escalando** devagar e quando senti meu pé no chão saí correndo...

É possível perceber, como sugerido, que ‘escalar a pedra’ não necessariamente

implica uma maneira específica. O grupo pode ter simplesmente subido a pedra caminhado. Aliás, ‘escalar’, em muitos destes usos, pode ser sinônimo de ‘subir’. Paralelamente, os usos de ‘escalar’ que codificam uma maneira específica parecem não acarretar movimento direcionado. Uma evidência clara para isso está no fato de a direção, em (60), ser codificada em um verbo diferente. Levin & Rappaport-Hovav (2008) concluem, assim, que da mesma forma que o verbo ‘cortar’, o verbo ‘escalar’ não apresenta usos que possam codificar MANEIRA e RESULTADO ao mesmo tempo. Consequentemente, o princípio da complementariedade permanece inviolado.

Levin & Rappaport-Hovav (2008) sugerem, então, que ‘escalar’ codifica somente o sentido de MANEIRA. Para motivar esta ideia, as autoras argumentam que os usos de ‘escalar’ em que a direcionalidade ascendente está envolvida abarcam objetos-Fundo de natureza vertical, cujo ponto final é entendido como seu topo ou ponto mais alto. Levando em conta esta natureza e a intencionalidade dos agentes que escalam, chega-se pragmaticamente ao sentido de direção para cima. Porém, em muitos contextos, escalar também envolve movimento lateral ou para baixo, e a atividade não deixa de ser uma escalada. Da mesma forma, argumentam as autoras, quando o lugar-Fundo é entendido como sendo uma barreira, a trajetória passa a ser entendida como uma ROTA, como em (61), e não mais como um ALVO:

(61) Não demorou muito pra gente **escalar o muro**, subir na árvore e encher nossos sacos plásticos.

Outra evidência importante é o nominal ‘escalada’. Quando utilizamos esse nominal, não estamos nos referindo, necessariamente, ao alcance do topo de algum objeto. Muito frequentemente, ‘fazer escalada’ se refere à ação de subir e descer paredes ou pedras usando as mãos e os pés, independentemente da direção ou do ponto final. Esta distinção no sentido codificado pelo nominal sugere, segundo as autoras, que o traço central para o verbo em questão é o de MANEIRA. Nominais de verbos de resultado sempre lexicalizariam o sentido de RESULTADO: ‘corte’, ‘queimadura’, ‘ida’, etc.

Para as autoras, essas observações suportam a proposta de que a complementariedade maneira/resultado nunca é violada nos usos particulares de uma mesma raiz. Além disso, elas também sugerem que fatores pragmáticos, como a natureza do objeto-Fundo têm um papel central na seleção de que sentido, MANEIRA ou

RESULTADO, deve estar envolvido na interpretação do verbo que está sendo usado em um determinado esquema de eventos.

Antes de continuarmos, acredito ser importante mencionar que, para Jackendoff (1990), o verbo ‘escalar’ é um exemplo central de como seu Sistema de Regras de Preferência opera. Segundo o autor, este item lexical pode sim codificar os dois sentidos, MANEIRA e DIREÇÃO/RESULTADO. Assim, seus usos podem focar nos dois sentidos, em um ou em outro especificamente, mas nunca excluir ambos:

- (62) a. Bill climbed_{MANEIRA(-RESULTADO)} (up_{RESULTADO}) the mountain.
 Bill[3ps] climbed[escalar-P-MAN(RES)] up[até em cima-TRAJ-RES] the mountain[a montanha]
Bill escalou a montanha/subiu a montanha escalando.
- b. Bill climbed_{MANEIRA} down_{RESULTADO} the mountain.
 Bill[3ps] climbed[escalar-P-MAN] down[até embaixo-TRAJ-RES] the mountain[a montanha]
Bill desceu a montanha escalando.
- c. The snake climbed_{MANEIRA(-RESULTADO)} (up_{RESULTADO}) the tree.
 The snake[a cobra-3ps] climbed[escalar-P-MAN(RES)] up[até em cima-TRAJ-RES] the tree[a árvore]
*A cobra escalou a árvore/*subiu a árvore escalando.*
- d. ?*The snake climbed_{MANEIRA} down_{RESULTADO} the tree.³⁶
 The snake[a cobra-3ps] climbed[escalar-P-MAN] down[até embaixo-TRAJ-RES] the tree[a árvore]
 *A cobra desceu a árvore escalando.

Nas traduções dos exemplos de Jackendoff (1990) podemos ter uma ideia de como esse princípio estaria se materializando no PB. Note que, mesmo quando a direcionalidade do evento não é violada, como na primeira versão da tradução de (c), “A cobra escalou a árvore”, se o verbo ‘escalar’ é usado em uma perífrase para especificar a maneira do movimento, como em “*A cobra subiu a árvore escalando”, seu uso é bloqueado. Na minha interpretação, esse fenômeno pode ser visto como uma evidência de que o traço MANEIRA não é central para a estrutura do sentido SV com que o verbo

³⁶ Exemplos retirados de Jackendoff (1990, p. 35).

pode se combinar, e que está codificado nas raízes verbais.

O conceito central para a interpretação dos usos do verbo 'escalar' encontra-se no fato de este codificar a estrutura PROC-TRAJ, como veremos na Seção 2.3.4. Esta estrutura permitirá, ao mesmo tempo, que o evento de escalar seja entendido como um processo realizado de uma determinada forma, que se harmoniza com seu sentido enciclopédico, e ao mesmo tempo, com uma determinada trajetória. O traço conceitual de MANEIRA, por sua vez, pode funcionar como um modificador de PROC e parece impor restrições importantes sobre o licenciamento de determinados eventos. Como, nesta tese, estou olhando especificamente para as estruturas dos VPs e dos verbos envolvidos na expressão do movimento espacial, deixarei a investigação deste traço para trabalhos posteriores.

Voltando à tese de L&R-H (2008), é importante destacar que as autoras conseguiram manter seu princípio de complementariedade maneira/resultado constante ao jogar para o nível pragmático a habilidade que certas raízes têm de licenciar usos que não envolvem seu sentido lexical mais básico, aquele que, segundo o princípio da lexicalização, deve ser único e sempre permanecer constante.

Para Levin, Beavers & Tham (2009), são precisamente questões pragmáticas, aliadas à distribuição maneira/resultado, que estão envolvidas no licenciamento de preposições locativas para introduzir o lugar-Alvo do movimento. Segundo os autores, esse fenômeno é atestado translinguisticamente, com verbos de movimento direcionado e, mais raramente, com verbos de maneira de movimento. Duas ideias são centrais para o seu trabalho. Primeiramente, sugere-se que esta distinção maneira/resultado não deve servir para uma classificação tipológica de línguas, mas funciona como separadora de classes verbais. Ou seja, raízes de maneira ou de resultado são encontradas em todas as línguas e estas variam somente no tamanho do inventário e especificidade de suas raízes. Em segundo lugar, o inventário de preposições de uma língua é fundamental para o licenciamento deste fenômeno.

Vale destacar, antes de continuar, que exatamente esta constatação é feita dentro do quadro teórico da Nanossintaxe. As línguas variam na medida que seus itens lexicais - verbos e preposições, no nosso caso - carregam diferentes configurações estruturais. Assim, como os autores acima sugerem, devemos buscar um tratamento que não seja específico de uma língua, mas que consiga explicar, em diferentes tipos de línguas, o comportamento de verbos de maneira de movimento e de verbos de movimento direcionado.

Voltando à proposta de Levin, Beavers & Tham (2009), os autores sugerem que, translinguisticamente, raízes de verbos de movimento que codificam um resultado, ou seja, que acarretam deslocamento de uma localização a outra, favorecem o uso de preposições locativas que, nestes casos, receberão uma interpretação de ALVO. Ao mesmo tempo, verbos de maneira de movimento que não acarretam deslocamento ('dançar', 'rodar', 'sambar', etc), bloqueiam sistematicamente o uso de preposições que codificam o sentido de ALVO.

O problema se encontra, como já observamos, naqueles verbos que parecem codificar a MANEIRA do movimento e, ao mesmo tempo, algum sentido de deslocamento: 'correr', 'caminhar', 'nadar', etc. Assim, baseando-se em trabalhos como os de Folli & Ramchand (2005), Fábregas (2008) e Kopecka (2009), Levin, Beavers & Tham (2009) propõem que questões pragmáticas aliadas às especificidades do inventário de preposições de uma determinada língua podem licenciar a mudança de sentido, em usos particulares, destas raízes, como acontece com os verbos 'cortar' e 'escalar'.

Especificamente para o inglês, Levin, Beavers & Tham (2009) usam os trabalhos de Nikitina (2008) e Beavers (2008) para sugerir que a temporalidade do evento e propriedades do lugar-Fundo selecionado pela preposição têm um papel central na interpretação de maneira vs. resultado. Segundo os autores, preposições como 'in' selecionam localizações que podem ser interpretadas como recipientes. Assim, levando-se em conta as características de recipientes em geral, torna-se mais fácil assumir que a localização introduzida possui limites que, no caso dos verbos de movimento, podem ser entendidos como o ponto final ou ALVO do movimento. Deste modo, concluem os autores, as propriedades do Fundo e os sentidos específicos das preposições de uma determinada língua podem licenciar uma mudança pragmática na interpretação do sentido da raiz, que passa de verbo de maneira para verbo de resultado.

Dentro da Nanossintaxe, chegamos a uma conclusão parecida. Entretanto, conseguimos explicar, estruturalmente, como este uso aparentemente excêntrico é licenciado pela forma da própria entrada lexical. Assim, não deixamos para o nível pragmático o trabalho completo de recrutar raízes para usos alternativos. No caso da Nanossintaxe, são os argumentos PATH (FÁBREGAS, 2008; RAMCHAND, 2008a) que licenciarão a sobreposição da interpretação da natureza do argumento de Trajetória com o evento denotado pelo verbo (Exploraremos este argumento na Seção 2.3.4). Neste sentido, torna-se possível explicar por que somente alguns verbos de movimento

apresentam o comportamento de ‘escalar’ e por que esta habilidade pragmática não é tão irrestrita como poderia ser. E mais do que isso, conseguimos entender por que somente verbos de MANEIRA podem ser interpretados como RESULTADO, quando o inverso nunca é licenciado.

De toda forma, deixando-se de lado o posicionamento lexicalista da distinção maneira/resultado, os apontamentos de Levin, Beavers & Tham (2009) parecem corroborar, de forma independente, uma proposta central da Nanossintaxe assumida nesta tese: nenhuma classificação dos verbos de movimento em relação à sua habilidade de introduzir ou não ALVO de movimento com preposições locativas pode ser categórica. Essa possibilidade depende, centralmente, do inventário de verbos e preposições de uma determinada língua.

A diferença central entre a presente proposta e aquela delineada nesta Seção se encontra na adoção ou não da hipótese que raízes verbais se distribuem de forma complementar, entre aquelas que codificam MANEIRA e aquelas que codificam RESULTADO. Como veremos ao longo deste Capítulo e no Capítulo 3, o traço de MANEIRA não é central para a Sintaxe de primeira fase. Na presente proposta, a distinção central para explicar os usos aparentemente excêntricos dos verbos de maneira de movimento e dos verbos de movimento direcionado se encontra na sua estrutura: alguns deles codificam somente o traço de PROCESSO, outros codificam os traços PROCESSO-TRAJETÓRIA, e outros ainda codificam a estrutura PROCESSO-RESULTADO. Voltaremos a esta discussão nas próximas Seções e, mais especificamente, no Capítulo 3.

2.3.4 Argumentos Internos e seus papéis

Como já vimos, embora os argumentos internos também tenham inspirado, na literatura, a investigação sobre uma longa lista de papéis temáticos (o termo temático, efetivamente, vem de ‘tema’, papel tradicionalmente associado ao argumento interno), é preciso admitir que ainda não se encontrou um consenso sobre o exato número destes ou sobre sua relação direta com as restrições sintático-semânticas observadas translinguisticamente em diferentes trabalhos. Deste modo, assim como no caso do argumento externo, a Sintaxe de primeira fase busca expor o primitivo conceitual que de fato represente um papel ao mesmo tempo mais abstrato e abarcante, no sentido de ter relevância teórica e permitir comprovação empírica.

Após análise translinguística minuciosa, Ramchand (2008a, p. 28) estipula que o conceito crucial unificando os argumentos internos parece estar diretamente ligado a “(...) algum tipo de mudança/transição identificável, (...) seja com respeito à sua localização, ao seu estado, ou ao seu volume”³⁷. Colocado de forma simples, pode-se definir que um SD é um bom argumento interno, em oposição aos argumentos externos discutidos nas Seções 2.3.1 e 2.3.2, se for passível de sofrer algum tipo de mudança, entendida de uma forma bastante compreensiva, seja com respeito ao seu estado, à sua localização, à sua orientação, às suas propriedades, etc:

- (63) Joana quebrou o vidro.
- (64) Joana derrubou o vaso.
- (65) Joana jogou a bola contra a janela.
- (66) Joana empurrou a bicicleta até a entrada.
- (67) Joana esquentou a mamadeira.

Para unificar tal conceito, Ramchand adota a noção de SOFREDOR de Van Valin (1990 *apud* RAMCHAND, 2008a). Em termos nanossintáticos, isso significa dizer que um verbo seria capaz de introduzir um argumento interno se codificasse este traço como argumento do subevento PROCESSO. Contudo, um parêntese importante se faz necessário. Segundo a autora, porém, é preciso deixar clara a separação das noções de mudança e de resultado. Embora essa classe de argumentos internos se relacione diretamente com a ideia de mudança, essa relação não implica um resultado ou ponto final.

O que Ramchand (2008a) observa é que esta confusão pode ser consequência do comportamento de certas classes naturais clássicas. De fato, os argumentos de algumas classes de verbos, como os verbos de consumação/ingestão, parecem transferir algum traço de limite para o evento (BORER, 2005). O que Ramchand questiona, então, é a generalização de que toda a classe de argumentos SOFREDORES esteja submetida a este princípio. Como a autora bem nota, o que parece estar em jogo nos casos de conexão direta entre a propriedade finita dos objetos em questão e aqueles verbos que parecem denotar telicidade é a noção de trajetória delimitada, conceito este que perpassa o domínio espacial para campos mais abstratos de outros domínios linguísticos

³⁷ “ (...) some sort of identifiable change/transition, (...) whether it is with respect to its location, its state, or its ullage” - Tradução da autora.

e cognitivos (JACKENDOFF, 1983). Nos pares abaixo, podemos ver ilustrada a distinção entre construções que codificam um processo de mudança delimitado - exemplos (b) -, ou um processo de mudança sem limites explícitos - exemplos (a):

- (68) a. Joana correu na Trilha da Ilha.
b. Joana correu a Trilha da Ilha.
- (69) a. Joana comeu do bolo.
b. Joana comeu o bolo.
- (70) a. Joana queimou o livro.
b. Joana leu o livro.

Levando estas observações em consideração, Ramchand (2008a) entende ser necessário que distingamos entre objetos que viajem através de alguma trajetória ou escala implícita de mudança e aqueles que, por si só, definem a trajetória da mudança. Para tal, a autora postula outra classe de argumentos internos que carregariam o traço TRAJETÓRIA. Com efeito, Hay, Kennedy & Levin (1999 *apud* RAMCHAND, 2008a, p. 30) apontam que

[o] caso dos verbos de criação/consumo é simplesmente um caso especial de algum atributo do objeto contribuindo a escala de medição que é homomórfica com o evento. Esta propriedade é compartilhada por todos as Trajetórias, sejam elas derivadas a partir do objeto, como no caso dos verbos de criação/consumo, sejam elas advindas de escala que pode ser inferida a partir de um adjetivo de grau ou uma Trajetória física mais óbvia como aquela contribuída de forma explícita por um SP com um verbo de movimento.³⁸ (HAY, KENNEDY & LEVIN, 1999 *apud* RAMCHAND, 2008a, p. 30)

Podemos verificar esse fenômeno no PB, através da observação de que determinados verbos de movimento, mesmo aparentemente possuindo argumentos internos, têm especificado na sua estrutura que um dos tipos de argumento que selecionam é um argumento TRAJETÓRIA e não um SOFREDOR. Abaixo, temos um exemplo do verbo 'nadar' tomando como seu complemento um argumento TRAJETÓRIA, (72), expresso sintaticamente pelo SD 'a prova'. Note-se que, em geral, este verbo boqueia a realização de argumentos SOFREDORES, que tradicionalmente se realizam como SDs em posição de objeto direto. Por outro lado, nos exemplos (73) e (74), temos

³⁸ "The case of creation/consumption verbs is simply a special case of some attribute of the object contributing the measuring scale that is homomorphic with the event. This property is shared by all Paths, whether they are derived from the object as in the case of creation/consumption, whether they come from the scale that can be inferred from a gradable adjective or whether it is a more obvious physical Path as contributed explicitly by a PP with a motion verb". - T.A

um verbo que aceita tanto argumentos SOFREDORES quanto TRAJETÓRIAS. Exatamente por este motivo, podemos verificar que ambos se distinguem na sua distribuição, em (75):

- (71) *Joana nadou a criança_{SOFREDOR}
- (72) Joana nadou a prova_{TRAJETÓRIA}
- (73) Joana rolou a bola_{SOFREDOR}
- (74) Joana rolou para Marta_{TRAJETÓRIA}
- (75) Joana rolou a bola_{SOFREDOR} para Marta_{TRAJETÓRIA}

O que esta distinção nos aponta, para além da necessidade dos dois papéis, é a assimetria de ambos em relação ao evento. Ramchand (2008a) propõe que a noção central para esta separação estaria na assimetria já bastante difundida das noções de Tema e Rema, ou de Figura e Fundo (TALMY, 2000). O papel de SOFREDOR seria reservado para aqueles participantes que estão internamente envolvidos na trajetória do evento: o que tradicionalmente é chamado de Tema. Por outro lado, trajetórias e estados estariam em uma posição estrutural diferente. Argumentos TRAJETÓRIA, desta forma, seriam complementos modificadores da fase de processo, mas nunca seus especificadores.

- (76) O governo_{INICIADOR} subiu_{INIC-PROC-TRAJ} o preço da gasolina_{SOFREDOR} uns 10%_{TRAJETÓRIA}

E é justamente por este motivo que, efetivamente, podemos produtivamente construir sentenças em que ambos estejam presentes. Deixo mais um exemplo abaixo, com as respectivas etiquetas:

- (77) Joana_{INICIADOR-SOFREDOR} nadou_{INIC-PROC-TRAJ} a prova_{TRAJETÓRIA}

Outra classe de argumentos-remas que têm um papel central na classificação verbal apresentada aqui é a própria classe dos REMA, que estariam complementando a posição do INICIADOR ou do RESULTANTE, agregando à estrutura de eventos informações como a propriedade de um estado resultante, por exemplo. Apresentarei este grupo na próxima subseção.

Por hora, espero ter levantado um número interessante de argumentos para convencer o(a) leitor(a) de que “[o]s efeitos de telicidade na classe dos verbos de

criação/consumo com objetos quantizados [é um] acarretamento semântico e não está codificado na determinação lexical do verbo ou em seus reflexos sintáticos”³⁹ (RAMCHAND, 2008a, p. 31), fato que justifica a postulação de um traço primitivo TRAJETÓRIA ao lado de um primitivo SOFREDOR codificados dentro de determinadas raízes verbais. No Capítulo 3, Seção 3.2, veremos como esta é uma noção central para entender o comportamento dos verbos de movimento.

Finalmente, é importante enfatizar que a argumentação acima sobre a distinção entre telicidade e quantificação do objeto também é imperativa para a discussão que será desenvolvida na continuidade: embora muitos casos de telicidade sejam um acarretamento semântico da relação e do tipo de objeto com o tipo de processo denotado pelo verbo, ainda existem verbos que, sim, determinam, para além da noção de processo, uma noção de resultado ou limite que independe do objeto. Por este motivo, a ontologia aqui apresentada também incluirá o que Ramchand chama de RESULTANTE.

Vale a pena destacar, contudo, antes de avançarmos para a análise dos argumentos resultativos envolvidos nas estruturas de evento aqui decompostas, uma última posição adotada nesta tese em relação aos itens verbais. Estou assumindo que os argumentos locativos e direcionais de determinados verbos de movimento são, efetivamente, argumentos TRAJETÓRIA, e não adjuntos.

Embora os testes para estipulação de complementos oblíquos em posição de argumento, por um lado, e adjunto, por outro, apresentem problemas, veremos que, no caso dos verbos de movimento, eles ajudam a prever a existência de um traço TRAJETÓRIA (associado a conceitos mais finos como ALVO e LUGAR) na raiz verbal que permitirá explicar diversos dados. Assim, mesmo admitindo que a distinção adjunto-argumento não seja tão categórica como tradicionalmente aceito (e os testes, efetivamente, demonstram isso), reproduzo abaixo o teste proposto por Fábregas (2007): o uso de uma pró-forma verbal como “faz isso/o faz” (“do it”, em inglês e “lo hace”, em espanhol) pode co-ocorrer com adjuntos, como no exemplo (78)a-b, enquanto que bloqueia sistematicamente argumentos, como em (78)c-d:

- (78) a. Joana dançou no jardim, e Ana fez isso na calçada.
 b. Joana compôs uma música para Nina, e Alice fez isso para Simone.
 c. Joana correu para o jardim, e Ana fez isso *para/*até a rua.

³⁹ "The telicity effects in the class of creation/consumption verbs with quantized objects [is a] semantic entailment and not encoded in the lexical determination of the verb or its syntactic reflexes." - T.A.

d. Joana vendeu um livro para Alice, e Nina fez isso *para Simone.

Se passarmos à análise dos verbos até aqui analisados, chegamos ao Quadro 1:

- (79) Joana foi para o/no jardim, e Ana fez isso *para/*até a rua.
 (80) Joana subiu para o/no quarto, e Ana fez isso *para/*até a sala.
 (81) Joana entrou em casa, e Ana fez isso *para/*até a rua.
 (82) a. Joana correu para o jardim, e Ana fez isso *para/*até a rua.
 b. Joana correu na praia, e Ana fez isso no parque.
 (83) a. Joana caminhou para a praia, e Ana fez isso *para/*até a rua.
 b. Joana caminhou na praia, e Ana fez isso no parque.

Em suma:

Verbo:	'ir'	'subir'	'entrar'	'correr'	'caminhar'
SP é argumento:	✓	✓	✓	Alvo ✓	Alvo ✓
				Lugar ✗	Lugar ✗

Quadro 1: SPs argumentos internos

A classificação acima nos permite, desta forma, confirmar que as entradas lexicais dos itens 'ir', 'subir', 'entrar', 'correr' e 'caminhar' podem codificar tanto o traço que seleciona um argumento SOFREDOR, relacionado com o subevento de Processo, quanto um argumento TRAJETÓRIA, relacionado com o subevento de Trajetória. Veremos, no Capítulo 6, que este fato tem consequências bastante interessantes para a compreensão da variação e da mudança observadas nos verbos de movimento do PB.

2.3.5 Argumentos Resultantes e seus papéis

Como vimos anteriormente, uma outra proposta de classificação verbal bastante difundida e aceita é a hipótese (de cunho lexicalista) de que itens lexicais já carregam em suas entradas a denotação de um estado resultante ou ponto final. Desde o trabalho de Vendler (1968) no campo do aspecto verbal, muitos autores têm se dedicado à investigação desta aparente habilidade natural que determinados verbos, ou classes de verbos, têm de resistir a construções que implicam telicidade ou atelicidade (exemplos b. abaixo, respectivamente):

- (84) a. Joana pintou durante duas horas.
 b. *Joana pintou em duas horas.
- (85) a. Joana chegou em 20 minutos.
 b. *Joana chegou durante 20 minutos.

Bertinetto (2001), por exemplo, propõe que tais classes estariam aglomerando itens lexicais que codificam o mesmo conjunto de propriedades dos eventos em questão, representadas aqui na forma de traços associados às noções de duratividade, dinamicidade e homogeneidade. Estes traços, assim, carregariam informações centrais para a compreensão da temporalidade interna do evento denotado pelo verbo. Sua distribuição poderia ser ilustrada no quadro abaixo:

	Durativo	Dinâmico	Homogêneo
Estados	+	-	+
Atividades	+	+	+
<i>Achievements</i>	-	+	-
<i>Accomplishments</i>	+	+	-

Quadro 2: Classificação aspectual de Bertinetto (2001)

Dentre os traços acima, segundo o autor, a noção de homogeneidade “se refere à falta de um limite do evento inerente, interno”⁴⁰ (BERTINETTO, 2001, pg. 3). Em seu tratado, este traço se mostra crucial para distinguir as duas primeiras classes das restantes. Assim, verbos de Estado e de Atividade estariam codificando eventos atéticos que possuem “(...) a propriedade do ‘sub-intervalo’, a qual quer dizer que se um evento *f* ocorre em um intervalo *I*, *f* também ocorre em qualquer subintervalo relevante de *I*”.⁴¹ (BERTINETTO, 2001, pg. 3).

Ao mesmo tempo, verbos *Achievement* e *Accomplishment* codificariam eventos que distinguem pelo menos dois intervalos distintos. Nas palavras de Jackendoff (1990), esta característica seria interpretada conceitualmente da seguinte forma: o item lexical ‘correr’ vai selecionar qualquer subparte do evento de correr, enquanto que um item como ‘construir’, para ser usado com sucesso, precisa selecionar a subparte final do evento.

⁴⁰ “(...) refers to the lack of an inherent, internal boundary of the event.” - (T.A.)

⁴¹ “(...) the ‘sub-interval’ property, by which it is meant that if event *f* occurs at interval *I*, *f* also occurs at any relevant sub-interval of *I*.” - (T.A.)

Neste último caso, como se pode notar, a noção de intervalo se torna central. Ainda segundo Bertinetto, este conceito pode ser interpretado como a sequência mínima de gestos ou de estados que instanciem aquele evento. A esta sequência mínima de gestos ou estados o autor chama de “átomo”. Deste modo, os átomos que compõem um Estado são todos virtualmente os mesmos átomos estativos. Paralelamente, Atividades seriam construídas a partir de átomos dinâmicos. Finalmente, *Achievements* e *Accomplishments* seriam compostos por átomos dinâmicos seguidos de átomos estativos. Sua única diferença estaria na duração de sua parte dinâmica.

Para a Sintaxe de primeira fase, igualmente, a distinção entre um subevento dinâmico e um subevento estativo resultante deste é crucial. Dentro da presente proposta, a parte dinâmica do evento (que reúne os átomos dinâmicos) poderia ser associada ao subevento Processo, enquanto que a parte estativa resultante deste estaria associada ao subevento Resultado. Determinadas raízes verbais codificariam, assim, ambos os subeventos (‘enter_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AX}’, do inglês, por exemplo), enquanto que em outros casos itens distintos poderiam se especializar em codificar somente um deles (‘go_{INIC-PROC-RES inLUGAR-AX}’, do inglês, por exemplo).

Segundo Ramchand (2008a), um outro argumento importante para a noção de Resultado como um átomo/subevento distintamente identificável é a evidência de que, embora um mesmo argumento possa, em muitos casos, estar relacionado aos subeventos Processo e ao Resultado, há de fato indícios que apontam para a possível distinção entre ambos. No caso, uma prova de tal configuração seria a existência de modificadores que selecionam somente o estado final de um processo e que somente podem ser acrescentados à estrutura de verbos que lexicalizam, efetivamente, o traço RESULTADO (projeção ResP na Hierarquia Funcional), como no caso das construções resultativas:

- (86) Joana_{INCD} wiped_{INIC-PROC-RES} the table_{SOF-REST} clean_{REST-REMA}.
 Joana[3ps] wiped[limpar com pano úmido-P] the table[a mesa]
 clean[limpa]
 Joana_{INCD} limpou_{INIC-PROC-RES} a mesa_{SOF-REST} bem limpinho_{REST-REMA}

Da mesma maneira, acarretamentos semânticos de determinadas construções parecem operar sobre um subevento e não outro: por exemplo, quando dizemos que “Joana está correndo”, podemos assumir tranquilamente que “Joana já correu”

(desenvolveu alguma parte do processo de correr). Ao contrário, quando se diz “Joana está limpando a mesa”, não podemos assumir que “Joana já limpou a mesa”, porque a culminação do evento ou seu resultado final (a mesa estar limpa), ao serem interpretados de forma composicional, foram suspensos pelo uso do gerúndio, que somente foca na fase de processo. Para entender, então, como essas subpartes e argumentos se relacionam entre si, voltaremos a observar detalhadamente, na Seção 3.2, a estrutura dos verbos de movimento do PB dentro da Sintaxe de primeira fase.

2.4 O PODER EXPLICATIVO DA SEMÂNTICA CONCEITUAL

Nesta seção, apresentarei em linhas gerais como os traços e os conceitos apresentados até aqui são tratados na proposta conhecida como Semântica Conceitual (Jackendoff, 1990), apontando sua possível conciliação com a proposta Nanossintática. Acredito que esta teoria possa nos auxiliar a entender a caótica, mas estreita relação entre sintaxe e semântica que foi observada no debate levantado nas últimas seções e que, muitas vezes, é levada em conta quando se postula a existência de “classes naturais” de verbos. Entendo esta relação sintático-semântica na linha do que sugere Ramchand (2008a): para a autora, construções têm significado porque são “sistematicamente construídas como parte de um sistema gerativo (forma sintática) que tem correlatos de significado previsíveis.”⁴² (RAMCHAND, 2008a, p. 18).

Da forma como vejo, este relacionamento direto e previsível pode ser interpretado, dentro da Nanossintaxe, como materialização da relação simbiótica dos módulos sintático e semântico-conceitual convertidos em um só nível. Assim, o nível semântico não é visto como um módulo exclusivamente interpretativo, mas contribui com as peças fundamentais para o trabalho do maquinário gerativo. Segundo Jackendoff (1983, 1990), essas peças fundamentais não são do tipo lógico

(...) como constantes, variáveis, predicados e quantificadores, que não tem nada em comum um com o outro, (...) [ao contrário,] as unidades essenciais da Estrutura Conceitual são *constituintes conceituais* [grifo do autor], cada um pertence a uma das principais categorias ontológicas (ou “partes do discurso” conceituais), como Coisa, Evento, Estado, Ação, Lugar, Trajetória, Propriedade e Quantidade. Elas são obviamente muito diferentes umas das outras em relação ao tipo de referência que elas selecionam, porém, formalmente, elas tem muito em comum.⁴³ (JACKENDOFF, 1990, p. 22-23)

⁴² “(...) systematically constructed as part of a generative system (syntactic form) that has predictable meaning correlates.” - (T.A.)

⁴³ “Instead of a division of formal entities into such familiar logical types as constants, variables, predicates, and quantifiers, each of which has nothing in common with the others, it is argued that the

O paralelo existente entre a estrutura sintática e a estrutura semântico-conceitual permite, então, o desenvolvimento de uma proposta que ele define como “Semântica X’barra”⁴⁴. O autor chega a este posicionamento a partir da observação de, pelo menos, seis pontos de convergência entre a forma sintática e a forma semântica:

1. Cada constituinte maior de uma sentença mapeia para um constituinte conceitual no sentido da sentença. Por exemplo, em *John correu em direção da casa*, *John* e *a casa* correspondem a constituintes-Coisa, o *SP toward the house* corresponde a um constituinte-Trajatória, e a sentença como um todo corresponde a um constituinte-Evento.⁴⁵
2. Cada categoria conceitual aceita a codificação de unidades não só na base de input linguístico, senão também a partir de input do ambiente visual (ou sensorial).⁴⁶ [Assim, por exemplo “Ó lá seu boné” faz referência a um constituinte-Lugar.]
bal⁴⁷
3. Muitas das categorias aceitam a distinção type-token.
4. Muitas categorias aceitam quantificação:
Todo dinossauro tinha um cérebro (Coisa)
Tudo que você faz eu faço também (Ação)
Todo lugar que você vai eu vou também (Lugar)⁴⁸
5. Cada categoria tem algumas realizações em que é decomposta para uma estrutura de função-argumento; cada argumento é, por sua vez, um constituinte de alguma das principais categorias.⁴⁹
6. A Estrutura Conceitual de um item lexical é uma entidade com zero ou mais posições de argumento em aberto. Os significados dos complementos sintáticos do item lexical completam os valores do argumento do item para o significado da sentença.⁵⁰

Em termos nanossintáticos, os ponto 5. e 6. podem nos ajudar a esclarecer a relação entre as projeções que representam os subeventos codificados nas raízes

essential units of conceptual structure are conceptual constituents, each of which belongs to one of a small set of major ontological categories (or conceptual "parts of speech") such as Thing, Event, State, Action, Lugar, Path, Property, and Amount. These are obviously all quite different in the kind of reference they pick out, but formally (algebraically) they have a great deal in common." - (T.A.)

⁴⁴ “X’bar Semantics” - T.A.

⁴⁵ “1. Each major syntactic constituent of a sentence (excluding contentless constituents such as epenthetic it and there) maps into a conceptual constituent in the meaning of the sentence. For example, in *John ran toward the house*, *John* and *the house* correspond to Thing-constituents, the *PP toward the house* corresponds to a Path-constituent, and the entire sentence corresponds to an Event-constituent.” - (T.A.)

⁴⁶ “2. Each conceptual category supports the encoding of units not only on the basis of linguistic iSNut but also on the basis of the visual (or other sensory) environment.” - (T.A.)

⁴⁷ “3. Many of the categories support a type-token distinction.” - (T.A.)

⁴⁸ “4. Many of the categories support quantification:

- (10) a. Every dinosaur had a brain. (Things)
- b. Everything you can do, I can do better. (Actions)
- c. AnyLugar you can go, I can go too. (Lugars)” - (T.A.)

⁴⁹ “5. Each conceptual category has some realizations in which it is decomposed into a function-argument structure; each argument is in turn a conceptual constituent of some major category.” - (T.A.)

⁵⁰ “6. The conceptual structure of a lexical item is an entity with zero or more open argument Lugars. The meanings of the syntactic complements of the lexical item fill in the values of the item’s argument Lugars in the meaning of the sentence.” - (T.A.)

verbais e os traços que as compõem. Ou seja, na Sintaxe de primeira fase, as estruturas dos itens verbais, como veremos na Seção 3.2, são compostas por sintagmas cujos núcleos codificam os traços INICIAÇÃO, PROCESSO e RESULTADO (projeções funcionais SInic, SProc e SRes). Por sua vez, cada um destes núcleos projeta um argumento em posição de especificador que codifica um traço que especifica o sentido deste argumento em relação ao subevento e ao evento como um todo.

Por exemplo, o argumento em posição de especificador da projeção SProc, que codifica o subevento Processo, é o SOFREDOR. Na estrutura, este argumento carrega a semântica de um objeto que sofre a ação de mudança codificada pelo verbo, seja ela de movimento, de afetação ou outra. Assim, podemos entender que as projeções SProc, SRes e SInic sejam categorias de Evento transformadas em função-argumento. Por sua vez, cada uma delas toma como seus argumentos constituintes de outras categorias (Coisa, Lugar, Trajetória, Propriedade, etc) que se acomodam com o sentido do traço que elas projetam para suas posições de argumento ou complemento.

Deste modo, levando em conta que subevento do Processo projeta um argumento com o traço de SOFREDOR, podemos prever que, por exemplo, na derivação, este traço será codificado por um SD ou SP que carregará, em relação ao evento codificado pelo verbo, o sentido de sofredor afetado pelo evento. O ponto 6. acima estipula, além disso, uma relação bastante direta em que o significado do item lexical em posição de argumento de Processo irá se acomodar com o sentido do traço codificado nesta posição de argumento, nomeadamente, SOFREDOR. Por sua vez, o resultado desta combinação contribuirá para o significado de toda a sentença. Veremos mais detalhadamente como estas relações se dão no sistema Nanossintático nos Capítulos 3 e 4. Por hora, basta perceber que o tratamento conceitual coincide em muitos pontos com a teoria Nanossintática.

Ainda sobre a similiaridade entre estrutura sintática e estrutura semântica apontada em 1. acima, Jackendoff adverte que a relação entre as categorias não seria de um para um. Isto é, um SD poderia codificar tanto um constituinte Coisa, quanto Lugar ou Trajetória (entre outros). Do mesmo modo, um SP poderia codificar muitos constituintes conceituais. Por exemplo, no SP “para dentro do quarto”, temos uma função-Trajetória que tomaria como argumento um constituinte LUGAR. Reproduzo abaixo um exemplo de Jackendoff (1990, p. 45) que ilustra esse paralelismo:

(87) a. Estrutura sintática

[S [SN John] [SV ran [SP into [SN the room]]]]

b. Estrutura Conceitual

[Event GO ([CoisaJOHN], Path TO ([Lugar IN ([CoisaROOM]))])]]

Evidentemente, o autor estava fazendo referência ao conjunto de categorias sintáticas da proposta gerativa dos anos 80. Todavia, dentro da Nanossintaxe, acredito ser possível propor que a relação entre os constituintes conceituais e os constituintes nanossintáticos seja sim de um para um, como se observa abaixo, em que adapto a proposta de Jackendoff (1990) apresentada em (87):

(88) a. Estrutura sintática

[S [SN John] [SV ran [SP into [SN the room]]]]

b. Estrutura Conceitual

[Evento [INICIADOR John] [INIC-PROC-TRAJ ran [TRAJ(ALVO-LUGAR) into [LUGAR the room]]]]⁵¹

Esse paralelismo é o que veremos nas decomposições apresentadas nos próximos Capítulos. E é exatamente esta proximidade que me leva a defender a hipótese de que a Nanossintaxe e a Semântica Conceitual possam ser tratadas como teorias complementares. Além desta motivação teórica, uma abordagem semântico-conceitual também apresenta muitas outras vantagens empíricas. Uma delas é o seu alcance explicativo e generalizante. Partindo da Teoria Localista de Gruber (1965 *apud* Jackendoff, 1990), a Semântica Conceitual propõe que

“(...) o formalismo para codificar conceitos de localização e movimento espaciais devidamente abstraídos pode ser generalizado para muitos outros campos semânticos. A evidência padrão para esta afirmação é o fato de que muitos verbos e preposições aparecem em dois ou mais campos semânticos, formando paradigmas intuitivamente relacionados.”⁵² (JACKENDOFF, 1990, p. 25).

⁵¹ Embora, na Nanossintaxe, esta estrutura seja, comumente, representada arboreamente, neste momento, mantereí a representação entre colchetes por ser a que mais se aproxima com as representações propostas por Jackendoff.

⁵² “The basic insight of this theory is that the formalism for encoding concepts of spatial location and motion suitably abstracted, can be generalized to many other semantic fields. The standard evidence for this claim is the fact that many verbs and prepositions appear in two or more semantic fields, forming intuitively related paradigms.” - (T.A.)

Jackendoff (1983, 1990) propõe, assim, que neste nível mais fino de análise, diferentes campos semânticos podem ser tratados da mesma maneira, pois possuiriam uma Estrutura Conceitual paralela. Como evidência, podemos efetivamente verificar que, mesmo através de domínios como espaço (89), posse (90), propriedade (91) e tempo (92), a Estrutura Conceitual parece ser comum, fato que se reflete, inclusive, nas escolha de itens lexicais mais gramaticais para expressar sentidos aparentemente relacionados:

- (89) O pássaro voou **da** janela **para** a árvore.
- (90) A grana do caixa 2 **passou do** PT **para** o PMDB.
- (91) A luz **passou do** amarelo **para** o vermelho.
- (92) O encontro **passou das** 14h **para** as 15h.

No domínio da causação, da mesma maneira, o autor acredita ser possível observar que noções no domínio físico são sistematicamente recrutadas para domínios mais abstratos (“quebrar um vaso” vs. “quebrar uma promessa”). Isso sugere, segundo ele, que os sentidos observados no domínio das dinâmicas de força pode ser aplicado em campos mais abstratos, garantindo assim generalizações simples e abrangentes. Consequentemente, “[a]s generalizações observadas, particularmente no domínio lógico, têm pouco a ver com a natureza do mundo lá fora, mas têm muito a ver com a natureza da conceituação, isto é, com a Gramática Universal dos conceitos.”⁵³ (JACKENDOFF, 1990, p. 141).

Mais do que perceber a existência destas propriedades que indicam um nível conceitual muito mais fino e articulado do que geralmente se leva em conta, Jackendoff (1990) então sugere que a Estrutura Conceitual na base de todas as estruturas de superfície que observamos seja organizada a partir de traços que representam, por sua vez, categorias cognitivas primitivas como Tempo, Trajetória, Lugar, Propriedade, Evento, Processo, Ação, etc.

Neste sentido, o autor discute e refuta outros posicionamentos que tratam os itens lexicais como unidades de sentido indivisíveis. Segundo ele, o problema para esta visão dos itens lexicais como mônadas está no fato de se negar “(...) a possibilidade de generalização entre as propriedades inferenciais de diferentes itens lexicais.”⁵⁴

⁵³ “[t]he observed generalizations, particularly in the logical domain, have little to do with the nature of the world out there, but a great deal to do with the nature of conceptualization, that is, the Universal Grammar of concepts.” - (T.A.)

⁵⁴ “(...) the possibility of generalizing among the inferential properties of diferente lexical items” - (T.A.)

(JACKENDOFF, 1990, p. 39). Ou seja, relações como os acarretamentos abaixo⁵⁵ (entre membros de pares lexicais causativo/não causativo) seriam consideradas como completamente aleatórias e não relacionadas:

- (93) x matou y → y morreu
 x levantou y → y subiu
 x deu z para y → y recebeu z

Segundo Jackendoff (1990), por outro lado, tais acarretamentos seriam todos uma instância de uma regra geral como (94), em que E representa o constituinte Evento:

- (94) x cause E to occur → E occur

Portanto, para que possamos fazer estas relações (invocar este esquema geral), os verbos na coluna esquerda dos exemplos abaixo deveriam sim carregar postulados de significado como em (95), em que as expressões em colchetes são Eventos:

- (95) x matou y → x causou [y morrer]
 x levantou y → x causou [y subir]
 x deu z para y → x causou [y receber z]

Tendo em vista a vantagem que relações como essa produzem para a aquisição, Jackendoff ainda argumenta que as evidências empíricas também sugerem que uma abordagem decomposicional parece explicar melhor os dados deste campo:

“(...) estudos reais de aquisição da linguagem se beneficiaram das teorias decompositivas de conceitos lexicais (Landau & Gleitman, 1985, Pinker, 1989), de modo que a teoria decomposicional tem resultados empíricos ao seu lado também nesta área.”⁵⁶ (JACKENDOFF, 1990, p. 40).

Outro ponto importante que merece destaque é a maior adequação de uma Teoria Conceitual em relação a uma teoria de papéis temáticos para o estabelecimento da relação entre semântica e sintaxe. Neste ponto, faz-se necessário um esclarecimento terminológico. Jackendoff (1990) propõe o que ele chama de Hierarquia Temática a partir dos constituintes conceituais amplamente debatidos e motivados em seu tratado. Neste

⁵⁵ Exemplos tirados de Jackendoff (1990, pg. 39)

⁵⁶ “(...) real studies of language acquisition have benefited from decompositional theories of lexical concepts (Landau & Gleitman, 1985; Pinker, 1989), so the decomposition theory has empirical results on its side in this area as well”. - (T.A.)

sentido, o autor está usando o termo “papel temático” no sentido estabelecido dentro da Teoria Localista de Gruber (1965 *apud* JACKENDOFF, 1990). Assim, o sentido de “Tema” é estabelecido como o objeto em movimento ou sendo localizado⁵⁷.

Para o autor, as teorias de papéis temáticos são tão díspares porque o tratamento dado a estes termos, em geral, é estabelecido a partir da sintaxe sem uma motivação conceitual clara:

(...) não se podem estabelecer regras de inferência sobre uma mera lista de papéis temáticos, uma vez que uma lista de papéis temáticos não expressa uma asserção. Por outro lado, se os papéis temáticos são considerados como relações estruturais na Estrutura Conceitual, como aqui proposto, as possibilidades inferenciais crescem diretamente a partir da estrutura na qual o SN carregando o papel- Θ está embutido.⁵⁸ (JACKENDOFF, 1990, p. 40)

Consequentemente, se tratarmos os papéis temáticos como consequência da posição estrutural em que o argumento se encontra na Estrutura Conceitual, a sua interpretação será muito mais direta e precisa. Assim, Jackendoff (1990) estabelece que, em sua Hierarquia, os papéis temáticos são estruturalmente definidos como o primeiro ou o segundo argumento de uma função. Para ilustrar, o papel Tema pode ser definido como o primeiro argumento de uma função-Evento GO, ou de uma função-Estado BE (JACKENDOFF, 1990):

(96) [Evento GO ([COISA], [TRAJETÓRIA])] ou [Estado BE ([COISA], [LUGAR])]

Primeiramente, note-se que o tradicional papel “Tema” não está representado na estrutura acima, pois ele seria a denominação de uma posição argumental, e não de um conceito primitivo da estrutura de eventos. Esta abordagem permitirá, assim, tratar clássicos problemas de uma Hierarquia de papéis temáticos como consequência de distintas configurações da Estrutura Conceitual. “Em outras palavras, papéis temáticos não são mais que configurações particulares na Estrutura Conceitual; os nomes para eles são memônicos convenientes para configurações proeminentes particulares.”⁵⁹

⁵⁷ É importante destacar que a noção de Tema de Fillmore (1967) como um marcador do Caso Objetivo não faz sentido nesta abordagem. Deste modo, em frases como “Sue hit Fred”, embora Fred seja o Tema para Fillmore, ou o Afetado/Paciente em outras teorias, ele não é o Tema na proposta de Jackendoff (1990, p. 125).

⁵⁸ “(...) one can not state inference rules over a mere list of thematic roles, since a list of thematic roles does not express an assertion. On the other hand, if thematic roles are regarded as structural relations in conceptual structure, as proposed here, the inferential possibilities grow directly out of the structure in which the theta-role bearing SN are embeded.” - (T.A.)

⁵⁹ “In other words, thematic roles are nothing but particular configurations in conceptual structure; the names for them are just convenient mnemonics for particular prominent configurations”. - (T.A.)

(JACKENDOFF, 1990, p. 47). Assim, na Estrutura Conceitual, um papel temático como “Fonte”, por exemplo, apareceria estruturalmente como o argumento da função-Trajectoria FROM, “Alvo” seria estruturalmente o argumento da função-Trajectoria TO, e Agente seria o primeiro argumento do Evento-função CAUSA, etc.

Paralelamente, na Nanossintaxe e especialmente na Sintaxe de primeira fase, veremos que a proposta é exatamente essa: os diferentes papéis que os argumentos sintáticos desempenham e sua conseqüente interpretação para a compreensão do sentido do evento têm relação direta com a posição que estes assumem na estrutura codificada pelo item lexical verbal.

Esse posicionamento oferece ainda uma outra vantagem explicativa. Em muitos casos não centrais, encontramos argumentos que, aparentemente, não são associados a nenhum dos papéis temáticos mais clássicos. Por exemplo, em “João pulou a cerca” ou “João escalou a Pedra da Gávea”, os argumentos “a cerca” ou “a Pedra da Gávea” não parecem poder ser associados a um nome de papel temático tradicional. Ao mesmo tempo, seu papel conceitual está bem definido como um argumento de ROTA e é exatamente este sentido que eles trazem para a interpretação da sentença.

Assim, para concluir, levando em conta que a noção de papel temático adotada por Jackendoff se refere a um sistema de relações conceituais estruturais, é possível prever que “(...) [a]s restrições sobre seu número e tipo são conseqüência de qualquer restrição existente na gama de funções conceituais necessárias para expressar os significados de verbos e preposições”⁶⁰ (JACKENDOFF, 1990, p. 49). Em termos nanossintáticos, seu número e tipo vai depender da ontologia de traços necessários e possíveis usados para construir os significados de verbos e preposições.

Portanto, segundo Jackendoff (1990), o desafio de uma abordagem Conceitual é a busca de um vocabulário preciso que englobe essa ontologia, que o autor define como “as generalizações linguisticamente relevantes de padrões de inferência [que devem] ser capturados formalmente em termos de esquemas como [(93)] e a regra em [(94)].”⁶¹ (JACKENDOFF, 1990, p. 40).

(...) é o potencial de um número infinito de conceitos lexicais que é inerente à gramática da Estrutura Conceitual - assim como o potencial das estruturas sintáticas de toda a linguagem humana são inerentes à Gramática Universal. A

⁶⁰ “The constraints on their number and type follow from whatever constraints exist on the range of conceptual functions necessary to express the meanings of verbs and prepositions” - (T.A.)

⁶¹ “(...) the linguistically significant generalizations of inference patterns to be captured formally in terms of schemas like (1) and rule (2).” - (T.A.)

aquisição lexical requer então construir um conceito lexical particular e associá-lo à estrutura sintática e fonológica.”⁶² (JACKENDOFF, 1990, p. 40)

Nanossintaticamente, podemos dizer, então, que a ontologia conceitual sobre a qual a sintaxe opera permite e restringe a construção de sentidos lexicais possíveis. Consequentemente, as mudanças nestes sentidos deveriam estar restringidas pelas mesmas regras que geram novos sentidos. Portanto, é levando em consideração tal hipótese que busco verificar, no PB, o caminho de mudança nos sentidos associados aos itens lexicais - verbos e preposições - usados para expressar movimento e deslocamento em nossa língua.

Nesta Seção, vimos como a Semântica Conceitual oferece ferramentas de análise para os sentidos associados a verbos e preposições usados na expressão de significados espaciais que têm grande alcance teórico e comprovação empírica. Segundo Jackendoff (1990), ao assumirmos que a organização das estruturas de superfície de uma língua refletem a organização da Estrutura Conceitual, podemos explicar de forma muito mais clara e direta as relações de sentido estabelecidas entre verbos e seus complementos, assim com a relação destes com o sentido das sentenças como um todo.

Como evidência para este posicionamento, segundo o autor acima, encontramos não só dados empíricos translinguísticos do paralelismo no comportamento de itens lexicais através dos mais variados campos semânticos (evidência que sugere a existência de uma Estrutura Conceitual comum a todos esses campos), como também dados de pesquisas sobre aquisição de linguagem que parecem apontar para o poder explicativo e previsível desta abordagem.

Enfim, dentro da Semântica Conceitual, o paralelismo entre Estrutura Sintática e Estrutura Conceitual é visto como uma consequência da estrutura e da organização de nossa Cognição. Isto é, a sintaxe tem a forma que tem porque, sendo um de nossos sistemas cognitivos (especificamente, aquele que usamos para codificar a linguagem), se estabelece a partir de uma Estrutura comum, a Estrutura Conceitual, que filtra e organiza nossa percepção do mundo físico.

Ao mesmo tempo, a formalização da Estrutura Conceitual nos ajuda a ver mais claramente o verdadeiro status de várias relações de dependência na teoria da gramática, como a estrutura argumental do predicado lexical ou a grade

⁶² “(...) it is the potential of an infinite number of lexical concepts that is inherent in the grammar of conceptual structure - just as the potential of the syntactic structures of all human language is inherent in Universal Grammar. Lexical acquisition then requires constructing a particular lexical concept and associating it with syntactic and phonological structure.” - (T.A.)

temática. Essas acabam sendo, essencialmente, versões filtradas da Estrutura Conceitual lexical, codificando apenas aquela parte da Estrutura Conceitual que é "visível" para a sintaxe."⁶³ (JACKENDOFF, 1990, p. 284)

Espero poder contribuir, com esta tese, para a formalização e para a verificação empírica desta Estrutura Conceitual.

2.5 PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

Acredito que, a partir da discussão empreendida neste Capítulo, foi possível verificar que teorias estritamente sintáticas ou lexicalistas, orientadas pelo estabelecimento de "classes naturais" (verbais ou outras) apresentam muitos desafios para a correta generalização sobre o comportamento das expressões que codificam sentidos de movimento e deslocamento no PB. Ao mesmo tempo, foi possível identificar pelo menos doze primitivos que parecem, sim, desempenhar um papel central na composição de eventos de movimento. São eles: INICIAÇÃO/INICIADOR, PROCESSO/SOFREDOR/TRAJETÓRIA, RESULTADO/RESULTANTE, MANEIRA, FONTE, ROTA, ALVO e LUGAR.

Assim, tendo em vista os problemas levantados para as teorias que partem da suposta existência de classes verbais e a verificação dos conceitos centrais para uma decomposição de eventos de movimento, buscarei na proposta de Ramchand (2008a) para a decomposição do SV e, dentro do mesmo quadro teórico, na proposta de Pantcheva (2011), apoiada pelas análises de Svenonius (2007, 2008), para a decomposição do SP, subsídios que me permitirão tratar de uma forma mais precisa e generalizante o aparente caos observado nos dados do português.

No próximo Capítulo, empreenderemos nossa jornada em direção à decomposição dos verbos e das preposições do PB comumente encontrados na codificação de eventos de movimento e deslocamento. Iniciarei este debate com a decomposição de alguns dos verbos de movimento do PB que aparecem nos dados dos Séc. XVIII e XIX selecionados para esta tese (Seçã 3.2). Assim, teremos, primeiramente, uma fotografia de como estariam organizados tais traços no inventário lexical da língua portuguesa há dois séculos para, posteriormente, comparar esta imagem com dados mais recentes, do final do Séc. XX e começo do Séx. XXI. Abordarei, do mesmo modo, a

⁶³ "At the same time, the formalization of conceptual structure helps us see more clearly the true status of various appurtenances in the theory of grammar such as lexical predicate argument structure or the q-grid. These turn out essentially to be filtered versions of lexical conceptual structure, encoding just that part of conceptual structure that is "visible" to the syntax." - (T.A.)

decomposição das preposições do PB na Seção 3.4. No Capítulo 6, então, me dedicarei ao exame dos dados do português contemporâneo para verificar as possíveis reanálises ocorridas na associação das estruturas nanossintáticas com os itens de nosso léxico.

3 UMA DECOMPOSIÇÃO DE EVENTOS ESTRUTURADA A PARTIR DA ONTOLOGIA DE PRIMITIVOS CONCEITUAIS

*The tune will come to you at last
When all are one and one is all
To be a rock and not to roll*

Led Zeppelin

3.1 PRIMITIVOS CONCEITUAIS

Como se pôde observar no debate desenvolvido até o momento, foi possível verificar a existência de cinco traços/conceitos primitivos ligados a uma estrutura de eventos que podem estar codificados dentro dos verbos do PB, nomeadamente, INICIAÇÃO, PROCESSO, TRAJETÓRIA, RESULTADO, REMA, e seus respectivos argumentos. O traço de TRAJETÓRIA no domínio espacial, por sua vez, pôde ser decomposto em, pelo menos, os conceitos de ROTA, FONTE, ALVO e LUGAR. Já o traço REMA em posição de complemento de RESULTADO, neste domínio, também pôde identificar um sentido estativo de localização, como o sentido do traço LUGAR. Na sequência funcional abaixo, visualizamos esta hierarquia (os traços mais à esquerda se encontram mais altos na sequência):

(97) INICIAÇÃO (INICIADOR) >> PROCESSO (SOFREDOR) >> TRAJETÓRIA
[ROTA >> FONTE >> ALVO >> LUGAR] >> RESULTADO (RESULTANTE) >>
REMA-LUGAR

Estes diferentes traços/conceitos poderiam, assim, ser encontrados dentro de uma mesma raiz verbal ou estar distribuídos em diferentes itens lexicais. Ao mesmo tempo, dependendo do traço que codifica, um determinado item lexical poderia ser acompanhado de participantes do evento que entrariam em relação com subpartes específicas ou com o evento como um todo. Neste último caso, como já apresentado, propõe-se que exista uma ligação direta do argumento INICIADOR com uma subparte do evento que tem uma semântica de causação ou de iniciação em relação aos outros subeventos, chamada aqui de Iniciação.

Por sua vez, os argumentos SOFREDOR e TRAJETÓRIA estariam relacionados à subparte do evento que denota um Processo, no sentido de mudança análoga a uma transição espacial. Como vimos na Seção 2.4, na Semântica Conceitual, essas posições argumentais poderiam ser entendidas como argumentos de uma função. É neste sentido

que o termo Hierarquia Funcional está sendo usado. Assim, o que estamos dizendo é que o argumento SOFREDOR aparece como primeiro argumento de uma função-Evento que denota um Processo. Trajetória, por sua vez, é uma função encontrada na posição de segundo argumento de Processo e que licencia um outro argumento com o mesmo nome, TRAJETÓRIA.

Neste ponto, contudo, um esclarecimento importante é necessário: a proposta de Jackendoff (1990) assume dois papéis relacionados à primeira posição de um predicado. Mais precisamente, ele distingue dois níveis de evento: um primeiro, denominado Evento; e outro, denominado Processo/Ação. Assim, o primeiro argumento de um Evento (GO) é associado ao papel “Tema”, independentemente de sua categoria (Coisa, Evento, Lugar...). Ao mesmo tempo, o primeiro argumento de uma Ação é identificado como “Paciente” (Coisa, Evento, Lugar...). Para o autor, além disso, Eventos e Ações se configuram nos dois níveis de significado codificado no mesmo item lexical. Segundo ele, é por causa desta convergência que muitos papéis “Tema” são confundidos com “Pacientes”, “Alvos”, entre outros. Obervemos os exemplos abaixo, traduzidos de Jackendoff (1990, p. 126):

(98)	a. Sue chutou Fred.		
	Tema	Alvo	(nível temático)
	Ator	Paciente	(nível da ação)
	b. Pete jogou a bola.		
	Fonte	Tema	(nível temático)
	Ator	Paciente	(nível da ação)
	c. Bill entrou na sala.		
	Tema	Alvo	(nível temático)
	Ator		(nível da ação)
	d. Bill recebeu uma carta.		
	Alvo	Tema	(nível temático)
			(nível da ação) ⁶⁴

⁶⁴ Traduzido pela autora de Jackendoff (1990, p. 126):

a. Sue hit Fred.		
Theme	Goal	(thematic tier)
Actor	Patient	(action tier)
b. Pete threw the ball		
Source	Theme	(thematic tier)
Actor	Patient	(action tier)
c. Bill entered the room.		

Levando a noção de Hierarquia Temática no sentido Localista (GRUBER, 1965) em conta, o autor propõe uma hierarquia que estaria estabelecendo a ordem de interpretação dos argumentos de ambos os níveis temático e de ação. Para a abordagem nanossintática considerada aqui, esta tarefa se torna desnecessária. Primeiramente, porque na proposta de Ramchand (2008a), encontramos um único elemento na primeira posição argumental de Processo: o argumento carregando o traço de SOFREDOR, ou aquele objeto que sofre a ação do verbo entendida como uma trajetória de mudança análoga a uma trajetória espacial.

Para não confundirmos os termos Processo e Evento usados em ambas as teorias, porém, mais um esclarecimento se faz necessário. Na Sintaxe de primeira fase, a categoria/projeção funcional Processo poderia ser associada tanto à categoria de Evento nos termos de Jackendoff, quanto à categoria de Processo. Para Ramchand, a noção importante é aquela abstrata de mudança, seja ela no sentido localista, ou no sentido de afetação. Já a noção de Processo, localizada no nível da ação, em Jackendoff (1990), pode ser construída composicionalmente na Nanossintaxe. É na combinação do subevento de Processo com o primeiro subevento de Iniciação que encontraremos essa relação entre Agente e Paciente-Afetado.

Ainda vale a pena destacar que, em ambas as teorias, as posições argumentais de complemento de Processo podem ser tomadas por constituintes de diferentes categorias conceituais/nanossintáticas. Assim, o primeiro argumento de um Processo pode ter a forma das mais diferentes categorias, a menos marcada sendo Coisa. Consequentemente, mesmo um Evento como “a construção da casa” pode ser combinado à posição argumental relacionada ao papel de “Tema” e “Afetado” (para Jackendoff) ou SOFREDOR (para Ramchand):

(99) A polícia impediu **a construção da casa**.

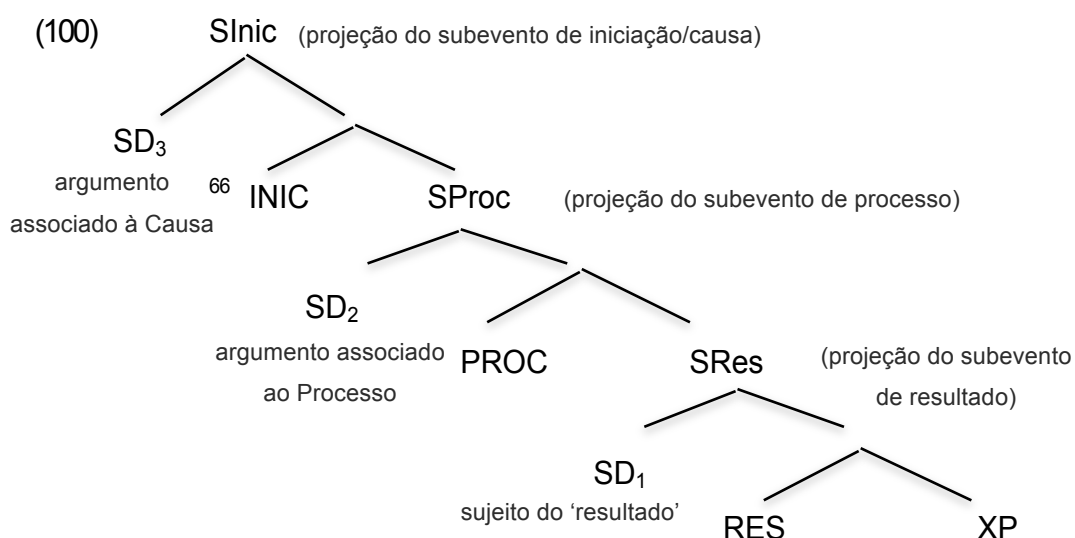
Manterei, assim, a nomenclatura de Ramchand (2008a), devido à sua maior simplicidade e força de generalização. Finalmente, ainda segundo esta autora, os argumentos RESULTANTE e REMA estariam diretamente ligados à subparte do evento

Theme	Goal	(thematic tier)
Actor		(action tier)
d. Bill received a letter.		
Goal	Theme	(thematic tier)
		(action tier)

que carrega um sentido de resultado final, seja este o resultado de uma mudança de estado, propriedade, localização, volume ou outros.

Deste modo, neste momento, me dedicarei ao exame de testes morfossintáticos e semânticos que podem nos ajudar a verificar a composição dos traços acima (com sua estrutura) que seriam codificados pelos verbos de movimento do português. Antes de continuarmos, no entanto, é importante ressaltar, mais uma vez, que as estruturas sintáticas que os verbos aqui analisados licenciam não são, de fato, projetadas por estes itens.

Destaco, assim, que a presente argumentação é levemente diferente: a sintaxe, submetida a regras gerais do sistema derivacional, constrói as estruturas de evento potencialmente codificadas pelos verbos, tomando como repertório os primitivos aqui elencados. Sua organização é, portanto, arbórea e os sintagmas projetados representam os subeventos linguisticamente relevantes de um determinado evento. A proposta é que a sintaxe opere sobre categorias mais finas que SN, SP ou SD, por exemplo. No caso dos verbos de movimento, a estrutura que encontramos seria semelhante àquela do SV expandido (HALE & KEYSER, 1993; CHOMSKY, 1995; KRATZER, 1996). A representação abaixo refletiria, possivelmente, a projeção máxima (i.e., a hierarquia de eventos/subeventos e seus traços) que poderia ser encontrada codificada em uma mesma raiz verbal⁶⁵:



⁶⁵ No PB, o mesmo item lexical, em geral, codifica todas as projeções deste SV. Em línguas morfologicamente transparentes, por outro lado, as diferentes projeções de (100) podem estar codificadas em partículas diferentes que interagem entre si respeitando a Hierarquia acima e as regras do sistema nanossintático.

⁶⁶ O que Ramchand (2008a) chama de "sujeito da 'Causa'" está sendo referido aqui como "argumento associado à Causa", para fins de clareza.

Se olharmos mais atentamente para a estrutura acima, poderemos notar que cada uma das projeções corresponde a um subevento da estrutura de eventos com sua própria interpretação semântica, garantindo assim uma correlação direta entre a estrutura construída pela sintaxe e uma semântica de eventos. Desta forma, para além das noções de dinamicidade, homogeneidade, atonicidade e *aktionsart* mencionadas anteriormente (VENDLER, 1968; BERTINETTO, 2001; WACHOWICZ, 2002), essa estrutura também incluiria a representação dos principais papéis argumentais já discutidos.

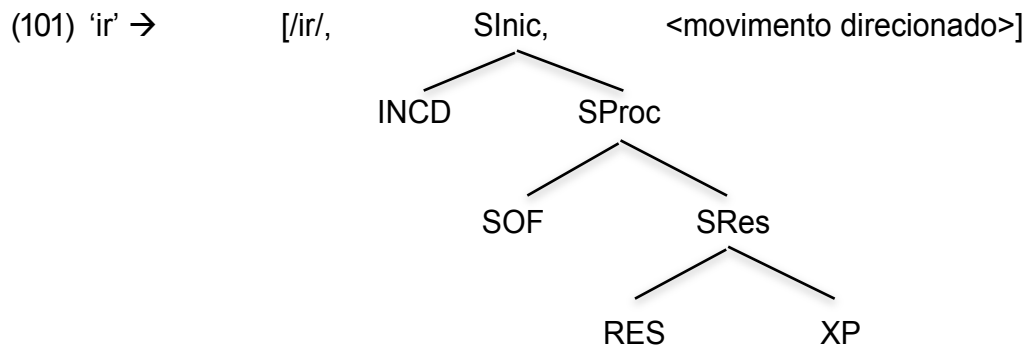
Por fim, é importante observar que cada subparte é representada por uma projeção que contribui com sua própria estrutura predicacional: a posição de especificador é reservada para o argumento “sujeito”⁶⁷ ou argumento especificador de um determinado subevento, tendo como seu complemento o sintagma que contribuirá com o significado deste evento. Ao mesmo tempo, esta frase também possui um especificador próprio (no caso, a raiz verbal que codifica tal traço) e um complemento. Finalmente, e talvez mais importante, as relações entre os subeventos acontece de forma recursiva, permitindo que as projeções mais baixas sejam sucessivamente encaixadas para formar eventos mais complexos.

Estou assumindo, assim, que somente a pequena ontologia de primitivos (e suas combinações) apresentada acima seria gramaticalmente relevante para a compreensão de largas classes verbais (definidas a partir da combinação destes traços, e não de somente um deles), assim como das generalizações e das restrições gramaticais a elas ligadas. Para entender como a derivação da Sintaxe de primeira fase acontece e opera sobre as estruturas que decomporemos aqui, apresentarei e discutirei minuciosamente as propostas do quadro teórico nanossintático no próximo Capítulo. Para o momento, ignorarei operações sintáticas e suas consequências para o comportamento dos verbos de movimento do PB.

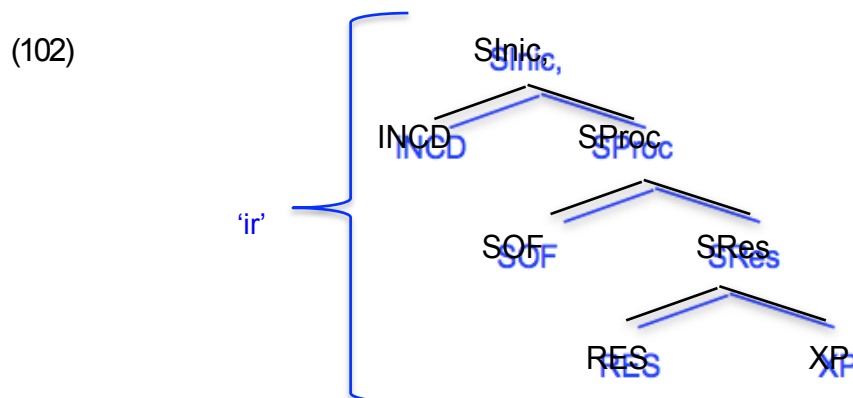
Outra observação, contudo, se faz necessária: embora Ramchand (2008a) prefira não se comprometer com o formato das efetivas entradas lexicais dos itens de uma língua, nesta tese, adoto a proposta de Pantcheva (2011), de que uma entrada lexical deveria conter, pelo menos, três tipos de informações: (1) uma informação sobre a forma fonológica (a “roupa acústica”) do item em questão; (2) uma informação sobre os

⁶⁷ Ver nota 26.

primitivos que esta forma codifica e sua estrutura nanossintática correspondente: o conteúdo estritamente conceitual/gramatical; e (3), uma informação sobre o conteúdo enciclopédico ou conhecimento de mundo ligado àquele item; mais ou menos nos moldes abaixo:



Minha busca, desta forma, está dirigida para a determinação da segunda informação contida na entrada acima. Note-se, porém, que para simplificar a representação, estou omitindo as projeções que Ramchand (2008a) distingue para os argumentos especificadores de cada subevento. Seguindo a argumentação de Starke (2004), adoto o posicionamento de que não se faz necessário estipular um nó exclusivo para a posição de especificador. Para o autor, uma raiz verbal pode cobrir (se combinar com) uma determinada construção da sintaxe se essa raiz codificar pelo menos um nó desta construção. Assim, a única posição de complemento da função SProc é identificada pelo argumento que esta mesma fase licencia. A raiz, por sua vez, cobre toda a árvore sintática, como podemos visualizar abaixo:



Tendo esta estrutura e os primitivos já elencados em mente, podemos então apresentar a hipótese de que um evento dinâmico carregaria uma composição dos traços primitivos acima (mas não necessariamente todos). Somente um lexema verbal

carregando o mesmo arranjo que foi construído pela sintaxe poderia, assim, se combinar com esta estrutura, acrescentando a ela seu conteúdo fonológico e enciclopédico.

Além disso, as classes verbais que poderiam ser encontradas translinguisticamente seriam uma consequência das diferentes combinações que a sintaxe de primeira fase potencialmente pudesse construir a partir deste conjunto limitado de traços e respeitando a Hierarquia Funcional-Conceitual. Em outras palavras, a Sintaxe de primeira fase criará e operará sobre traços e sintagmas cujos núcleos representam os traços/conceitos primitivos até aqui elencados, resultando em uma leitura semântica simples e transparente. Portanto, a interpretação da estrutura sintática em que um verbo pode entrar é o que nos permite acessar a informação gramatical relevante para a compreensão dos eventos em questão.

Uma característica interessante de tal proposta é que, tomando-se um evento dinâmico como topologicamente equivalente a uma trajetória, essas projeções são suficientes para se expressar todas as generalizações e restrições sobre significados verbais, estruturas e flexibilidade, através de distintas classes. Com efeito, como já mencionamos, Jackendoff (1983, Cap. 10) demonstra que as mais diversas categorias verbais previsíveis podem ser derivadas a partir da Estrutura Conceitual associada a um evento de localização ou movimento espacial. É o que se pôde verificar, efetivamente, nas sentenças (31) e (32), reproduzidas abaixo em (103) e (104) para maior clareza:

(103) a. A reunião é às 9h.

[Estado BE_{Temp} ([Coisa REUNIÃO], [Lugar AT_{Temp} ([Hora 9H]])])]

b. Nós passamos a reunião das 9h para às 11h.

[Evento CAUSE ([Coisa NÓS], [Evento GO_{Temp} ([Coisa REUNIÃO], [TRAJETÓRIA FROM_{Temp} ([Hora 9H]) TO_{Temp} ([Hora 11H])])])])]

(104) a. Joana tem uma bicicleta.

[Estado BE_{Poss} ([Coisa BICICLETA], [Lugar AT_{Poss} ([Coisa JOANA])])]

b. Ana deu uma boneca para Joana.

[Evento CAUSE ([Coisa ANA], [Evento GO_{Poss} ([Coisa BICICLETA], [TRAJETÓRIA FROM_{Poss} ([Coisa ANA]) TO_{Poss} ([Coisa JOANA])])])])]

A partir dessas observações, conseqüentemente, pode-se assumir que verbos (dinâmicos) possíveis são aqueles que identificam um processo (mudança ou trajetória) com ou sem início ou ponto final. Isto é, estou admitindo que uma mesma raiz verbal pode codificar/lexicalizar uma, duas ou todas as projeções previstas na ontologia acima.

Essa é de fato a proposta central da Nanossintaxe: raízes verbais e de outros itens lexicais podem ser decompostas em estruturas mais finas que SVs, SNs e SPs. Além disso, a sintaxe operaria da mesma forma sobre essas projeções mais finas. Essa hipótese permite, por exemplo, explicar e prever diferenças importantes na interpretação de *phrasal verbs* e de outros tipos de compostos.

Ao mesmo tempo, entenderemos por que certas mudanças de sentido acontecem na direção que acontecem e da forma que acontecem. Embora o português não seja uma língua morfologicamente transparente como as línguas aglutinantes, é possível demonstrar com esse maquinário as nuances de mudança de sentido que pressupõe uma estrutura interna mais complexa e que são amplamente verificáveis em línguas aglutinantes ou analíticas.

Antes de passarmos às decomposições em si, permitam-me mais uma observação importante no que diz respeito à interpretação semântica das estruturas. Ramchand (2008a) assume uma decomposição de eventos formal associada a cada projeção sintática. Igualmente, como veremos para as preposições, Pantcheva também assume essa relação.

Nesta tese, contudo, como já foi mencionado, tentarei propor uma abordagem semântica alternativa, nomeadamente, a proposta da Semântica Conceitual (JACKENDOFF, 1983, 1990). A meu ver, seguindo a discussão das Seções 2.3 e 2.4, uma decomposição formal não se configura necessária uma vez que assumimos uma decomposição conceitual, em que os primitivos sobre os quais a sintaxe opera são, na verdade, primitivos de uma Estrutura Conceitual mais geral que perpassa diversos sistemas humanos e que estão submetidos aos mesmos princípios cognitivos a que a linguagem está. Assim, mantenho da proposta de análise semântica de Ramchand somente duas hipóteses: (a) a primeira hipótese que adoto é a noção mais geral de que os subeventos da estrutura estão relacionados entre si pela noção de causação:

(105) *Regra de Composição de Evento* (RAMCHAND, 2008a, p. 44):

$e = e1 \rightarrow e2$: e consiste de dois subeventos e1, e2 de tal forma que e1 causalmente implica e2⁶⁸

⁶⁸ “*Event Composition Rule*: $e = e1 \rightarrow e2$: e consists of two subevents, e1, e2 such that e1 causally implicates e2 (cf. HALLE AND KEYSER, 1993 *apud* RAMCHAND, 2008a)” - T.A.

Além disso, a segunda hipótese que assumo é a proposta de que a sequência hierárquica restringe a interpretação do papel dos participantes e da ordem do evento. Portanto, se temos um estado seguido de um processo, por definição, esse estado é carregado da semântica de Iniciação (traço INIC), i.e., associado ao subevento que causa ou desencadeia o processo; por outro lado, se um evento é composto de um processo seguido de um estado, conseqüentemente, este estado é interpretado como contendo o sentido de Resultado (traço RES) - estado causado pelo processo. Analogamente, se o argumento está associado à projeção SInic, este é interpretado como causador do evento. Por sua vez, se o argumento se encontra na posição de RES, este carrega as propriedades do estado resultante introduzido pelo núcleo SRes.

Vamos nos debruçar, então, nas próximas duas seções, sobre o exame dos verbos de movimento levando em conta testes amplamente aceitos na literatura. Na sequência, Seção 3.2.1, buscarei a comprovação das conclusões encontradas na próxima Seção a partir da análise dos dados do PB dos Séc. XVIII e XIX. Meu primeiro objetivo é descobrir que possíveis (partes das) estruturas em (100) acima que esses verbos poderiam lexicalizar.

3.2 AS ESTRUTURAS DOS VERBOS DE MOVIMENTO DO PB

Um dos testes semânticos para argumentos verbais no PB, dentre os mais conhecidos, foi proposto por Ciríaco & Cançado (2004)⁶⁹. Segundo as autoras, ele é usado para distinguir argumentos agentivos/desencadeadores (externos) de argumentos afetados (internos) dentro da classe dos intransitivos. É, portanto, um teste bastante aceito no diagnóstico de inergatividade vs. inacusatividade. Dentro de minha proposta, esse teste poderia indicar verbos que codificam, em sua estrutura, traços que podem ser associados aos subeventos de Iniciação e Processo, podendo, conseqüentemente, tomar os participantes INICIADOR (externo) e SOFREDOR/TRAJETÓRIA (interno) como seus argumentos.

Paralelamente, poderíamos determinar quais raízes verbais carregariam a estrutura INIC-PROC e quais deles possuiriam somente a projeção PROC, indicando que somente codificam um subevento de Processo, sem a capacidade de especificar a causa/iniciação ou o estado resultante deste. A proposta do teste mencionado é que coloquemos o verbo em questão em construções clivadas como “O que a Joana fez foi

⁶⁹ As autoras adaptam este teste da proposta de Jackendoff (1990).

(infinitivo)” ou em construções como “Joana quis (infinitivo), então começou a (infinitivo)” para, assim, verificarmos sua gramaticalidade:

- (106) a. O que Joana fez foi subir.
 b. Joana quis subir, então começou a subir.
- (107) a. O que Joana fez foi ir ao supermercado.
 b. Joana quis ir ao supermercado, então foi⁷⁰.
- (108) a. O que Joana fez foi entrar em casa.
 b. Joana quis entrar em casa, então entrou⁷¹.
- (109) a. O que Joana fez foi caminhar.
 b. Joana quis caminhar, então começou a caminhar.
- (110) a. O que Joana fez foi correr.
 b. Joana quis correr, então começou a correr.

Pode-se observar, nos exemplos acima, que todos os itens aqui analisados parecem aceitar um argumento que se identifique com o papel agente de desencadeador do processo. Embora seja verdade que muitas construções com os verbos ‘subir’ e ‘entrar’ possam, efetivamente, falhar nestes testes (“*O balão quis subir, então começou a subir” vs. “Eu subi os livros” ou “*A bicicleta quis entrar, então entrou” vs. “Eu entrei a bicicleta”), o fato de encontrarmos um grande número de casos em que, sim, seja possível usar os verbos ‘entrar’ e ‘subir’ com um sentido de iniciação me sugere que todos os verbos acima devem identificar pelo menos uma subfase eventiva que tenha correlação com o sentido de causalidade/iniciação. Além disso, a possível agramaticalidade de uma sentença como “*O que o balão fez foi subir” não pode ser interpretada como evidência de que o verbo ‘subir’ não codifica INIT, senão unicamente que o SD ‘o balão’ não pode ser associado ao argumento da projeção INIT.

Em Ferreira & Rammé (2014), seguindo Ramchand (2008a), argumentamos que não existe uma estrutura profunda definindo o número preciso de participantes do evento que uma mesma raiz verbal pode codificar. Línguas ao redor do globo apresentam evidência para essa posição, demonstrando que, obedecendo os princípios do sistema e a Hierarquia, qualquer raiz verbal que entra em estruturas não causativas pode, potencialmente, ser encontrada em estruturas causativas, e vice-versa.

⁷⁰ Ignorarei a construção no infinitivo porque a construção “Joana começou a ir” não parece boa devido ao fato de que, no PB, o verbo ‘ir’ não identifica suas fases como independentes temporalmente umas das outras, o que não quer dizer que ele não tenha um argumento externo, fato que o teste quer evidenciar.

⁷¹ Ver nota 12.

Mesmo no caso de verbos como ‘rir’, que tradicionalmente servem de forte evidência para o fato de que certos eventos não aceitariam a introdução de um argumento contribuindo com o sentido de uma causa externa, é possível encontrar construções que atestam empiricamente a efetiva existência desta configuração. É o caso do verbo ‘rir’ no Finlandês, que licencia estruturas como em (111):

(111) Jussi naura-tti Maija-a
 Jussi[3ps-NOM] rir[P]-CAUSA Maija-PAR
Jussi fez Maija rir

Ao mesmo tempo, admitimos que os itens lexicais podem sim carregar estruturas sintáticas que já preveem o tipo de argumentos que tais raízes verbais aceitariam, o que é consequência direta da estrutura arbórea que carregam. Ou seja, verbos que codificam uma projeção PROC estão habilitados a selecionar o argumento afetado que será lexicalizado em uma determinada construção sintática, e verbos que codificam INIC estão habilitados para tomar um argumento com a semântica de Causa ou Iniciação.

Contudo, Ramchand (2008a) observa que existe uma importante correspondência entre a habilidade de uma *mesma* (especial atenção à palavra ‘mesma’) raiz verbal selecionar todos os argumentos que serão lexicalizados. É importante lembrar que o fato de o PB ser uma língua sintética nos impede de visualizar, na superfície, a movimentação e o relacionamento dos eventos e dos argumentos dentro da primeira fase. Tal cegueira nos impediria, assim, de compreender de forma mais explícita como a causativização estaria sendo licenciada pelo sistema.

No Indu/Urdu, entretanto, é possível observar este fenômeno na expressão de superfície, uma vez que encontramos morfemas que se ligam produtivamente a uma raiz verbal inacusativa ou inergativa⁷². Desta forma, Ramchand sugere que a diferença entre o sentido de causa direta e indireta, abertamente marcado no Urdu/Indu, seja desencadeado pela ligação de um morfema independente, carregando o traço INIC, a uma raiz inergativa. Lembremos que as raízes inergativas codificam elas mesmas uma projeção INIC. Nessa configuração, então, o traço INIC que tal raiz já carrega ficaria subassociado.

⁷² Para uma compreensão mais detalhada desse fenômeno no Indu/Urdu, referimos o/a leitor/a interessado ao Capítulo 6 de Ramchand (2008a).

No próximo Capítulo, veremos em detalhes os mecanismos e princípios da proposta Nanossintática. Neste momento, reproduzo somente o Princípio da Subassociação que, especificamente, permitiria tal construção:

(112) Princípio da Subassociação (RAMCHAND, 2008a, p. 98)

Se um item contém um traço subassociado

(i) esse traço deve estar independentemente identificado dentro da fase e ligado ao traço subassociado;

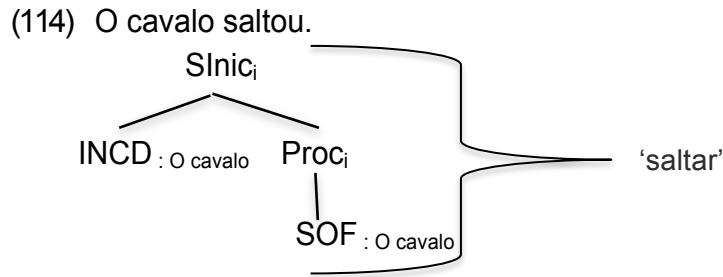
(ii) os dois traços ligados desta forma devem unificar seu conteúdo lexical enciclopédico.

Como podemos ver, essa máxima coloca uma clara restrição para os elementos que poderiam desencadear a Subassociação: unicamente itens lexicais que possuíssem exatamente a mesma projeção e tivessem seu conteúdo enciclopédico e conceitual passível de unificação com a raiz verbal poderiam tomar a posição de um nó subassociado. No caso do Léxico do Indu/Urdu, somente o morfema ‘-aa’, que carrega o traço INIC (especificado para licenciar um argumento INICIADOR) poderia entrar em uma estrutura onde a sintaxe construiu o nó S_{nic}, forçando assim a mesma projeção dentro do lexema verbal inergativo a ficar subassociada. Quando isso de fato acontece, portanto, a interpretação disponível é que uma nova causa (indireta), independente daquela codificada pela raiz verbal, foi adicionada ao evento.

Como o inglês (e, da mesma forma, o português), não apresenta abertamente elementos de superfície que permitam a verificação de tal mecanismo, Ramchand (2008a) propõe a existência de um morfema nulo (\emptyset), nestas línguas, que estaria codificando o traço INIC. No caso dos verbos de movimento que entram em construções causativas, portanto, poderíamos conjecturar que a raiz do verbo estaria carregando a estrutura INIC-PROC-RES. A existência de um morfema nulo lexicalizando um traço INIC fora da raiz verbal, contudo, permitiria que verbos de movimento aparecessem em estruturas como em (113):

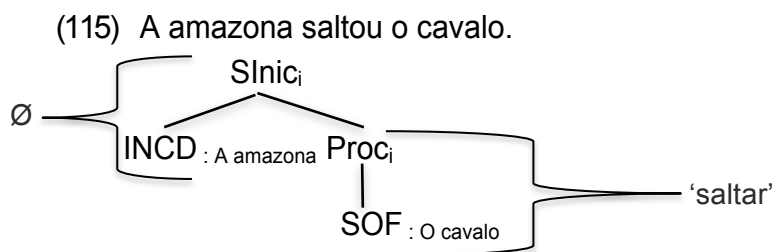
(113) A amazona saltou o cavalo.

Este exemplo, então, poderia ser analisado da seguinte forma: o item lexical ‘saltar’ carrega, comumente, a estrutura INIC-PROC-RES. Assim, em (114), podemos dizer que o cavalo é tanto o argumento desencadeador - INICIADOR - do Processo quanto o argumento por ele afetado - SOFREDOR:



Da mesma forma, pensamos em um ser capaz de iniciar o processo quando escutamos algo como “O boneco saltou” (por exemplo, no filme Toy Story), mesmo que este não seja comumente associado a noções como controle, volição ou animação. Paralelamente, em (113), repetido em (115) abaixo, apesar de o verbo ‘saltar’ ainda carregar a estrutura INIC-PROC, observamos a inserção de um desencadeador externo.

Tal introdução, como já mencionada, é autorizada na Sintaxe de primeira fase sem que seja necessário acrescentar outro item lexical na construção sintática, pois o morfema nulo carregando INIC entra na representação provocando, ao mesmo tempo, a Subassociação deste mesmo nó na estrutura do verbo ‘saltar’. Consequentemente, como essa nova projeção não está ligada à projeção PROC do mesmo item lexical⁷³, ela permite a seleção de um argumento externo diferente do argumento SOFREDOR:



Como já havia mencionado, o mais interessante de tal análise é a sistematicidade das generalizações que ela possibilita: primeiramente, qualquer verbo de movimento tradicionalmente classificado como inergativo poderá, hipoteticamente, ser encontrado em estruturas como aquelas em (115). Ao mesmo tempo, tal generalização permite prever uma interpretação bastante precisa dos papéis de Ator e de Agente. Quando o sujeito da sentença se combinar com uma posição argumental de Iniciação da raiz verbal, ele possuirá características mais agentivas; por sua vez, se o sujeito sintático

⁷³ Ramchand (2008a) propõe o mecanismo da co-indexação para aquelas raízes verbais que forçam a interpretação do argumento INICIADOR e SOFREDOR como sendo o mesmo argumento. Nos casos da introdução de uma projeção INIC diferente daquela codificada pela raiz verbal, essa co-indexação é quebrada, permitindo que um argumento de INIC diferente daquele de PROC seja introduzido. Como veremos na continuação da argumentação, essa distinção provoca consequências semânticas bastante claras e generalizantes.

está ligado a uma posição argumental de uma projeção que não é codificada pela raiz verbal, características comuns associadas à agentividade (volição, controle etc) podem estar ausentes.

Além disso, a interpretação disponível para o argumento SOFREDOR também seria sistematicamente previsível a partir da estrutura construída: quando um item lexical nulo for usado para lexicalizar um traço INIC que, comumente, seria lexicalizado pela mesma raiz verbal que também lexicaliza o traço PROC, e onde o argumento do Processo estaria co-indexado ao argumento da Iniciação, é possível prognosticar que o argumento associado à projeção SProc, agora somente argumento afetado (SOFREDOR), será sistematicamente entendido como sem controle ou com controle/volição limitada sobre o evento.

Essa característica, por sua vez, é comum aos argumentos de outra classe verbal, composta de itens que carregam somente o traço PROC ou PROC-RES (sempre à exclusão de INIC): ‘quebrar’, ‘abrir’, ‘esvaziar’, etc.

- (116) A louça secou./Joana secou a louça.
- (117) O chocolate derreteu./Joana derreteu o chocolate.
- (118) O barco afundou./Joana afundou o barco.
- (119) A mata queimou./O fazendeiro queimou a mata.
- (120) O quadro quebrou./Joana quebrou o quadro.

Ramchand (2008a) ainda sugere que esta configuração nos permitiria prever, de uma maneira bastante generalizante, o tipo de argumento que pode ser selecionado para a posição de SOFREDOR. Neste sentido, argumentos altamente volitivos e com controle seriam, segundo a autora, sistematicamente bloqueados, como se pode verificar nos exemplos abaixo:

- (121) a. O menino voou a pipa a tarde toda.
b. *O menino voou o passarinho.
- (122) a. O general marchou o batalhão até a fronteira.
b. *O general marchou os soldados até a fronteira.
- (123) a. A professora sentou as crianças no gramado.
b. *A professora sentou os pais no gramado.

Assim, como já verificamos que todos os verbos aqui analisados podem estar carregando o traço INIC, passarei aos testes que podem nos dizer se esses verbos carregam igualmente PROC e RES, ou somente PROC. Lembremos, ainda, que, ao

codificar o traço PROC, o verbo em questão possuiria a habilidade de licenciar um argumento SOFREDOR.

O gerúndio é, translinguisticamente, um dos testes propostos para a averiguação de verbos de Atividade, cujos eventos têm a propriedade de serem homogêneos, durativos e dinâmicos, em oposição a verbos de Estado, que não são dinâmicos, aos *Achievements*, que não são durativos, e aos *Accomplishments*, que não são homogêneos⁷⁴. No PB, todos os verbos aqui analisados são usados produtivamente no gerúndio, o que pode nos levar a concluir que todos os itens codificam o traço conceitual PROCESSO.

Além deste, também podemos aplicar outro teste sugerido por Dowty (1979) para a diferenciação entre *Atividades* e *Accomplishments*: quando utilizados em construções com o advérbio *quase*, essas duas classes de verbos também proporcionam acarretamentos diferentes. Verbos que identificam um fase de Processo e outra resultativa terão uma leitura ambígua (como é o caso de (124)); verbos que somente identificam uma ou outra fase, não.

- (124) Joana quase foi (pra escola).
- (125) Alice quase entrou (na sala).
- (126) O preço da luz quase subiu.
- (127) Sócrates quase correu.
- (128) Nina quase caminhou.

A análise do exemplo (124), como previsto, demonstra que a interpretação desta sentença pode ser ambígua: no primeiro caso, Joana começou a atividade de ir para a escola, mas abandonou o processo na metade do caminho ou no portão mesmo, segundos antes de entrar; em outro, pode-se entender que Joana nem chegou a começar a realizar o processo de 'ir', desistindo antes mesmo de dar o primeiro passo. Já nas sentenças (126) a (128), uma única interpretação está disponível: em (126), entendemos que o preço da luz não chegou a subir; em (127), Sócrates nem começou a correr; finalmente, em (128), Nina também desistiu da atividade codificada pelo verbo antes mesmo de começar.

Interessantemente, estes testes demonstram que o advérbio 'quase' parece operar sobre a relação de causalidade que se estabelece entre os subeventos INIC e

⁷⁴ Para Ramchand (2008a), os verbos estativos podem carregar somente uma projeção SInic ou SRes, mas nunca um SProc, em sua estrutura. Ambas as projeções podem, igualmente, ser acompanhadas de uma projeção SRema.

PROC ou entre PROC e RES, e não sobre um traço específico. Infelizmente, a verificação deste fenômeno foge do escopo desta tese, embora mereça mais atenção em trabalhos futuros.

Voltemos a uma outra questão curiosa. A leitura da sentença (125), com o verbo ‘entrar’, aparenta ser um pouco mais intrincada. Porém, mesmo que exista uma restrição temporal bastante forte no evento denotado por ‘entrar’, que em geral é entendido como ocorrendo em um curto espaço de tempo (propriedade dos *Achievements*, que não são durativos), ainda assim, dado o contexto apropriado, é possível aceitar uma leitura ambígua: na primeira interpretação, Joana começou um movimento de fora para dentro, talvez um pouco distante da porta (no portão ou no começo do jardim) e se dirigiu até a linha da porta, desistindo de entrar antes deste último passo. A segunda interpretação, como era de se esperar, prevê que Joana desistiu da atividade antes mesmo de iniciar o trajeto. De toda maneira, ambos os testes preveem diagnósticos complementares para os itens em questão.

Verbos do tipo ‘subir’ também apresentam usos curiosos. Classificados como *Degree Achievements* por alguns autores (KENNEDY, 2012; SOUZA, 2010; entre outros), esses verbos parecem codificar um Processo que culmina em um Resultado que se apresenta como uma localização pontual ao longo de uma escala de mudança (abstrada ou concreta). No caso dos verbos de movimento, esta escala de mudança pode ser entendida como uma trajetória espacial, ao longo da qual o objeto se movimenta. Assim, a posição final de sua localização não seria necessariamente o ponto final da escala, mas um ponto intermediário, diferente do inicial. Essa mudança de um ponto A a um ponto B, contudo, pode ser comumente associada a um Resultado. As noções de escala e trajetória, contudo, nos permitem compreender melhor por que, em alguns casos, o argumento desses verbos parece ter alcançado o final da escala e parece poder ser interpretado como um argumento RESULTANTE (como em (129)) , enquanto que, em outras ocorrências, esse mesmo argumento não parece carregar nenhuma semântica de resultado, como em (130):

(129) O governo subiu o preço da luz.

(130) Quando a polícia abriu a porta, subiu no ar um cheiro de podridão⁷⁵.

⁷⁵ Fonte: <https://goo.gl/fsPDcu>. Acessado em 20/01/17.

Esse caos aparente não deve, contudo, nos desanimar. De fato, toda essa diversidade somente serve de evidência para a tese aqui desenvolvida. Primeiramente, porque demonstra que, diferentemente do que Dowty (1979) conclui a partir de seus testes, as diversas interpretações não estão dentro ou são restringidas pelo Léxico. Ao contrário, as grandes classes verbais que podemos observar são resultado da interpretação da estrutura sintática mais fina que os diferentes itens lexicais podem codificar. Em segundo lugar, e apesar de sua inadequação para postular classes verbais, esses testes nos ajudaram a comprovar que, sim, os verbos em análise possuem um subevento que identifica independentemente o conceito de PROCESSO. Dois destes verbos ('ir' e 'entrar'), além disso, parecem codificar um subevento de Resultado ligado ao Processo e decorrente deste.

Considerando esta última observação, é plausível concluir que o comportamento dos verbos 'ir' e 'entrar' nos indica a existência de pelo menos dois subeventos distintos, para além da iniciação/causação, que estão igualmente codificados dentro desses itens na forma dos traços PROC e RES. Os verbos 'subir', 'correr' e 'caminhar', ao contrário, indicam que lexicalizam somente uma estrutura de processo, para além da iniciação, e não carregam nenhuma especificação sobre seu limite ou ponto final.

Neste momento, um breve parêntese se faz necessário: embora não indiquem que possuam a noção de resultado codificada em suas entradas lexicais, os verbos 'correr', 'caminhar' e 'subir' podem ser frequentemente encontrados em construções que claramente indicam a marcação de culminação:

- (131) Joana subiu dois andares/até o 10o andar/um quilômetro.
- (132) Alice correu a maratona/dois quilômetros/para o supermercado.
- (133) Sócrates caminhou dez quadras/até o parque/a praia toda.

Em alguns casos, evidentemente, pode-se argumentar que a preposição que encabeça o SP estaria contribuindo com a semântica de alvo ou de resultado e, por este motivo, a construção seria interpretada como resultativa. No entanto, é possível perceber que, mesmo em construções com Objeto Direto (OD), a interpretação resultativa continua presente, sugerindo que seria do verbo a responsabilidade de contribuir com o sentido de resultado ou de culminação. Como já foi debatido, tal possibilidade de fato é prevista na proposta da Sintaxe de primeira fase para uma classe especial de ODs codificados na estrutura de certas raízes, nomeadamente, aqueles ODs que identificam o argumento

interno aqui definido como TRAJETÓRIA. É exatamente esta estrutura que se encontra lexicalizada nas sentenças de (131) a (133).

A partir destas análises, torna-se evidente que os verbos de movimento nos fornecem, efetivamente, comprovação empírica para entendermos ainda melhor a distinção entre um argumento SOFREDOR e um TRAJETÓRIA. Mais do que isso, essas evidências nos fazem concluir que determinados verbos de movimento devem especificar em suas estruturas nanossintáticas o traço TRAJ, pois licenciam explicitamente esses participantes.

Como já apresentado anteriormente, argumentos TRAJETÓRIA e REMA não são necessariamente argumentos internos centrais, pois não estão implicados como SOFREDORES no processo ou no resultado de um determinado evento. Contudo, são argumentos verbais que acrescentam informações remáticas centrais para uma compreensão mais completa do tipo de processo ou resultado que está sendo denotado. No caso dos verbos de movimento, contribuem com a noção de um caminho que é percorrido pela figura afetada pelo movimento.

Mais do que isso, é importante lembrar que argumentos TRAJETÓRIA e REMA podem ter a forma de SAs⁷⁶, SPs, mas também de SNs. Segundo Ramchand (2008a), “[a] posição de complemento de um núcleo de processo está associada à relação semântica de homomorfismo estrutural, independentemente da categoria desse complemento”⁷⁷ (RAMCHAND, 2008a, p. 47-48). A propriedade central de um argumento TRAJETÓRIA em posição de complemento de um SOFREDOR é, então, a sua habilidade em contribuir com um mapeamento monotônico entre a estrutura parte-todo do objeto e a estrutura parte-todo do evento.

No caso de SPs, por exemplo, a preposição codifica algum traço da Hierarquia Funcional Espacial⁷⁸ que deve ser interpretado de forma homomórfica em relação ao processo descrito pelo verbo. Verifica-se, assim, que nos casos em que o SP contribuir com um sentido de ALVO - entendido como um limite ou culminância -, o evento todo

⁷⁶ Na estrutura nanossintática proposta por Ramchand (2008a) para os VPs, por exemplo, SAs, SPs e SNs podem aparecer na posição remática de complemento de INICIAÇÃO (“Joana_{INCD} está_{INIC} cansada_{REMA}”/“Joana_{INCD} é_{INIC} a professora_{REMA}”), enquanto SNs e SPs podem aparecer como complementos de PROCESSO, i.e., como TRAJETÓRIA (“Joana_{INCD} nadou_{INIC-PROC} a piscina_{TRAJ}”/“Joana_{INCD} nadou_{INIC-PROC} até_{TRAJ} a margem_{LUGAR}”).

⁷⁷ “The complement position of a process head is associated with the semantic relation of structural homomorphism, regardless of the category of that complement.” - (T.A.)

⁷⁸ Aqui, a noção de Trajetória, como veremos na Seção 3.4, e mais especificamente em 3.4.4, é entendida como um conceito que pode ser refinado em traços como Alvo, Fonte, Lugar e Rota (PANTCHEVA, 2011). Assim, uma preposição pode codificar um ou mais de um destes traços, arranjados arboreamente.

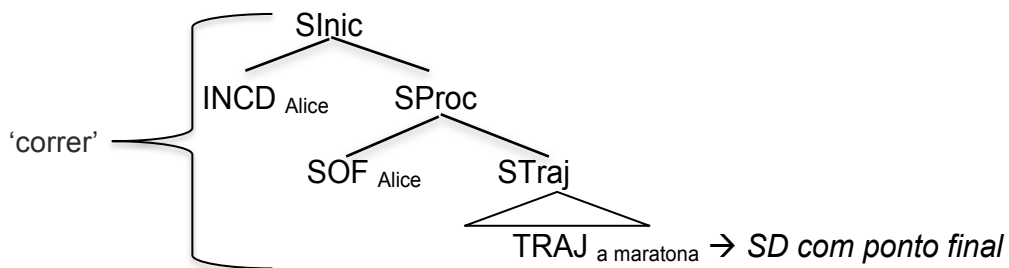
será interpretado como sendo um evento espacial e temporalmente limitado, i.e., nomeando igualmente um ponto final para o movimento (134). Alternativamente, em construções em que o SP não codifica o ALVO do movimento, o processo todo do evento será interpretado como não tendo ponto final explícito (135):

(134) Joana **caminhou até** o parque.

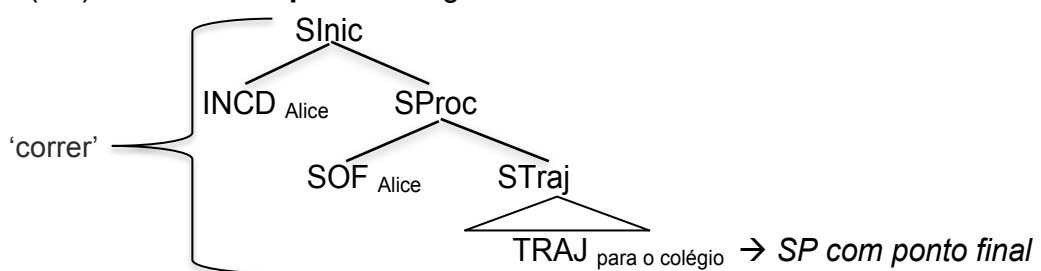
(135) Joana **caminhou no** parque.

O que proponho, então, à luz destes últimos apontamentos, é que determinados verbos de movimento, embora não possuam um argumento interno SOFREDOR sintaticamente distinto do INICIADOR, ainda assim possam carregar um argumento interno TRAJETÓRIA. Logo, um complemento que possua alguma propriedade monotônica em relação ao evento pode ser encaixado sob a projeção SProc, resultando nas estruturas que observamos abaixo. Veremos mais evidências para isso no Capítulo 6.

(136) Alice **correu a** maratona.



(137) Alice **correu para** o colégio.



Note-se que nas representações acima, podemos continuar estabelecendo que Alice seja o especificador das projeções Snic e SProc, ou seja, continua sendo associada ao papel de INICIADOR e SOFREDOR do processo. É Alice que, efetivamente, percorre a trajetória denotada pelo verbo, tendo seu estado de inércia e localização afetados. O SD em posição de objeto, (136), e o SP em (137), por sua vez, contribuem com propriedades que mapearão a trajetória implicada pelo argumento 'Alice' sobre a trajetória de mudança implicada pelo processo do evento.

Além disso, de forma bastante interessante, a representação aqui proposta nos fornece subsídios para explicar por que os verbos ‘ir’ e ‘entrar’ não aceitam argumentos TRAJETÓRIA tão livremente: a Hierarquia Funcional-Conceitual opera restringindo a ordem e a coexistência de argumentos. Como esses últimos verbos já codificam a projeção SRes, e como STraj é um complemento de SProc, verificamos que os verbos que, independentemente identificarem o resultado da mudança-trajetória em progresso, resistirão a um argumento que identifique o progresso e a culminância desta trajetória - exemplos (b), abaixo:

(138) a. Joana foi para casa *dois quilômetros.

b. *Joana foi dois quilômetros.

(139) a. Joana entrou na sala *dois metros.

b. ?Joana entrou dois metros.

Ao mesmo tempo, como as projeções SRes aceitam argumentos REMA (estativos) na posição de seu complemento, ainda temos espaço para o encaixamento de SXs que identifiquem alguma propriedade deste estado final (no caso, localização - LUGAR) do evento, como se observa em (140) e (141):

(140) Joana foi para casa.

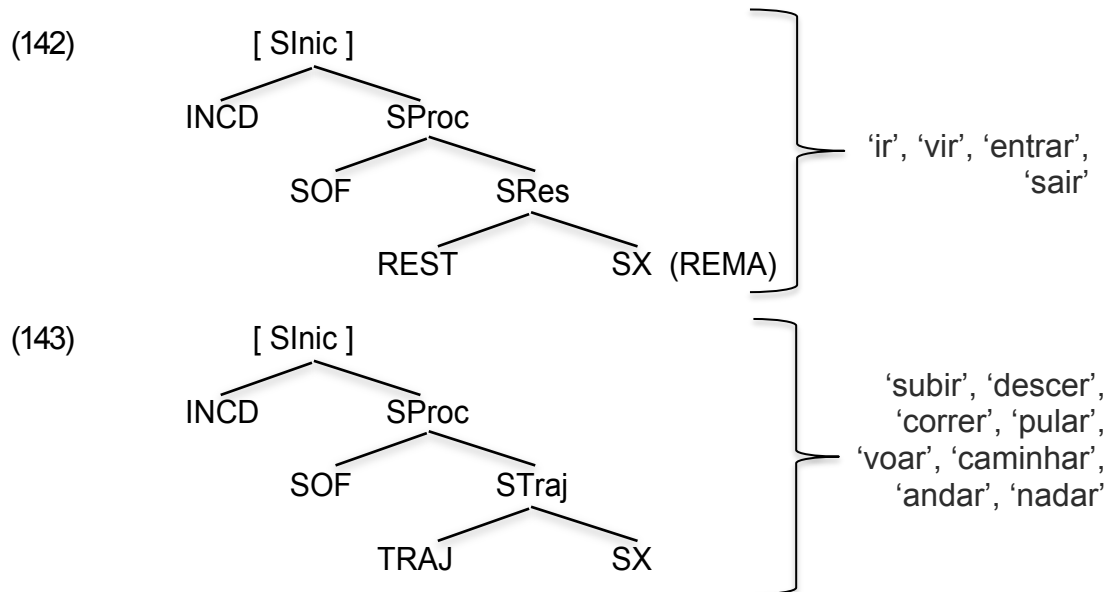
(141) Joana entrou na sala.

Assim, concluo esta discussão retomando, de maneira resumida, os resultados dos testes até aqui apresentados em um quadro (Quadro 3) que pode nos ajudar a melhor visualizar os argumentos/subeventos que podem ser atribuídos a cada verbo analisado para, na sequência, apresentar dados do primeiro *corpus* (Séc. XVIII e XIX) que corroboram esses arranjos:

Verbos:	‘ir’	‘entrar’	‘subir’	‘correr’	‘caminhar’
Testes semânticos:					
1. S _{nic} : Aceita argumento externo INICIADOR	✓	✓	✓	✓	✓
2. S _{Proc} vs. S _{Res} : Distingue RES	✓	✓			
3. S _{Traj} : Aceita argumento TRAJETÓRIA			✓	✓	✓

Quadro 3: Resumo dos diagnósticos de possíveis argumentos de verbos de movimento em PB

Tomando como referência a discussão anterior e o quadro acima, então, será possível verificar se os verbos aqui analisados carregavam, de acordo com os dados dos Séc. XVIII e XIX, as estruturas que seguem:



3.2.1 Diagnósticos Semânticos para os dados do PB dos Séc. XVIII e XIX

Para comprovar essa hipótese, analisemos alguns dados retirados do *corpus* histórico. No primeiro grupo, reproduzo sentenças com os verbos do tipo ‘entrar’, que codificam INIC-PROC-RES. É possível perceber que a localização final do movimento codificado por estes verbos é introduzida por uma preposição. Ao mesmo tempo, enquanto que o verbo entrar parece selecionar tanto ‘para’, quanto ‘em’, o verbo ‘sair’, neste primeiro *corpus*, seleciona somente ‘para’. Como veremos na Seção 3.4 e novamente no Capítulo 6, minha proposta é de que, nestes contextos de variação, muito provavelmente, a Reanálise acontece.

Para o objetivo da presente discussão, contudo, basta verificar que tanto ‘entrar’ quanto ‘sair’ se comportam como verbos que implicam um estado resultante final, alvo do movimento, entendido como uma Localização (estar fora/dentro de algum lugar), mesmo quando são usados sem complemento preposicionado locativo, em (149), ou com preposição puramente locativa, em (145) e (146). Note-se, também, que o uso de uma preposição direcional como ‘para’ também implica a existência desta localização espacial final, sugerindo que ‘para’ também condifige o sentido de LUGAR.

(144) Paguei o imposto predial, e **entrei com 450.000 para** o banco...

- (145) Por motivos de força maior demorei um pouco a **entrar com o dinheiro no** banco, pelo que peço- te desculpas...
- (146) Como brevemente **entrarei na** [prova] oral que me falta, vim antes para ver se havia alguma diferença...
- (147) ... começo as minhas viagens. Em setembro **sahi para** a Belgica, onde o desejo de estudar ...
- (148) ... No sábado (14) pretendo **sahir para** a Freguesia...
- (149) ... soou o signal da revolta: nesse mesmo tempo **sahi para** me ir apresentar ao chefe

Os verbos ‘ir’ e ‘vir’, abaixo, parecem codificar, do mesmo modo, o sentido do traço RES e de localização resultante, tanto quando estão acompanhados de preposição locativa, como ‘em’, exemplo (151), quanto quando aparecem com preposições que codificam, elas também, o sentido de ALVO:

- (150) ... a convite do mesmo **Senhor Costa foi ao Hospital** Portuguez de Beneficiencia e ...
- (151) ... a ultima vez que **fui na** vossa loja foi quando fui lhi pagar 900 ...
- (152) ... Diretor Francisco Antonio da Silveira que se dis(.) **Foi para** essa cidade e não tendo as chaves ...

Os verbos ‘descer’ e ‘subir’ parecem, por sua vez, apresentar comportamento distinto daquele esperado a partir dos primeiros diagnósticos:

- (153) ... e **descem ao** combate n’esse terreno immundo e ...
- (154) **Descendo ao** Commercio na 3a feira, soube ...
- (155) N’este grande dia terá de **subir ao** palco sobralense, depois que a orchestra...
- (156) ... nessa ocasião **subio ao** ar uma grande girandola ...

Como nos exemplos acima, todos os exemplos encontrados parecem evidenciar que a estrutura carregada por tais itens seja idêntica à do grupo ‘ir’ e ‘vir’, que codifica RES. De fato, é possível que tais itens estivessem codificando INIC-PROC-RES no léxico brasileiro dos Séc. XVIII e XIX. Contudo, é importante observar que, nesses dados, ‘descer’ e ‘subir’ estão sempre acompanhados da preposição ‘a’ que poderia por si só contribuir com a noção de ALVO. O único exemplo com ‘em’ é duvidoso. Deste modo, continuo assumindo a estrutura em (142) para ‘subir’ e ‘descer’, muito embora acredite que outras buscas em dados diacrônicos podem acabar comprovando que estes itens

também passaram por uma mudança entre as estruturas INIC-PROC-RES e INIC-PROC-TRAJ. Voltarei a abordar essa possibilidade na Seção 6.3.5.

Entre os verbos do grupo ‘correr’ e ‘caminhar’, novamente encontramos dados que parecem sugerir, unanimemente, que as estruturas codificadas nestes verbos são, efetivamente, INIC-PROC-TRAJ. Assim, verificamos que o conceito de Trajetória codificado pelo verbo se harmoniza com o conceito da preposição selecionada para codificar essa projeção: uma preposição Locativa implicará uma leitura Locativa para o movimento; já o uso de uma preposição Direcional resultará em uma interpretação de deslocamento, com o SD que a preposição introduz sendo entendido como a Localização final do movimento:

- (157) ... **correu** logo **à** imprensa todo revoltado contra ...
- (158) ... uma faca de ponta, e fê-lo **correr para** uma casa vizinha...
- (159) ... aos golpes da cruenta e insaciável parca, **rolou para** o sepulcro ...
- (160) ... meu pensamento que muitas vezes me deixa **voa para** junto de ti ...
- (161) ... **Anda no** ar, como um gnomo multiforme; ...
- (162) ... e comecei a **andar para** o hotel, afim de trepar no baio ...
- (163) ... e **caminhar ao** Capitólio para render graças aos ...
- (164) ... perseguições e injustiças **caminha para** a felicidade.

3.3 ALGUMAS OBSERVAÇÕES INTERMEDIÁRIAS

É preciso destacar, antes de avançarmos, que dentro deste modelo de representação, a diferença entre argumentos e adjuntos se encontra na forma e no tamanho da árvore sintática estocada dentro de um determinado verbo. Se uma raiz verbal do português carregar alguma especificação sobre o sentido e a posição de seus argumentos, esses argumentos obedecerão a leis mais rígidas em relação à ordem de superfície, movimentos e outras operações a que podem se sujeitar.

Por outro lado, se a raiz verbal não trouxer nenhuma especificação sobre a natureza de seus argumentos, mesmo assim, sintagmas que se parecem superficialmente com argumentos de outros verbos podem ser encaixados em suas estruturas sintáticas de forma independente. A diferença entre tais estruturas residirá no comportamento mais livre que um sintagma-adjunto demonstrará em relação à sintaxe de primeira fase e nos acarretamentos semânticos que essa configuração distinta implicará.

Na continuidade, percorrerei uma trajetória parecida com esta empreendida na análise dos verbos do PB, dedicando-me ao estudo minucioso das preposições ‘em’, ‘para’ e ‘a’, com o intuito de isolar e elencar os primitivos que compõem as estruturas mais finas destes itens tão frequentemente encontrados nas construções que denotam movimento ou deslocamento em nossa língua.

3.4 AS ESTRUTURAS CONCEITUAIS DAS PREPOSIÇÕES DO PB

3.4.1 Breve panorama dos traços associados às preposições ‘a’ ‘em’ e ‘para’ no PB

Como já mencionado, diferentes trabalhos, em sua maioria de orientação funcionalista, se debruçaram sobre os sentidos associados às preposições ‘a’, ‘em’ e ‘para’ ao longo dos últimos séculos no PB. Unanimemente, essas pesquisas sugerem uma mudança de sentido na preposição ‘em’ e associam a ela o sentido de Direção ou Alvo do movimento, para além do que chamam de seu “sentido de base” locativo. Esse posicionamento é, na maioria dos casos, resultado da observação do crescente uso da preposição ‘em’ na introdução do complemento locativo de verbos de movimento direcionado, como em (165), retirado de Jesus (2012, p. 313):

(165) Conhecer a cidade, nunca **fui no centro da cidade**, nunca fui. Só **fui** mesmo **nos bairro**.

Alguns autores (FRANÇA, 2006; JESUS, 2012; WIEDEMER, 2013; entre outros), além disso, observam que este sentido direcional já estava presente no item latino ‘in’ que deu origem à preposição ‘em’. De fato, até mesmo algumas gramáticas (BECHARA, 2009; BAGNO, 2004) mencionam que a preposição ‘em’ pode ser associada ao sentido de Direção, devido à sua origem epistemológica. Bagno (2004, p.141), por exemplo, aponta que, em latim, já havia uma concorrência entre os itens ‘ad’ (que deu origem ao termo ‘a’) e ‘in’ (em), para indicar tanto o sentido de localização, quanto de direção.

Ao mesmo tempo, gramáticas normativas desencorajam o uso da preposição ‘em’ para a introdução de complementos de verbos de movimento direcionado no português. Para alguns autores, este é o motivo por trás da constatação de que a variável escolaridade é fundamental no emprego da preposição ‘em’ nestes contextos sintáticos: “informantes com menos anos de escolarização (analfabetos, semianalfabetos e os que estudaram até a 2ª série do ensino fundamental) empregam mais a variante não padrão ‘em’.” (JESUS, 2012, p. 308). O posicionamento normativo, corrobora, por

outro lado, a constatação de que a ocorrência da preposição 'em' com verbos de movimento direcionado era quase inexistente nos dados dos Séc. XIV a XIX (FRANÇA, 2006; WIEDEMER, 2013).

Levando todas estas questões em consideração, os autores citados concluem, como já mencionado, que a preposição 'em' está em variação com as preposições 'a' e 'para' no PB atual. Consequentemente, esses autores sugerem que o item 'em' sofreu interferência das outras duas preposições acima na mudança de seu sentido mais básico, de localização estativa, presente na análise diacrônica, para um sentido direcional, encontrado nas análises sincrônicas (Dados de oralidade do Séc. XXI, principalmente).

Ao contrário dos autores mencionados nesta Seção, porém, sugiro que o item 'em' não esteja codificando ao sentido de Direção (aqui denominado ALVO) no PB atual, muito embora possa ser frequentemente encontrado em contextos sintáticos em que introduz o complemento de verbos de movimento direcional. Será possível perceber, ao longo da análise aqui apresentada, que este item codifica somente o sentido de LUGAR, e que os contextos em que pode ser trocado por 'a' ou 'para' são sintática e semanticamente muito específicos, o que nos impede de afirmar que esteja, de fato, substituindo as preposições 'a' ou 'para'.

Já mencionei anteriormente que este tipo de confusão não é, necessariamente, raro nas pesquisas linguísticas. Os exemplos acima nada mais são que casos de falso sincretismo, ou seja, a ambiguidade estrutural de algumas construções permite que um traço do verbo 'ir', por exemplo, seja incorretamente associado à preposição 'em'. Em outras palavras, o fato de a preposição 'em' poder ser encontrada em contextos sintáticos e semânticos aparentemente idênticos àqueles das preposições 'a' e 'para', leva alguns autores a concluir que este item codifica ou carrega os mesmos sentidos que os outros dois, fato que se configuraria em um fenômeno de sincretismo entre os itens 'a', 'para' e 'em'. No entanto, a presente análise demonstrará que o item 'em', pelo menos no PB, não sofreu mudança semântica e permanece como uma preposição que codifica unicamente o traço conceitual de LUGAR.

Para visualizarmos de forma mais clara as propostas das outras pesquisas sobre os possíveis acepções das preposições 'a', 'em' e 'para' no domínio espacial⁷⁹ PB dos Séc. XVI a XXI, organizo resumidamente os sentidos associados a cada item no Quadro 4 abaixo:

⁷⁹ Sentidos associados aos domínios de tempo, qualidade ou sentidos mais abstratos foram desconsiderados para a presente análise.

Trabalho:	'a'	'em'	'para'
França, 2006 Séc. XIV, XV e XVI	<p>Espaço: - Direção* - Localização</p> <p>* Séc. XIV, XV e XVI : “a preposição ‘a’ é usada na maioria absoluta de contextos que indicam direção espacial” (p.128)</p>	<p>Espaço: - Direção** - Localização</p> <p>** “‘em’ no sentido direção não aumentou seu uso, mas sim diminuiu” (p.128)</p>	<p>Espaço: - Direção**</p>
Kewitz, 2007 Séc. XIX e XX	<p>Sentidos de base: - direção e ponto final - aproximação - localização pontual (p. 201-202)</p>	Não foi analisada	<p>Sentidos de base: - direção e ponto final - percurso (para a frente de) (p. 201-202)</p>
Berlinck, 2011 Primeiras décadas do Séc. XX	<p>a***: - direção - movimento / transferência - transferência material - transferência verbal</p> <p>***Dá preferência a complementos humanos (p. 296)</p>	Não foi analisada	<p>para****: - direção - movimento / transferência - transferência material - transferência verbal</p> <p>****Dá preferência a complementos locativos (p.294)</p>
Jesus, 2012 Séc. XXI	Não é encontrada nos dados.	- Direção - “Lugar onde” (principal sentido)	- Direção
Wiedemer, 2013 Séc. XIX, XX e XXI	<p>- Locativo - Direção</p> <p>*****Tendência ao abstrato/ Distanciamento do concreto</p>	<p>- Locativo - Alativo (Direção)</p>	<p>- Direção</p> <p>*****Tendência ao concreto</p>

Quadro 4: Sentidos das preposições ‘a’, ‘em’ e ‘para’ em pesquisas sobre o PB na última década

3.4.2 A Semântica Conceitual e as preposições

Como mencionei no tratamento dado aos verbos, de um ponto de vista semântico, a presente tese está fundamentada na teoria conceitual decomposicional proposta por Jackendoff (1983). Assim, inicio esta seção com a proposta do autor para a decomposição das preposições do inglês. Para ele, preposições espaciais codificam funções de lugar: uma preposição como ‘sobre’, por exemplo, codifica a função-lugar ON, enquanto que seu SN subcategorizado codifica o argumento desta função-lugar, ou seja, o objeto de referência (ou Fundo nos termos de TALMY, 1985, 2000). Além disso, cada função-lugar estabeleceria restrições conceituais para seu objeto-fundo, ou seja, ON restringiria a seleção de seus SNs a objetos com uma superfície superior, por exemplo.

Desta forma, para Jackendoff (1983), a estrutura ou regra relacionada a uma preposição teria a forma abaixo:

$$(166) \quad \underbrace{[\text{Lugar } x] \rightarrow [\text{Lugar FUNÇÃO-LUGAR } ([\text{Coisa}y])]}_{\text{“sobre a mesa”} \rightarrow [\text{Lugar ON } ([\text{Coisa} \text{MESA}])]}$$

Note-se ainda que, na notação do autor, as expressões subscritas representam as categorias ontológicas defendidas em seu tratado. Os itens em maiúsculas, por sua vez, representam conceitos que compõem tais categorias. Com esse maquinário em mãos, Jackendoff então propõe que a distinção mais importante a ser feita no domínio espacial é aquela entre FUNÇÕES-LUGAR⁸⁰ e FUNÇÕES-TRAJETÓRIA. Segundo sua hipótese, essa última função poderia tomar como argumento tanto ENTIDADES quanto FUNÇÕES-LUGAR. Além disso, a grande categoria de FUNÇÕES-TRAJETÓRIA poderia ser ainda subdividida em três grandes grupos:

- (167) Grupo 1 - Limitadas⁸¹: uma subcategoria que reúne conceitos que definem algum tipo de limite ou culminância. Dentro desta classe, o autor coloca FUNÇÕES-TRAJETÓRIA de fonte, como FROM⁸², e alvo, como TO, por exemplo.

⁸⁰ PLACE-FUNCTIONS e PATH-FUNCTIONS, em Jackendoff (1983).

⁸¹ No inglês, Bounded.

⁸² O título das funções sugeridas por Jackendoff foi deixado em inglês, pois são categorias e não fazem, necessariamente, referência às efetivas preposições ‘to’ (para) e ‘from’ (de), por exemplo.

- (168) Grupo 2 - Direcionais⁸³: outra categoria reunindo conceitos de direção que não especificam, todavia, um ponto final. Este grupo reuniria conceitos como TOWARD e AWAYFROM.
- (169) Grupo 3 - Rotas⁸⁴: a última categoria reuniria conceitos que colocam o “objeto de referência em relação com algum ponto no interior da trajetória” (p.165). Um dos conceitos-chave deste grupo seria VIA.

Como veremos na sequência, através da discussão de trabalhos como o de Pantcheva (2011) e de Svenonius (2007, 2008), tal classificação encontra evidências empíricas em diversas línguas que possuem morfemas especializados em um ou outro conceito. Antes de passarmos à revisão de tais análises, contudo, permitam-me um último destaque: como já mencionei, Jackendoff (1983) assume que diferentes línguas lexicalizam de formas distintas os conceitos e as estruturas conceituais acima, paralelamente assumindo que mais de uma função-lugar possa estar presente dentro de um mesmo item lexical. Para o autor, por exemplo, a preposição ‘under’, do inglês (e aparentemente também a preposição sob/embaixo de do PB) é ambígua entre a especificação das duas estruturas abaixo:

- (170) [Lugar UNDER ([Coisa TABLE])]

[Trajetória TO ([Lugar UNDER ([Coisa TABLE]))]

Assim, dentro da Nanossintaxe, será possível incorporar todas as propostas defendidas por Jackendoff em um sistema que explique a aparente ambiguidade de itens como ‘sob’ e que prescindia, ao mesmo tempo, da necessidade extra de se estipular regras de ligação entre a Semântica e a Sintaxe, como é o caso da relação necessária entre as estruturas acima, codificadas na Estrutura Conceitual das entradas lexicais, e as estruturas sintáticas correspondentes⁸⁵.

3.4.3 Diagnósticos Semânticos : Preposições Projetivas/Locativas

No contexto específico do SP, e dentro da Nanossintaxe, Svenonius (2007, 2008) sugere que as preposições e as partículas do inglês estejam distribuídas em

⁸³ No inglês, Direction.

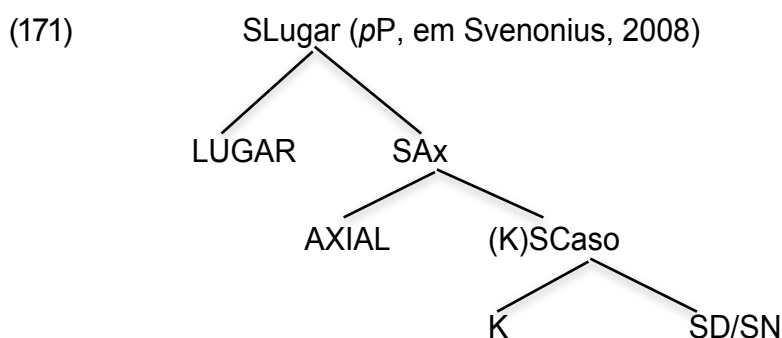
⁸⁴ No inglês, Route.

⁸⁵ Para Jackendoff (1983), as estruturas em (170) são “Regras de boa formação” [“Well-formedness rules” (WFR)] responsáveis pela regulação do módulo Conceitual (p. 21). Ao mesmo tempo, em seu sistema, seria ainda necessário a estipulação de Regras de correspondência que regulariam a relação entre a Estrutura Conceitual e a Estrutura Sintática.

quatro classes (e não três), variando na complexidade das estruturas sintáticas que lexicalizam⁸⁶. Ao mesmo tempo, a estrutura nanossintática de tais preposições, à moda dos verbos acima, é decomposta em nós funcionais que representam categorias conceituais como aquelas propostas por Jackendoff (1983): LUGAR, TRAJETÓRIA, PROJEÇÃO, etc.

Para Svenonius, preposições como ‘under’ (embaixo de) e ‘on’ (sobre/em cima de)⁸⁷ representam o primeiro grupo, que o autor intitula de “Projetivas”. Baseando-se no trabalho de Zwarts (1997) e Zwarts & Winter (2000), que propõem, por sua vez, uma Semântica de vetores espaciais para decomposição das estruturas dos SPs locativos, Svenonius (2008) apresenta “evidências [empíricas] para a postulação de que cada componente da decomposição semântica corresponde a uma projeção sintática” (SVENONIUS, 2008, p. 6-7). Exploraremos tal argumentação abaixo, acompanhada de testes com algumas preposições do PB.

Inicialmente, o autor sugere que as preposições deste primeiro grupo codificam a estrutura em (171):



O nó funcional aqui denominado Axial Part é uma adaptação que Svenonius (2007) faz do termo *axial part* proposto em Jackendoff (1996, *apud* SVENONIUS 2007, p. 7). Tal traço seria o equivalente semântico para uma categoria morfossintática encontrada em muitas línguas e que identifica um ponto específico do Fundo passível de ser interpretado como um eixo espacial ou uma região que permite localizar a Figura. Assim, Svenonius sugere que “SAx seja uma função de *eigenplaces*⁸⁸ para regiões que

⁸⁶ Embora o autor discuta quatro classes, neste trabalho, vamos tratar de três grupos somente, pois o último grupo de Svenonius (2010) diz respeito às partículas ou satélites do inglês que não possuem correspondentes no PB.

⁸⁷ Para uma lista completa das preposições analisadas por Svenonius, referir-se ao artigo original.

⁸⁸ Segundo Svenonius (2008), noção introduzida por Wunderlich (1991) que pode ser definida como sendo uma região ocupada por um objeto.

constituem normalmente subpartes daqueles *eigenplaces*⁸⁹, tais como frente, topo, lado, interior (SVENONIUS, 2007, p. 7).

Interessantemente, um conceito semelhante já aparece em Jackendoff (1983), com a diferença de que este autor havia proposto que primitivos como ON, AT ou IN seriam o correlato semântico-conceitual do sentido espacial que Svenonius chama de Axial Part. Lembremos que na notação de Jackendoff (1983), Lugar, Trajetória, Elemento, etc representavam categorias conceituais, enquanto que ON, AT ou IN representavam os conceitos que compunham tais categorias. Ora, na proposta nanossintática, esses conceitos mais especializados de uma determinada língua são instâncias de uma outra categoria, a Axial Part, e tanto essa categoria como a categoria de Lugar representam conceitos primitivos finos mas generalizantes.

A diferença entre os dois tratamentos se encontra no fato de que a proposta de Jackendoff (1983) considerava, efetivamente, os sentidos especializados de ON ou AT como sintaticamente relevantes, enquanto que na Nanossintaxe, o que é sintaticamente relevante é somente uma noção de um eixo espacial permitindo a localização de uma Figura em relação a um Fundo (Talmy, 1985, 2000). Ou seja, a noção específica de interioridade ou de superioridade, contudo, não se coloca como gramaticalmente relevante. Somente o fato de um item estar predisposto a tal especificação, seja ela qual for, é que se encontra codificado em sua estrutura nanossintática.

A devida harmonização dos sentidos enciclopédicos da região codificada por AXIAL com o conhecimento de mundo variaria, então, a depender do léxico de cada língua natural. Com efeito, Svenonius consegue demonstrar que, mesmo para uma língua que possui uma ampla gama de itens especializados, como o inglês, o traço relevante é efetivamente o Axial Part. A presença de tal traço permite, assim, antever e generalizar o comportamento de todos os itens que o carregam, independentemente de denotarem o sentido específico de anterioridade, interioridade, superioridade, etc.

Neste ponto, também é importante ressaltar que ainda não há consenso dentro da Nanossintaxe sobre a necessidade de se postular que todas as línguas lexicalizem em seus SPs todas as projeções formuladas dentro das mais diversas investigações da teoria, embora seus autores mais relevantes tenham adotado abertamente essa posição. Isto é, se uma língua possui o SP *embaixo de*, que carrega a estrutura

⁸⁹ "SAxart is a function from eigenLugars to regions which are normally subparts of those eigenLugars such as front, back, top, side, interior, or exterior. Lugar, then, is a function which identifies spaces on the basis of those subparts". - (T.A.)

[Trajetória[Lugar[SAXart[K]]]] e uma outra língua possui somente o item *sob*, ainda se discute a possibilidade de se postular que o item *sob* carregue toda a estrutura [Trajetória[Lugar[SAXart[K]]]] ou se, alternativamente, poderíamos dizer que este lexicalize somente uma parte dela, nomeadamente, [Trajetória[Lugar]]. A mesma discussão se estende para itens sinônimos de uma mesma língua.

De fato, tal problema não é exclusivo do domínio dos SPs. No domínio verbal, ainda existe discussão sobre a necessidade de se postular uma projeção Tense (Tempo) em línguas que não tenham morfologia para tal categoria (STARKE, 2010), por exemplo. Por mais indispensável que seja esta discussão, ela foge ao escopo desta tese e ficará aberta para futuras investigações translinguísticas. Neste momento, seguindo Pantcheva (2011) e defendendo uma visão teórica que pressupõe a existência de uma Estrutura Conceitual universal regulando as gramáticas individuais, assumirei que, se uma língua expressa abertamente (morfossintaticamente/ foneticamente) uma determinada categoria funcional, então todas as línguas devem possuir tal projeção, mesmo que ela não seja fonologicamente/morfologicamente transparente⁹⁰.

Retornando à estrutura das preposições Projetivas, volto a destacar que, na proposta de Svenonius (2008), todos os representantes de tal grupo apresentam comportamento sintático previsível e comum à classe. São eles: (a) tais itens podem ser encontrados como complemento de verbos estativos, onde seriam interpretados como puramente locativos, (172), exemplo (a).; (b) quando combinados com verbos em que o traço Direção seja opcional, eles terão uma interpretação ambígua (172)-(b), enquanto que, ao se combinar com verbos obrigatoriamente direcionais, serão interpretados como introduzindo o ALVO do movimento, como em (172)-(c); e (c) aparecem como modificadores de SDs (172)-(d):

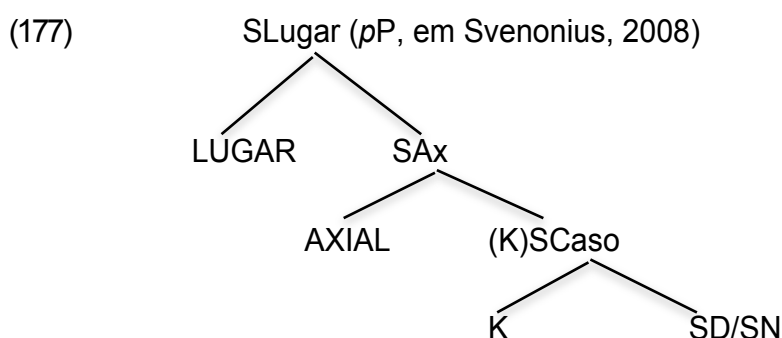
- (172) a. Joana está/ficou **atrás da/na frente da** escola.
 b. Joana correu **atrás da/na frente da** escola. → ambígua
 c. Joana foi **atrás da/na frente da** escola.
 d. O carro **atrás da/na frente da** escola (é da diretora).

⁹⁰ Refiro a Starke (2009) e a Pantcheva (2011) para uma discussão sobre a obrigatoriedade da presença de todos os traços nas projeções sintáticas e sobre a possibilidade de que certos nós/traços sejam mais marcados do que outros, a variação podendo residir no fato de uma língua ter material morfológico/fonético para expressar traços não marcados.

Repito, abaixo, os mesmos testes⁹¹ com outras preposições do PB para verificar quais delas pertenceriam a esta primeira classe:

- (173) a. Joana está/ficou **na** escola.
 b. Joana correu **na** escola. → ambígua
 c. Joana foi **na** escola.
 d. O carro **na** escola (é da diretora).
- (174) a. Joana está/ficou **perto da/longe da** escola.
 b. Joana correu **perto da/longe da** escola. → ambígua
 c. Joana foi **perto da/longe da** escola.
 d. O carro **perto da/longe da** escola (é da diretora).
- (175) a. Joana está/ficou **embaixo da/em cima da** ponte (é da diretora).
 b. Joana correu **embaixo da/em cima da** ponte. → ambígua
 c. Joana foi **embaixo da/em cima da** ponte.
 d. O carro **embaixo da/em cima da** ponte (é da diretora).
- (176) a. *Joana está/ficou **à/para/até** a escola.
 b. Joana correu **à/para/até** a escola.
 c. Joana foi **à/para/até** a escola.
 d. *O carro **à/para/até** a escola (é da diretora).

Assim, observando os exemplos acima, testados a partir dos diagnósticos propostos por Svenonius (2008) com algumas preposições do PB, somos levados a concluir que os itens ‘atrás’, ‘em frente de’, ‘em’, ‘embaixo de’, ‘em cima de’ e ‘entre’ de fato codificam a estrutura de (171), repetida abaixo para maior clareza:



Aqui, uma observação deve ser destacada. Nos casos ambíguos, o autor também propõe que, quando combinadas com verbos de direção (exemplos b. e c.), as preposições em questão lexicalizam, para além da estrutura tradicional proposta em

⁹¹ Todas estas sentenças foram testas com 5 informantes diferentes. Houve consenso nas interpretações.

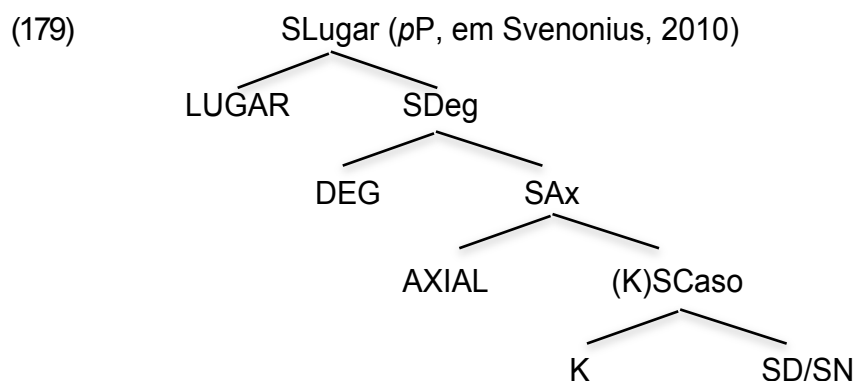
(171), um nó direcional nulo que chama de TO. Na nomenclatura de Pantcheva (2011) este mesmo conceito poderia ser representado pelo traço ALVO, que é construído em cima do traço de LUGAR. Veremos, contudo, que, nos casos estruturalmente ambíguos, a preposição continua sendo puramente locativa. Consequentemente, o traço ALVO deve estar codificado na raiz verbal para que essa ambiguidade seja possível. Tal ambiente, também é importante destacar, torna possível um caso de falso sincretismo dentro das pesquisas da área: uma preposição como ‘em’ passa a ser associada a um traço (no caso, ALVO) que, na verdade, não codifica. Voltarei a essa discussão na Seção 3.4.5 e no Capítulo 6.

3.4.4 Diagnósticos Semânticos : Preposições espaciais Limitadas/Direcionais

O segundo grupo de preposições proposto por Svenonius (2008) chama-se Limitadas. Segundo o autor, os itens deste grupo se distinguiriam do primeiro por bloquear modificadores de grau (exemplos c. e d.):

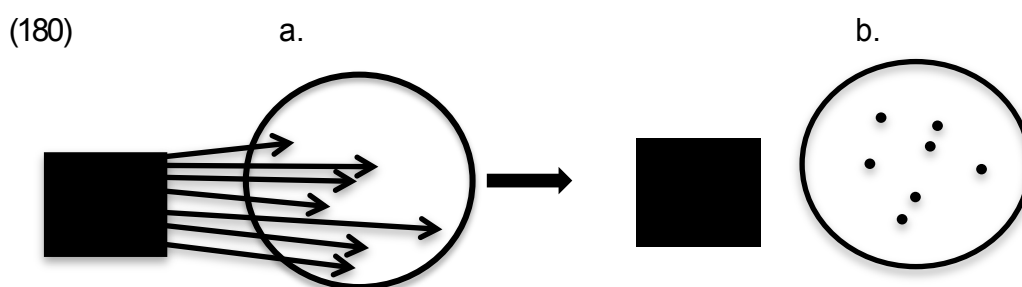
- (178) a. The ship remained six meters in front of the docks.
The ship[o navio-3ps] remained[permanecer-P] six meters[seis metros] in front of[na frente de-LUGAR] the docks[as docas]
- b. O navio permaneceu seis metros à/em frente das docas.
- c. *The ship remained six meters between the docks.
The ship[o navio-3ps] remained[permanecer-P] six meters[seis metros] between[entre-LUGAR] the docks[as docas]
- d. *O navio permaneceu seis metros entre as docas.

Esta segunda categoria carregaria, deste modo, a seguinte estrutura:



O nó SDeg corresponderia, em Svenonius (2008), à manifestação sintática do conceito Loc de Zwarts and Winters (2000 *apud* SVENONIUS, 2008). Assume-se, assim, que uma preposição Limitada precisa codificar como parte de seu significado a função de uma região (o Fundo, por exemplo) para espaços vetores e que é a coleção dos pontos finais destes vetores que define a região denotada pela preposição.

Por exemplo, para entender uma preposição como 'perto de', conceberíamos uma série de vetores de diversos comprimentos projetando em diversas direções para as proximidades do Fundo (180)-(a). Seria, então, a coleção destes pontos assinalados pelos vetores que definiria a região denotada pela preposição (180)-(b):



O nó SDeg seria a projeção sintática desta propriedade codificado dentro das estruturas das preposições Limitadas. Portanto, a restrição seria explicada da seguinte maneira: considerando-se que o nó SDeg já está codificado dentro da estrutura de uma preposição Limitada, quando esta for selecionada para lexicalizar uma determinada construção sintática, seu próprio nó SDeg cobrirá a projeção correspondente, impedindo que outros itens lexicais sejam inseridos na mesma posição:

- (181) a. *Joana estava dois metros entre as árvores.
b. *Joana estava dois metros perto das árvores.

Para verificar quais das preposições do PB bloqueariam um item extra carregando o nó SDeg, passamos ao teste proposto por Svenonius, colocando as preposições aqui analisadas em sentenças com modificadores de grau⁹²:

- (182) Joana ficou dois metros atrás do grupo.
(183) Joana ficou dois metros em frente do grupo.
(184) Joana ficou dois metros longe da escola.
(185) ?Joana ficou dois metros perto da escola.

⁹² É, de fato, a ideia de grau que inspira e justifica o nome desta projeção, Degree (grau, no inglês) → Deg.

- (186) *Joana foi dois metros para a escola.
- (187) *Joana ficou dois metros na escola.
- (188) *Joana foi dois metros à escola.
- (189) *Joana ficou dois metros embaixo da ponte.
- (190) *Joana ficou dois metros em cima da calçada.
- (191) *Joana ficou dois metros até a escola.
- (192) *Joana ficou dois metros entre a escola e o mercado.

É possível perceber, a partir dos testes acima, que pelo menos as sentenças de (186) a (192) bloqueiam fortemente modificadores de grau. Assim, poderíamos colocá-las, segundo a classificação de Svenonius (2008), na categoria das Limitadas. Contudo, também se percebe que o item ‘em’, peça de interesse central na análise desta tese, já apresenta comportamento irregular (da mesma forma que ‘entre’, ‘embaixo de’ e ‘em cima de’ - as chamadas preposições ambíguas), passando nos testes propostos para ambas as categorias. Voltarei à discussão deste item, de forma mais aprofundada, no Capítulo 6, que tratará das mudanças por que têm passado os verbos e as preposições do PB. Uma hipótese, porém, pode ser antecipada.

Veremos, nas análises dos dados históricos e contemporâneos do PB, que não temos razões para tratar esse item como uma preposição Limitada. De acordo com os dados examinados (e todos os testes realizados na seção anterior, 3.4.3), ‘em’ codificaria unicamente o traço LUGAR e carregaria a estrutura apresentada para a categoria das preposições Projetivas (171). Precisaríamos nos perguntar, então, por que este item estaria supostamente bloqueando o nó SDeg, assim como ‘para’, ‘a’ e ‘até’. Uma saída para esta aparente excentricidade será a adoção da Hierarchy Funcional Espacial de Pantcheva (2011) unida aos pressupostos da Semântica Conceitual (JACKENDOFF, 1983, 1990).

Para entender isto, é preciso lembrar que, dentro da abordagem semântico-conceitual, o sentido de localização, representado pela categoria de LUGAR, é puramente estativo e não pode ser interpretado na forma de vetores indicando uma direção. Este traço implica, assim, que o item que o codifica não seja passível de modificação por um item que pressupõe uma trajetória abstrata, sentido que estaria implícito na interpretação dos vetores. Consequentemente, o que o teste acima parece indicar é que o item ‘em’ efetivamente codifica somente um sentido de Localização estativo e está bloqueando o traço DEG não por já codificar informação sobre o tamanho de seus vetores, senão exatamente por não carregar a noção de vetores.

Resta-nos entender por que as preposições ‘para’, ‘a’ e ‘até’ também estariam bloqueando um modificador externo codificando o traço DEG, quando aparentemente seu sentido parece implicar a existência de uma trajetória exatamente no sentido dos vetores ilustrados acima. Obviamente, não queremos sugerir que estas preposições sejam puramente locativas, pois sua distribuição e suas interpretações em contextos estativos, por exemplo, parecem indicar a existência de algum tipo de vetor apontando em direção de alguma localização:

(193) A casa fica **na direita**.

(194) A casa fica **para a direita**.

Além disso, dado o contexto certo, ao se flexibilizar a localização do ALVO do movimento, os itens acima mencionados aceitam sim a modificação de outro item que estaria codificando DEG de forma independente:

(195) Foi o caldo da minha vida, fui **muito para o fundo**⁹³ (diz Volnei), ele ficou 2 ondas embaixo e quando subiu uma nova série entrava impossibilitando o resgate, ...

(196) Mas quando entro no Ubuntu (7.04), acontece da imagem do monitor ficar **muito pra direita**⁹⁴, não fica centralizada na tela.

A hipótese que posso levantar, neste momento, levando em consideração os pressupostos da Semântica Conceitual e da proposta de Pantcheva (2011), é que, apesar de não codificarem o nó DegP, os itens ‘para’ e ‘a’, especificamente, codificam o traço ALVO, entendido como o traço que indica a localização do ponto final do desenvolvimento de uma trajetória real ou abstrata. Assim, embora não carreguem informação sobre o tamanho e a natureza de seus vetores, estes itens já codificariam a localização final da trajetória que expressam.

Nos testes acima, parece que é a natureza deste ponto final que bloqueia o conceito DEG. Portanto, a questão não estaria na forma da estrutura dos itens lexicais, mas na (in)capacidade da sintaxe de construir um evento que codifique o sentido de localização final precisa e, ao mesmo tempo, de colocar um modificador deste ponto final que o invalidaria:

⁹³ Fonte: <https://goo.gl/6uPzrB> Acesso em 08/12/2016.

⁹⁴ Fonte: <https://goo.gl/2Pnr7F> Acesso em 08/12/2016.

(197) *Joana foi muito_{DEG} pra casa.

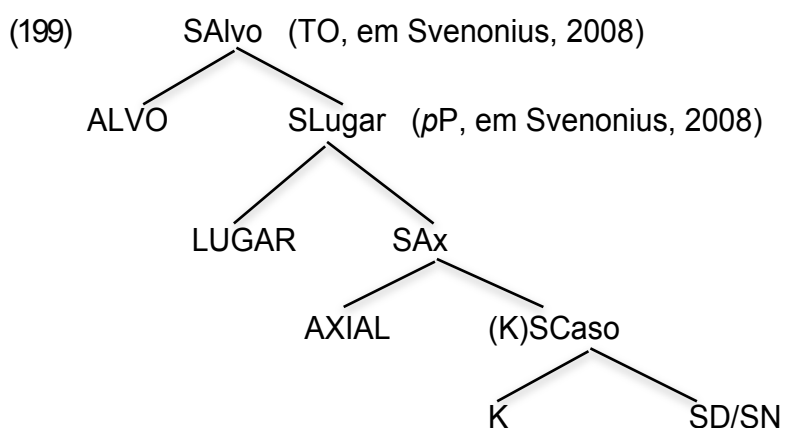
(198) Joana foi muito_{DEG} pro fundo.

Como se pode observar em (198), a coocorrência de DEG com um ALVO cuja localização pode ser flexibilizada não causa estranhamento. Finalmente, é importante mencionar que o item ‘até’ efetivamente parece codificar o nó DEG, de acordo com uma análise superficial de sua distribuição em relação ao item ‘para’. Contudo, uma investigação mais profunda, neste momento, fugiria ao escopo desta argumentação. Além disso, sua complexidade merece um tratamento bastante minucioso e preciso, atividade que ficará para as próximas investigações.

Levando em conta as evidências expostas até aqui, acredito ser possível propor, neste momento, que a Hierarquia Funcional Espacial de Pantcheva (2011) parece mais bem equipada para nos auxiliar na tentativa de explicar os dados do PB. Como veremos nesta última Seção, a terceira categoria proposta por Svenonius (2008), nomeadamente, das preposições Estendidas, também pode ser melhor representada nos termos de Pantcheva (pelo menos no PB).

3.4.5 Diagnósticos Semânticos : Preposições Estendidas/Rotas

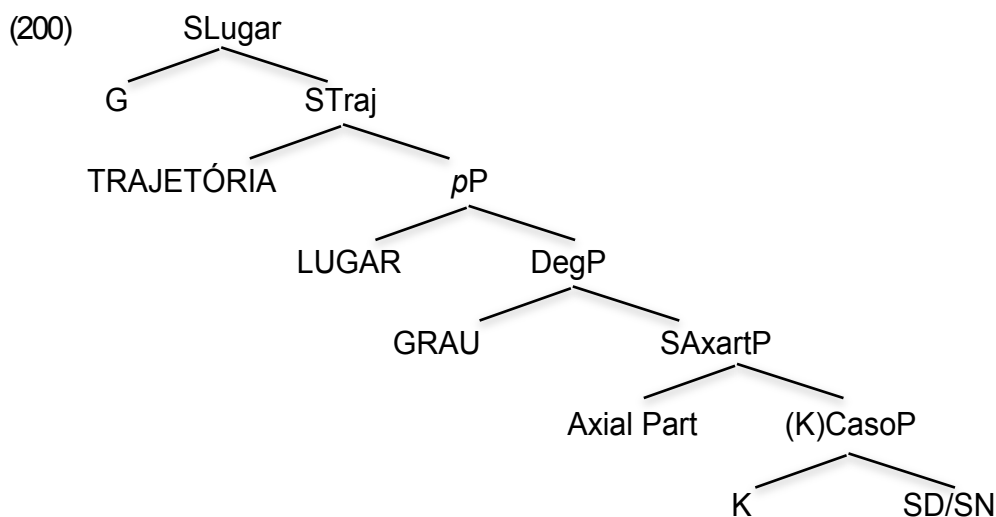
A terceira categoria de preposições proposta por Svenonius (2008) abarcaria aquelas denominadas Estendidas. No PB, as preposições *através de* e *acima de* seriam alguns exemplos. Como as preposições Projetivas - primeiro grupo -, essas últimas normalmente aceitam uma interpretação de trajetória para além de uma interpretação puramente locativa. A diferença, contudo, está no fato de que as preposições Projetivas, nos seus sentidos direcionais, podem ser parafraseadas acrescentando-se *para* (inserindo-se um item lexical extra, distinto daquele que codifica LUGAR, sobre o nó SALvo (TO nulo, para Svenonius) que estabelecemos na estrutura abaixo:



Alternativamente, as preposições Estendidas não aceitariam a inserção de um item extra carregando a noção de SALvo. Ou seja, *correr dentro da sala* pode ser parafraseado como *correr **para** dentro da sala*, enquanto que *correr através do bosque* não pode ser parafraseado como **correr **para** através do bosque*.

Como foi o caso das outras duas categorias de preposições, esta sugere uma grande riqueza descritiva no que diz respeito à configuração espacial do Fundo⁹⁵ ou ao objeto/localização de referência. Assim, baseando-se mais uma vez em diagnósticos semânticos, Svenonius (2008) propõe que, adotando “uma abordagem decomposicional para o sentido das preposições, nós podemos assumir que estas preposições lexicalizam um ou mais dos nós mais baixos da projeção estendida de SLugar, i.e. Lugar ou SAx, além de ter um componente Trajetória.”⁹⁶ (SVENONIUS, 2008, p. 21 - Grifo meu).

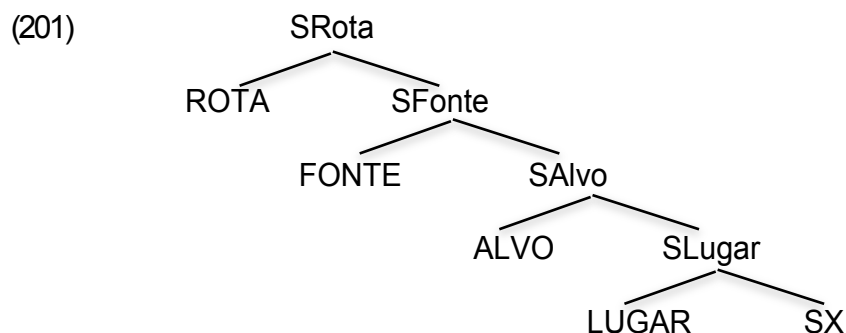
Nesta linha, Svenonius conjectura que, embora geralmente seja assumido que Trajetórias contenham Lugares, em determinados casos, a projeção SLugar pode conter uma projeção STraj. Neste sentido, sua proposta de representação nanossintática está reproduzida abaixo:



⁹⁵ Em inglês, “(...) for example, *through* is based on the identification of the outer limits of a three-dimensional Ground, *across* requires a two-dimensional Ground, and *along* requires an elongated or ‘ribbonal’ Ground; *around* makes reference to the perimeter of a Ground, and *over* and *under* pick out the regions above and below the Ground, in much the same way as *above* and *below* do.” (SVENONIUS, 2008, p. 21)

⁹⁶ “Thus, on the decompositional approach to prepositional meaning, we can assume that these prepositions lexicalize one or more of the lower heads in the extended projection of P, e.g. Lugar or SAxart, in addition to having a Path component.” - (T.A.)

Todavia, embora a recursividade seja sim um dos princípios essenciais do modelo nanossintático, acredito que, para este caso novamente, a proposta de Pantcheva (2011) seja uma saída mais elegante. Como já mencionei, após ampla pesquisa translinguística, esta autora chega à proposta de que o conceito de TRAJETÓRIA pode ser decomposto em traços ainda mais finos que ALVO e LUGAR. Em sua tese, propõe então a seguinte representação máxima para um SP:



No seu tratamento de preposições como ‘através’, ‘ao longo de’, etc, a autora sugere que tais itens lexicais codificam uma estrutura em que o traço mais alto seja SRota. Como é possível notar também no PB, essas preposições codificam, para além dos conceitos de FONTE do movimento e de ALVO do movimento, uma ideia de ROTA ou um percurso percorrido entre um ponto (a FONTE) e outro (o ALVO). Tais preposições denotariam, conseqüentemente, a semântica de dupla transição.

Para entendermos essa hipótese, precisamos retomar a proposta de interpretação semântica de Pantcheva (2011). Para a autora, o valor semântico de cada projeção se encontra na fase em que seu valor de verdade é avaliado. Assim, a autora propõe uma representação semântica formal e recuperada composicionalmente. Isto é, a contribuição da projeção Alvo seria um sentido de transição, de uma região para outra. Em outras palavras, ela representa a passagem da Figura de uma fase negativa para uma fase positiva em relação ao Fundo (Zwarts, 2008 *apud* Pantcheva, 2011, p. 70):

(202) Alvo (ZWARTS, 2008, *apud* Pantcheva, 2011, p.70)

```

  - - - - + + + +
  0           1
  
```

A contribuição da projeção SFonte, por sua vez, seria a aplicação de uma operação de inversão sobre a semântica da projeção SAlvo. Em outras palavras, a projeção SFonte, quando adicionada à sintaxe, reverte a orientação da trajetória denotada pela projeção abaixo, nomeadamente, SAlvo:

(203) Fonte (ZWARTS, 2008, *apud* Pantcheva, 2011, p.72)

+ + + + + - - - - -
1 0

Finalmente, a projeção SRota contribuiria com um sentido bi-transicional, construído composicionalmente sobre os sentidos das projeções mais baixas, em que a localização da Figura em relação ao Fundo é verificada em uma posição intermediária entre a FONTE e o ALVO, como na imagem abaixo, retirada novamente de Zwarts (2008 *apud* PANTCHEVA, 2011, p. 74):

(204) Rota (ZWARTS, 2008, *apud* Pantcheva, 2011, p.74)

- - - - - + + + + + - - - - -
0 1

A computação dessas interpretações, segundo Pantcheva, poderia ser resumida da seguinte forma:

(205) Derivação sintático-semântica de uma Rota (PANTCHEVA, 2011, p. 74):

- a. [Lugar ...]
- b. Concatenação de Alvo →
- c. [Alvo[Lugar ...]] representando uma trajetória do tipo - - - + + +
- d. Concatenação de Fonte →
- e. [Fonte[Alvo[Lugar ...]]] → reversão de Alvo → + + + - - -
- f. concatenação de Rota →
- g. [Rota[Fonte[Alvo[Lugar ...]]]] → adição de uma segunda transição →
- - - + + + - - -

É importante destacar, mais uma vez, que a construção do sentido bitransicional de ROTA é realizada sobre o sentido de FONTE: i.e., a primeira transição - da posição positiva (central) em relação ao Fundo para a negativa (final) - é contribuída pelo primitivo FONTE; já a segunda transição é construída a partir deste sentido e contribuída pelo próprio primitivo ROTA.

Como vemos, então, embora Pantcheva se preocupe com uma representação formal para as análises semânticas que propõe, sua proposta se alinha com teorias cognitivas de percepção e de mudança (TALMY, 2000; PINKER, 1989) e com os pressupostos da Semântica Conceitual (JACKENDOFF, 1983, 1990), em que sentidos mais complexos de Trajetória e de Localização são sistematicamente construídos sobre conceitos mais simples. Note-se ainda que, neste sistema, as preposições 'para' e 'a'

estariam codificando as projeções SALvo-SLugar e carregariam, conseqüentemente, o sentido transacional. Este sentido seria interpretado, dentro da decomposição de eventos proposta pela abordagem semântico-conceitual, como uma relação de causalidade estabelecida entre o subevento da trajetória, que é dinâmico, e o estado final da localização.

Então, voltando ao diagnóstico proposto por Svenonius (2008), mas assumindo a estrutura nanossintática de Pantcheva (2011), alinhada com uma interpretação semântico-conceitual de primitivos cognitivamente motivados, chega-se à conclusão de que, no PB, preposições da categoria ‘ao longo de’ e ‘através de’ estariam lexicalizando a estrutura em (201), como demonstram os testes:

- (206) a. Joana correu dentro da escola. → ambígua
 b. Joana correu para dentro da escola.
- (207) a. Joana correu ao longo da margem. → somente ROTA
 b. *Joana correu para ao longo da margem.

E para confirmar a observação de que preposições Estendidas, como ‘ao longo de’, também podem lexicalizar o sentido mais básico de LUGAR, podemos colocá-la em uma uma construção puramente locativa:

- (208) A trilha **está/fica ao longo da** margem.

Tendo estabelecido esta categoria, voltemos um instante ao teste da paráfrase com um item que codifique ALVO - ou TO, para Svenonius (2008) - mencionado acima. Acredito que este teste pode nos ajudar a esclarecer, antes de prosseguir, qual seria efetivamente a estrutura das preposições supostamente ambíguas, como ‘em’ e ‘dentro de’. De acordo com este diagnóstico, as preposições Projetivas/Locativas ambíguas poderiam participar da codificação de estruturas em que um item distinto delas codificasse o traço de ALVO. Relembremos os exemplos:

- (209) Corri **dentro do** quarto → Corri **para dentro do** quarto.

Ora, este teste poderia servir de evidência para uma interpretação alternativa: a possibilidade de inserção de um item lexical distinto para a lexicalização do traço ALVO nestas estruturas poderia indicar que este traço estaria codificado no próprio verbo de movimento, como já foi sugerido. Assim, seria o verbo em si que estaria selecionando a preposição que introduz os argumentos do movimento codificado pela raiz verbal. A

interpretação ambígua de ALVO vs. LUGAR do movimento se produz, desta forma, porque o verbo é ambíguo entre a codificação de movimento (PROCESSO) ou deslocamento (RESULTADO).

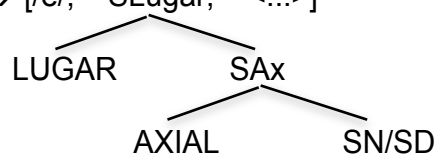
Consequentemente, podemos concluir que preposições como ‘em’ e ‘dentro de’, efetivamente, não codificam o sentido de ALVO. Essa interpretação, encontrada em algumas pesquisas, seria um simples resultado do fenômeno de falso sincretismo: o sentido de alvo do movimento, contribuído pelo traço RES presente no verbo é erroneamente analisado como pertencendo à preposição ‘em’ na forma de ALVO. Além disso, devido ao seu frequente uso para introduzir lugares-alvo de movimento espacial, podemos assumir que as preposições ‘para’ e ‘a’ codificam a estrutura ALVO-LUGAR. O fato de ‘a’ e ‘para’ não serem ambíguas com verbos do tipo ‘correr’ sugere que elas, sim, carregam o traço ALVO. Veremos nas análises do Capítulo 6 que esta hipótese parece explicar melhor os dados.

Com os resultados destes diagnósticos em mente, passarei, então, à sistematização das possíveis estruturas nanossintáticas codificadas nos itens preposicionais do PB, acompanhadas de dados dos Séc. XVIII e XIX que as corroboram.

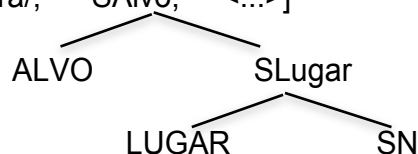
3.4.6 Conclusão dos diagnósticos: as estruturas de ‘a’, ‘em’ e ‘para’ no PB

Levando em conta os diagnósticos explorados ao longos das três últimas seções, acredito poder propor que as preposições analisadas nesta tese - ‘em’, ‘a’ e ‘para’ - carreguem as nanoestruturas abaixo:

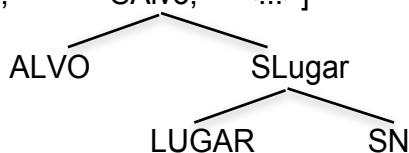
(210) ‘em’ → [/ê/, SLugar, <...>] → Sentido de Região



(211) ‘para’ → [/para/, SALvo, <...>] → Sentido de Transição



(212) ‘a’ → [/a/, SALvo, <...>] → Sentido de Transição



Ao sugerir estas estruturas para os itens do PB, estou assumindo que as preposições tradicionalmente denominadas ambíguas codificam somente o traço LUGAR. A sua interpretação Direcional, ou ambígua, seria influenciada por um contexto de ambiguidade estrutural (PANTCHEVA, 2011): situação em que um item é associado a um traço adjacente à sua estrutura na Hierarquia Funcional-Conceitual Universal, mas que, na verdade, estaria codificado no item lexical inserido ao seu lado.

Como veremos na Parte II deste trabalho, a variação observada nestes dados sugere que os contextos de ambiguidade estrutural, para além de influenciarem casos de falso sincretismo, podem levar falantes-ouvintes a associarem um traço conceitual de um verbo a uma preposição, e vice-versa. Essa associação “indevida” levaria, então, os falantes-ouvintes a reanalisarem a estrutura de traços codificada por um determinado item e a ampliarem ou reduzirem seus contextos de uso. Nestes casos, acabariam gravando em suas gramáticas uma configuração que é levemente diferente daquela existente no léxico da sua língua. Em um efeito dominó, esta Reanálise, então, influenciaria novos contextos de uso para o item em questão, e possivelmente acabaria se espalhando pelas gramáticas da comunidade linguística, onde se estabilizaria ou não como uma mudança. Explorarei essa proposta minuciosamente nos próximos Capítulos.

Para o momento, podemos observar que os dados dos Séc. XVIII e XIX corroboram o posicionamento acima. Em todos os exemplos de (213) a (222), temos construções com diferentes verbos em que as preposições ‘a’ e ‘para’ estão codificando ALVO do movimento:

- (213) ... a convite do mesmo **Senhor Costa foi ao Hospital** Portuguez ...
- (214) ... e **descem ao** combate n’esse terreno immundo e ...
- (215) ... N’este grande dia terá de **subir ao** palco sobralense...
- (216) ... **caminhar ao** Capitolio para render graças aos ...
- (217) ... **correu logo à** imprensa todo revoltado contra ...
- (218) ... uma faca de ponta, e fê-lo **correr para** uma casa visinha...
- (219) ... aos golpes da cruenta e insaciavel parca, **rolou para** o sepulcro ...
- (220) ... e comecei a **andar para** o hotel, afim de trepar no baio ...
- (221) ... **Foi para** essa cidade e não tendo as chaves ...
- (222) ... Paguei o imposto predial, e **entrei com 450.000 para** o banco...

Paralelamente, apesar da sua baixa frequência, em todos os casos em que a preposição ‘em’ acompanha um verbo INIC-PROC-TRAJ, observamos que claramente

codificam o sentido de LUGAR, introduzindo o espaço dentro do qual se desenvolve a Trajetória ou o movimento:

(223) ... **Anda no** ar, como um gnomo multiforme...

(224) ...acaba de sossobrar-se no mesmo rio, **rolando em** suas ondas...

(225) ... o Brasil **nadava em** mar de rosas e a confiança...

Já nas situações em que se encontrava ao lado de verbos de movimento que codificam RES, a preposição ‘em’ é interpretada, comumente, como introduzindo o ALVO do movimento denotado pelo verbo. Contudo, uma observação central deve ser destacada: todas as ocorrências que permitem a associação de ‘em’ com o sentido de ALVO foram encontradas em contextos em que o próprio verbo codificava RES, com a semântica de culminância/estado resultante de um movimento.

Podemos, assim, conjecturar uma explicação alternativa para tal interpretação. Como discutiremos amplamente no Capítulo 6, o traço RES, nas estruturas verbais que codificam movimento espacial, pode ser confundido com o sentido de ALVO de uma trajetória de deslocamento, tendo em vista que a semântica de culminância de uma trajetória também está presente no verbo. Ao mesmo tempo, a Localização final da figura em movimento, codificada pela projeção SRema em posição de complemento de SRes, pode perfeitamente ser lexicalizada por uma preposição codificando LUGAR (um traço cujo conceito estativo permite sua inserção em posição remática).

Em outras palavras, estou propondo que a preposição ‘em’ pode ser usada produtivamente com verbos que codificam Resultado de um movimento /deslocamento, porque o resultado de um deslocamento é uma Localização. Ao parafrasearmos sentenças como “Joana foi no mercado”, então, chegaremos a algo como “Joana foi” (desenvolveu uma trajetória de movimento até seu ponto final sendo a SOFREDORA do PROCESSO e do RESULTADO do verbo) e, como consequência deste movimento, ela se encontrou em uma nova Localização (está situada em um LUGAR distinto do inicial).

Portanto, não acredito que os dados examinados neste primeiro *corpus* consituam evidência forte o suficiente para afirmar que a preposição ‘em’ codifique o traço ALVO e carregue, independentemente destas estruturas de movimento, o sentido de Trajetória/Alvo, como é comumente sugerido na literatura (VALLO, 2004; FRANÇA, 2006; KEWITZ, 2007; ASSIS, 2009; BERLINCK, 2011; DE JESUS, 2012; WIEDEMER, 2008, 2013; entre outros).

3.5 OUTRAS CONSIDERAÇÕES INTERMEDIÁRIAS

Em suma, neste Capítulo, vislumbramos diferentes possibilidades de decomposição dos itens verbais e preposicionais que codificam os sentidos de deslocamento e de movimento no PB. Fizemos isso a partir da decomposição semântico-conceitual dos SV e SPs do português brasileiro, orientada por testes amplamente aceitos na literatura. Como havíamos estabelecido, no Capítulo 2, que teorias estritamente sintáticas e lexicalistas fundamentadas em classes naturais apresentam muitos problemas para a correta generalização sobre o comportamento das expressões que codificam sentidos de movimento e deslocamento, no PB, adotei a proposta de Ramchand (2008a) para a decomposição do SV e, dentro do mesmo quadro teórico, a proposta de Pantcheva (2011), apoiada pelas análises de Svenonius (2007, 2008), para a decomposição do SP.

A Nanossintaxe nos levou, assim, a conceber os traços primitivos associados aos itens lexicais de uma determinada língua como estruturados em uma Hierarquia Funcional semântica e conceitualmente motivada. Esses arranjos são, por sua vez, estruturas possíveis criadas pelo módulo sintático-semântico e são limitadas tanto pela configuração e funcionamento deste módulo, quanto pela Hierarquia Funcional Universal.

Deste modo, tendo em vista que esta recente teoria não possui obra de iniciação publicada em português, e considerando a sua potencial relevância para o tratamento de questões empíricas e teóricas do PB, dedicarei o próximo Capítulo (4) à descrição da proposta nanossintática para a arquitetura da gramática, delineando seus princípios, regras e maquinário envolvidos na computação semântico-sintática.

4 O MODELO NANOSSINTÁTICO

*(não sei dizer o que há em ti que fecha
e abre; só uma parte de mim compreende que a
voz dos teus olhos é mais profunda que todas as rosas)
ninguém, nem mesmo a chuva, tem mãos tão pequenas*

e.e. cummings (tradução de Augusto de Campos)

4.1 INTRODUÇÃO

Como já foi apontado, o quadro teórico da Nanossintaxe se constitui em uma proposta relativamente recente dentro do campo da Linguística. Por esta razão, principalmente, há ainda pouca literatura que discuta ou se baseie nessa linha teórica no Brasil. Principalmente, não há, em português, obra que apresente a Nanossintaxe. Deste modo, faz-se necessário delinear aqui uma apresentação de tal teoria, de seus princípios e hipóteses centrais, assim como das principais propostas desenvolvidas por seus pesquisadores na última década. Todos os pontos discutidos nas próximas seções serão, ainda, recuperados nas análises e discussões do Capítulo 6. Mais do que uma apresentação que sirva ao propósito desta tese, contudo, esse capítulo poderá servir de introdução à Nanossintaxe para pesquisadores/as brasileiros/as que venham a se interessar por esta linha teórica.

4.2 SEQUÊNCIAS HIERÁRQUICAS UNIVERSAIS E O LÉXICO

Começemos por uma das propostas basilares da Nanossintaxe. Dentro deste quadro teórico, a variação no comportamento sintático-semântico de distintos verbos ou classes verbais, por exemplo, é explicada pelo fato de que línguas diferentes guardariam partes distintas das estruturas funcionais hierárquicas que vimos nos capítulos anteriores em itens lexicais distintos. Deste modo, a questão da variação se reduziria à diferença no tamanho das árvores - ou partes de estrutura funcional - estocadas em diferentes itens do Léxico da língua em questão.

A postulação de tais estruturas se inspira, por sua vez, na tradição Cartográfica, que propõe o refinamento das clássicas projeções sintáticas em projeções mais finas e morfologicamente motivadas (CINQUE, 2002; CINQUE & RIZZI, 2010). Neste sentido, grande parte das pesquisas nanossintáticas têm se voltado para a verificação empírica e translinguística das sequências funcionais propostas dentro de todos os sintagmas - SNs, SPs, SVs etc. Essa validação, por sua vez, tem tomado dois caminhos distintos: um

deles partindo de uma abordagem morfossintática, e o outro partindo de um ponto de vista semântico.

Assim, por um lado, tem-se observado que línguas aglutinantes e analíticas fornecem evidências claras da existência de determinadas projeções, i.e., pode-se encontrar na estrutura de superfície destas línguas morfemas que lexicalizariam de maneira exclusiva e clara os traços conceituais mais finos que temos defendido nesta tese. Trabalhos como o de Pantcheva (2011) e de Caha (2009) se debruçam sobre esse tipo de investigação.

Além disso, embora grande parte dos autores deste quadro teórico não se comprometa com a investigação de questões semântico-conceituais e se concentre em resolver problemas centrais das teorias gerativas mais recentes, é possível se deparar com hipóteses baseadas em teorias de Semântica Decomposicional, de Semântica Formal e de Estrutura de Eventos. Tais trabalhos se dedicam, principalmente, à busca de uma justificativa semântica para a estipulação de uma determinada projeção sintática, procurando evidências e argumentos teóricos já amplamente estabelecidos e independentemente motivados para conjecturar a existência das estruturas propostas.

Um exemplo deste tipo de empresa, como já vimos, é o trabalho de Ramchand (2008a). Em seu livro, a autora desenvolve o que podemos chamar de tratamento semântico das estruturas nanossintáticas. Lembremos que, para esta autora, como semântica e sintaxe são peças indissociáveis do mesmo módulo, a ideia de Léxico de teorias recentes não se sustenta. Assim, por um lado, rejeitam-se teorias Lexicalistas que concebam o Léxico como um módulo anterior à Sintaxe operando com suas próprias regras e definindo profundamente a forma das estruturas de superfície; por outro lado, descartam-se teorias Construcionistas que concebam um Léxico estritamente pós-sintático como uma lista de vocabulário que serviria somente para checar as estruturas criadas pela Sintaxe.

Embora não conceba os níveis sintático e semântico separadamente, contudo, a Nanossintaxe faz frequente referência ao Léxico - na forma de uma lista que armazena informações fonológicas, conceituais e enciclopédicas - como um módulo independente. Desta forma, também é preciso esclarecer o que estou entendendo quando utilizo esse termo. Como mencionado acima, para os autores desta linha, a ideia de Léxico mostra-se bastante maleável: constitui-se em uma lista de vocabulário composta por itens que carregam, para além das informações fonológicas e enciclopédicas, partes das estruturas arbóreas que o sistema nanossintático pode construir. Destaque-se que tais

itens variariam tanto no tamanho das estruturas guardadas quanto no conteúdo enciclopédico a elas associado.

Em resumo, assumo, igualmente, a hipótese (central para a Nanossintaxe) de que o Léxico e o módulo Sintático-Semântico estejam conectados de forma direta e transparente: o Léxico guarda as estruturas produzidas pela sintaxe e esta, por sua vez, é limitada, em uma determinada língua, pelas estruturas estocadas em seu Léxico. Tal ideia pode ser traduzida no princípio abaixo, apresentado por Fábregas (2007, p. 166):

(226) A sintaxe e o léxico estão diretamente relacionados.⁹⁷

Note-se que, embora concebamos o Léxico e a Sintaxe como partes distintas do módulo gramatical, não existe a necessidade de se criarem regras de ligação para estabelecer sua relação - um é o reflexo do outro. Além disso, é importante ressaltar que os traços primitivos estocados dentro dos itens lexicais e os traços primitivos sobre os quais a sintaxe opera são os mesmos primitivos conceituais já largamente explorados nos capítulos anteriores. Por este motivo, não se pode afirmar que os traços que controlam a inserção de determinados itens estão no Léxico (exclusivamente, de qualquer forma), posto que o controle resida exatamente na relação entre o que a sintaxe pode construir, de um lado, e as estruturas arbóreas guardadas no Léxico de uma língua específica, de outro.

Em outras palavras, a sintaxe (módulo sintático-semântico-conceitual) é entendida como a computação de uma sequência de projeções funcionais que representam traços semântico-conceituais primitivos. Tal configuração ainda propicia uma interpretação semântico-conceitual bastante direta: as estruturas sintáticas que construímos são formadas pelos mesmos traços conceituais finos que interpretamos. Veja-se que, conseqüentemente, pode-se concluir que a organização desses traços conceituais, reflexo da nossa Estrutura Conceitual humana, como proposto por Jackendoff (1983, 1990), seria o que de fato estaria restringindo, de uma forma mais universal, as possibilidades de combinação, movimento e direção da sintaxe.

Essa relação sem intermediários pode nos levar, portanto, à conclusão de que os módulos sintático e semântico são, efetivamente, indissociáveis e não necessitam de regras de organização e funcionamento diferentes. A contribuição semântico-conceitual (na concepção de Jackendoff, 1983) para o sistema aqui exposto seria, então, a própria

⁹⁷ "The syntax and the lexicon are directly related". - T.A.

estrutura hierárquica dos conceitos ontológicos. A contribuição sintática, por sua vez, seria a observação das operações de Mergir, Movimento, etc. que operariam sobre tal sequência. E seria neste equilíbrio, da Sequência Funcional-Conceitual Universal, por um lado, e das operações sintáticas, por outro, mediadas pelo acesso ao Léxico de uma língua específica, que residiriam as generalizações e a variação.

Desta forma, para além da noção de repositório de partes de estruturas nanossintáticas, também se assume que a Sintaxe trabalha com acesso constante ao Léxico para checagem de suas estruturas. É esse acesso constante, ao final de cada Mergir externo, que garantiria a boa formação das sentenças que produzimos. Essa proposta é encontrada em trabalhos como aqueles de Caha (2009) e Svenonius (2008), seguindo Starke (2009). Esses autores apresentam uma visão do Léxico como um módulo onde a Sintaxe está constantemente checando as árvores criadas, em um processo cíclico.

Em resumo, propõe-se que traços conceituais primitivos estejam estruturados hierarquicamente e sejam o combustível de um módulo que opera sintaticamente sobre tais traços produzindo estruturas conceituais em um modelo arbóreo que são, por sua vez, interpretadas de forma direta. O processo de lexicalização cíclica exaustiva⁹⁸, então, funciona como o mediador entre as construções possíveis da sintaxe e a tradução em conteúdo fonológico e enciclopédico de uma determinada construção em uma determinada língua:

(...) na visão nanossintática de gramática, morfemas são pedaços de estrutura sintática guardados no Léxico e combinados com conteúdo fonológico (e conceitual). Portanto, a sintaxe determina a “forma” de um morfema de maneira direta, i.e., que traços [o morfema] tem e como esses traços estão geometricamente ordenados. Logo, somente morfemas cujas estruturas podem ser derivadas pela sintaxe podem existir.”⁹⁹ (PANTCHEVA, 2011, p. 110)

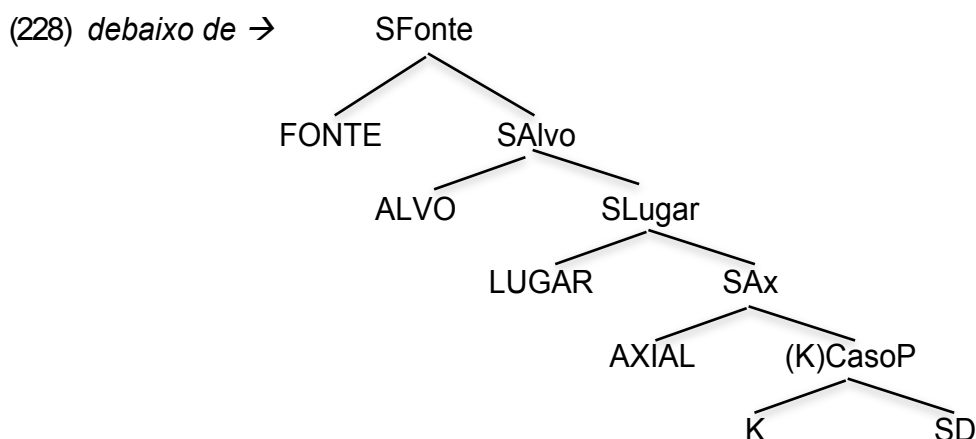
⁹⁸ Do inglês, princípio da “Exhaustive Cyclic Lexicalization” (Fábregas, 2007). Para os autores da Nanossintaxe, os termos “lexicalization”, “spell-out”, “match” e “insertion” são intercambiáveis na expressão do que, comumente, é chamado de “lexicalização”, por um lado, e “inserção”, por outro, em diferentes teorias sintático-semânticas. Ou seja, quando autores deste quadro dizem que determinadas palavras são usadas para “lexicalizar” ou para “spell-out”, determinada estrutura, eles estão dizendo que essas palavras codificam tais estruturas. Ao mesmo tempo, quando um item ou morfema é “inserido sobre” ou “combinado com” determinado arranjo, esse item está sendo usado para dar corpo fonológico e conceitual para determinada construção da sintaxe. Por razões de clarificação e para evitar confusão com outras teorias sintáticas e lexicalistas, optei pela utilização de dois termos: “combinação/combinar”, quando determinada palavra ou morfema é usada para codificar determinada estrutura. E “codificação/codificar” para expressar a ideia de que determinada palavra de uma língua carrega ou lexicaliza um certo arranjo de conceitos. Na menção do princípio proposto por Fábregas (2007), contudo, preferi ser fiel à tradução mais direta da propostas: “Lexicalização cíclica exaustiva”.

⁹⁹ “(...) under the Nanosyntax view on grammar, morphemes are pieces of syntactic structure stored in the lexicon and combined with phonological (and conceptual) content. Thus, syntax directly

As operações sintáticas Mergir e Mover, finalmente, são as únicas necessárias para regular as construções atestadas empiricamente, pressupondo-se a rigidez da Hierarquia Funcional Universal. Temos assim, uma teoria simples com forte comprovação empírica e grande capacidade de generalização. Para ilustrar essa ideia de computação resumida acima, assim como a proposta de que o Léxico seja um repositório de estruturas sintático-conceituais (em tamanhos diferentes) armazenadas em distintos itens lexicais, analisemos uma preposição complexa como *debaixo de* no PB. Dentro do modelo nanossintático, tal item carregaria a estrutura nanossintática abaixo:

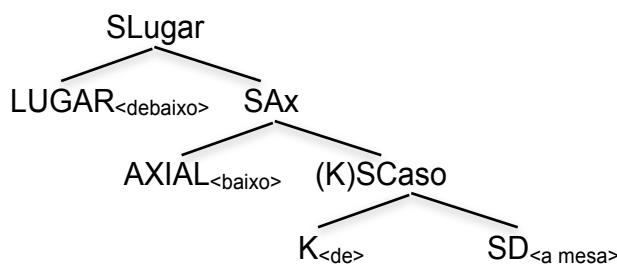
(227) [FONTE..[ALVO..[LUGAR..[AXIAL..[CASO..[N]]]]]]

Esta mesma hierarquia funcional poderia ser representada em uma estrutura arbórea como a seguinte:



Ela estaria acessível e passível de inserção, então, toda vez que a sintaxe construísse uma estrutura com tais projeções ou uma subestrutura das mesmas:¹⁰⁰

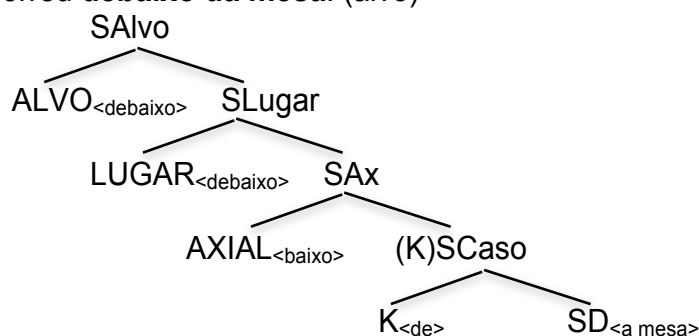
(229) Joana está **debaixo da mesa**. (lugar)



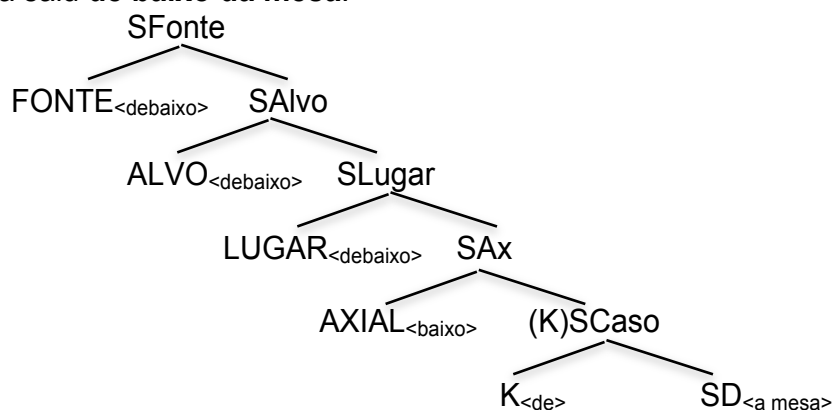
determines the “shape” of a morpheme, i.e., what features it has and how they are ordered geometrically. As a result, only morphemes whose structures are derivable by syntax can exist.” - T.A.

¹⁰⁰ Observando-se, para isso, o Princípio do Superconjunto (CAHA, 2009).

(230) Joana correu **debaixo da mesa**. (alvo)



(231) Joana saiu **de baixo da mesa**.



Deste modo, como mencionado acima, mais do que a evidência sintático-semântica para a postulação de cada nó estrutural, as pesquisas dentro da Nanossintaxe têm demonstrado que não só os primitivos conceituais se organizam para criar as árvores nanossintáticas que espelham as sentenças que produzimos, mas também que eles estão organizados de maneira hierárquica bastante rígida universalmente. Uma das hipóteses mais atraentes da teoria é, portanto, a postulação desta Hierarquia Funcional-Conceitual como um princípio universal e da estipulação de um processo de Lexicalização Cíclica Exaustiva que, ao acessar constantemente o Léxico de uma determinada língua, e seguindo operações simples como Mergir e Mover, estaria controlando as estruturas de superfície e a extraordinária variação que observamos¹⁰¹.

Caha (2009), por exemplo, apresenta uma detalhada análise para o sistema de casos que explicaria a grande variedade encontrada translinguisticamente na expressão de superfície de tais conceitos: algumas línguas têm um sistema morfológico abundante para marcar caso, enquanto outras expressam os mesmos conceitos através de preposições. Reproduzo sua proposta central em (232):

¹⁰¹Para uma melhor compreensão de como estas regras estariam funcionando dentro do sistema, refiro os leitores a Starke (2009) e a Pantcheva (2011), que propõem uma discussão mais aprofundada das implicações de tais hipóteses.

- (232) A hierarquia preposição/sufixo (CAHA, 2009):
- a. Se a expressão de um caso particular na Sequência de Casos (abaixo) envolver uma preposição, então todos os casos a sua direita também envolvem uma preposição¹⁰².
 - b. A Sequência de Casos: NOM – ACC – GEN – DAT – INS – COM¹⁰³

Para ilustrar tal sequência, retomemos a expressão dos casos acima em algumas das línguas analisadas por Caha (2009). Línguas como o inglês, o francês, o português e o búlgaro apresentam sufixação somente para os casos Nominativo e Acusativo. Como o caso Genitivo é expresso por uma preposição ('de', no PB), prevê-se corretamente que todos os outros casos à direita, nomeadamente, Dativo, Instrumental e Comitativo sejam expressos por preposições ('para'/'a' e 'com', no PB).

Paralelamente, línguas como o Grego moderno, as línguas semíticas em geral e as línguas núbias possuem sufixação para os casos Nominativo, Acusativo e Genitivo, lançando mão de preposições para expressar os casos Dativo, Instrumental e Comitativo. Por sua vez, muitas línguas eslavas, o russo, o checo e o polonês (para citar algumas), possuem sufixação para os casos Nominativo, Acusativo, Genitivo, Dativo e Instrumental, apresentando preposições que codificam o caso Comitativo. Finalmente, as línguas dravídicas¹⁰⁴, por exemplo, apresentam sufixação para todos os sentidos associados aos casos da hierarquia proposta.

Para as preposições envolvidas em expressões espaciais, Pantcheva, baseando-se na proposta de Svenonius (2006; 2008 *apud* PANTCHEVA, 2011) e em uma análise translinguística abrangente, igualmente chega a uma proposta de hierarquia funcional universal. A evidência mais interessante para a postulação da mencionada hierarquia para a decomposição do SP em nós funcionais mais finos é a constatação de que muitas línguas aglutinantes e analíticas constroem os sentidos mais complexos de Alvo e de Rota, por exemplo, a partir de morfemas associados ao conceito mais básico de Lugar.

Na língua lak¹⁰⁵ (dados de MURKELINSKIJ, 1967 e ZHIRKOV, 1955 *apud* PANTCHEVA, 2011), por exemplo, Pantcheva observa que o sentido de Alvo é

¹⁰² Original: The preposition/suffix hierarchy: (a) If the expression of a particular case in the Case sequence (below) involves a preposition, then all cases to its right do as well. (b) The Case sequence: nom – acc – gen – dat – ins – com

¹⁰³ Sequência de casos: Nominativo - Acusativo - Genitivo - Dativo - Instrumental - Comitativo.

¹⁰⁴ Família de línguas faladas na Índia, Sri Lanka, Paquistão, Nepal, Bangladesh, Afeganistão e Irã.

¹⁰⁵ Lak: língua caucásica falada pelos laks, uma etnia do Daguestão.

construído com a adição de um sufixo ‘-n’ ao sufixo simples ‘-vu’ que denota lugar. O sentido de Direção, por sua vez, é construído através do acréscimo de um sufixo ‘-maj’ ao complexo ‘-n-vu’, como podemos observar nos exemplos abaixo (retirados de Pantcheva, 2009, p. 97):

(233) Exemplos retirados de Pantcheva (2011, p. 97)

- a. kəat-lu-vu
casa-ERG-INESS¹⁰⁶
na casa
- b. kəat-lu-vu-n
casa-ERG-INESS-ALL
para a casa
- c. kəat-lu-vu-n-maj
house-ERG-INESS-ALL-ESCALA
em direção da casa

O quadro abaixo, igualmente reproduzido de Pantcheva (2011, p.97), nos mostra como esse não é um caso isolado na língua em questão:

| | Localização | Alvo | Fonte | Rota | Direção |
|--------|-------------|--------|------------|--------|------------|
| In | -vu | -vu-n | -vu-a(tu) | -vu-x | -vu-n-maj |
| On | -j | -j-n | -j-a(tu) | -j-x | -j-n-maj |
| Behind | -x | -x-n | -xu-a(tu) | -xu-x | -xu-n-maj |
| Under | -lu | -lu-n | -l-a(tu) | -lu-x | -lu-n-maj |
| At | -č’a | -č’a-n | -č’a-a(tu) | -č’a-x | -č’a-n-maj |
| By | -c’ | -c’u-n | -c’-a(tu) | -c’u-x | -c’u-n-maj |

Quadro 5: Reprodução do quadro 6.1 de Pantcheva (2011:97): sistema de caso espacial em Lak

Note-se que para explicar a ordem de superfície encontrada, a autora precisa igualmente adotar o Princípio do Espelho de Baker (1985 *apud* Pantcheva, 2011, p. 111):

(234) *Princípio do Espelho* (BAKER, 1985):

Derivações morfológicas devem refletir diretamente as derivações sintáticas (e vice-versa)¹⁰⁷

¹⁰⁶ O caso inessivo é im tipo de caso locativo normalmente associado ao sentido de interioridade.

¹⁰⁷ “Mirror Principle: Morphological derivations must directly reflect syntactic derivations (and vice versa)” - T.A.

Tal princípio, associado aos movimentos previstos na “Teoria do Descasque”¹⁰⁸ de Starke (2009), faz com que a semanticista adote uma hierarquia rígida de conceitos primitivos. Essa hierarquia, por sua vez, estaria regulando a ordem sintagmática dos itens de superfície e a ordem que a sintaxe deve seguir ao construir suas frases. Ou seja, assumindo que nenhum movimento seja provocado no acesso ao Léxico, os itens de superfície devem seguir a ordem inversa da derivação e representar na superfície, à esquerda, os traços conceituais mais altos da hierarquia, enquanto que os traços mais baixos ficarão à direita. Caso algum movimento seja instigado pela forma dos itens lexicais de uma determinada língua, durante a derivação, então este movimento acontecerá somente junto com o movimento de N (Nome).

Como se pode verificar em sua tese, essas simples postulações permitem que Pantcheva explique dados de dezenas de línguas investigadas (Caha segue um caminho semelhante). Voltarei ao tópico dos princípios envolvendo movimento na Seção 4.5, em que também abordarei a questão da combinação/codificação e derivação como propostos pela Nanossintaxe.

4.3 A HIPÓTESE DA LEXICALIZAÇÃO CÍCLICA EXAUSTIVA

Uma das ideias fundamentais por trás da postulação de hierarquias funcionais universais é a proposta de que os mesmos princípios e operações da sintaxe operam igualmente sobre morfemas e traços conceituais primitivos. Além disso, propõe-se que um mesmo morfema pode codificar (ou se combinar com) mais de um nó nanossintático. O princípio de combinação das árvores estocadas no léxico com as árvores construídas pela sintaxe, então, leva em conta a ideia de que nós não-terminais também são alvo de inserção. De forma bastante resumida, essas são as principais propostas da Nanossintaxe que a distinguem como modelo teórico de outras propostas Construtivistas e Gerativas recentes. A grande parte de seu aparato teórico é constituído de regras e princípios independentemente motivados e amplamente aceitos na literatura. Assim, vamos explorar detalhadamente, a partir de agora, as noções e proposições centrais desta teoria.

¹⁰⁸ Do inglês, “Peeling Theory”. Para manter a imagem de camadas sendo gradativamente retiradas de uma estrutura, optei pelo termo “descasque” no português. Segundo Caha (2010, p. 205), “The Peeling Theory of Case has been proposed in classes taught by M. Starke. Written sources include: Medová and Taraldsen (2007), Caha (2007a, 2009), Taraldsen and Medová (2007), Medová (2008)”.

4.3.1 Léxico, seleção e inserção/combinacão

Como já mencionado, o Léxico, para o modelo nanossintático, é concebido como uma lista de itens onde partes de estruturas sintáticas são guardadas em associaçãõ à informaçãõ conceitual-enciclopédica e representaçãõ fonológica correspondentes. O processo de lexicalizaçãõ (seleçãõ e inserçãõ) pode ser entãõ compreendido como

(...) uma substituiçãõ de um pedaço da árvore sintática por uma entrada lexical do Léxico, que por sua vez, fornece à estrutura sintática o conteúdo fonológico e conceitual [enciclopédico] da entrada. Ao escolher a entrada lexical apropriada, o processo de inserçãõ está preocupado em verificar se essa entrada possui uma especificaçãõ sintática que se harmonize com a estrutura construída, i.e., se a estrutura sintática guardada na entrada lexical é uma boa combinaçãõ para a estrutura sintática que está substituindo.¹⁰⁹(PANTCHEVA, 2011, p. 109)

Como já assumido e discutido nos capítulos anteriores, os nós tradicionalmente aceitos pelas teorias vigentes como lócus de inserçãõ podem ser decompostos em traços mais finos e estruturados, da mesma forma, em um modelo arbóreo. Conseqüentemente, vale reiterar, adoto nesta tese a proposta de que, enquanto um determinado morfema pode lexicalizar (carregar) somente um traço/nó ou sintagma de uma estrutura mais complexa, outro morfema pode carregar mais de um nó ou a estrutura toda, com suas diversas projeções. Em outras palavras, um único item lexical pode ser usado para substituir um determinado terminal de uma estrutura sintática, enquanto outro tem o potencial de substituir um nó SX ou a construçãõ inteira.

Starke (2009), Caha (2009) e Fábregas (2009) propõem, nesse sentido, o que se tem chamado de lexicalizaçãõ sintagmática¹¹⁰, a ideia de que a inserçãõ ou combinaçãõ focalize não somente nós terminais, mas possa operar sobre sintagmas e frases inteiras. Portanto, um item de vocabulário é selecionado de forma bem sucedida para inserçãõ, segundo essa proposta, se sua entrada lexical carregar um nó ou um sintagma SX (nó sintagmático) idêntico ao nó ou ao sintagma SX criado pela sintaxe. A correta combinaçãõ de itens lexicais com partes da estrutura sintática seria o princípio central regulando as sentenças bem formadas de uma língua¹¹¹.

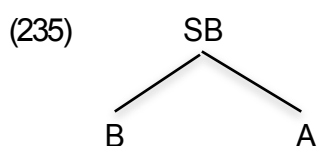
¹⁰⁹ "(...) a replacement of a piece of the syntactic tree by a lexical entry from the lexicon, thus supplying the syntactic structure with the phonological and conceptual content of the entry. In choosing the appropriate lexical entry, Spell-out is thus concerned with whether it has a matching syntactic specification, i.e., whether the syntactic structure stored in the lexical entry matches the syntactic structure the entry replaces." - T.A.

¹¹⁰ Do inglês, "Phrasal Spell-out".

¹¹¹ Como esse é um trabalho sobre semântica, vamos nos deter na análise da combinaçãõ entre estruturas nanossintáticas-conceituais e estruturas de superfície, ignorando, para nossos objetivos,

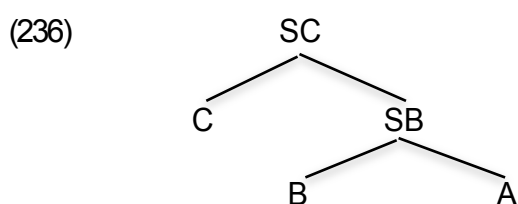
Esse acesso ao Léxico, por sua vez, deve acontecer, segundo Caha (2009), após cada adição de um novo traço à derivação, ou seja, cada Mergir externo define um ciclo e é seguido de acesso ao Léxico. Para ilustrar tal mecanismo, vou reproduzir aqui, resumidamente, um exemplo de derivação de uma estrutura sintática abstrata baseado na proposta de Pantcheva (2011, Cap. 6). Como a autora, vou usar as letras A, B e C para me referir aos nós terminais e aos SXs.

O primeiro passo da derivação seria, então, o Mergir externo dos traços A e B para criar o sintagma SB:



Como esta fase envolve um Mergir externo, ela deve ser seguida de acesso ao Léxico para checar se a língua em questão possui itens lexicais que se combinam com êxito (i.e., de forma perfeita) à construção criada. Imaginemos que o item β carregue uma estrutura idêntica àquela em (235) acima. Tal item seria selecionado para inserção e substituiria a construção criada pela sintaxe, acrescentando-lhe informação conceitual e conteúdo fonológico.

Imaginemos agora, que um novo traço C seja acrescentado pela sintaxe à estrutura, resultando em mais um ciclo de derivação, posto que a concatenação de C e SB geram um novo SX: SC.



Novamente, o final de um ciclo vai desencadear uma nova inspeção ao Léxico para seleção e inserção. Como Pantcheva (2011) aponta, a questão que se coloca, então, é se esse processo irá repetir a inspeção anterior, verificando combinações para os nós mais baixos, ou se somente procurará possíveis candidatos para substituir os nós C e SC. Como a autora, assumo que o processo de lexicalização deve lembrar dos ciclos anteriores e somente verificar a combinação dos nós criados no último ciclo. Seguimos,

questões fonológicas que regulam igualmente a inserção. Para o leitor interessado, remeto a Bye & Svenonius (2011), que propõem um processo de inserção bifásico, em que uma fase regula a inserção da estrutura sintática e outra fase controla a inserção do conteúdo fonológico.

neste sentido, Starke (2011) que sugere tal configuração baseando-se na análise de expressões idiomáticas do inglês.

Ao mesmo tempo, dentro do modelo nanossintático, assume-se que o processo de lexicalização aqui detalhado aconteça de baixo para cima - proposta amplamente aceita na literatura - e da direita para a esquerda. Esta última ordem é, assim, derivada da configuração aqui proposta de que a lexicalização acontece em ciclos. Como o nó SB, no exemplo acima, foi inspecionado para lexicalização no ciclo anterior, conclui-se que os nós à direita serão sempre inspecionados e lexicalizados (quando for o caso) antes do que os itens à esquerda.

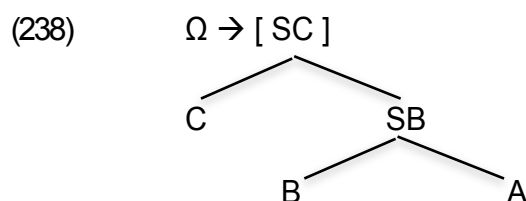
Outra hipótese importante da teoria é a regra de que todos os traços construídos pela sintaxe devam estar obrigatoriamente lexicalizados antes de que a derivação possa avançar pra o ciclo seguinte. Tal princípio é definido por Fábregas (2008, p. 2) e por Pantcheva (2011, p. 117) mais ou menos nos seguintes termos:

(237) *Lexicalização cíclica exaustiva* (Pantcheva (2011, p. 117))

Um nó X é lexicalizado com êxito se

- a. uma entrada lexical for inserida em X; ou
- b. as filhas de X forem lexicalizadas.

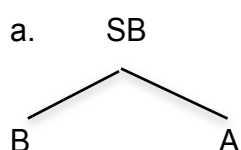
Para ilustrar este princípio, vamos voltar ao nosso exemplo abstrato. Imaginemos então que a língua acima apresentada possuísse, além do item β já citado, um outro item Ω carregando a estrutura abaixo:



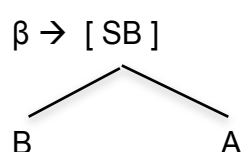
Voltando ao início da construção da estrutura em (235), por motivo de clareza, vamos imaginar que a sintaxe criará o nó SB através do Mergir de A e B. O Léxico será então inspecionado para possíveis combinações com os nós, A, B e SB. Como a língua possui o item β , este será inserido com sucesso sobre a árvore criada, já que sua estrutura cobre perfeitamente aquela criada pela sintaxe. O próximo passo da derivação sintática é, então, a adição do nó C à estrutura.

Note-se que, como assumimos que esse processo deve lembrar dos ciclos anteriores, não será necessário verificar novamente se algum item pode ou não lexicalizar a estrutura do primeiro ciclo. Ao mesmo tempo, devido a essa memória, o sistema pode revogar a seleção feita anteriormente e anular a inserção de β porque Ω é uma combinação melhor. Neste caso, Ω será inserido sobre a estrutura arbórea em (235) e sua estrutura cobrirá com sucesso todos os nós da árvore criada. Repito abaixo o passo a passo aqui imaginado deixar mais claro o raciocínio:

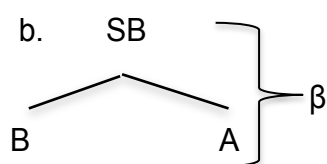
(239) Sintaxe constrói a árvore abaixo. Inspeção lexical é acionada.



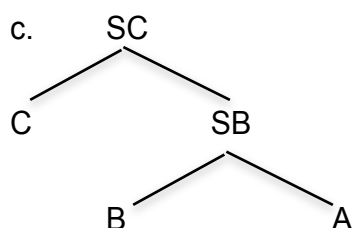
(240) O item β é encontrado e carrega uma estrutura idêntica àquela criada pela sintaxe.



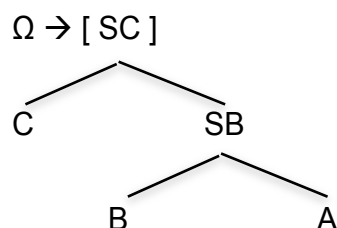
(241) Tal item é inserido acrescentando conteúdo fonológico e informação enciclopédica à estrutura.



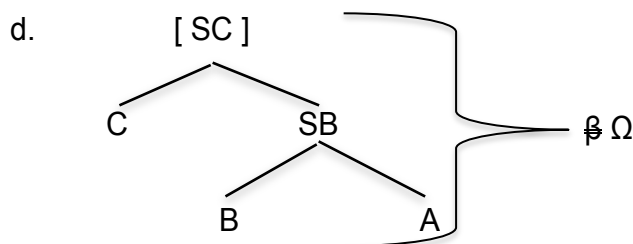
(242) A sintaxe continua a derivação e acrescenta o traço C à estrutura, gerando a árvore abaixo. Fim de outro ciclo, inspeção lexical é acionada novamente.



(243) O item Ω é encontrado e carrega uma estrutura idêntica àquela criada pela sintaxe nos dois últimos ciclos.



(244) Tal item é inserido acrescentando conteúdo fonológico e informação enciclopédica à estrutura. Ao mesmo tempo, sua inserção apaga/revoga a inserção do item β .



Destaque-se que os itens acima estavam, efetivamente, competindo para a inserção do sintagma SB. Neste caso, o item Ω teria vencido a competição por ser uma representação mais exata da estrutura criada pela sintaxe. Exploreemos, então, outra possibilidade de competição para inserção. É possível conceber, assim, uma outra língua imaginária que não possua o item Ω com a estrutura em (235), mas um item ψ com a estrutura abaixo:

(245) $\psi \rightarrow C$

Voltando ao segundo ciclo, depois da inserção de β em SB, a sintaxe acrescenta novamente o traço C à derivação, construindo o nó SC por Mergir externo. Como esse passo define o final do segundo ciclo, voltamos à inspeção do Léxico. No caso atual, encontramos o item ψ que pode lexicalizar o traço C. Ele é, assim, inserido na estrutura e adiciona a esta sua informação enciclopédica e seu conteúdo fonológico específicos. Nesta língua, contudo, como o item ψ somente lexicaliza o traço C, a estrutura SC-SB será pronunciada como $/\psi/ + /β/$, enquanto que na primeira língua imaginária ela seria pronunciada como $/Ω/$.

Perceba-se que, dentro de uma mesma língua, tal possibilidade pode explicar a habilidade que certas formas *portmanteau* têm de substituir uma sequência de morfemas distintos. É o caso, por exemplo, de formas analíticas como ‘melhor’ que substituem alternativas com ‘mais bom’. Ao mesmo tempo, pode-se mesmo conjecturar que as possibilidades de construção de formas analíticas estejam disponíveis (e sejam até

preferíveis) durante a fase de aquisição, sendo este o mecanismo que levaria crianças nesta fase a produzirem ‘fazi’ no lugar de ‘fiz’ ou ‘iu’ no lugar de ‘foi’. Enquanto elas não têm em sua lista de vocabulário um item que carregue em sua entrada lexical a estrutura mais complexa, continuam usando as sequências analíticas criadas pelo sistema de forma produtiva, e até mais transparente.

Ao mesmo tempo, é evidente que um sistema eficiente precisa restringir, de alguma maneira, a escolha entre tais alternativas, quando estas se colocam em um mesmo idioma. Antes de tudo, é importante destacar que itens como Ω acima estão lexicalizando nós que se encontram em uma relação de sub e superconjunto. Para estabelecer tal restrição, Starke (2009) e Caha (2009) propõem o Princípio do Superconjunto. Este talvez seja, ao lado da possibilidade de inserção em nós não-terminais, como já mencionamos, a principal diferença entre esta e outras teorias de base construtivistas:

(246) *O Princípio do Superconjunto* (CAHA, 2009, p. 55):

Um expoente fonológico é inserido em um nó se sua entrada lexical possuir um (sub-)constituente que seja idêntico ao nó (ignorando traços).¹¹²

Idealmente, claro, seria mais eficiente que as línguas naturais exibissem um padrão de um para um entre os traços que compõem o módulo sintático-semântico e os itens de superfície que os codificam. Efetivamente, contudo, sabemos que este não é o caso e que a relação entre traços conceituais e itens lexicais se dá, muito amiúde, na ordem de um para muitos. Tradicionalmente, a habilidade que um mesmo item lexical tem de lexicalizar mais de um traço conceitual igualmente existente em outras formas daquela língua é denominada sincretismo. A existência de tal fenômeno, contudo, faz com que seja possível (e de fato é até frequente) que itens distintos, mas carregando (sub)partes idênticas de uma mesma estrutura, entrem em competição para a lexicalização dessa estrutura.

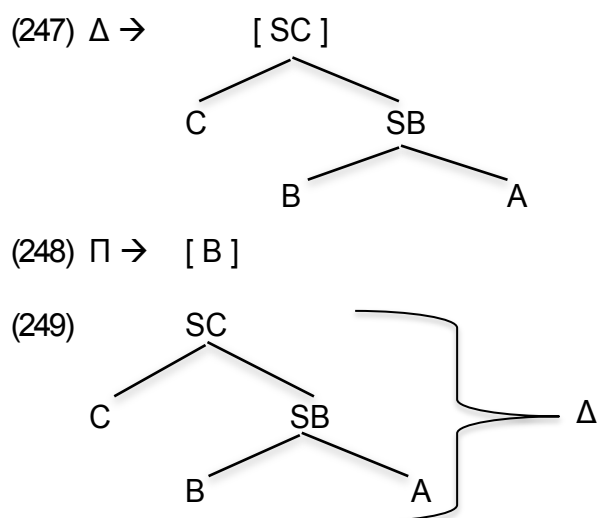
Dentro da Morfologia Distribuída, esse fenômeno é resolvido postulando-se o Princípio do Subconjunto:

(...) quando vários itens lexicais competem, aquele que identificar o subconjunto máximo de traços presentes na sintaxe é escolhido. Sob este princípio, é possível que certos traços sintáticos não estejam

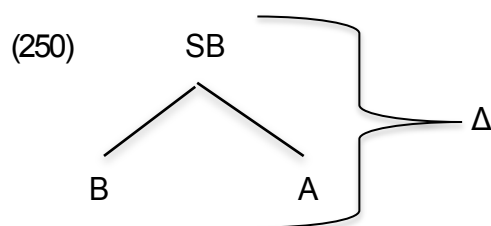
¹¹² "The Superset Principle : A phonological exponent is inserted into a node if its lexical entry has a (sub-)constituent that is identical to the node (ignoring traces)." - T.A.

identificados no Léxico. Um mecanismo independente, Empobrecimento, foi proposto nesta linha teórica (Bonet 1991) precisamente para tornar possível que um item lexical seja inserido em um nó sintático onde haja alguns traços que este item não é capaz de lexicalizar.¹¹³ (FÁBREGAS, 2007, p. 7)

Alternativamente, como já vimos, dentro da Nanossintaxe, o Princípio do Superconjunto estipula que “quanto maior, melhor”. Ou seja, no caso de os itens Δ (247) e Π (248) abaixo entrarem em competição para lexicalizar a estrutura em (249), Δ venceria a competição por dois motivos: (a) primeiro, porque sua estrutura é uma combinação perfeita da estrutura criada pela sintaxe; e (b) também porque garantiria que todos os traços construídos pela sintaxe fossem lexicalizados, assegurando, assim, a observação da regra da Lexicalização Cíclica Exaustiva:



Da mesma forma, se os mesmos itens entrassem em competição para lexicalizar (235) acima, mais uma vez a forma Δ sairia vencedora. Mesmo que, desta vez, sua estrutura não seja exatamente idêntica à construção criada pela sintaxe, ainda assim, ela é a única que garante que todos os traços da derivação sejam lexicalizados:



¹¹³ “(...) when several lexical items compete, the one that identifies the maximal subset of features present in the syntax is chosen. Under this principle, it is possible that certain syntactic features are not identified in the lexicon. An independent device, Impoverishment, has been proposed in this framework (Bonet 1991) precisely to make it possible that a lexical item is inserted in a syntactic node where there are some features which it does not spell out.” - Tradução da autora.

Para restringir a possibilidade de que dois itens com traços excedentes lexicalizem a mesma estrutura, contudo, o sistema prevê que se aplique o *Princípio Minimize Subassociação*¹¹⁴ (nomenclatura de TARALDSEN, 2010). A ideia que fundamenta ambos é colocada de forma bastante clara por Pantcheva (2011, p. 125):

(251) *Princípio Minimize Subassociação:*

Quando duas entradas lexicais possuírem as condições exigidas para inserção em um dado nó, o item com a menor quantidade de traços sobressalentes é inserido/ combinado.¹¹⁵

Retornando à nossa primeira língua imaginária, podemos ver esse princípio em ação. Naquele exemplo, ambos itens β e Ω eram bons candidatos para a lexicalização do sintagma BP. O item β , contudo, vence a competição pois a árvore que carrega não contém nenhum traço extra que ficaria fora da lexicalização. Seu “lixo” é o menor porque é igual a zero.

Destaque-se que o princípio aqui discutido pode ser entendido, por sua vez, como consequência de um princípio mais geral, tradicionalmente associado à competição para inserção: a Condição “Elsewhere”, assim como proposta por Kiparsky (1973, p. 94 *apud* PANTCHEVA, 2011, p. 128):

(252) *Condição “Elsewhere”* (Kiparsky 1973, p. 94)

Duas regras adjacentes da forma:

$A \rightarrow B / P ___ Q$

$C \rightarrow D / R ___ S$

são ordenadas de forma disjunta se e somente se:

a. o conjunto de linhas que couberem em PAQ for um subconjunto do conjunto de linhas que cabem em RCS, e

b. as mudanças estruturais das duas regras forem idênticas ou incompatíveis.”¹¹⁶

¹¹⁴ “Minimize Underattachment” - T.A.

¹¹⁵ “When two lexical entries meet the conditions for insertion in a given node, the item with the fewest features not contained in the node gets inserted”. - T.A.

¹¹⁶ “Elsewhere Condition (Kiparsky 1973, p. 94)

Two adjacent rules of the form

$A \rightarrow B / P ___ Q$

Em outras palavras, “[s]empre que tivermos duas regras - uma que se aplica em um caso mais *geral*, e outra que se aplica em um caso mais *específico* - a regra específica bloqueia a aplicação da regra geral.”¹¹⁷ (PANTCHEVA, 2011, p. 128 - Grifo original). Vemos, assim, mais uma vez, que a atual proposta teórica se equilibra perfeitamente com (e até oferece outras evidências para) princípios gerais de teorias sintático-semânticas largamente aceitas e independentemente motivadas.

Para concluir esta seção, explorarei algumas evidências empíricas para o Princípio da Lexicalização Exaustiva, como proposto por Pantcheva (2011) e Fábregas (2007). Em seu artigo, este autor também investiga sentenças com verbos de movimento e preposições de trajetória. A partir de dados do espanhol, destacam-se as restrições que determinados verbos impõem nos SPs que selecionam.

Inicialmente, Fábregas ressalta que o tratamento dado aos verbos de movimento do espanhol não tem recebido, historicamente, a atenção necessária. Embora seja uma língua latina, e na classificação de Talmy (1985, 2000) não se encaixe na tipologia de línguas que codifiquem a noção de maneira de movimento na raiz verbal, deixando para a preposição o sentido de trajetória, o autor apresenta um longa lista de contraexemplos para tal determinação.

Ao mesmo tempo, seu artigo explora o que se tem chamado de falsos sincretismos dentro do sistema preposicional do espanhol. Para ilustrar tal confusão, o autor aponta, de forma bastante interessante, que os testes para diagnosticar preposições locativas e preposições direcionais/de trajetória apresentam suas limitações. Enquanto que sentenças com verbos estativos de fato bloqueiam preposições de trajetória (253), o contrário não é verdade: preposições locativas são amplamente aceitas ao lado de verbos dinâmicos de movimento (254):

- (253) a. Juan permaneció en la oficina.
 b. João ficou no escritório.
 c. *Juan permaneció hasta la oficina.
 d. *João ficou até o escritório.

C → D / R__S

are disjunctively ordered if and only if:

- a. the set of strings that fit PAQ is a subset of the set of strings that fit RCS, and
 b. the structural changes of the two rules are either identical or incompatible.” - (T.A.)

¹¹⁷ “Whenever we have two rules - one which applies in a more general case, and the other which applies in a more specific case—the specific rule blocks the general rule from application.” - (T.A.)

- (254) a. João correu em cima da calçada.
 b. João ficou em cima da calçada.

Desta breve análise, percebemos como é fácil chegar à conclusão de que preposições locativas também carregam uma projeção denotando alvo do movimento. Todavia, Fábregas (2007) nos adverte para o fato de que preposições locativas podem sim ser superficialmente associadas a uma leitura de trajetória/alvo, quando combinadas à configuração sintática certa, sem que sua estrutura codifique uma projeção STraj (ou SALvo, na nomenclatura de Pantcheva).

Para o autor, tal leitura pode surgir quando associamos preposições locativas a verbos que independentemente lexicalizam a projeção SRes. Como tal nó é responsável pelo sentido de um ponto final inerente à trajetória expressa pelo verbo, a preposição locativa que lexicaliza a projeção remática abaixo do nó SRes pode ser facilmente associada à noção de Alvo/ponto final. Como veremos na análise da mudança de sentido dos itens do PB, é exatamente esse tipo de configuração sintática que cria o ambiente propício para Reanálise e para associação, no Léxico, de uma estrutura diferente a um determinado item lexical. Voltaremos a analisar essa hipótese em detalhes no Capítulo 6.

No momento, faz-se necessário abordar outra hipótese ligada diretamente à habilidade que os itens lexicais possuem de lexicalizar mais do que um traço da estrutura sintática que também se encontra em outros itens da mesma língua, comumente chamada de sincretismo: a previsão dos itens lexicais possíveis. Isto é, definida a habilidade de sincretismo e definida a estrutura funcional hierárquica universal, é possível derivar as classes de sincretismos possíveis, e, ao mesmo tempo, prever que itens lexicais não poderiam existir.

4.4 SINCRETISMOS E ITENS LEXICAIS POSSÍVEIS

A proposição central embasando a habilidade deste sistema de prever os itens lexicais possíveis translinguisticamente é que precisamos de muito pouco maquinário teórico para fazê-lo (CAHA, 2009). Segundo o que o autor demonstra de forma clara e minuciosa em sua tese¹¹⁸, a teoria capaz de captar esse fenômeno em um número bastante alto de dados mostra-se relativamente simples: baseia-se na estipulação de que somente necessitamos da determinação da Hierarquia Funcional-Conceitual Universal,

¹¹⁸ Refiro, especificamente, o Capítulo 3 de Caha (2009) para uma discussão detalhada dos sincretismos possíveis translinguisticamente.

de um parâmetro padrão de regulação de movimento do SN (nos moldes de CINQUE, 2002) e do princípio aqui defendido de inserção em nós não-terminais.

Antes de passarmos para a derivação desta proposta, ilustrarei de forma simples o que estou chamando de sincretismo (“ambiguidade estrutural” nas palavras de Pantcheva, 2011) com alguns dados apresentados em Caha (2010). Nos sistemas de caso das duas línguas abaixo, por exemplo, pode-se perceber claramente que um mesmo item/morfema parece estar carregando uma estrutura arbórea mais complexa, formada por mais de uma projeção nanossintático-conceitual:

(255) Sistema de casos do estoniano:

| | SG | PL |
|-----|--------|----------|
| NOM | Ramat | ramatud |
| ACC | Ramatu | ramatud |
| GEN | Ramatu | ramatute |

Quadro 6: Sistema de casos do estoniano (CAHA, 2009, p. 102)

(256) Sistema de casos do grego moderno

| | SG | PL | PRON |
|-----|----|------|------|
| NOM | -∅ | -t | -∅ |
| ACC | -n | -t | -t |
| GEN | -n | j-en | -n |

Quadro 7: Sistema de casos do grego moderno (CAHA, 2009, p. 102)

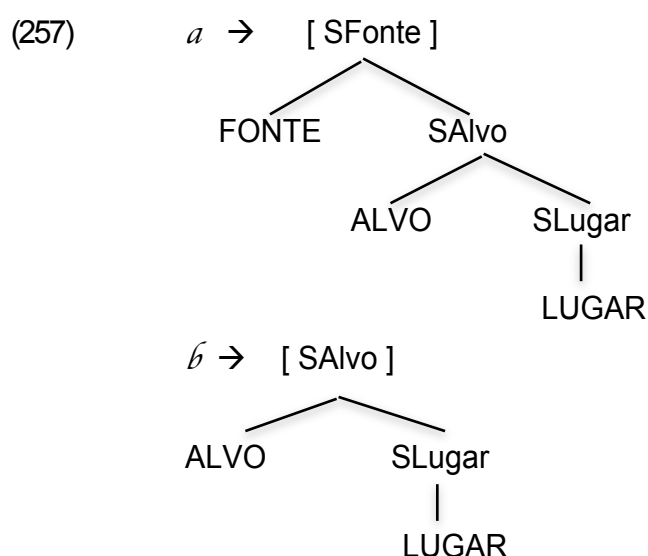
A partir dos dados acima, em estoniano, seria possível estipular que o item /ramatu/ tenha codificado em sua estrutura as projeções SAcc-SGen, enquanto que /ramatud/ teria a forma SNom-SAcc. Por sua vez, /ramat/ e /ramatute/ carregariam um só traço, NOM e GEN, respectivamente. Paralelamente, no grego moderno, o morfema *-n*, do paradigma do singular, estaria carregando a estrutura SAcc-SGen, enquanto que no paradigma do plural, o morfema *-t* seria sincrético entre a expressão dos nós SNom e SAcc.

Note-se, no entanto, que o sincretismo encontrado em ambas as línguas parece obedecer algum princípio de adjacência dentro da estrutura funcional hierárquica proposta por Caha (2009) para o sistema de casos. Em um artigo de 2008, o autor explora em detalhes o que ele chama de Princípio *ABA (inspirado na proposta de

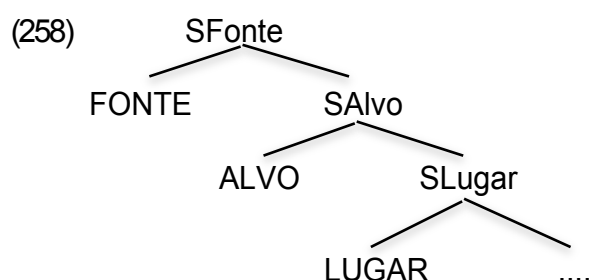
Bobaljik, 2007): a lexicalização de sincretismos somente pode operar sobre projeções adjacentes da estrutura funcional de um determinado domínio.

Assim, no domínio espacial, segundo Pantcheva (2011), seria possível prever que uma preposição lexicalizasse uma estrutura como SFonte-SAlvo-SLugar, sendo então habilitada a expressar todos os sentidos associados a tais projeções. Contudo, um item que lexicalizasse somente SFonte-SLugar à exclusão de SAlvo não deveria ser encontrado (o que de fato se comprova). A razão para isso estaria na forma e direção da derivação em combinação com os princípios discutidos acima.

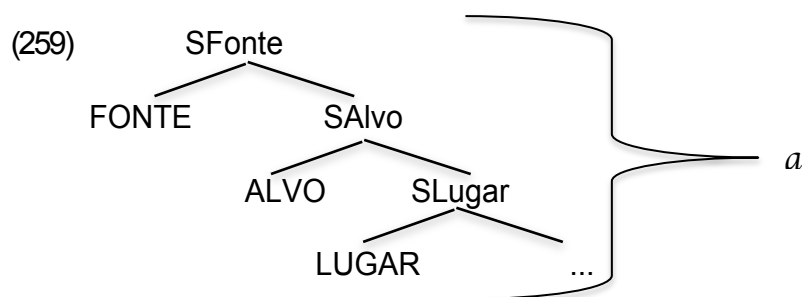
Para ilustrar essa hipótese de maneira mais clara, vou expor resumidamente a derivação abstrata apresentada por Pantcheva (2011). Na sequência, aplico os mesmos procedimentos ao quadro preposicional do PB. Imaginemos uma língua que possua as duas entradas lexicais abaixo para expressão do deslocamento espacial:



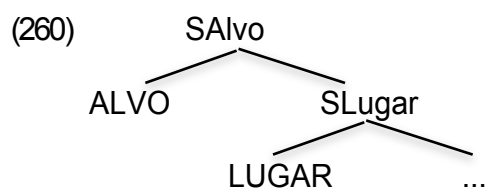
Consideremos, então, que com tais entradas lexicais, nossa terceira língua imaginária poderia lexicalizar uma estrutura sintática com o sentido de Fonte (208) utilizando o item *a*.



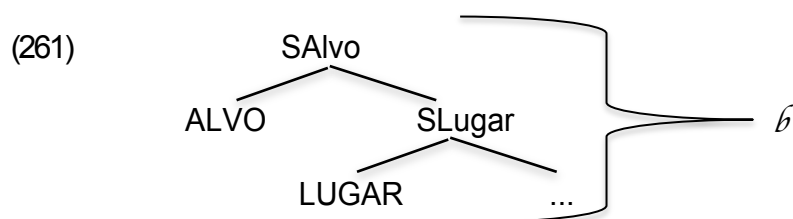
Levando à seguinte configuração:



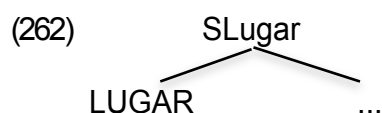
Como já foi visto, tal item seria selecionado por ser o único que garante a lexicalização de todos os traços construídos pela sintaxe. Alternativamente, para lexicalizar uma estrutura com o sentido de Alvo, como em (210), nossa língua imaginária possui dois itens lexicais a sua disposição: *a* e *b*, pois ambos carregam a estrutura abaixo:



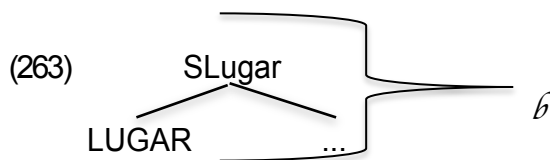
Precisamos decidir, então, qual dos dois itens seria o melhor candidato para inserção. Como já vimos anteriormente, neste caso, o *Princípio Minimize Subassociação* (ou a *Condição "Elsewhere"*) força a escolha de *b*, uma vez que este item não possui traços sobressalentes que ficariam para fora da lexicalização, ou subassociados. Assim, temos o seguinte resultado:



Da mesma forma, para a lexicalização da construção em (212), os itens *a* e *b* entrariam novamente em competição.



Mais uma vez, o item \acute{b} venceria a competição por ser a entrada lexical que carrega menos traços desnecessários quando combinada com a estrutura sintática abaixo:



O resultado, como podemos observar, é o paradigma $a\acute{b}\acute{b}$: ABB. A essência do Princípio *ABA é, portanto, a previsão de que, se um item lexical de uma determinada língua for usado para lexicalizar uma estrutura intermediária da hierarquia, ele igualmente será preferido para a lexicalização das estruturas mais baixas quando em competição com itens que lexicalizam estruturas mais altas. Nas palavras de Pantcheva:

A generalização *ABA defende que não é atestado entre as línguas naturais que uma estrutura [X [Y [Z]]] seja lexicalizada usando-se o item A, [Y [Z]] seja lexicalizada usando-se B, e [Z] seja lexicalizada usando-se A novamente.¹¹⁹ (PANTCHEVA, 2011, p. 223)

Em suas teses, tanto Caha (2009), quanto Pantcheva (2011) não encontram indícios de itens lexicais que carreguem uma estrutura SRota-SALvo à exclusão de SFonte, ou itens que lexicalizem SFonte-SLugar à exclusão de Salvo, comprovando empiricamente sua hipótese. No PB, do mesmo modo, não encontrei nenhum item que viole tal restrição. Infelizmente, a apresentação de tal análise foge ao escopo desta discussão. Portanto, por questão de tempo e espaço, continuarei a apresentação da teoria nanossintática, passando a expor, brevemente, seus princípios e restrições.

4.5 AS OPERAÇÕES SINTÁTICAS: PRINCÍPIOS E RESTRIÇÕES

Nas seções anteriores, explorei a ideia de que o módulo sintático-conceitual constrói suas árvores a partir de traços primitivos mais finos, obedecendo a princípios sintáticos simples e amplamente aceitos dentro do quadro cartográfico e gerativo, nomeadamente, Mergir externo e Inserção/Combinação. Vimos, igualmente, que a Nanossintaxe se distingue de outras teorias gerativas ao postular que o processo de

¹¹⁹ “The *ABA generalization states that it is not attested among languages that a structure [X [Y [Z]]] is lexicalized by using A, [Y [Z]] is lexicalized by using B, and [Z] is lexicalized by using A again.” – T.A.

inserção é regulado pelo acesso cíclico ao léxico. Ao mesmo tempo, os itens que compõem o léxico não carregam somente os traços primitivos que permitiriam sua seleção para inserção, mas possuem igualmente uma estrutura já formada a partir de tais primitivos. Deste modo, não é só o tipo de traço, mas também a forma da estrutura estocada no Léxico que controlam as possibilidades de lexicalização das estruturas criadas pela sintaxe.

Até o momento, como tenho tratado de sentenças e itens lexicais do inglês e de línguas latinas, temos encontrado estruturas de superfície lineares correspondentes às estruturas sintáticas, observando assim o princípio universal da ordem especificador-núcleo-complemento (KAYNE, 1994; e CINQUE, 1999, 2000, 2009 *apud* PANTCHEVA, 2011). Neste sentido, tenho assumido o Axioma de Correspondência Linear¹²⁰, como proposto por Pantcheva (2011). Baseando-se na proposta de Kayne (1994), a autora incorpora, à máxima acima, a visão de que itens lexicais também podem lexicalizar nós não-terminais:

(264) *Axioma de Correspondência Linear* (PANTCHEVA, 2011, p. 135):

Se um X não-terminal C-comanda assimetricamente um Y não-terminal, então qualquer item que lexicalizar X precederá qualquer que seja o item que lexicalizar Y.¹²¹

Paralelamente, também é vastamente observado que as mais diversas línguas lexicalizam os sintagmas que formam a hierarquia aqui defendida das formas mais diversas. O aparente caos da variação, contudo, pode ser explicado, em termos nanossintáticos, através de um mecanismo bastante simples: o movimento de determinadas partes da estrutura sintática é desencadeado pela forma da estrutura gravada nos itens lexicais de uma determinada língua e pela necessidade de lexicalização cíclica exaustiva. Caha (2009), a partir da proposta de Starke (2005), denomina tal mecanismo como “Movimento dirigido por Lexicalização”¹²².

As perguntas que se colocam, então, são: que partes da estrutura podem se mover, quando isso pode acontecer e onde elas devem parar. Para ilustrar um processo

¹²⁰ Do inglês, “Linear Correspondence Axiom”.

¹²¹ “ If a non-terminal X asymmetrically c-commands a non-terminal Y, then whatever spells out X precedes whatever spells out Y” - T.A.

¹²² Do inglês, “Spell-out driven movement”.

derivacional que envolva Mover, apresento resumidamente, mais uma vez, o passo a passo de tal hipótese baseando-me em Pantcheva (2011).

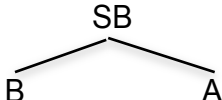
Imaginemos, assim, uma língua que possua os itens lexicais abaixo:

(265) $a \rightarrow \langle /a/, A \rangle$

$\bar{b} \rightarrow \langle /b/, SB \rangle$
 $\quad \quad \quad \quad |$
 $\quad \quad \quad \quad B$

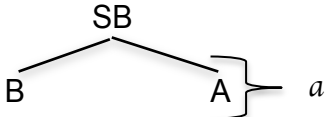
Ao mesmo tempo, suponhamos que a sintaxe construa o sintagma seguinte:

(266)



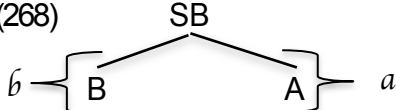
Levando-se em conta as hipóteses assumidas até aqui, a derivação terá início com o Merge externo de A e B, seguido de inspeção ao Léxico, já que o Merge externo define o fim de um ciclo. Essa inspeção, por sua vez, como proposto anteriormente, acontecerá de baixo para cima e da direita para a esquerda. Assim, o primeiro nó a ser inspecionado para inserção na estrutura criada em (266), será o nó A. Nesta língua, encontraremos um item lexical perfeito para a lexicalização de $A = a$:

(267)



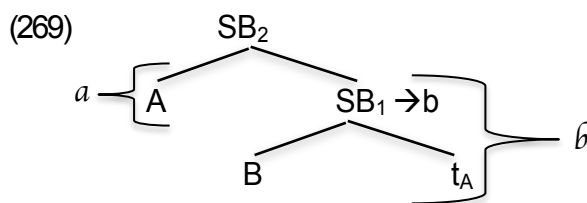
Na continuidade da inspeção do Léxico, ao buscarmos uma combinação para o nó B, encontramos \bar{b} , que pode ser inserido sobre B, já que uma de suas subpartes é idêntica ao nó em questão:

(268)



Finalmente, na busca por uma combinação para BP, encontramos novamente \bar{b} , que carrega, na verdade, uma estrutura com a habilidade de cobrir tanto BP quanto B. Note-se, contudo, que a forma do item \bar{b} não prevê a existência de uma irmã para B. Deste

modo, para que \bar{b} seja inserido de forma bem sucedida sobre BP-B, o nó A precisa ser movido, criando um nó BP₂:



Até aqui, pudemos ver quais partes da estrutura estão sujeitas à operação Mover, que configurações desencadeiam tal movimento e qual é o lugar de aterrissagem dos nós evacuados. Resta-nos saber, então, quando esse movimento acontece. As duas possibilidades seriam: o movimento acontece dentro do mesmo ciclo ou, alternativamente, somente se efetiva no ciclo seguinte.

Para decidir qual seria a opção mais viável, precisamos nos lembrar de dois pontos cruciais: o nó SB₂ precisa igualmente ser buscado no Léxico para uma inserção bem sucedida. No entanto, o movimento de A para SB₂ constitui Mover Interno e, portanto, não aciona inspeção lexical. Além disso, recordemos que a inspeção lexical que acontece dentro de um determinado ciclo se lembra do ciclo anterior, e não repete o trabalho já realizado. Assim, se o movimento acontecesse dentro do mesmo ciclo em que foi acionado, invariavelmente teríamos a criação de um nó que não seria, por sua vez, lexicalizado, resultando em uma sentença mal formada.

Considerando tal configuração, a única opção possível dentro da presente abordagem seria a de que o nó A seja marcado para evacuação em um ciclo, mas que o movimento somente aconteça no ciclo seguinte. Potencialmente, desta forma, todo ciclo poderia começar com um Mergir Interno, seguido de um Mergir Externo e terminando com a lexicalização bem sucedida de todos os seus nós.

Como já sugeri, para uma discussão mais detalhada e aprofundada de todas as potencialidades que tal sistema apresenta, refiro, especialmente, o trabalho de Pantcheva (2011) sobre a hierarquia espacial e o trabalho de Caha (2009) sobre a hierarquia de casos. Para os objetivos da presente tese, contudo, a proposta básica até aqui apresentada mostra-se suficiente, pois as análises que desenvolveremos não lançam mão desta aparelhagem mais complexa.

4.6 PANORAMA RESUMIDO DA PROPOSTA NANOSSINTÁTICA

Concluo este Capítulo retomando os princípios e hipóteses que constituem a base da proposta Nanossintática:

I. Os blocos com os quais a sintaxe constrói suas estruturas representam traços conceituais primitivos.

II. Hierarquia: os traços conceituais estão rigidamente organizados, por sua vez, em uma Hierarquia Funcional-Conceitual Universal.

III. Sincretismo: a relação da morfologia com a sintaxe é um para muitos: um mesmo item lexical pode ser combinado com mais de um nó da estrutura construída pela sintaxe.

IV. Para além de uma simples lista de traços, os itens que compõem o léxico de uma língua carregam informação específica sobre a ordem e a estrutura arbórea dos traços que poderão ser inseridos nas estruturas que a sintaxe construir.

V. A forma de uma entrada lexical seria: < conteúdo fonológico, árvore nanossintática, conteúdo enciclopédico >

VI. Lexicalização Sintagmática Cíclica: após cada Mergir Externo, o Léxico é inspecionado para combinação, culminando na lexicalização da estrutura sintática. Mergir interno não aciona combinação nem Lexicalização Cíclica.

VII. Lexicalização Cíclica Exaustiva: todo nó criado pela sintaxe deve estar codificado/lexicalizado (combinado a um item lexical) no final de cada ciclo.

VIII. Ordem da derivação: o processo de Lexicalização Cíclica acontece de baixo para cima e da direita para a esquerda, começando pelo nó mais baixo do ciclo em questão.

IX. Inserção/Combinação pode almejar nós terminais e não-terminais.

X. Princípio do Superconjunto: um item de vocabulário é uma boa combinação para uma determinada estrutura se esta for idêntica a (pelo menos) uma subparte da estrutura contida em sua entrada lexical.

XI. Princípio Minimize Subassociação: quando dois itens de vocabulário entrarem em competição para combinação, vencerá o item que possuir menos traços/nós sobressalentes.



Figura 3: *Waterfall*, de M.C. Escher, 1961, Litografia

5 TEORIAS DE MUDANÇA E A REANÁLISE

*O destino, isso a que damos o nome de destino,
como todas as coisas deste mundo, não conhece a linha recta.
O nosso grande engano, devido ao costume que temos de tudo explicar retrospectivamente em
função de um resultado final, portanto conhecido,
é imaginar o destino como uma flecha apontada directamente a um alvo que,
por assim dizer, a estivesse esperando desde o princípio, sem se mover.
Ora, pelo contrário, o destino hesita muitíssimo, tem dúvidas,
leva tempo a decidir-se.
Tanto assim que antes de converter Rimbaud em traficante de armas
e marfim em África, o obrigou a ser poeta em Paris.*

José Saramago

5.1 INTRODUÇÃO

Esta tese é uma proposta de análise semasiológica sobre mudança semântica, ou seja, tem a preocupação de investigar o caminho que o significado associado a verbos e a preposições do PB pode ter percorrido ao longo de sua(s) modificação(ões). Contudo, antes de se postular qualquer hipótese que seja, é preciso que estabeleçamos o que estou entendendo por “significado associado a itens lexicais”. Neste sentido, precisamos discutir a concepção aqui assumida de *significado* e, paralelamente, de *língua*.

A teoria que fundamenta esta tese a respeito da configuração (estrutura(s)) e do funcionamento (processo(s)) das línguas naturais já pode ter ficado explícita, para alguns(mas) leitores(as), ao longo da primeira parte deste trabalho. Ainda assim, acredito que seja pertinente retomar alguns pontos centrais para deixar mais claras as afirmações e as hipóteses que levantarei nesta segunda parte. Desenvolvo esse debate nas duas próximas subseções.

5.1.1 A arquitetura da gramática

Primeiramente, lembremos que a Semântica Conceitual de Jackendoff (1983, 1990) e a Nanossintaxe são teorias de cunho gerativo, desenvolvidas a partir de conceitos e hipóteses amplamente difundidos e explorados por linhas teóricas que consideram a língua humana como um produto mental, biológico e geneticamente determinado. Além disso, seguindo Jackendoff (1983), entendo que esta misteriosa habilidade chamada linguagem esteja intimamente ligada a outros sistemas mentais, como o sistema motor, perceptivo, visual, entre outros, no sentido de que se estruturam

de forma bastante semelhante. Por consequência, assumo a posição de que todos esses módulos ou sistemas mentais humanos se organizam e trabalham a partir de uma mesma Estrutura Conceitual profunda que é, por sua vez, o filtro através do qual processamos nossa percepção do mundo material.

Deste modo, embora o uso e o social tenham grande influência sobre como a linguagem se materializa e como se transforma, as variações e as mudanças estruturais (da gramática e conseqüentemente das línguas naturais) possíveis estariam condicionadas à estrutura do sistema conceitual humano, que estabelece, ao mesmo tempo, o mecanismo através do qual percebemos o mundo e a sociedade e a partir dos quais falamos de tudo isso.

Assim, parto do princípio de que os significados que relacionamos a itens lexicais não são determinados diretamente pela sociedade, pelo uso ou pelo mundo, mas pela nossa *percepção* da sociedade, dos usos que fazemos da linguagem e do mundo. Ao mesmo tempo, nosso acesso à Estrutura Conceitual somente é possível através de estudos sobre o comportamento humano, sobre nossa percepção e, claro, sobre nossa linguagem.

Concentrando-nos, então, especificamente nas evidências que as línguas naturais nos apresentam para a conjectura de como a linguagem se estrutura e funciona, é plausível supor, com bastante rigor, que determinados princípios da gramática são, efetivamente, inatos e universais. Pesquisas translinguísticas têm demonstrado com bastante frequência que há, sim, estruturas profundas controlando as estruturas de superfície das mais distintas línguas. Traugott e Dasher (2004), por exemplo, observam que as mudanças encontradas nas mais variadas línguas parecem sempre seguir caminhos semelhantes, a ponto de podermos estabelecer certos princípios universais de gramaticalização/semantização.

Entre algumas dessas observações está o fato de itens lexicais, em geral, ganharem novas nuances de sentido e, muito raramente, perderem algum traço de significado (TRAUGOTT & DASHER, 2004, p. 39); ou ainda, o fato de que itens lexicais muito amplamente tendem a ser “transformados” em itens mais gramaticais, ou funcionais, enquanto o caminho contrário é raramente, ou nunca, atestado (CASTILHO, 1997, 2006). Para ilustrar esta última observação, pode-se citar os casos de gramaticalização envolvendo verbos que, como outros trabalhos no PB também sugerem, parecem seguir sempre o sentido “Verbo pleno > (Verbo vetor) > auxiliar > clítico > afixo” (ECKARDT, 2006, p. 24).

Portanto, embora algumas das evidências acima venham de estudos que não pressupõem uma Gramática Universal, acredito que possam ser interpretadas como prova para a postulação de que, de fato, exista um mecanismo universal limitando a variação e a mudança observadas na linguagem humana. Levando-se em conta que as mais diversas culturas apresentam distinções infinitamente complexas, não parece ser exagero assumir que tais limitações sejam geneticamente determinadas, ou seja, comuns a toda espécie humana.

Desta maneira, este trabalho parte da hipótese de que a Estrutura Conceitual sobre a qual estaremos debatendo e a partir da qual construiremos nossas propostas determina a base de toda língua natural. É essa estrutura que tenho em mente quando uso o termo Universal. E é ela que, assim, estabelece o ponto de partida e os limites para a aquisição e a mudança das mais variadas línguas naturais. Partindo desta hipótese, então, entendo que a estrutura de superfície das línguas naturais varia somente na medida em que distintas línguas usam itens de superfície díspares para lexicalizar a mesma configuração conceitual. Em outras palavras, as línguas naturais são produto de diferentes estratégias e processos usados por diferentes comunidades para embalar a mesma Estrutura Conceitual profunda.

Outra definição, em se tratando de línguas, igualmente se faz necessária. Seguindo Lightfoot (1999), adoto a hipótese de que a língua, esse produto social que usamos para os mais diversos fins, é uma abstração e uma padronização da língua individual de cada ser humano que compõe uma determinada comunidade de fala. Essas gramáticas individuais seriam, por sua vez, instâncias concretas mais ou menos idênticas à língua estabilizada dessa comunidade e produto de uma Estrutura Conceitual universal. Portanto, quando me refiro à língua portuguesa, refiro-me ao conjunto de parâmetros comuns e mais ou menos estabilizados nas gramáticas de todos os falantes de PB. Paralelamente, “uma gramática tem um status claro: é o sistema finito que caracteriza a capacidade linguística de um indivíduo e que está representada na mente/no cérebro do indivíduo.”¹²³ (LIGHTFOOT, 1999, p. 74).

Em resumo, há nesta tese três conceitos centrais relacionados à ideia de língua e linguagem: (a) uma Estrutura Conceitual universal que está na base do desenvolvimento de todas as línguas naturais e que, por sua vez, impõe limites à variação de estruturas possíveis; (b) uma gramática individual, produto de um processo

¹²³ “(...) a grammar has a clear status: it is the finite system that characterizes an individual linguistic capacity and that is represented in the individual’s mind/brain” - T.A.

de aquisição guiado e restringido por uma Estrutura Conceitual universal e instância concreta da língua de uma determinada comunidade; e (c) a língua, produto social e conjunto estabilizado dos pontos comuns das gramáticas individuais de uma comunidade de fala. Note-se que, conseqüentemente, torna-se impossível falar de *uma* gramática do PB, por exemplo, posto que cada falante do PB teria, potencialmente, uma gramática (produto de sua aquisição) levemente distinta da gramática de seus pares. A estabilidade que vemos de uma gramática do português reflete, assim, o fato de que a maioria dos falantes do PB tem (quase) a mesma gramática mental, biológica.

Portanto, é necessário destacar, como Lightfoot (1999) adverte, que, ao falarmos em mudança linguística, devemos tomar cuidado com um ponto crucial: o lócus da mudança linguística é a gramática individual de cada ser humano, posto que esta é a única instância material de realização da linguagem (LIGHTFOOT, 1999, p. 74). Mais do que isso, o autor acima entende que uma pequena mudança no ambiente, e, conseqüentemente, nas pistas a que uma criança tem acesso na fase de aquisição podem gerar uma gramática levemente diferente em sua mente.

Esse posicionamento em relação à mudança explica, assim, a percepção de que a mudança se espalha e se estabiliza de forma gradual através da expansão dos usos de uma nova forma ou construção em uma comunidade, sem abrir mão da hipótese de que toda mudança é, de fato, acidental e pontual. O que ocorre, segundo Lightfoot (1999), é que mudanças por reanálise nas gramáticas individuais são sempre abruptas e contingentes, enquanto que a expansão e a aquisição de uma mudança (novo parâmetro, para o autor) dentro de um grupo de falantes se dão ao longo de gerações, como um efeito dominó. Mark Hale (*apud* LIGHTFOOT, 1999, p. 88), explica a distinção entre a ocorrência e a percepção da mudança da seguinte maneira: “ a gradualidade é uma miragem criada por nossa incapacidade de distinguir eventos de mudança independentes”¹²⁴. É, então, em busca da caracterização e da explicitação destes eventos distintos e independentes que a presente proposta de análise se coloca.

Lightfoot (1999), ainda é importante sublinhar, desenvolve sua análise partindo de teorias sintáticas e se preocupa, na quase totalidade de seu trabalho, em explicar mudanças nos parâmetros de uma determinada língua que influenciam o desenvolvimento de uma gramática diferente nos aprendizes em fase de aquisição. Minha preocupação, ao contrário, é com a mudança dos sentidos associados a itens

¹²⁴ “(...) the gradualness is a mirage created by our failure to distinguish between independent change events.” - T.A.

lexicais específicos. Embora essa mudança não implique, necessariamente, modificação dos parâmetros sintáticos gerais que provoquem uma reestruturação profunda da estrutura de superfície de um falante, ela ainda assim tem o potencial de influenciar o sistema linguístico como um todo, sugerindo, como Lightfoot (1999) prevê, que estamos lidando com um sistema altamente estruturado e que uma pequena transformação em uma das peças desse mecanismo complexo pode forçar a reestruturação de todo o sistema. Para ilustrar esse ponto, podemos citar o caso da perda de caso dativo sofrida pela preposição 'a' que força a reestruturação das possibilidades de expressão sintática de tal conceito, resultando na perda de pronomes oblíquos (DE OLIVEIRA, 2003; FIGUEIREDO SILVA, 2007; entre outros).

Outros autores como Kroch (2001), vale destacar, também têm em comum a ideia de que a mudança sintática, quando ocorre, é abrupta e contingente, em geral resultado de reanálise, ou um erro de aquisição de um determinado parâmetro associado a uma determinada língua. Ou seja, a mudança linguística é gerada na fase de aquisição e gravada nas novas gramáticas que as crianças daquele idioma acabam internalizando. Para Lightfoot (1999), a reanálise pode ser motivada por contato linguístico, por exemplo, e o autor defende sua hipótese analisando línguas crioulas e línguas de sinais.

Contudo, como minha análise se concentra nos processos e produtos da mudança, e não em suas motivações, determinar o momento em que isso acontece não é, neste momento, imperativo. Ou seja, poderíamos assumir a proposta de Lightfoot (1999) e determinar que o período de reanálise acontece na fase de aquisição, ou adotar a proposta de Eckardt (2006), de que a reanálise possa acontecer nas mentes de falantes adultos. Esta autora propõe que não só os ouvintes, mas o falante motivado se envolve ativamente no processo de reanálise. Este falante agiria recrutando palavras novas para expressar composicionalmente sentidos que antes não eram possíveis.

Como a autora acima também observa, assumir que a reanálise acontece na mente de falantes adultos motivados não exclui a ideia de que a fase de aquisição seja um momento igualmente crucial. Se levarmos em conta que os adultos, ao usarem suas novas regras, oferecerão *inputs* distintos aos aprendizes, por exemplo, é de se esperar que estes adotem os novos parâmetros. Veja-se que Eckardt (2006) precisa assumir tal posicionamento, pois sua análise pragmática depende dos contextos comunicativos altamente complexos que exigem, ao mesmo tempo, falantes e ouvintes engajados. Para a autora, adultos teriam mais estratégias para concretizar tal ato.

De fato, teorias funcionalistas têm adotado a hipótese de que a mudança é assimilada dentro de uma comunidade linguística na base da imitação/cópia ou repetição de itens ou construções, colocando no aumento de frequência de usos de uma forma inovadora um dos fatos centrais para a estabilização de uma mudança. Tais teorias também assumem que o lócus da mudança não se encontra na fase de aquisição, mas nos usos (às vezes, conscientes) criativos e inovadores que falantes adultos de um determinado idioma fazem de uma determinada construção.

Traugott e Dasher (2004, p. 41), especificamente, defendem tal hipótese. Porém, estes autores vão ainda mais longe: propõem, ao contrário do que outras teorias funcionalistas têm defendido, que a mudança não é somente consequência da internalização e da propagação de uma análise alternativa realizada pelo ouvinte/leitor, mas de uma atitude inovadora e criativa deliberadamente concretizada pelo falante/escritor. Eckardt (2006) adota, assim, uma posição bem parecida: baseada em suas análises, a autora também sugere que mudanças semânticas “ocorrem primariamente no léxico mental de falantes *adultos*” (ECKARDT, 2006, p. 41 - grifo original):

Estudos de caso, assim com o quadro teórico que surge, sugerem fortemente que as mudanças em questão ocorrem primariamente no léxico mental de falantes adultos.

Falantes adultos experienciam o tipo crucial de situações comunicativas pragmaticamente carregadas e adotam as convenções relevantes (...). Note-se que esta hipótese não entra em conflito com a alegação, feita frequentemente na literatura formal sobre mudança sintática, que ‘reanálise’ ocorre entre uma geração de falantes e a próxima, ou seja, é um processo iniciado na aquisição de primeira língua (ver Lightfoot 1991, 1999, Andersen, 1973). Os casos de gramaticalização em que estamos interessados aqui são locais. Eles dizem respeito à entrada lexical de itens, não à gramática como um todo. Proponho que as mudanças locais podem ocorrer nas gramáticas dos adultos, enquanto reorganizações globais mais provavelmente ocorrem na aquisição de primeira língua. Este ponto de vista pode ser conciliado com teorias formais sobre aquisição primeira língua”.¹²⁵ (ECKARDT, 2006, p. 41)

¹²⁵ “Case studies as well as the emerging theoretical picture strongly suggest that the changes in question occur primarily in the mental lexicon of adult speakers.

Adult speakers experience the crucial kind of pragmatically loaded communicative situations and adopt the relevant conventionalizations (...). Note that this assumption does not conflict with the claim, frequently made in formal literature on syntactic change, that ‘reanalysis’ occurs between one generation of speakers and the next, i.e. is a process initiated in first language acquisition (see Lightfoot 1991, 1999, Andersen 1973). The instances of grammaticalization that we are interested in here are local. They concern the lexical entry of items, not the overall grammar. I propose that local shifts can occur in adult grammars, while global reorganizations most likely occur in first language acquisition. This view can be reconciled with formal theories on first language acquisition;” - (T.A.)

No caso desta tese, contudo, tendo em vista que a proposta aqui desenvolvida se baseia em traços conceituais inatos, ambos, adultos e crianças, estariam igualmente equipados para processar ativamente a Reanálise. Levando-se em conta, porém, que diversas teorias se debruçam há séculos na busca de uma explicação definitiva para os motivos da mudança linguística e não se tem, ainda, chegado a nenhuma proposta que dê conta, efetivamente, de unificar todos os dados empíricos, tendo a assumir a posição de Lightfoot (1999) de que a mudança é sempre contingente, acidental, e que, devido aos inúmeros fatos envolvidos nos contextos languageiros, não permite uma previsão acertada.

O que investigadores de mudança podem fazer, efetivamente, sugere Lightfoot, é explicar uma motivação específica, e como determinada mudança aconteceu. Entender sua totalidade no intuito de fazer previsões sobre mudanças futuras estaria fora de nossas capacidades. Por mais interessante que este debate seja, todavia, ignoro, por hora, qual seria a melhor alternativa, deixando para investigações futuras, em dados de aquisição, a verificação de tais hipóteses.

Finalmente, outro ponto que ainda é preciso destacar diz respeito à teoria semântica especificamente assumida aqui. Note-se que, embora a posição em relação à concepção de língua seja gerativista, semanticamente não adoto uma teoria formalista, como Eckardt (2006), nem uma teoria lexicalista. Baseio-me, principalmente, na proposta de Jackendoff (1983, 1990), definida como Semântica Conceitual. Além disso, como já foi discutido anteriormente, também sigo a proposta de Ramchand (2008a) de que os módulos morfossintático e semântico-conceitual não são independentes, mas constituem um mesmo nível. Desse modo, não existiria determinação semântico-lexical sobre a sintaxe, nem determinação da sintaxe sobre a semântica que influenciaria a mudança.

Como espero ter conseguido explicitar ao longo da Parte I, há ampla evidência empírica para assumirmos que a sintaxe opera sobre traços conceituais amplamente verificáveis e que é o processo de lexicalização sintagmático cíclico, controlado por princípios e operações sintáticos amplamente aceitos e associados a uma Hierarquia universal de conceitos que possibilita a grande variação nas estruturas de superfície que observamos translinguisticamente.

Determinados esses pontos centrais para uma teoria do significado e da língua, chegamos à questão da relação entre item de superfície e sentido. Como já foi mencionado, estou adotando, nesta tese, a proposta nanossintática, como explicitada por Pantcheva (2011), de que o Léxico de uma língua é uma lista de itens de vocabulário que

materializam foneticamente uma estrutura sintático-conceitual aliada a algum tipo de informação semântica enciclopédica. Reviso essa proposta na próxima subseção.

5.1.2 A forma dos itens lexicais

Dentro do modelo defendido neste trabalho, as peças básicas sobre as quais o sistema linguístico opera são traços conceituais que se encontram, por sua vez, armazenados nos morfemas de uma determinada língua. Como já foi apresentado na Parte I, entendo que os itens usados para lexicalizar estruturas sintático-conceituais em uma determinada língua estão arquivados no Léxico daquele idioma. Esse Léxico seria, portanto, uma lista de tais morfemas e suas respectivas entradas lexicais.

Ainda, dentro da Nanossintaxe, assume-se que um mesmo morfema possa ser associado a mais de um traço conceitual, organizado em uma estrutura arbórea. Assim, também é preciso estabelecer igualmente a relação destes itens com o(s) sentido(s) que eles veiculam. Observe-se, ainda, que uso o termo item ou item lexical para me referir a construções (como as preposições complexas), palavras e afixos, seguindo a visão de que reanálise pode ocorrer no nível do morfema, acima ou abaixo deste.

Em se tratando de sentido, adoto a hipótese de que itens lexicais (morfemas ou combinações destes) carreguem dois tipos de informação semântica: um sentido que é gramaticalmente relevante (PINKER, 1989; TALMY, 2000; PANTCHEVA, 2011; RAMCHAND, 2008a; ECKARDT, 2006) e outro sentido que depende de nosso conhecimento de mundo. Tais itens possuiriam, então, uma forma bastante específica, constituída de três partes igualmente importantes para a feliz realização de um ato linguageiro: uma informação fonológica relacionada a uma estrutura nanossintática-conceitual e a uma outra informação semântica que relacionaria tal forma fonológica-sintático-conceitual aos sentidos enciclopédicos associados a um determinado item em uma determinada língua.

Reproduzo abaixo a Hipótese V da Nanossintaxe, como discutido no final do Capítulo 4, Seção 4.6, para ilustrar a possível forma de uma entrada lexical:

V. A forma de uma entrada lexical é:

< conteúdo fonológico, árvore sintática, conteúdo enciclopédico >

Mais uma vez, é importante ressaltar que essa entrada lexical não projeta de nenhuma forma a estrutura sintática a que determinado item poderá ser associado. A

estrutura sintático-conceitual gravada dentro deste item, contudo, limita as estruturas com as quais ele pode ser combinado ou, em outras palavras, os contextos sintáticos em que ele pode ser inserido. Essa possibilidade de combinação com as estruturas que a sintaxe cria pode dar a aparente impressão de que tais itens estariam de fato projetando a sintaxe, o que, como já foi debatido, não é o caso.

Levando-se em conta, então, a composição das entradas lexicais aqui adotada, é preciso enfatizar que a presente tese se preocupa centralmente com uma abordagem semasiológica da mudança e da variação das *estruturas nanossintáticas-conceituais* das entradas lexicais associadas aos itens de superfície, deixando de lado (por ora) os seus sentidos idiossincráticos ligados ao nosso conhecimento enciclopédico. Preocupo-me, principalmente, com essa parte do significado dos itens de vocabulário exatamente por ser ela que carrega uma relação direta com nossa Estrutura Conceitual e com a gramática das línguas naturais. Seguindo Ramchand (2008a), Talmy (1985, 2000), Pinker (1989) e Jackendoff (1983, 1990), entre outros, busco expor indícios para a verificação dos sentidos gramaticalmente relevantes, aqueles que tenham uma relação direta, no nosso caso, com a mudança na gramática dos falantes de português brasileiro.

Vale destacar que mesmo pesquisas que partem de um pressuposto não-gerativista têm observado que a mudança das línguas naturais, em geral, leva ao surgimento de itens de vocabulário que passam a ser usados de modo mais gramatical, funcional. Interpreto esse indício como mais um argumento a favor da proposta de que determinados sentidos associados aos itens lexicais sejam, de fato, mais relevantes gramaticalmente que outros. É com esses, repito, que nos preocuparemos no momento.

Determinadas a arquitetura da gramática e a configuração dos itens com os quais essa arquitetura trabalha, passaremos para a discussão de alguns conceitos centrais às teorias de mudança sintática e semântica que se tem desenvolvido nas últimas décadas. No próximo Capítulo, nos dedicaremos a um estudo de caso sobre a mudança e a variação envolvendo o quadro preposicional e os verbos de movimento do português brasileiro.

5.2 GRAMATICALIZAÇÃO E REANÁLISE: DISTINTAS ABORDAGENS

Há, na literatura sobre mudança linguística, uma variedade de termos e conceitos referentes às possíveis formas de abordarmos a mudança linguística e, dependendo do quadro teórico, explora-se um ou mais de um desses caminhos. Dentro do quadro gerativo, por exemplo, muitas pesquisas têm se dedicado aos estudos

diacrônicos, porém majoritariamente com foco na sintaxe: Kroch (2001) e Lightfoot (1999) no inglês; Charlotte Galves e outros autores do PHPB no Brasil. Destaque deve ser dado, assim, ao trabalho de Regine Eckardt (2006), que se debruça sobre uma teoria semântica formal de mudança. É essa autora que esmiúça a ideia de reanálise como um mecanismo central de gramaticalização através do qual a mudança se efetiva, compartilhando hipóteses de ambos os modelos gerativo e funcional.

Já na linha funcionalista, destacam-se os trabalhos de Traugott, Hopper, Dasher e Stern sobre gramaticalização. No Capítulo 2 de seu tratado “Regularity in Semantic Change”, Traugott e Dasher (2004) apresentam um panorama exaustivo das teorias e abordagens pelas quais se interessaram, ao longo dos últimos séculos, por questões específicas envolvendo as regularidades (destaque-se a ideia de regularidade) encontradas nas gramaticalizações semânticas e sintáticas.

Eckardt (2006), igualmente, apresenta uma revisão dos principais trabalhos em mudança semântica no Capítulo 2 de seu livro “Meaning change in grammaticalization”. Esta autora se concentra, majoritariamente, nos trabalhos de Hopper e Traugott (1993), Traugott e Dasher (2002), Stern (1931), Traugott (1988) e Sweetser (1988). Para a autora,

[a] razão pela qual qualquer investigação sobre mudança de significado sob reanálise deve considerar a literatura sobre gramaticalização como um de seus pontos iniciais é de natureza prática: a reanálise é quase sempre, na prática, investigada dentro da gramaticalização.¹²⁶ (ECKARDT, 2006, p. 23).

Lightfoot (1999), por sua vez, apresenta uma abrangente revisão da literatura envolvendo os estudos de mudança diacrônica a partir da história natural no Capítulo 2 de sua obra “The Development of Language: Acquisition, Change and Evolution”. Ao contrário dos autores anteriores, contudo, Lightfoot apresenta linhas teóricas que abordam não somente fenômenos semânticos, morfossintáticos e pragmáticos, mas também fonológicos. Ainda, este autor se dedica a uma revisão dos estudos e dos princípios históricos e determinísticos que guiaram muitos dos gramáticos do século XIX e que influenciam grandemente parte das pesquisas atuais.

No Brasil, o *Projeto Para a História do Português Brasileiro* (PHPB) tem produzido inúmeros trabalhos que buscam elucidar, a partir de dados do PB, princípios e

¹²⁶ "The reason why any investigation of meaning change under reanalysis will have to take the literature on grammaticalization as one of its starting points is of a practical nature: reanalysis is virtually always, in practice, investigated as it operates in grammaticalization." - (T.A.)

mecanismos defendidos nas teorias de mudança linguística mundialmente reconhecidas e em produções nacionais. Os textos de Castilho (1997, 2004, 2006) encontram-se entre as principais fontes frequentemente mencionadas nos artigos e teses sobre gramaticalização e mudança no português.

Finalmente, para o(a) leitor(a) interessado(a), deixo igualmente a lista de sugestões de Traugott e Dasher (2004, p.51) de outros autores que igualmente nos apresentam com panoramas de diferentes abordagens de mudança semântica: Kronasser (1952: capítulo 1), Ullmann (1957: capítulo 4), Warren (1992: capítulo 1), Blank (1997: capítulo 1: 1999), Geeraerts (1993: capítulo 3), e Fritz (1998: capítulo 4).

Como esta tese não pretende ser um tratado teórico sobre mudança linguística, mas contribuir para os estudos linguísticos diacrônicos com uma explicitação alternativa do mecanismo de reanálise, a partir de uma teoria sintático-semântica distinta daquelas comumente empregadas nesses casos, não me alongarei na descrição das pesquisas até aqui desenvolvidas. Ainda assim, passarei, na próxima subseção, à revisão dos principais conceitos e princípios que parecem ser comprovados (ou refutados) pelo estudo de caso que apresentarei no Capítulo 6. Como Eckardt (2006, p.23) bem coloca, para discutirmos a reanálise, é preciso que compreendamos o quadro teórico a partir do qual esse mecanismo de mudança linguística é, em geral, proposto. Tendo em vista que esta tese se propõe como uma teoria de reanálise dentro da Nanossintaxe, trataremos, assim, dos principais conceitos e princípios da gramaticalização e da reanálise na próxima subseção.

5.2.1 Mecanismos, processos e princípios de mudança linguística

Entre os diferentes princípios de mudança linguística, o mais frequentemente abordado é, sem dúvida, o da gramaticalização. O primeiro uso do termo em si é atribuído a Meillet (1912) em sua obra “L'évolution des formes grammaticales”. Segundo este autor (e para muitos outros depois dele), gramaticalização seria um princípio universal de mudança. A gramaticalização, neste sentido, consistiria em um epifenômeno de mudança que leva itens mais lexicais, mais livres, a tornarem-se mais gramaticais (menos nominais), mais presos. Como um epifenômeno, a gramaticalização envolve processos de mudança fonética, morfossintática, semântica e discursiva: erosão fonológica ou morfológica, recategorização, etc.

Uma das características centrais da gramaticalização está ligada a outro princípio observado em diversos estudos: a unidirecionalidade da mudança. Hierarquias

e variações clinais (“clines”, no inglês) observadas em várias análises apontam para uma ordem fixa que, alguns autores interpretam, estaria restringindo os possíveis caminhos da mudança linguística. Exemplo disso, podemos citar a trajetória Léxico > Sintaxe > Morfologia > Morfofonêmica > zero, proposta por Castilho (2004), ou a modificação Verbo pleno > Verbo auxiliar citada por Eckardt (2006).

Lightfoot (1999), por sua vez, apresenta críticas a esse princípio específico. Em sua argumentação, o autor sugere que é possível encontrar mais de um contraexemplo para tais trajetórias e que variações clinais e hierarquias parecem ser fruto de uma constatação humana sobre o produto da mudança que não necessariamente está ligada (na sua totalidade) a fatores linguísticos. Assim, trajetórias, hierarquias etc, não constituiriam fundamentalmente um mecanismo que instiga ou controla a mudança. Para Lightfoot (1999),

[n]ão haverá princípios historicistas, nem quaisquer princípios primitivos de mudança. Em vez disso, a explicação para as tendências de longo prazo, se surgir, será uma função da arquitetura da GU, do processo de aprendizagem e da maneira segundo a qual populações de falantes se comportam. Desta forma, as tendências históricas vão ser epifenômenos, derivados de uma forma interessante, não estipulados pela força bruta¹²⁷ (LIGHTFOOT, 1999, p. 225).

Um dos contraexemplos comumente usados para falsear a noção de unidirecionalidade é, de fato, resgatado por Traugott e Dasher (2004). O exemplo é retirado de Newmeyer (1998) que por sua vez cita Nevis (1986): nas línguas fino-permianas, o afixo de caso abessivo ‘-pta’ transforma-se em um clítico em posição na língua sami setentrional (lapão). Contudo, os autores sublinham que tais contraexemplos têm sido encontrados, efetivamente, muito raramente. Além disso, fazem uma interessante observação:

“[o] que é particularmente notável para os nossos propósitos neste livro é que muitos dos contraexemplos para a gramaticalização que foram citados não mostram nenhuma mudança semântica (por exemplo, a cliticização de * -pta), ou mostram uma mudança semântica regular do tipo descrito neste livro. Em outras palavras, mesmo se a unidirecionalidade estrutural é violada, a unidirecionalidade semântica não é.¹²⁸ (TRAUGOTT & DASHER, 2004, p. 87).

¹²⁷ "There will be no historicist principles nor any primitive principles of change. Rather, the explanation of the long-term tendencies, if they emerge, will be a function of the architecture of UG and the learning procedure and of the way in which populations of speakers behave. In this way the historical tendencies will turn out to be epiphenomena, derived in an interesting fashion, not stipulated by brute force." - T.A

¹²⁸ "What is particularly striking for our purposes in this book is that many of the counter examples to grammaticalization that have been cited show no semantic shift (e.g. the cliticization of * -pta), or show

É preciso reconhecer que tais padrões não podem ser ignorados. Se eles não são os mecanismos que controlam a mudança, sua existência deve ao menos nos indicar que existem mecanismos linguísticos profundos que estão favorecendo tal caminho/direção. Como já vimos, o modelo linguístico da Nanossintaxe se baseia muito fortemente na hipótese de uma Hierarquia universal, que restringe a forma e a ordem da lexicalização dos traços conceituais. Assim, é possível conjecturar com um bom grau de confiança que as trajetórias encontradas nos processos de gramaticalização possam estar refletindo as restrições que tal hierarquia impõe aos possíveis caminhos para a mudança, em aliança com os parâmetros e com a forma das entradas lexicais de uma determinada língua. Como veremos no Capítulo 6, a Hierarquia Funcional-Conceitual pode nos ajudar a formalizar as tendências de trajetória e de variação clinal largamente postuladas nos estudos de gramaticalização.

Para tal, estou assumindo que a estrutura conceitual sobre a qual a Nanossintaxe opera seja equivalente às ondulações da mesa de bilhar na analogia de Lightfoot (1999): “[a]s mudanças nas pistas podem exigir que a bola de bilhar se mova, e a teoria da gramática define as ondulações na superfície disponível, prevendo, portanto, os pontos, em número finito, em que a bola pode vir a descansar.”¹²⁹ (LIGHTFOOT, 1999, p. 225). Portanto, sigo o posicionamento de Lightfoot (1999) quando este propõe que uma teoria de mudança linguística deva se preocupar com as “(...) necessidades biológicas do aparelho [de aquisição] de linguagem humano.”¹³⁰ Ou seja, embora a experiência e o uso possam instigar a mudança, ela é controlada e limitada por nosso aparelho linguístico biológico.

É importante voltar a destacar, levando isso em consideração, que este trabalho não busca dar conta dos fatores extra-linguísticos, ou mesmo das pistas (‘cues’) do estágio inicial da mudança (preocupação dos autores acima), mas dos caminhos possíveis para esta, restringidos pela teoria da gramática como desenhada dentro da Nanossintaxe. Neste contexto, a partir das análises do Capítulo 6, poderemos perceber que a reanálise seria, efetivamente, um dos processos chave para a concretização da

regular semantic shift of the sort described in this book. In other words, even if structural unidirectionality is violated, semantic unidirectionality is not.” - T.A.

¹²⁹ “The shifts in the cues may require the billiard ball to move, and the theory of grammar defines the undulations in the available surface area and therefore, predicts the points, finite in number, at which the ball might come to rest.” - T.A.

¹³⁰ “(...) biological necessities of the human language [acquisition] device.” - T.A.

gramaticalização e semantização sofridas pelos itens do PB. Portanto, vamos tratar, na próxima subseção, da revisão deste mecanismo em comparação com outros mecanismos comumente associados à gramaticalização: metaforização, metonimização e desbotamento.

Antes de concluirmos essa discussão, contudo, é necessário abordar outro termo muito comum nos trabalhos de gramaticalização e de mudança linguística: a semantização. Apesar de frequentemente usado, vale ressaltar, esse termo raramente é conceituado e, em muitos trabalhos, confunde-se com o próprio sentido de gramaticalização, uma vez que esta envolve, igualmente, mudanças no nível semântico dos vocábulos.

Para autores que fazem a diferenciação, contudo, semantização pode ser entendido “como um conjunto de alterações semânticas pelas quais passa um item durante seu curso de gramaticalização.” (LIMA & COROA, 2013, p. 319). Castilho (2003) desenvolve uma argumentação em favor da diferenciação entre gramaticalização e semantização, sugerindo que este último processo de mudança não deve ser negligenciado em razão de outros processos envolvidos na gramaticalização.

Note-se, também, que um dos mecanismos comumente associados à semantização tem sido o desbotamento. Castilho (2003), entre outros autores, todavia, critica esse tipo de abordagem, argumentando que as mudanças no sentido associado a um determinado vocábulo vão além da abstração e da generalização:

Vejo dificuldades nas explicações que aludem a um desbotamento semântico (“bleaching”, “fading”), como se a permanente criatividade de que é feita a língua implicasse em perdas, sem ganhos, em desmaios, sem despertares. Em contrapartida, parece adequado aprofundar as pesquisas sobre a dêixis, a referenciação, a predicação, a foricidade e a conexidade, precedendo tudo isso com indagações sobre como criamos os sentidos. (...) O produto da semanticização são os sentidos das palavras (Semântica lexical), os significados composicionais das expressões multivocabulares (Semântica sintática) e as significações inferenciais (Semântica pragmática). (CASTILHO, 2003, p. 14-15)

Levando, então, tais apontamentos e nomenclatura em consideração, o trabalho aqui desenvolvido também pode ser entendido como, mais do que uma investigação sobre a reanálise na gramaticalização, um trabalho sobre reanálise na semantização envolvendo preposições e verbos de movimento do PB. Como já foi mencionado, a abordagem privilegiada aqui é semasiológica, i.e., busca identificar as mudanças nos sentidos associados a um determinado item lexical.

5.2.2 Desbotamento, metaforização e metonimização¹³¹

A não ser pela reanálise, todos os mecanismos aqui debatidos também são, em muitos textos, tratados igualmente como mecanismos, princípios ou processos. De fato, variados autores não fazem essa distinção (mecanismo vs. princípio/processo), enquanto outros enfocam somente uma das duas abordagens, deixando vaga sua categorização. Traugott e Dasher (2004) propõem, por exemplo, que a gramaticalização e a semantização são epifenômenos motivados e levados a cabo por mecanismos linguísticos e cognitivos universais.

Entre os mecanismos centrais, sugerem os autores, encontramos a metaforização e a metonimização. Além disso, os autores propõem que os processos acima ocorrem, por sua vez, com a imposição de restrição colocada por certos princípios linguísticos universais. Entre esses princípios, encontra-se o que pode ser chamado de desbotamento¹³².

Wiedemer (2013) trata a metáfora e a metonímia ora como princípios de gramaticalização, ora como mecanismos. O mesmo se passa nos textos de França (2003) e Kewitz (2007), para citar alguns. Nesta tese, contudo, por questões de clareza e simplicidade, preferi categorizar todos - a reanálise, a metáfora, a metonímia e o desbotamento - como *mecanismos*, seguindo a argumentação de Eckardt (2006). Deste modo, debatarei, primeiramente, os mecanismos de metaforização, metonimização e desbotamento, para, na sequência, me concentrar em uma nova conceptualização do mecanismo de reanálise, central para a discussão do estudo de caso apresentado no Capítulo 6.

De acordo com a autora acima, o sentido de desbotamento como a perda de traços de significado se consolida com o trabalho de Meillet (1912). Traugott e Dasher (2004), todavia, atribuem a Bréal (1897) um dos primeiros tratamentos semânticos da mudança envolvendo perdas. Para os autores, as leis de Bréal, Especialização e

¹³¹ Traugott e Dasher (2004) também apresentam um outro mecanismo que, na sua análise, seria central para os processos de mudança: Subjetividade e Intersubjetividade. Para esses autores, uma força central guiando a mudança dos significados é aquela através da qual falantes/escritores “come over time to develop meanings for Ls [Lexemes] that encode or externalize their perspectives and attitudes as constrained by the communicative world of the speech event, rather than by the so-called “real-world” characteristics of the event or situation referred to.” (TRAUGOTT & DASHER, 2004, p. 30). Tendo em vista que tal conceito não é amplamente explorado na literatura da gramaticalização e, além disso, não será abordado na minha análise, preferi deixar sua conceptualização de lado por questões de espaço.

¹³² Do termo inglês ‘bleaching’. ‘Desbotamento’ é o termo usado por Castilho (1997), por exemplo. Outros autores também adotam o termo ‘alvejamento’. Obrigada, Profa. Maria José Foltran, por sua perpicaz sugestão para deixar este ponto mais claro e preciso.

Diferenciação, “(...) podem levar à perda ou rejeição a um status marginal de um ou mais membros do conjunto”¹³³ (TRAUGOTT & DASHER, 2004, p. 53).

Segundo Eckardt (2006), contudo, a metáfora do desbotamento é usada nos trabalhos de gramaticalização com duas conotações. Por um lado, implica o desaparecimento de itens, ocorrido ao longo do trajeto da mudança, quando um item em competição se torna mais e mais usado, estabilizando-se e relegando outro(s) item(s) ao obscurecimento. Na segunda concepção, todavia, o apagamento acontece no momento mesmo da mudança.

Suponha que uma palavra de conteúdo mais antiga sofra gramaticalização. Em termos sintáticos, ela se torna mais ligada, mais funcional, mais obrigatória - em termos semânticos, o significado mais velho, mais concreto desbota para produzir o significado mais novo, mais abstrato”¹³⁴ (ECKARDT, 2006, p. 31).

Nesta segunda acepção, o desbotamento é, em geral, tratado como generalização: à medida que os significados associados a uma palavra se tornam mais abstratos, menos concretos e restritivos, mais chances essa palavra tem de ser usada em diferentes contextos. Uma ressalva deve ser feita, contudo. Diversos autores vêm na generalização um processo de aumento de sentidos, exatamente o que justificaria a ampliação nos seus usos. Castilho (2003), como já vimos, tece duras críticas à visão de que itens perdem sentidos ao longo da gramaticalização.

O segundo mecanismo apresentado por Eckardt (2006) é a metaforização. Segundo a autora, diversos trabalhos¹³⁵ têm assumido que as mudanças de significados ocorridas através da gramaticalização teriam muitos pontos em comum com esse processo semântico amplamente conhecido. Para tais autores, as mudanças linguísticas ocorreriam através de metáforas, e seriam reguladas pelos princípios deste mecanismo linguístico. Evidência para isso, segundo a proposta de Eckardt (2006), é que

(...) a mesma pequena gama de palavras de conteúdo tende a dar origem aos mesmos tipos de palavras funcionais em línguas independentes em todo o mundo. (...) Heine explica isso pelo fato de que as metáforas são baseadas em

¹³³ “(...) may lead to loss or relegation to marginal status of one or more members of the set.” - T.A.

¹³⁴ “Assume that an older content word undergoes grammaticalization. In terms of syntax, it becomes more bound, more functional, more obligatory - in terms of semantics, the older, more concrete meaning bleaches to yield the newer, more abstract meaning” - T.A.

¹³⁵ A autora sugere Heine (1993, 1997a, 1997b), Heine, Claudi, & Hunnemeyer (1991), Bybee, Perkins & Pagliuca (1994), Sweetser (1988, 1990), e Stolz (1994).

esquemas cognitivos humanos universais e, portanto, universalmente acessíveis.”¹³⁶ (Eckardt, 2006, p.34),

Dentro desta abordagem, investigam-se, principalmente, as instâncias de transferência conceitual que opera entre os domínios cognitivos ou categorias conceituais. Segundo diversos investigadores da gramaticalização (CASTILHO, 2003; TRAUOGOTT & DASER, 2004; KEWITZ, 2007; WIEDEMEYER, 2013; entre outros), é metafórica a mudança que opera recrutando palavras para novos domínios conceituais ontológicos. Entre os domínios geralmente associados às preposições, por exemplo, encontram-se o domínio espacial, temporal e dêitico. Castilho (2003), especificamente, explora as diversas maneiras como as preposições do PB vão adquirindo novos sentidos seguindo este tipo de categorização onomasiológica.

Eckardt (2006), alternativamente, critica uma abordagem metafórica da mudança. Para a autora, uma “(...) objeção contra uma abordagem baseada em metáforas para a mudança de significado sob reanálise é que encontramos um número considerável de casos de gramaticalização que não são plausivelmente metafóricos.”¹³⁷ (ECKARDT, 2006, p. 37). Para esta semanticista, o fato de metáforas, muito frequentemente, serem usadas de forma volitiva e consciente, como uma maneira de se falar em um sentido não-literal, dificulta o exame de tal estratégia como um mecanismo mental e inconsciente que licencia a mudança: “novas construções gramaticais (...) nunca são criadas através de um uso deliberado de metáforas.”¹³⁸ (ECKARDT, 2006, p. 36).

Lembremos que Jackendoff (1983), igualmente, se opõe ao uso da nomenclatura ‘metáfora’ quando se discute a relação existente entre os diferentes domínios conceituais expressos pelos mesmos itens de superfície. Para o autor, como já vimos, isso acontece, provavelmente, por uma consequência do conservadorismo de nosso sistema cognitivo, que adota a tarefa mais simples de construir novos sentidos, mais abstratos, a partir de sentidos mais concretos, retirados da experiência de outras faculdades cognitivas, como visão, ação e percepção. Portanto, adoto aqui posição análoga, entendendo que as conexões conceituais possíveis no campo das preposições

¹³⁶ “(...) the same small range of content words tend to give rise to the same kinds of functional words in unrelated languages all over the world. (...) Heine explains this by the fact that metaphors are based on universal human cognitive schemes and therefore universally accessible.” - Tradução da autora.

¹³⁷ “(...) objection against the metaphor based approach to meaning change under reanalysis is that we do find a considerable number of instances of grammaticalization that are not plausibly metaphoric.” - T.A.

¹³⁸ “[n]ew grammatical constructions, in contrast, are never coined by volitional use of metaphor.” - T.A.

e dos verbos não podem ser denominadas metafóricas, tendo-se em vista que esse termo designa um fenômeno fundamentalmente diferente daquele que concerne à mudança.

Finalmente, o terceiro mecanismo amplamente explorado nos estudos de gramaticalização é a metonímia. Especialmente em trabalhos que se fundamentam em teorias pragmáticas, este tem sido, de fato, o mecanismo privilegiado. Em geral, a metonímia é tratada como um mecanismo que relaciona conceitos que são, por sua vez, dependentes do contexto. Pragmaticamente motivadas, e através de processos como permuta e adequação, as trocas metonímicas se estabelecem através da associação de um item de vocabulário com outro dentro de um mesmo domínio conceitual (WIEDEMER, 2013; TRAUGOTT & DASHER, 2004).

Para exemplificar tal mecanismo, diversos autores usam exemplos de mudança diacrônica que implica uma relação parte-todo. Traugott e Dasher (2004), por exemplo, ilustram esse tipo de mudança com dados do japonês, em que a palavra ‘kuruma’, cujo sentido é, literalmente, ‘roda’, era usada em referência a diversos veículos com rodas, incluindo carrinhos e carruagens, até os tempos modernos. Wiedemer (2013) destaca, ainda, que a mudança através da metonímia tem sido, tradicionalmente, associada à reanálise. Segundo o autor, diversos investigadores da gramaticalização¹³⁹ têm, efetivamente, assumido que estes dois mecanismos trabalham em conjunto.

É necessário destacar, todavia, que, mesmo partindo de uma análise pragmática das motivações para reanálise e mudança, Eckardt (2006) tece críticas à abordagem metonímica. Para a autora,

(...) exemplos tradicionais de metonímia são comumente baseados em ligações entre objetos ontologicamente e comparativamente simples como os seres humanos, artefatos, eventos ou, no máximo, propriedades simples. Os objetos semânticos que desempenham um papel na gramaticalização, em contraste, são muitas vezes de natureza muito mais complexa. Em particular, os significados resultantes, por vezes, apenas parecem tornar-se conceitualmente salientes no processo de gramaticalização.¹⁴⁰ (ECKARDT, 2006, p.44).

Por esses motivos, a autora acima adota um posicionamento que distingue fortemente os mecanismos de metaforização, metonimização e reanálise. Da mesma

¹³⁹Wiedemer cita Hopper e Traugott, 1993; SILVA, 2002; GIBBON, 2001; e FONSECA, 2010.

¹⁴⁰“(…) traditional examples of metonymy are commonly based on links between ontologically comparatively simple objects like humans, artefacts, events, or at most simple properties. The semantic objects that play a role in grammaticalization, in contrast, are frequently of a much more complex nature. In particular the resultant meanings sometimes only seem to become conceptually salient in the grammaticalization process.” - T.A.

forma, opto por não considerar as análises metonímicas e metáforas para a mudança no quadro preposicional e na classe dos verbos de movimento do PB, concentrando-me exclusivamente nas possibilidades da Reanálise. No entanto, é preciso, antes de discutir a conceptualização de tal mecanismo, fazer uma importante observação. A ideia fundamental na análise de Eckardt (2006), ainda assim, é dependente do contexto. Para ela,

[t]udo o que importa para a mudança de significado sob reanálise é a relação entre a forma linguística ('Com o que é que a sentença parece?'), proposição implícita ('O que o falante pretende me dizer?'), e as possibilidades de se derivar a proposição a partir da sentença de forma literal - com as mudanças de sentido consideradas.¹⁴¹ (ECKARDT, 2006, p.45).

Neste sentido, preciso enfatizar a diferença crucial entre a abordagem aqui adotada e aquela da autora acima. Antes de tudo, este não é um trabalho sobre pragmática e, portanto, não vai se preocupar com os contextos motivadores das mudanças. Consequentemente, o que entendo como fundamental é a relação da forma linguística com sua estrutura nanossintática-conceitual e a possibilidade de derivar um novo sentido para o item modificado em relação à análise do sentido composicional da sentença, respeitada a Hierarquia Funcional-Conceitual universal e as leis de lexicalização sintagmática cíclica. Explorarei esse mecanismo na análise dos dados no próximo Capítulo. Apresento, na próxima Seção, a concepção de Reanálise adotada nesta tese.

5.3 REANÁLISE

Diferentemente dos mecanismos explorados acima, a Reanálise é raramente conceptualizada de forma específica. Portanto, sigo, principalmente, a argumentação de Eckardt (2006) para tentar, então, propor uma configuração alternativa para tal mecanismo, levando em conta o modelo nanossintático da gramática. Esta autora foi, até onde eu pude verificar, a única semanticista que se preocupou em definir os princípios e os processos do mecanismo de mudança denominado Reanálise.

Nas abordagens formais de mudança linguística, em geral a partir de investigações sintáticas, a Reanálise, de fato, aparece como mecanismo central. Ela

¹⁴¹ "All that matters for meaning change under reanalysis is the relation between linguistic form('what does the respective sentence look like?'), implied proposition ('whatdoes the speaker intend to tell me?'), and the possibilities to derive the proposition from the sentence in a literal way - meaning shifts granted." - T.A.

opera, segundo esta perspectiva, sobre núcleos mais sintáticos e a gramaticalização é entendida, em Lightfoot (1999), por exemplo, como a transformação de núcleos mais lexicais em núcleos mais funcionais, quando já não existe em uma determinada língua pistas suficientes para que um determinado termo seja categorizado como Nome (N). Embora muito se fale em Reanálise, contudo, a descrição de seus princípios e de seu possível funcionamento não aparecem nos estudos publicados. Lightfoot (1999), por exemplo, concebe-a como uma análise equivocada das pistas para os parâmetros de uma língua durante a fase de aquisição. Neste sentido, ela é mais do que um mecanismo, um acidente.

Em contrapartida, Eckardt (2006) propõe que a Reanálise seja um mecanismo central utilizado de forma ativa pelo “falante confiante”, mesmo que inconsciente, e que engaja, por sua vez, o ouvinte/leitor a interpretar os novos sentidos para um determinado item por meio de inferências. Assim, partindo de uma proposta formalista, a autora se propõe a investigar o funcionamento da Reanálise, para descrever seus princípios e possibilidades e seu livro é um tratado sobre o assunto. Da mesma maneira, a presente tese se propõe a examinar as possíveis instâncias de Reanálise para estabelecer como ela estaria operando dentro da nanossintaxe.

Em sua proposta, Eckardt (2006, p. 4) parte do pressuposto de que a gramaticalização, como epifenômeno, requeira, para acontecer, um mecanismo bastante uniforme e eficiente. Para ela, a Reanálise parece ser esse mecanismo. Especialmente, na Reanálise, não há a necessidade de se falar em perdas ou ganhos, ambos os resultados podem coexistir. Além disso, a autora entende como evidência para a Reanálise a hipótese do papel central do falante confiante, que estaria também ativamente envolvido no processo (mais do que um simples paciente). Embora não tenha evidências suficientes para compartilhar desta posição, mesmo assim, acredito que esta seja uma estratégia privilegiada dentre os mecanismos que regulam a mudança linguística.

Eckardt (2006) também parece adotar a ideia de que existem partes do significado que sejam mais gramaticais e, portanto, sua mudança seja necessariamente levada a cabo sob influência do que ela chama de fatores linguísticos. Neste sentido, ela chega a assumir que a mudança sintático-semântica de uma parte do significado associado a palavras seja determinada por requerimentos impostos pela interface sintaxe-semântica (p. 4). A autora segue, assim, a conceptualização que Langacker (1977 *apud* ECKARDT, 2006, p. 2) faz do processo de Reanálise: “mudança na estrutura

de uma expressão ou classe de expressões que não envolve qualquer modificação imediata ou intrínseca de sua manifestação de superfície”¹⁴². Além disso, Eckardt sugere que “a reanálise estrutural (...) deve ser acompanhada por mudanças de sentido apropriadas nas palavras e construções participantes.”¹⁴³.

Note-se que tal definição se encaixa perfeitamente com a proposta que estou explorando nesta tese: a Reanálise opera na interface sintaxe-semântica (um mesmo módulo na nanossintaxe) e modifica os sentidos associados às palavras e construções que se encontram na estrutura profunda da língua e que se organiza de forma composicional. Essa concepção, é preciso destacar, não impõe como necessária a investigação dos contextos extralinguísticos.

De fato, Eckardt (2006, p. 10) observa que teorias de mudança sintática não têm capturado as ligações diretas entre sintaxe e semântica que são amplamente verificáveis nos processos de gramaticalização. Para a autora, “as partes de superfície da frase devem coincidir com as partes da informação [semântica e pragmática] transmitida de forma que permita uma reconstrução da sentença (sintaticamente, bem como semanticamente) de uma nova maneira. Combinação inadequada - sem reanálise.”¹⁴⁴ (ECKARDT, 2006). Eckardt defende essa ideia, evidentemente, sem considerar que itens lexicais carreguem em si (estruturas de) traços específicos. Contudo, sua intuição se aproxima das evidências encontradas nas análises desta tese: as partes de superfície relacionadas sintagmaticamente devem estabelecer uma relação direta com os sentidos por elas veiculados para que a reconstrução dos significados (a passagem da associação de um sentido a itens contíguos) de fato aconteça.

Para ilustrar o imperativo da composicionalidade, a autora acima usa a analogia do cálculo básico: os seres humanos, em geral, conseguem resolver equações com um elemento desconhecido, por exemplo, $5 + 2 + x = 10$. Partindo do conhecimento da soma total dos itens envolvidos na equação, é possível identificar o valor desconhecido. Para Eckardt (2006), o processamento semântico opera com a mesma precisão. O problema dessa análise, contudo, é a existência de um valor desconhecido para começar. Para a semanticista, isso é possível posto que falantes agem ativamente na mudança. Da

¹⁴² “(...) change in the structure of an expression or class of expressions that does not involve any immediate or intrinsic modification of its surface manifestation” - T.A.

¹⁴³ “(...) the structural reanalysis (...) must be accompanied by appropriate meaning changes in the partaking words and constructions.” - T.A.

¹⁴⁴ “(...) the surface parts of the sentence have to match the parts of the information conveyed in ways that allow a rebuilding of the sentence (syntactically as well as semantically) in a new way. No proper match - no reanalysis”. - T.A.

mesma forma que na solução da equação acima, se eu produzo um enunciado em que o sentido literal de um item não seria possível, deixando uma incógnita para meu ouvinte, este precisaria fazer uso do contexto disponível e interpretar o novo sentido para a palavra desconhecida, baseando-se nas possibilidades ali colocadas.

Note-se que para Eckardt (2006), o contexto e os fatores extra-linguísticos são essenciais para a realização da Reanálise. Em contrapartida, como já mencionei anteriormente, não me preocuparei com tais fatores. Embora estes possam constituir uma importante motivação para a mudança (e possam ser centrais para outros fenômenos de mudança linguística), me interessa observar as restrições que a Hierarquia Funcional-Conceitual coloca às possibilidades de Reanálise, deixando a descrição dos facilitadores contextuais (extralinguísticos) para futuras investigações. Além disso, não acredito que seja possível estabelecer essa necessidade inicial de recrutar novos sentidos para itens conhecidos envolvendo a relação entre verbos e preposições.

Neste sentido, Eckardt (2006, p. 54) se coloca uma questão muito interessante: o que faz com que os falantes do francês, e não do alemão, por exemplo, gramaticalizem novas formas da maneira que eles fazem? Para a autora, a resposta estaria nos contextos iniciais encontrados por esses falantes. Neste trabalho, porém, não seriam os contextos extralinguísticos que levariam uma ou outra forma a se desenvolver em determinada língua, mas a forma como esta língua (ou outra qualquer) tem ‘empacotado’ as estruturas sintático-conceituais. Se a adjacência opera como restrição, ela deve ser igualmente sensível às estruturas guardadas nos itens lexicais, e não somente à Hierarquia Funcional-Conceitual. Tal hipótese permitiria entender por que o português gramaticalizou a forma ‘acabar de’, por exemplo, na expressão do passado imediato, enquanto que o inglês usa uma flexão verbal (presente perfeito) para expressar o mesmo conceito.

Além do exposto acima, outra dificuldade, no que concerne os significados, é que itens comumente carregam mais de um sentido/traço conceitual, ou valor, e essa polissemia não permitiria estipular com exatidão o resultado da equação, embora falantes nativos o façam com alto grau de acerto. Portanto, proponho que seja exatamente essa polissemia, somada à restrição da adjacência hierárquica, o que leve à Reanálise. Neste sentido, nossa equação seria mais complexa, com duas variáveis, e dependendo da sua forma, atribuiríamos valores distintos a elas. Ou seja, teríamos uma sentença parecida com a equação $5 + x + y = 12$, em que x é um número natural e está definido como “algo maior que 1 e menor que 6”.

Outro ponto crucial, para Eckardt (2006), pensando-se ainda na analogia do cálculo matemático, é sua sugestão de que o resultado da Reanálise seja sempre exato como o resultado de uma equação, tendo em vista que não hesitamos nos novos usos de um item, como hesitamos ao usar novas palavras estrangeiras, por exemplo. Tal evidência sugere a grande eficiência do nosso módulo sintático-semântico. Outras evidências para se acreditar que a mudança seja pontual e que o falante logo domina a nova forma, de acordo com a autora, vêm do fato de que os falantes não parecem ter cuidado ao usar novas construções, imitando-se mutuamente com zelo. Igualmente, em determinados casos, pode-se encontrar o registro de um uso excessivo de novas formas, de maneiras, inclusive, que não parecem ser licenciadas pela mudança em curso.

Finalmente, ao apresentar uma comparação entre Reanálise e gramaticalização, Eckardt (2006) estipula três diferenças básicas que separam os dois conceitos: (1) nem toda mudança fruto de Reanálise deve ser interessante para a investigação semântica. A recategorização de itens fonológicos, sintáticos ou morfológicos, sem mudança de sentido, por exemplo, não nos interessaria; (2) nem toda mudança da língua é fruto de Reanálise, embora esta seja central na mudança estrutural. Se pensarmos no surgimento de novos nomes, a metonímia ou a metáfora, por exemplo, podem se apresentar como mecanismos igualmente eficazes. Ainda, o contato linguístico e, através deste, o empréstimo, pode ser uma fonte profícua de mudança; (3) nem todo caso de Reanálise é gramaticalização. Castilho (2003, 2004, 2006), neste sentido, tem advogado a favor de outros epifenômenos que configuram mudança, como a semantização (fenômeno analisado nesta tese) e a discursivização.

Antes de concluirmos, no entanto, permitam-me mais uma observação importante. Assim como Eckardt (2006), entendo que a maneira como interpretamos as sentenças de forma composicional está no cerne da Reanálise. Deste modo, a semântica decomposicional permite explicar como os falantes-ouvintes reconstroem significados de determinados itens baseados no sentido composicional de uma dada sentença. Da mesma forma, espera-se que os ouvintes trabalhem igualmente bem na decomposição de significados, o que cria as possibilidades de arranjos a serem (re)analisados.

Mais do que tudo, assim como Eckardt (2006, p. 3), acredito que a grande facilidade da mudança de sentido na Reanálise, associada a sua exatidão, podem auxiliar na nossa compreensão do processamento semântico. Esta tese é uma proposta para uma nova forma de Reanálise, seguindo-se a conceptualização de língua e de gramática como apresentadas na Nanossitaxe e na Semântica Conceitual.

6 REANÁLISE E MUDANÇA: UM ESTUDO DE CASO DO PB

Chega! Tudo tem limite!

Anônimo

6.1 INTRODUÇÃO: OUTROS CAMINHOS PARA A MUDANÇA

Até o momento, apresentei e discuti as teorias e conceitos que embasam esta análise, nomeadamente, a Semântica Conceitual, a Nanossintaxe e a Reanálise. Buscando aproximar os quadros teóricos da Semântica Conceitual e da Nanossintaxe, propus que os significados dos itens lexicais que expressam movimento e deslocamento espacial possam ser decompostos em traços conceituais finos articulados em uma Hierarquia Funcional-Conceitual Universal. Do ponto de vista conceitual, essa Hierarquia seria construída a partir dos primitivos amplamente investigados e comprovados dentro do quadro semântico-conceitual. Ao mesmo tempo, dentro do quadro nanossintático, cada um destes conceitos ocuparia a posição de núcleo funcional de um sintagma. Um único módulo sintático-semântico operaria, por sua vez, segundo Ramchand (2008a), sobre esses núcleos funcionais e seus argumentos (que também são constituintes de categorias conceituais), seguindo princípios sintáticos independentemente motivados.

Como foi possível perceber, a noção de hierarquia é central para ambas as teorias que guiam este trabalho. Tanto a Semântica Conceitual, como a Nanossintaxe adotam a hipótese de que a sintaxe é restringida pela ordem e relação mútua dos traços conceituais. As operações sintáticas e os princípios de lexicalização sintagmática (seleção e inserção), deste modo, estariam restringidos pela Hierarquia Funcional-Conceitual. Também é importante destacar que ambas as propostas pressupõem que esta Hierarquia seja universal, i.e., ela seria reflexo da Estrutura Conceitual (Jackendoff 1983, 1990) que subjaz a todas as línguas naturais. A riqueza e diversidade que observamos nos dados de superfície, portanto, seria consequência das distintas formas e mecanismos que as línguas têm para empacotar partes desta Hierarquia dentro dos itens de seu léxico.

Estabelecido o posicionamento semântico que adoto nesta tese, explorei diferentes proposições teóricas que investigam os princípios e mecanismos que controlam as mudanças linguísticas. Nesta busca, encontrei no mecanismo tradicionalmente referido como Reanálise uma possível explicação para as mudanças observadas nos itens lexicais que expressam movimento e deslocamento

no PB. Levando em consideração o fenômeno da ambiguidade estrutural e os casos de falso sincretismo que aparecem em distintas pesquisas sobre mudança semântica, proponho que a Reanálise - associação de um traço/sentido a um item lexical que, efetivamente, não o codificava - seja um mecanismo fino que permite a consolidação de análises levemente incorretas, gerando uma mudança concreta no léxico e na gramática individual de um falante.

A partir desta mudança, o(a) falante que possui, em seu léxico, um item com a nova estrutura (levemente diferente daquela que outros falantes possuem) passa a usá-lo em contextos sintáticos que antes não seriam permitidos. Esses novos usos, por sua vez, geram *input* diferente para outros(as) falantes e podem culminar na motivação de novas Reanálises. É importante destacar, desta maneira, que para a Reanálise acontecer em primeiro lugar, é preciso que existam na língua situações de ambiguidade estrutural que gerem interpretações como acontece nos casos de falso sincretismo. Como os fenômenos de ambiguidade estrutural são balizados pela Hierarquia Funcional-Conceitual Universal, obrigatoriamente, a Reanálise é restringida por este princípio.

Nas primeiras análises, foi possível observar que o aparato teórico da Semântica Conceitual, aliado à proposta da Nanossintaxe, embora simples, nos fornece ferramentas eficientes para explicar a variação e os problemas sobre os quais teorias tradicionais se debatem. Assim, ao longo deste Capítulo, aplicarei a teoria até aqui delineada ao exame dos dados do PB dos Séc. XVIII-XIX em comparação com dados dos Séc. XX-XXI. Veremos, com esta discussão, que a Reanálise restringida pela Hierarquia Funcional-Conceitual pode ser, de fato, um mecanismo central para entendermos o epifenômeno de mudança linguística denominado semantização. Passemos à apresentação dos *corpora* que servirão para o debate.

6.2 OS DADOS: PANORAMA

Como já mencionei anteriormente, esta tese não seria um trabalho sobre *corpus*, muito embora use dados diacrônicos e, em alguns momentos, pondere conjecturas sobre as possíveis mudanças na frequência de usos dos itens lexicais aqui analisados. Tais apontamentos devem ser vistos como meras especulações, sem efetiva e inquestionável materialidade comprobatória. Sirvo-me de tais discussões somente porque considero que este tipo de verificação pode nos indicar um caminho comprobatório complementar

interessante, ainda que não veja nos dados quantitativos o potencial explicativo que uma análise qualitativa possui.

Com isso em mente, passarei à apresentação dos *corpora* que serviram de base para a análise qualitativa que proporei. Na sequência, apresento meu exame das mudanças ocorridas diacronicamente, verificando duas hipóteses: (a) primeiramente, o sentido do item ‘em’ não se modificou no PB ao longo dos últimos dois séculos; ao mesmo tempo, os verbos do tipo ‘correr’ e ‘subir’ sofreram mudanças em sua estrutura funcional-conceitual sob Reanálise. Consequentemente, verifico que (b) a Reanálise pode ser vista como um mecanismo central para as transformações observadas e que a Hierarquia Funcional-Conceitual, assim como o princípio da adjacência que regula a lexicalização sintagmática, podem ser os fatores que efetivamente restringem os caminhos das transformações semânticas.

Para a análise da presente tese foram levantados dados de dois períodos sincrônicos distintos, separados entre si por cerca de um século. O primeiro período abrange a segunda parte do Séc. XVIII e a totalidade do Séc. XIX. Por vezes, refiro-me a este *corpus* como “primeiro *corpus*” ou “*corpus* histórico”. Já quando me refiro ao apanhado de dados que compõem o *corpus* do final do Séc. XX e início do Séc. XXI, utilizo as expressões “segundo *corpus*” ou “*corpus* contemporâneo”.

Portanto, para compor o primeiro *corpus*, selecionei um total de 2.815 textos (cartas pessoais, cartas oficiais, editoriais e anúncios) disponíveis na Plataforma do “Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB)”. Depois desta seleção, utilizei o aplicativo “AntConc”¹⁴⁵ para a busca das estruturas SV + SP com verbos de movimento e com as preposições ‘para’, ‘a’ e ‘em’. Este aplicativo de uso relativamente simples permite a pesquisa de itens que estejam em posição adjacente e possibilita, no campo de busca, que entremos somente a raiz (morfema lexical) de um determinado verbo, seguida de um asterisco, para que todas as ocorrências daquele paradigma verbal apareçam nos resultados. Abaixo, uma imagem que ilustra tal busca:

¹⁴⁵ Para computadores da marca Apple.

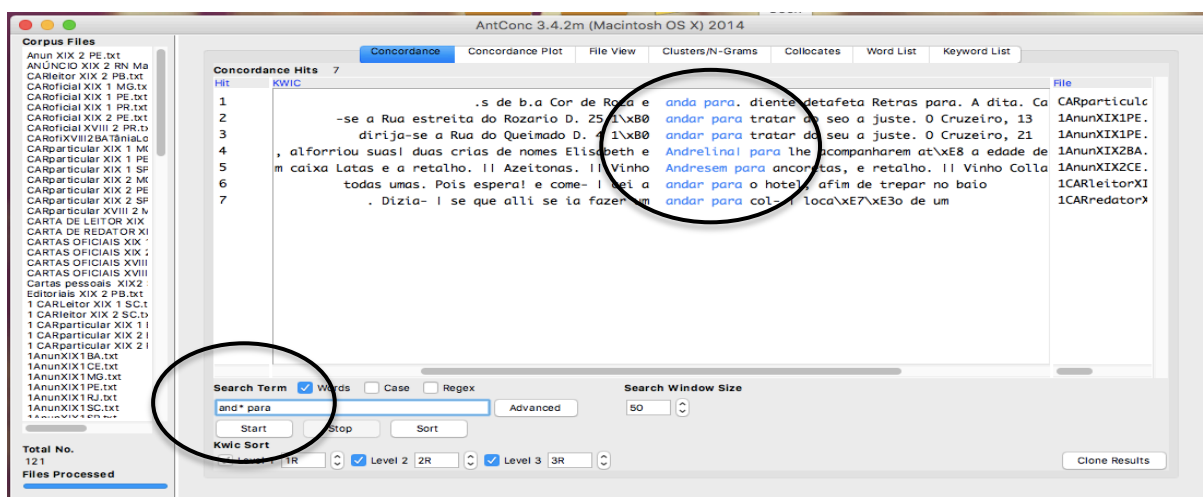


Figura 4: Resultado da busca “and* para” no programa *AntConc*

É importante observar que, caso a preposição estivesse separada do verbo por algum outro item lexical (como em “fui *rapidamente* para casa”) essa busca não retornaria tais exemplos. Deste modo, depois de excluídas as ocorrências que não apresentavam o verbo buscado (como “Andressam para”), foi encontrado um total de 143 sentenças com os verbos ‘andar’, ‘caminhar’, ‘correr’, ‘descer’, ‘entrar’, ‘ir’, ‘nadar’, ‘rolar’, ‘sair’, ‘subir’, ‘vir’ e ‘voar’ seguidos diretamente pelas preposições ‘para’, ‘em’ e ‘a’.

Por uma questão de tempo, e como o montante de resultados já foi razoável, tomei a decisão de não me dedicar à busca de ocorrências em que a preposição e o verbo estivessem separados por outro item. Na sequência, do total de ocorrências encontradas na busca com os verbos acima, após uma leitura mais minuciosa, selecionei somente aquelas em que a preposição em questão introduzisse um nome de lugar e expressasse, sem sombra de dúvidas, movimento ou deslocamento, trabalho que resultou no *corpus* de 143 sentenças. Todas as sentenças do primeiro *corpus*, incluindo aquelas usadas nas análises comparativas deste capítulo, se encontram listadas e etiquetadas no Anexo I.

Paralelamente, segui um método semelhante para a composição do *corpus* do final do Séc. XX e do início do Séc. XXI. Neste caso, em uma primeira busca na plataforma do “Projeto AC/DC: corpo NILC/São Carlos”¹⁴⁶ e da plataforma online da Folha de São Paulo, encontrei 143.858 ocorrências dos verbos listados acima. Na sequência, passei esses resultados pelo aplicativo “AntConc” para buscar sentenças em

¹⁴⁶ Arquivos originais disponíveis no endereço eletrônico <http://www.linguateca.pt/aceso/corpus.php?corpus=SAOCARLOS>. Plataforma permite acesso a milhões de dados. Os resultados dos verbos acima forma de 152.216 ocorrências.

que os referidos verbos estivessem acompanhados das preposições ‘para’, ‘em’ e ‘a’. Finalmente, após uma leitura mais minuciosa, selecionei somente as sentenças em que a preposição em questão introduzisse um nome de lugar concreto e limitei o número de sentenças a um total aleatório de 50 (cinquenta), por uma questão de tempo. Assim, quando o total de ocorrências passava de cinquenta, as sentenças excedentes eram descartadas. Vale destacar que as combinações que obtiveram mais de cem resultados no segundo *corpus* foram ‘correr para’ e ‘ir para’. Já a construção ‘entrar em’ retornou milhares de resultados.

É preciso ainda observar que, ao manter o mesmo tipo de registro, i.e., textos escritos, espero ter estabelecido uma base de comparação mais adequada, levando a resultados mais confiáveis das mudanças ocorridas na expressão linguística do movimento e do deslocamento, ocorridas no PB, ao longo dos dois últimos séculos. No total, 622 sentenças formaram o segundo *corpus* de análise. Contabilizando os dados dos Séc. XVIII - XIX e os dados do final do Séc. XX e do início do Séc. XXI, analisei um total de 816 sentenças que expressam movimento ou descolamento no PB.

Antes de continuarmos, porém, é preciso registrar aqui alguns problemas relativos ao tratamento de dados diacrônicos apontados por Wiedemer (2013). O primeiro problema diz respeito à natureza dos textos sincrônicos e diacrônicos comparados. Evidentemente, o texto escrito não pode representar a riqueza da língua viva de um determinado período. Mesmo assim, no que diz respeito aos dados do primeiro *corpus*, tais registros são nossa única porta de acesso ao estado da língua naquele momento histórico. Por esta razão, surge o problema de se compararem textos históricos com textos orais contemporâneos. Foi para garantir, então, que a diferença entre ambos os dados não fosse por demais profunda que decidi também trabalhar com dados escritos do final do Séc. XX e início do Séc. XXI, a partir de um *corpus* que consistia de textos jornalísticos, didáticos, epistolares e redações de alunos.

Assim, embora Wiedemer (2013, p. 138) sugira que “registros mais próximos da oralidade são mais prováveis de serem encontrados em texto[s] provenientes de peças de teatros, diários e crônicas”, observação esta justificada por sua preocupação em comparar dados de textos orais e escritos, optei por não me restringir a esses gêneros, tendo em vista que meus dois *corpora* são formados de registros escritos. Essa decisão me permitiu, assim, a criação de um *corpus* final maior, mais abrangente e possibilitou a reunião de um número interessante de exemplos para análise.

Outro apontamento importante registrado por Wiedemer (2013) concerne o estado da sociedade brasileira na época dos textos históricos aqui analisados, nomeadamente, o final do Séc. XVIII e todo o Séc. XIX. Segundo o autor, é importante registrar que grande parte da população brasileira não era alfabetizada naquele período, ou seja, não usava nem tinha acesso à comunicação escrita. Além disso, aqueles que escreviam e tinham acesso à escrita ainda obedeciam, muito provavelmente, à norma gramatical portuguesa.

Sobre este ponto, acredito que há razões para não se estabelecer uma separação discreta entre escrita e fala, mesmo que ambas guardem suas diferenças. Neste sentido, vale mencionar que autores como Finegan & Biber (2001) sugerem que “existe pouca razão teórica ou empírica para suspeitar que registros escritos sejam produzidos por uma gramática diferente daquela que rege os registros falados” (FINEGAN & BIBER, 2001 *apud* WIEDEMER, 2013, p. 138). Além disso, há também autores que questionam a separação discreta entre fala e escrita (MARCUSCHI, 2001, por exemplo), indicando que os problemas relativos à análise diacrônica possam ser amenizados.

Tendo registrado as principais dificuldades de uma análise diacrônica, portanto, acredito que mesmo assim seja possível uma análise comparativa histórica que nos permita apresentar uma imagem relativamente confiável da mudança exibida pelo PB. Ela se torna possível, a meu ver, se nos concentrarmos não na frequência, mas nos contextos sintáticos e semânticos específicos em que os itens analisados são usados e decomposmos os sentidos mais finos dos itens verbais e preposicionais que a análise composicional das construções em questão permite, mesmo que retiradas de seus contextos de produção. Por esta razão, a coleta de dados levou sempre em consideração, pelo menos, um sintagma à direita e um sintagma à esquerda das construções SV + SP destacadas.

Finalmente, em relação ao limite do recuo diacrônico para o atual estudo, decidi pelo final do Séc. XVIII e pela totalidade do Séc. XIX, tendo em vista a tese de Tarallo (1993) de que a gramática do português brasileiro foi consolidada na passagem do Séc. XIX para o Séc. XX. Antes de passarmos à análise qualitativa propriamente dita, porém, permitam-me apresentar um breve panorama do quadro encontrado em relação aos verbos de movimento e às preposições ‘em’, ‘para’ e ‘a’ nos *corpora* analisados.

6.3 ESTUDO DE CASO DO PB : MUDANÇA SOB REANÁLISE NOS VERBOS DE MOVIMENTO E PREPOSIÇÕES

6.3.1 Breve painel quantitativo

Como já mencionado, na análise de 2.815 cartas, editoriais e anúncios do *corpus* online do Projeto PHPB, selecionei aquelas ocorrências que expressavam movimento ou deslocamento espacial ou, pelo menos, aquelas em que a localização final do objeto em movimento era um lugar físico, mesmo quando interpretado metaforicamente. No quadro abaixo contabilizo, brevemente, as ocorrências que encontrei de cada verbo de movimento e dos subsequentes SPs:

| Verbo: | + a ... | + em ... | + para ... | Total: |
|--------------------------------|----------------|-----------------|-------------------|---------------|
| ANDAR | a: 0 | em: 1 | para: 1 | 2 |
| CAMINHAR | a: 1 | em: 0 | para: 1 | 2 |
| CORRER | a: 3 | em: 0 | para: 5 | 8 |
| DESCER | a: 2 | em: 0 | para: 0 | 2 |
| ENTRAR | a: 0 | em: 19 | para: 7 | 26 |
| IR | a: 27 | em: 2 | para: 29 | 58 |
| NADAR | a: 0 | em: 2 | para: 0 | 2 |
| ROLAR | a: 0 | em: 1 | para: 1 | 2 |
| SAIR | a: 0 | em: 0 | para: 8 | 8 |
| SUBIR | a: 5 | em: 1 | para: 1 | 7 |
| VIR | a: 11 | em: 0 | para: 11 | 22 |
| VOAR | a: 3 | em: 0 | para: 1 | 4 |
| Total de sentenças analisadas: | | | | 143 |

Quadro 8: Panorama das preposições 'em', 'para' e 'a' + verbos de movimento - Séc. XVIII-XIX

Paralelamente, analisando os resultados da busca com 143.858 ocorrências das mesmas estruturas retiradas do *corpus* NILC-São Carlos e da plataforma online da Folha de São Paulo, chegamos ao seguinte panorama:

| Verbo: | + a ... | + em ... | + para ... | Total : |
|--------------------------------|----------------|-----------------------|-------------------------|----------------|
| ANDAR | a: 0 | em: 6 | para: 1 | 7 |
| CAMINHAR | a: 0 | em: 29 | para: 6 | 35 |
| CORRER | a: 13 | em: 50 | para: 50 ¹⁴⁷ | 113 |
| DESCER | a: 11 | em: 31 | para: 26 | 68 |
| ENTRAR | a: 0 | em: 50 ¹⁴⁸ | para: 0 | 50 |
| IR | a: 50 | em: 4 | para: 50 ¹⁴⁹ | 104 |
| NADAR | a: 0 | em: 4 | para: 3 | 7 |
| ROLAR | a: 0 | em: 17 | para: 7 | 24 |
| SAIR | a: 2 | em: 10 | para: 9 | 21 |
| SUBIR | a: 50 | em: 40 | para: 1* | 91 |
| VIR | a: 24 | em: 0 | para: 12 | 36 |
| VOAR | a: 3 | em: 23 | para: 40 | 66 |
| Total de sentenças analisadas: | | | | 622 |

Quadro 9: Panorama das preposições ‘em’, ‘para’ e ‘a’ + verbos de movimento - Séc. XX-XXI

Nas próximas Seções (6.3.2 a 6.3.5), baseando-me nestes dados, apresentarei minha proposta de análise das construções com sentido de deslocamento no formato SV + SP, assim como de casos curiosos que possam nos auxiliar a entender os contextos de Reanálise. Separarei a discussão em quatro Seções: cada uma reúne aqueles verbos que apresentam a mesma estrutura nanossintática e, portanto, manifestam o mesmo comportamento no PB.

6.3.2 Verbos ‘entrar’ e ‘sair’

No conjunto de ocorrências dos verbos ‘entrar’ e ‘sair’, o uso da preposição ‘a’ se mostra raro. É somente nos dados do segundo *corpus* que encontramos duas ocorrências do verbo ‘sair’ seguido do item ‘a’. Em ambos os casos, as sentenças causam estranhamento quando comentadas pelos informantes que consultei. O verbo ‘entrar’, por sua vez, nunca é usado com tal preposição. Esses fatos parecem indicar que

¹⁴⁷ Foram encontrados centenas de exemplos de ‘correr para’, porém somente cinquenta casos foram selecionados de forma aleatória para compor o *corpus* de análise.

¹⁴⁸ Foram encontradas mais de mil ocorrências de ‘entrar em’, porém, para essa análise, somente cinquenta exemplos foram selecionados aleatoriamente para compor o *corpus*.

¹⁴⁹ Foram encontrados centenas de exemplos de ‘ir para’, porém somente cinquenta casos foram selecionados de forma aleatória para compor o *corpus* de análise.

a preposição 'a', de fato, não codifica o conceito de Lugar físico no PB e esteja se especializando em conceitos mais abstratos, como outros trabalhos já apontaram (FRANÇA, 2006; KEWITZ, 2007; BERLINCK, 2011; DE JESUS, 2012; WIEDEMER, 2008, 2013; entre outros).

Paralelamente, quando observamos as ocorrências destes verbos em composição com as preposições 'em' e 'para', encontramos a distribuição que pode ser visualizada no quadro abaixo:

| <i>Corpus 1 :</i> | | | | Total: |
|-------------------|------|--------|---------|--------|
| ENTRAR | a: 0 | em: 19 | para: 7 | 27 |
| SAIR | a: 0 | em: 0 | para: 8 | 8 |
| <i>Corpus 2 :</i> | | | | Total: |
| ENTRAR | a: 0 | em: 50 | para: 0 | 50 |
| SAIR | a: 2 | em: 10 | para: 9 | 21 |

Quadro 10: Frequências dos verbos 'entrar' e 'sair' : *corpus 1 e 2*

Antes de analisarmos cada uma destas possíveis combinações individualmente, é preciso destacar duas mudanças: ocorrências do tipo 'entrar para' desaparecem do PB, enquanto que as construções 'sair em' surgem. Em relação à primeira mudança, notem que o verbo 'entrar' foi encontrado em 7 ocorrências com a preposição 'para' introduzindo um lugar, nos dados históricos, enquanto nenhuma construção desse tipo foi encontrada nos dados contemporâneos, que constituem um *corpus* muito maior. Ao mesmo tempo, o verbo 'sair' não apareceu em nenhuma sentença acompanhado da preposição 'em', no primeiro *corpus*, enquanto ele aparece sendo usado 6 vezes ao lado desta preposição no segundo *corpus*. Passemos à análise detalhada de tais exemplos para entender como essas mudanças podem ter ocorrido.

Para começar, observemos as sentenças do primeiro *corpus* abaixo:

(270) Paguei o imposto predial, e **entrei com 450.000 para** o banco...

(271) Por motivos de força maior demorei um pouco a **entrar com o dinheiro no** banco, pelo que peço- te desculpas...

(272) Como brevemente **entrarei na** [prova] oral que me falta, vim antes para ver se havia alguma diferença...

(273) Lá foi um oficial francês, chamado Lucien, que **entrou para o gabinete** de Rubião, segundo as ordens dadas ao criado.

(274) Em setembro **sahi para** a Belgica, onde o desejo de estudar ...

(275) ... No sábado (14) pretendo **sahir para** a Freguesia...

Comparemos, então, estes exemplos com outros do segundo *corpus*:

(276) ... Os assaltantes **entraram no** prédio anteontem à noite e ...

(277) ... Ao **entrar no** Banco esbarrou no sócio, que saiu ...

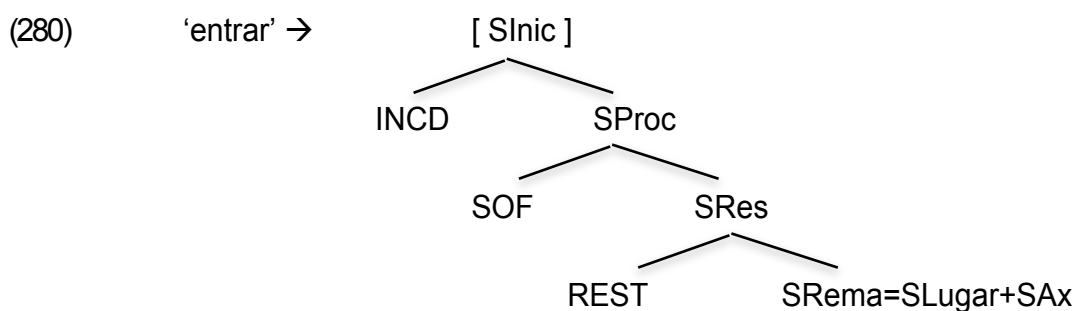
(278) ... é um pouco como **sair na** avenida Paulista e gritar opiniões ...

(279) ... Oliveira **saiu para a rua** armado com a foice ...

Examinando os exemplos de (270) a (273), é possível perceber um uso curioso (para o PB atual) da preposição ‘para’ em variação com a preposição ‘em’ nas construções com o verbo ‘entrar’. É possível conjecturar, pelo contexto, que a expressão “entrar com o dinheiro” seja algo como “depositar o dinheiro”. Expressões idiomáticas de lado, no entanto, o que me interessa é o uso efetivo do item ‘entrar’ em tais construções, que pode nos dar pistas sobre questões mais finas ligadas ao seu status gramatical. Mais interessante que tudo, então, é exatamente o fato de ambas as preposições ‘em’ e ‘para’ serem usadas nos mesmos contextos linguísticos.

Proponho que seja exatamente esse tipo de situação que levou os falantes (adultos ou crianças) brasileiros a reanalisarem os contextos sintáticos em que o item ‘em’ seria licenciado, muito embora seu sentido não tenha se modificado. Vejamos como isso teria acontecido nos casos do verbo ‘entrar’. Primeiramente, precisamos recordar que este item é um verbo de movimento pontual (em que a temporalidade dos três subeventos INIC-PROC-RES se sobrepõe) que especifica não somente a trajetória do movimento, mas a localização final deste. Deste modo, a estrutura nanossintática associada a tal item no PB possui uma projeção S_{inic} - contribuindo com o sentido de INICIAÇÃO -, uma projeção S_{proc} - contribuindo com o sentido de PROCESSO, entendido como uma mudança análoga à uma trajetória -, e outra S_{res} - contribuindo com o sentido de localização estativa resultante da trajetória. Ainda, como já discutido, também é possível propor que, associada a esta projeção S_{res}, tal item codificaria uma projeção S_{rema} encaixada que especificaria, por sua vez, um conceito de localização com a especificidade de um traço Axial Part.

Revisemos, abaixo, a estrutura que sugeri no Capítulo 2:



Note-se que esta configuração impõe certas restrições ao SP que for encaixado sob SRes: ele precisa ter um conteúdo remático condizente com a fase resultante da trajetória de mudança denotada pelo verbo. Isto é, o SP que ocupar essa posição deve possuir informação estrutural que se harmonize com o sentido culminância no interior de um espaço (localização estativa), por mais vagos que seus limites sejam.

Lembremos, então, que as preposições 'a', 'em' e 'para', no PB contemporâneo, carregam uma projeção SLugar. Assim, é possível conjecturar que, pelo menos no PB contemporâneo, somente a preposição 'em' codifica este sentido mais concreto de lugar associado ao sentido de interioridade/exterioridade (entre outros) contribuído pela projeção SAx. Muito embora 'a' e 'para' também codifiquem LUGAR na base do traço ALVO, a presente análise pôde verificar que eles não especificam nenhum sentido que possa ser associado ao traço AXIAL. Além disso, muitos de seus contextos de uso parecem indicar que estes itens são frequentemente usados em contextos em que o traço de LUGAR pode ficar desassociado. Alguns/algumas falantes de PB comentam que, de fato, a segunda sentença parece expressar mais fortemente a noção sutil de que o sujeito foi até o mercado e efetivamente entrou naquele espaço:

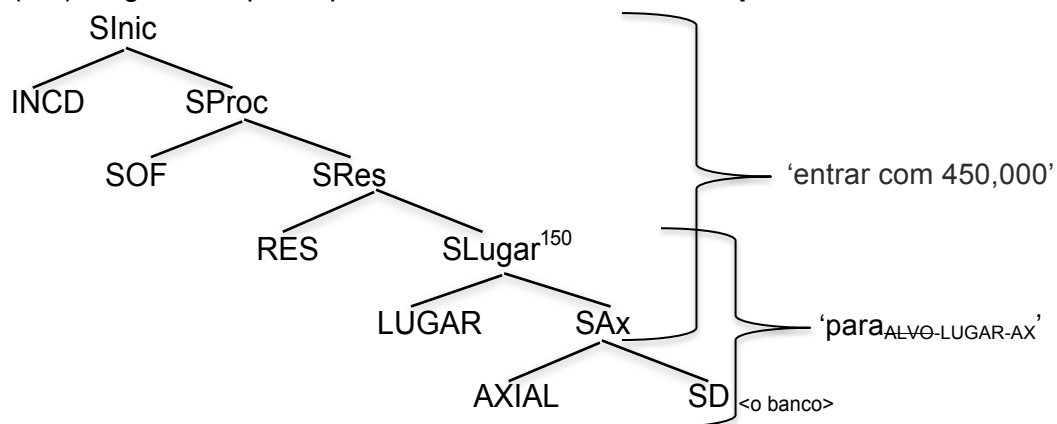
(281) Joana **foi para**_{ALVO(-LUGAR)} o mercado.

(282) Joana **foi no**_{ALVO-LUGAR-AX} mercado.

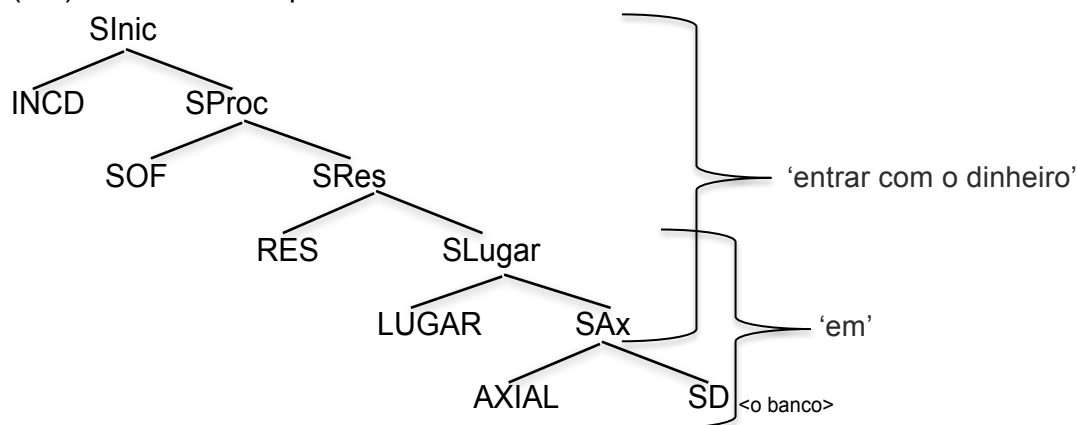
Evidentemente, para comprovarmos este tipo de verificação, seria necessário um estudo aprofundado que foge ao escopo deste tese. Ao mesmo tempo, outros estudos no PB parecem chegar a conclusões muito parecidas. Diversos trabalhos que investigam os usos das preposições 'a', 'em' e 'para' em dados dos dois últimos séculos, associam somente aos itens 'a' e 'para' os conceitos de ALVO de deslocamento ou Finalidade (mais abstrato), deixando para a preposição 'em' o trabalho de codificar o conceito de Localização, ou seja, o traço LUGAR ou a projeção SLugar no termos deste

trabalho. Passemos, então, à decomposição e à análise das estruturas das sentenças acima. Começemos por alguns exemplos:

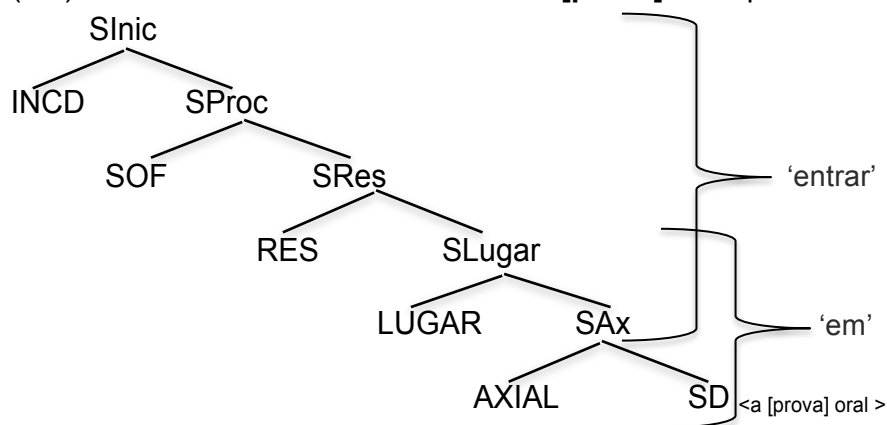
(283) Paguei o imposto predial, e **entrei** com 450.000 **para** o banco...



(284) ... demorei um pouco a **entrar** com o dinheiro **no** banco ...

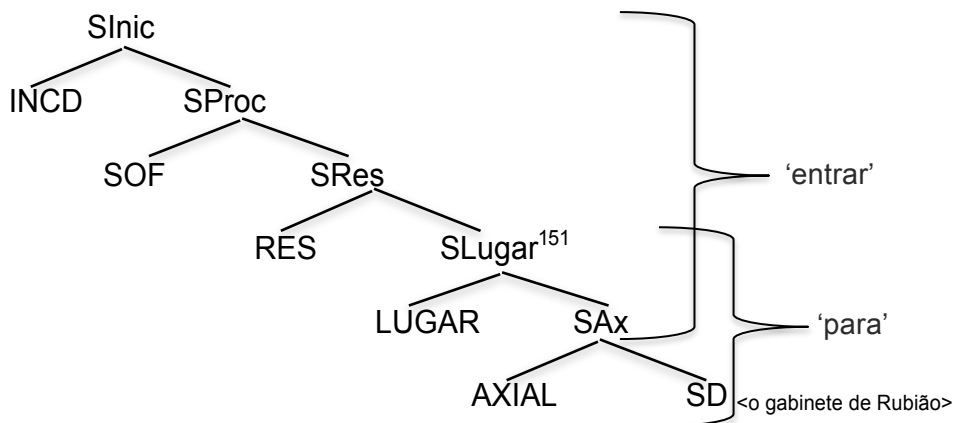


(285) ... Como breve-mente **entrarei** na [prova] oral que me falta...



¹⁵⁰ Note-se que, nesta representação, o item 'para' está contribuindo com os traços LUGAR e AXIAL, deixando seu traço mais alto ALVO subassociado, pois se harmoniza com o traço RES do verbo.

(286) ... **entrou para o gabinete** de Rubião ...



Como já tinha sido previsto, nas sentenças (284) e (285), o traço LUGAR da projeção mais baixa do SP decomposto ‘para o banco’ se combina perfeitamente com a projeção remática encaixada abaixo de SRes dos verbos do tipo ‘entrar’. O que nos resta entender, então, é como seria possível a combinação de uma preposição que também codifica ALVO na mesma posição. Se retomarmos a discussão do Capítulo 2, no entanto, vamos nos recordar que o conceito de ALVO é construído sobre o conceito de LUGAR, o que implica que, mesmo em construções como (283) ou (286), as projeções mais baixas da preposição ‘para’ ainda assim são SLugar-SA_x. Além disso, seu traço ALVO pode ficar subassociado pois se harmoniza com o sentido de RES presente no verbo.

Consequentemente, é preciso discutir o que significaria exatamente “ter um sentido que se harmonize com o sentido de alvo ou culminância do movimento”. Uma das possíveis interpretações deste Princípio poderia sugerir que além do sentido de ALVO propriamente dito, o sentido mais básico de LUGAR igualmente se harmonizaria com a denotação de um alvo de um movimento, exatamente por ser este o sentido que compõe a projeção mais baixa de uma estrutura SA_{lvo} quando esta carrega sentido espacial.

Assim, poderíamos assumir que um item carregando somente SLugar-SA_x, no caso ‘em’, poderia lexicalizar de forma satisfatória um SRema que especifica o sentido de localização estativa onde se situa o ponto final de uma trajetória de mudança, e ainda assim ser interpretado como introduzindo o lugar-alvo de um movimento, tendo em vista que o sentido de Trajetória ou Alvo é contribuído pelas projeções SProc-SRes de um verbo de movimento como ‘entrar’.

¹⁵¹ Ver nota 151.

Uma pergunta continua aberta, contudo: se usarmos um item que carregue somente SLugar na construção de uma estrutura que, aparentemente, expressa Alvo de movimento, como garantiríamos essa mesma interpretação de Alvo? Nos casos de verbos como ‘entrar’ e ‘sair’, esta resposta é relativamente simples: o sentido de culminação já é contribuído pelo nó SRes, cuja presença implica um ponto final à trajetória (espacial ou abstrata) denotada pelo subevento Processo também codificado pelo verbo.

Portanto, o nó SRema poderia ser lexicalizado tanto por um item que carregue a estrutura SAlvo+SLugar, quanto somente a estrutura SLugar. No caso de um item como ‘para’, que também codificaria o traço sobressalente ALVO, de acordo com as regras do sistema aqui proposto, tal traço poderia ficar subassociado, tendo em vista que a noção de ALVO e de RESULTADO de uma trajetória de movimento também se acomodam conceitualmente. Chegamos, assim, à possível conjuntura que motivou a Reanálise dos contextos sintáticos em que o item ‘em’ pode aparecer no PB e que também motivam a ideia de falso sincretismo ALVO-LUGAR associada a ele nas pesquisas semânticas brasileiras.

A hipótese, colocada de forma simples, é a seguinte: por assumirem a interpretação proposta no parágrafo anterior, de que tanto um item carregando os traços ALVO-LUGAR, quanto um item carregando somente LUGAR pode, igualmente bem, lexicalizar um SRema que contribui com a propriedade associada à localização do ponto final de um verbo de movimento, mais falantes começam a usar o verbo ‘entrar’ com a preposição ‘em’. Percebemos, ainda, outra vantagem nessa mudança: o item ‘em’ passa a vencer a competição para inserção em relação ao item ‘para’, segundo o Princípio Minimizar Subassociação. Este princípio, desta forma, pode levar os/as falantes e ouvintes a preferirem o item ‘em’ nestas construções.

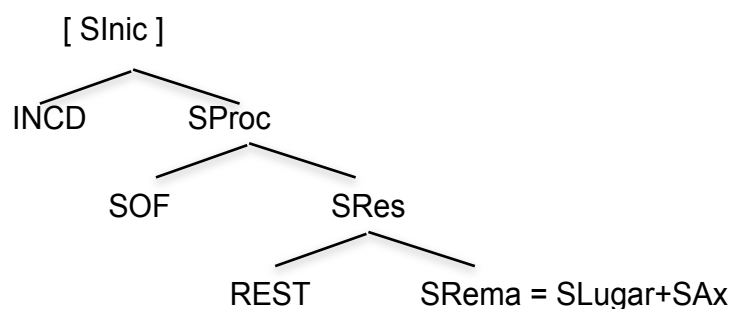
Consideremos ainda que esses usos também passam a ser, deste modo, *input* para outros(as) falantes e crianças em fase de aquisição. Então, ao ouvir as sentenças (283) e (284) acima, ‘entrar para’ e ‘entrar em’ respectivamente, essas crianças podem analisar que, embora as duas preposições codifiquem estruturas que se combinam igualmente bem com a construção nanossintática, a preposição ‘em’, por possuir menos estrutura excendente (lembramos que ‘para’ precisa deixar seu traço ALVO subassociado para se combinar com este verbo), deve ser o item de preferência.

Logo, essas crianças gravam tal regra em suas gramáticas internas. Mais do que isso, esses ouvintes têm acesso a outros dados de *input* (com o verbo ‘ir’, por exemplo)

que reforçam essa (Re)análise. Finalmente, como consequência, tais ouvintes reanalisam o item 'em', associando-no, em suas gramáticas, ao SRema de Lugar que se encaixa abaixo da projeção SRes de um verbo de movimento, projeção essa associada ao sentido de Alvo. É importante ressaltar, porém, que, embora a Reanálise tenha ocorrido de maneira pontual na gramática de alguns falantes, ela pode estar se espalhando de modo lento e contínuo para toda a comunidade.

Analisaremos, na próxima seção, os verbos 'ir' e 'vir' para verificar outros contextos em que esse tipo de Reanálise também aconteceu. Antes de continuar, no entanto, vamos analisar o verbo 'sair' e também verificar seu possível papel na reanálise das estruturas de movimento e deslocamento no PB. Relembremos, assim, a estrutura que este item codifica no PB:

(287) 'sair' →



Antes de continuar, é importante destacar que os traços codificados na posição remática deste item também são os traços LUGAR-AX. Logo, da mesma forma que no caso do verbo 'entrar', esse traço está funcionando como um selecionador do tipo de SP que pode acompanhar o verbo 'sair'. Como observaremos abaixo, em seus usos, a preposição 'para', quando a ele é associada, colabora com uma leitura mais fina de ALVO, para além do lugar final do deslocamento, que está ausente na interpretação das estruturas com a preposição 'em'. Essa diferença sutil na interpretação também parece indicar por que a preposição 'em' foi sistematicamente substituindo sua alternativa 'para'.

Revisemos, inicialmente, os exemplos (273) e (275), repetidos como (288) e (289) abaixo:

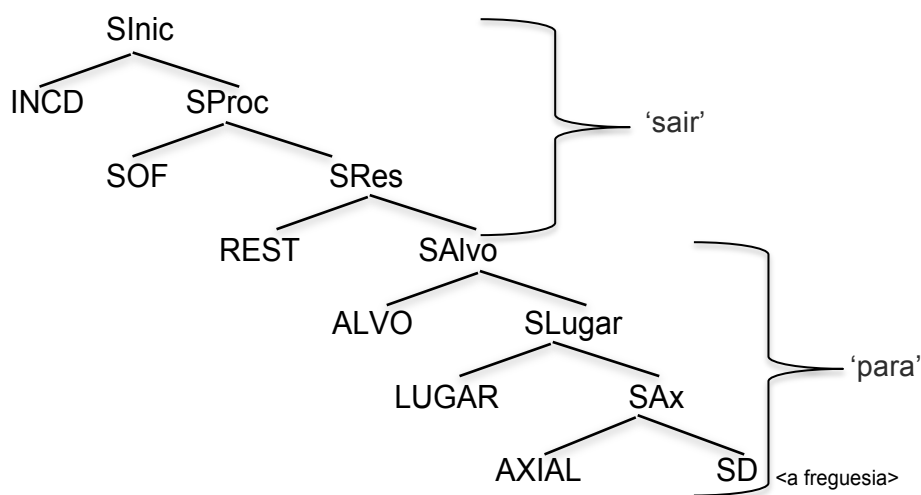
(288) ... Em setembro **sahi para** a Belgica, onde o desejo de estudar ...

(289) ... No sábado (14) pretendo **sahir para** a Freguesia...

Nestes e em todos os outros exemplos com o verbo 'sair' encontrados no primeiro *corpus*, o uso da preposição 'para' parece indicar que há um deslocamento de

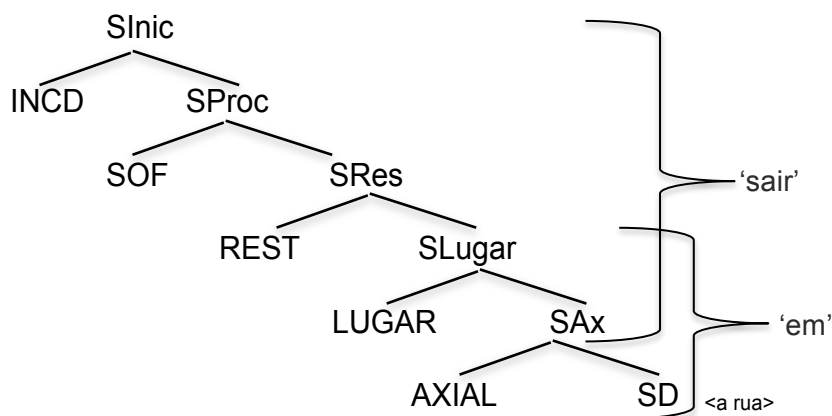
saída de algum lugar para seu exterior e que, na sequência, o objeto/sujeito empreendeu uma viagem para outro lugar, ou seja ‘foi para’ algum outro lugar diferente. Assim, é possível entender, em (288), por exemplo, que o falante “saiu do Brasil e foi para a Bélgica”, e em (289), que o falante “saiu de casa e foi para o bairro Freguesia”. Em todos os casos, a localização final do evento não parece ser o alvo imediato do movimento de ‘sair’, mas da trajetória empreendida pelo SOFREDOR depois que este deixou o lugar inicial. Vejamos como esta interpretação mais fina poderia ser representada em termos nanossintáticos:

(290) ... **saí para** a Freguesia ...



Vemos, nesta representação, que o lugar final do movimento também pode ser interpretado como sendo contribuído pela preposição, e não pelo verbo. Assim, podemos encaixar a estrutura SAivo-SLugar-SAx na posição remática de complemento de RES. Em outras palavras, o lugar inserido pela preposição ‘para’ é o ponto final da trajetória codificada pela própria preposição no nó ALVO, e não pelo verbo ‘sair’. Paralelamente, se analisarmos algumas ocorrências do verbo ‘sair’ com a preposição ‘em’ no PB contemporâneo, podemos perceber a ausência deste subevento extra de Trajetória-Alvo:

(291) ... você não pode nem **sair na rua** com a camisa do seu clube ...

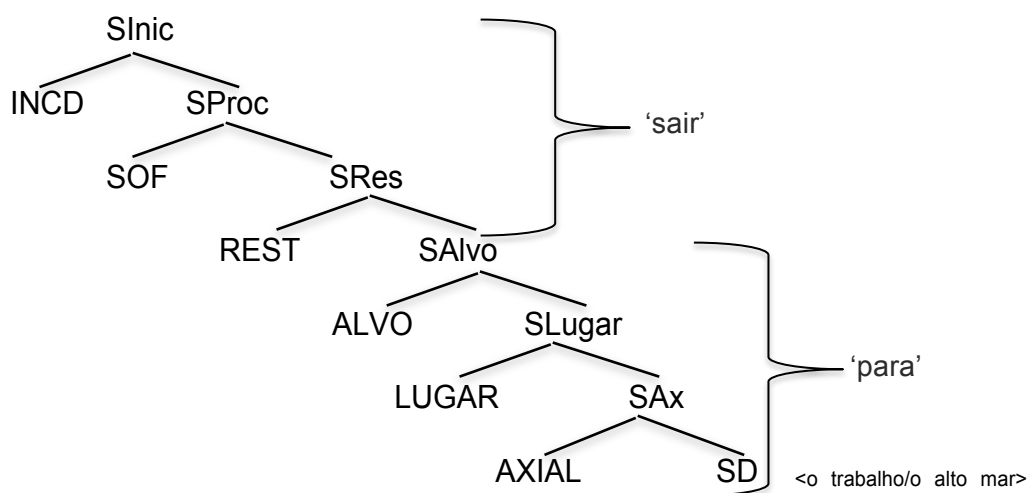


Uma observação muito importante se faz necessária: as estruturas estocadas nos itens do PB, como tem sido demonstrado, são capazes de codificar diferentes construções do módulo sintático-semântico. Isto é, se este módulo constrói SInic-SProc-SRes-SAlvo-SLugar-SAx ou SInic-SProc-SRes-SLugar-SAx, podemos lexicalizar ambas as construções com os itens 'sair' e 'para'. Ao mesmo tempo, se a construção for SInic-SProc-SRes-SLugar-SAx, podemos lexicalizá-la inserindo os itens 'sair' e 'em' ou 'para', respeitando os princípios do sistema.

Consequentemente, não são os verbos e preposições que estão projetando a sintaxe, mas estes podem se combinar com as construções do módulo sintático-semântico a depender da forma de sua própria estrutura. Vemos, assim, como é complexa a distinção entre adjuntos e complementos. Em (286), a preposição 'para' codifica partes da estrutura verbal, apresentando comportamento de complemento. Enquanto isso, em (290), a mesma preposição contribui com sua própria estrutura para a introdução de um novo sentido de Trajetória distinto daquele codificado na raiz verbal, fazendo com que o sintagma preposicional possa ser classificado como adjunto.

Assim, dentre as sete (7) sentenças em que a preposição 'para' é utilizada nos dados do segundo *corpus*, encontramos três (3) que apresentam a mesma leitura sugerida em (290) para a construção 'sair para', no caso dos dados do primeiro *corpus*. Observemos o seguinte exemplo, retirado do segundo *corpus*, e sua possível estrutura nanossintática:

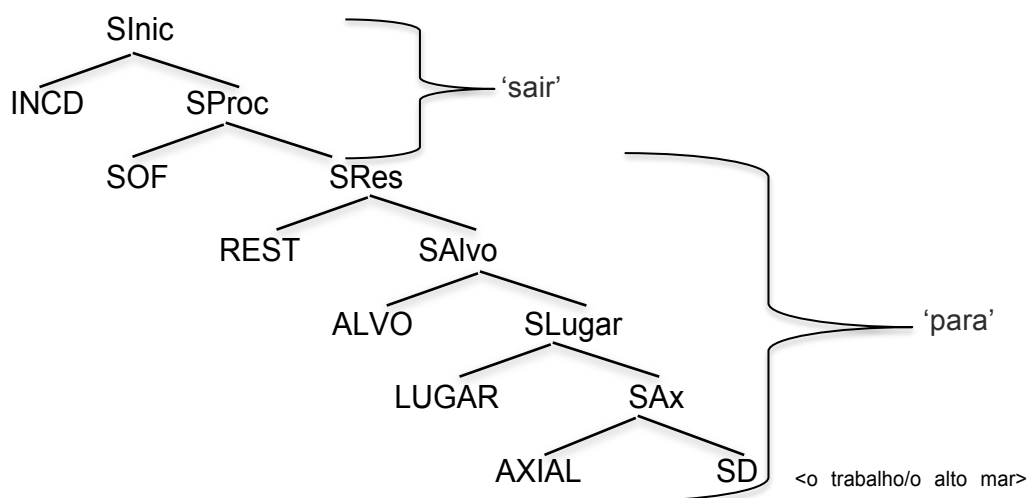
(292) ... cidadão de classe média **sai para** o trabalho e, de repente, ...



Temos aqui, mais uma vez, a possível interpretação de que o lugar final do movimento estaria em posição de complemento da projeção que codifica o sentido de Trajetória-Alvo, garantindo que esta projeção contribua com seu significado próprio para o o evento como um todo. Ou seja, o lugar inserido pela preposição 'para' é o ponto final do deslocamento codificado pela própria preposição, e não pelo verbo 'sair'.

Além desta interpretação, uma outra análise merece ser mencionada aqui. Em um contexto alternativo, a própria preposição 'para' poderia ser associada, para além dos traços LUGAR e ALVO, ao traço RES e, portanto, se combinaria com esta projeção na construção acima. Ao lexicalizar a projeção SRes, contudo, sua presença forçaria a desindexação das três projeções codificadas pelo verbo. Conseqüentemente, como não seria mais o mesmo item lexical que codificaria o sentido de processo e o sentido de resultado, teríamos disponível a leitura de que a localização do ponto de culminância da trajetória construída neste evento seria diferente daquela que o verbo em si codificaria:

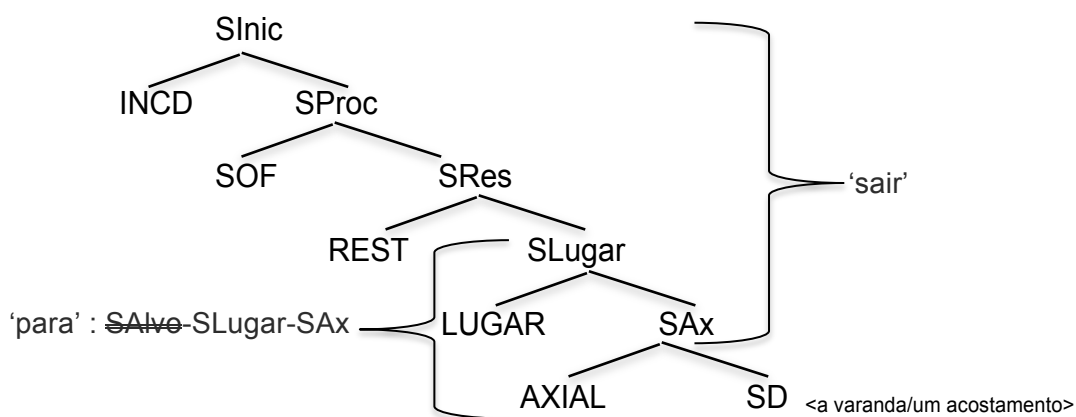
(293) ... Impossibilitados de **sair para** o alto mar...



Voltaremos a analisar esta possibilidade ao discutir a preposição 'para' na Seção 6.3.3. Retornando aos quatro exemplos restantes, então, deparamo-nos com construções igualmente interessantes. Nelas, novamente, poderíamos obter a leitura de que a estrutura da preposição 'para', encaixada em posição remática, somente estaria codificando o traço de LUGAR final do movimento que se harmoniza com o sentido da projeção remática abaixo de SRes. Este fato seria mais curioso se não conseguíssemos explicar o "desaparecimento" do traço ALVO, tradicionalmente codificado pela preposição 'para'. Contudo, retomando o Princípio nanossintático da Subassociação, percebemos que a preposição 'para' pode continuar agregando o sentido de LUGAR à estrutura, sendo SLugar-SAx as suas projeções mais baixas, enquanto que sua projeção SALvo pode ficar subassociada:

(294) ... ergueu-se fatigado, acendeu um charuto e **saiu para** a varanda ...

(295) ... O motorista do carro foi obrigado a **sair para** um acostamento ...



Enfim, utilizando-nos dos mecanismos e dos princípios da Nanossintaxe, conseguimos explicar duas questões interessantes envolvendo os verbos 'entrar' e 'sair': por um lado, entendemos por que a preposição 'em' pode passar a ser preferida para inserção, em relação à preposição 'para', nos contextos em que o LUGAR final do movimento dos verbos 'entrar' e 'sair' deva ser codificado. Ao mesmo tempo, também conseguimos explicar o sentido mais fino de dupla trajetória codificado pela construção 'sair para'.

A totalidade dos dados aqui analisados sugere, contudo, que o item 'para' pode ele mesmo contribuir com um sentido adicional de ALVO de trajetória/deslocamento, em alguns contextos, enquanto que em outros somente contribui com o sentido de argumento LUGAR-AXIAL, introduzindo a localização final do deslocamento já codificado pela raiz verbal. Essa última configuração representa, de fato, o que acontece igualmente com as ocorrências 'entrar para', nos dados históricos, e com as ocorrências de 'ir' e 'vir', seguidos de 'para'. Passamos, então, a uma análise mais detalhada de outros casos.

6.3.3 Verbos 'ir' e 'vir'

Apresentarei, ao longo desta seção, evidências que corroboram a hipótese do alargamento dos usos de 'em' para introduzir argumentos locativos que denotam o que tradicionalmente é interpretado como o alvo de um evento de movimento. Também proporei um tratamento nanossintático que poderia explicar como as preposições 'para' e 'a' estariam se especializando em contextos mais abstratos, deixando que a preposição 'em', ao mesmo tempo, ganhe espaço na codificação do que se entende como o ALVO de eventos de movimento espacial. Finalmente, também acredito poder propor um tratamento da preposição 'para' que justifique o aumento de sua frequência com os chamados verbos de movimento direcionado, como 'ir', mas também expliquem seus usos em contextos não espaciais, para codificar sentidos resultativos.

Antes de entrarmos nos pormenores da análise qualitativa dos dados, porém, avaliemos, mesmo que superficialmente, as frequências de uso das construções aqui observadas. Como se pode notar, examinando os casos abaixo e todos os dados do Apêndice I, não foi encontrada nenhuma ocorrência de uso do verbo 'vir' com a preposição 'em'. Ao mesmo tempo, quando observamos a ocorrência do verbo 'vir' em composição com as preposições 'a' e 'para' nos dois *corpora* analisados, deparamo-nos com a seguinte distribuição:

| <i>Corpus 1 :</i> | | | | Total: |
|-------------------|-------|-------|----------|--------|
| IR | a: 27 | em: 2 | para: 29 | 58 |
| VIR | a: 11 | em: 0 | para: 11 | 22 |
| <i>Corpus 2 :</i> | | | | Total: |
| IR | a: 50 | em: 4 | para: 50 | 104 |
| VIR | a: 24 | em: 0 | para: 12 | 36 |

Quadro 11: Frequências dos verbos 'ir' e 'vir' : *corpus 1 e 2*

Muito embora o tamanho e a natureza dos dois *corpora* sejam distintos, impossibilitando uma comparação de frequência absoluta fidedigna, ainda assim é de se destacar a diferença observada no número relativo de casos de ambas as preposições, ou seja, nos contextos sintáticos com o verbo 'vir', a preposição 'para' parece ter perdido força em relação à preposição 'a'. Nestes casos, o uso de 'a' parece contrariar as previsões de que estaria perdendo seu sentido espacial concreto. Contudo, segundo o que veremos na análise do verbo 'ir', é possível que estejamos diante de um caso de falso sincretismo e confusão entre um marcador de ALVO e um marcador de LUGAR. Detalharei melhor essa proposta na discussão que segue.

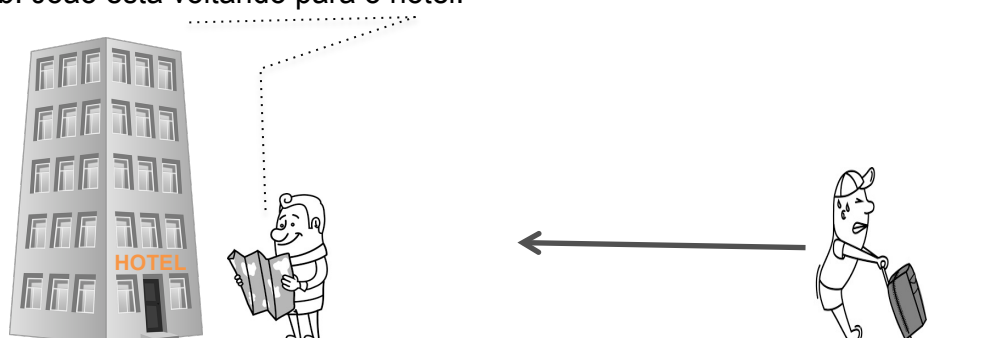
Primeiramente, poderíamos conjecturar que uma razão central para o uso favorecido da preposição 'a' com o verbo 'vir' poderia estar na natureza da direção do movimento codificado por este item. Isto é, o verbo 'vir' já codifica um evento de movimento e deslocamento que tem implícita a localização de seu ponto final, ou seja, o espaço onde o falante se encontra. Esta propriedade dêitica não é encontrada em nenhum outro verbo de movimento, mesmo considerando aqueles que teriam sentidos próximos, como 'voltar' e 'retornar'.

Se observarmos as imagens abaixo, poderemos verificar que somente o verbo 'vir' força uma interpretação única, indicada nos exemplos (b), nomeadamente, aquela de que a localização final do movimento já estaria contextualmente definida e não precisaria ser codificada pelos itens lexicais utilizados:

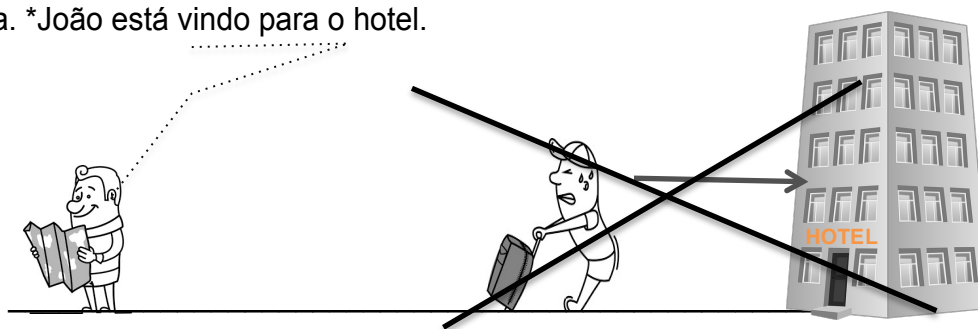
(296) a. João está voltando para o hotel.



b. João está voltando para o hotel.



a. *João está vindo para o hotel.



(297) b. João está vindo para o hotel.

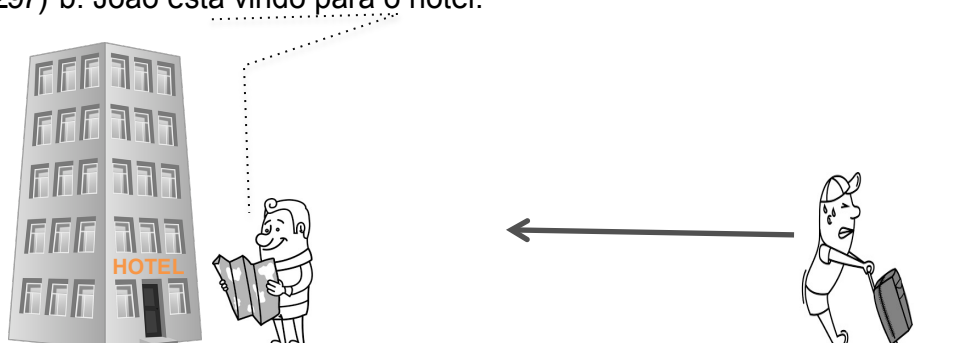
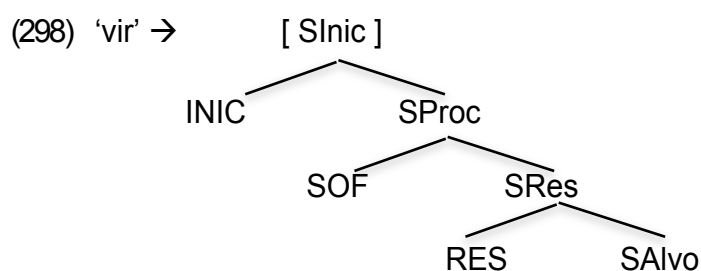


Figura 5: Imagens das possíveis interpretações do verbo 'vir' em PB

A existência deste sentido implícito de localização poderia fazer com que os eventos de 'vir' não fossem construídos, pela sintaxe, sobre o traço de LUGAR, mas somente a partir do traço de ALVO, necessário para que a preposição selecionada possa harmonizar sua substância conceitual com aquela da projeção SRes do verbo de movimento. Esse quadro pode, assim, nos ajudar a entender a ausência de casos de uso

deste verbo com a preposição ‘em’, que, como vimos anteriormente, carregaria somente a projeção de SLugar no PB e não teria, nesta configuração, projeção com a qual se combinar.

Vale a pena destacar, contudo, uma distinção importante entre as estruturas de evento que a sintaxe pode criar e aquelas estruturas de evento que são codificadas pelos itens verbais. De acordo com a argumentação acima, o item ‘vir’ ainda teria uma estrutura idêntica ao verbo ‘ir’, como se vê abaixo:



O verbo ‘ir’, contudo, em grande parte dos casos, é explicitamente acompanhado de um argumento locativo codificando o LUGAR final do movimento expresso pelo verbo. Logo, não estou dizendo que o verbo ‘vir’ em si bloqueia itens que carregam o sentido de LUGAR, mas que os eventos de vir que a sintaxe constrói não devem, na maioria dos casos, apresentar tal traço/projeção. Deste modo, mesmo que uma preposição com a estrutura ALVO-LUGAR, como é o caso de ‘para’, fosse utilizada na codificação de um evento de vir, sua projeção mais baixa, ou seja, seu traço LUGAR ficaria desassociado e não contribuiria sentido nenhum para a sentença. Na sequência, explorarei mais detalhadamente este caminho. Por ora, é importante registrar que, dentro do sistema aqui exposto, é a construção de um evento de vir que não criaria uma projeção SLugar e, assim, desfavoreceria a seleção da preposição ‘em’.

Ao mesmo tempo, tomando essa representação para o verbo ‘vir’, também é possível explicar os casos em que a preposição ‘a’ ainda seja usada, pois, levando-se em conta sua especialização em contextos mais gramaticais e abstratos, ela seria mais comumente selecionada, no PB, para codificar o traço de ALVO em construções que não possuem o traço de LUGAR. Da mesma forma, os contextos em que encontramos a preposição ‘para’ também parecem comprovar a tese de que este item poderia estar codificando a projeção SALvo que, sem o traço de LUGAR abaixo, poderia expressar sentidos mais abstratos, como o Dativo. Exploreemos, então, estas propostas em mais detalhes a partir dos casos do verbo ‘ir’.

Aparentemente, e em comparação com as frequências relativas observadas para os outros itens, o emprego de ‘a’ parece estar diminuindo se comparado aos casos em que se emprega a construção ‘ir para’. Da mesma forma, pelo menos nos registros escritos, a preposição ‘em’ continua pouco frequente. Obviamente, este quadro tem mudado nos registros orais, como é apontado por mais de um trabalho (FRANÇA, 2006; KEWITZ, 2007; BERLINCK, 2011; DE JESUS, 2012; WIEDEMER, 2008, 2013; entre outros), que igualmente corroboram o aumento de usos de ‘para’. Porém, nesta tese, não foi possível verificar que ‘a’ esteja perdendo o traço LUGAR.

Observemos, mais uma vez, a imagem relativa da quantificação dos usos das três preposições com o verbo ‘ir’:

| | | | | |
|-------------------|-------|-------|----------|--------|
| <i>Corpus 1 :</i> | | | | Total: |
| IR | a: 27 | em: 2 | para: 29 | 58 |
| VIR | a: 11 | em: 0 | para: 11 | 22 |
| <i>Corpus 2 :</i> | | | | Total: |
| IR | a: 50 | em: 4 | para: 50 | 104 |
| VIR | a: 24 | em: 0 | para: 12 | 36 |

Como já apontado, em mais de um momento, nas seções anteriores, mencionei a hipótese bastante difundida de que a preposição ‘a’ estaria perdendo seus sentidos mais concretos e se especializando em outros contextos, especificamente não espaciais, justificando assim a queda em seu uso com verbos de movimento. Os trabalhos que acabo de citar se posicionam exatamente neste sentido. Observa-se, todavia, que, pelo menos nos registros escritos, o uso da construção ‘ir a’ continua relativamente corrente.

A causa deste fenômeno poderia ser explicada, por um lado, em razão de uma questão de escolaridade. Ainda que na oralidade as construções ‘ir para’ e ‘ir em’ estejam se tornando mais frequentes, ao texto escrito ainda é atribuído um alto grau de formalidade e controle, o que faz com que possa ser ajustado ao que se considera “padrão” ou “culto” segundo a gramática tradicional brasileira ensinada formalmente nas escolas.

Mesmo assim, faz-se necessário incluir as possíveis consequências destes usos para o sistema que estamos tentando delinear nesta tese, mesmo que estejam relegados a um tipo específico de registro e a uma gramática de um certo grupo de falantes, pois ainda é preciso explicar a contínua ocorrência de uma preposição supostamente não

espacial, 'a', em contextos espaciais. Nossa pergunta poderia ser formulada da seguinte forma: que configuração de traços carregaria esta preposição para que continuasse a ser aceita e usada, pelo menos por uma determinada comunidade, em contextos sintáticos que expressam deslocamentos espaciais?

Beavers (2008) apresenta um caminho interessante neste sentido. Ao analisar dois marcadores de Alvo em japonês, '-ni' e '-made', o autor sugere que se faça a distinção entre dois tipos de itens capazes de introduzir argumentos em um evento de movimento: segundo ele, "*-made* realiza participantes em eventos de movimento, enquanto que *-ni* realiza argumentos de verbos de movimento" (BEAVERS, 2008 - grifos do autor).

Em outras palavras, o item '-made', no japonês, estaria carregando uma estrutura que participa da construção nanossintática dos eventos de movimento, enquanto que '-ni' estaria carregando uma subestrutura dos próprios verbos de movimento, o que lhe conferiria a habilidade de realizar argumentos destes. Mais especificamente, para o autor, '-ni' estaria codificando o traço de Dativo do japonês e seria essa habilidade (de marcar o sentido de Dativo) que o colocaria como um bom candidato para marcar o argumento Alvo de verbos de movimento. Ao mesmo tempo, '-made' estaria codificando uma estrutura da Hierarquia Espacial independente daquela codificada pelo verbo, fazendo com que pudesse introduzir alvos ou limites em contextos muito mais variados que aqueles em que '-ni' seria aceito.

Como evidência, Beavers (2008) desenvolve a seguinte argumentação: quando o verbo de movimento está acompanhado de uma preposição que realiza um de seus argumentos, a noção de ponto final da trajetória codificada dentro lexema verbal está obrigatoriamente implicada, mesmo quando sua efetiva realização é relativizada. Paralelamente, esta mesma preposição não pode ser usada para indicar um ponto intermediário ou diferente do Alvo da trajetória de deslocamento expressa pelo verbo. Seu uso com o verbo de movimento indica, expressamente, o alcance do ponto final do movimento codificado pelo próprio lexema verbal. Observemos os seguintes exemplos:

- (299) a. João estava indo para/até/ao mercado, mas só foi até a esquina.
 b. João estava indo para/até/ao mercado, *mas só foi à/para a esquina.

Ao analisarmos a segunda sentença, percebemos claramente que o estranhamento se encontra no uso das preposições 'a' e 'para' na segunda oração. No

primeiro caso (a), entendemos que o Alvo do movimento denotado pelo item ‘ir’ na primeira e na segunda orações permanece inalterado, isto é, continua sendo o mercado, mesmo que algo tenha impedido o ator de chegar a seu destino. Em (299)-b, porém, o uso das preposições ‘a’ e ‘para’ na segunda oração deveria indicar que o Alvo final introduzido pelo segundo verbo tem que ser obrigatoriamente alcançado, i.e., não poderia ser interpretado como um Alvo intermediário e distinto daquele codificado pelo verbo. O uso de ‘a’ ou ‘para’, nesta segunda oração, faz com que o período todo se torne contraditório, pois ambas só deveriam ser usadas quando introduzem o alvo final (resultante) do movimento codificado pelo verbo.

Em termos nanossintáticos, isso significaria que ‘-ni’/‘para’/‘a’ estariam carregando partes da estrutura codificada por um verbo de movimento como ‘ir’, enquanto que ‘-made’/‘até’ estariam codificando partes da estrutura de um evento de movimento, i.e., os traços da Hierarquia Espacial (Pantcheva, 2011), independentes daquela encontrada dentro de um lexema verbal como ‘ir’ ou ‘vir’.

São casos como aqueles de (299) que, para Beavers (2008), evidenciam que o item ‘-ni’ (‘para’, no PB) seria um realizador de argumentos verbais, enquanto que ‘-made’ (‘até’, no PB) marcaria participantes em um evento de movimento, mas não necessariamente argumentos verbais. Neste sentido, Beavers também propõe que se faça uma distinção entre eventos de movimento e verbos de movimento, na linha do que temos argumentado nesta tese:

Primeiramente, eu esclareço a distinção que faço entre eventos de movimento e verbos de movimento (ou, mais corretamente, predicados de movimento). Qualquer situação dada no mundo real tem um intervalo de propriedades que um determinado lexema denotador de evento pode ou não codificar. Por exemplo, um evento de John correndo para dentro da casa envolve necessariamente uma maneira e um alvo, mas três descrições diferentes do evento podem destacar propriedades diferentes e permanecer neutras em relação às outras. A sentença *João entrou na casa* é neutra em relação à maneira, mas impõe uma restrição ao alvo (sua topografia e direcionalidade a partir do centro dêitico), enquanto *João está correndo* é neutra em relação ao alvo, mas impõe uma restrição à maneira (correndo). *John correu para dentro da casa* codifica os dois componentes explicitamente. Distinguindo as propriedades dos eventos daquelas codificadas pelo verbo, podemos classificar cada restrição (...) em termos de sua dependência do evento que está sendo descrito ou do verbo que está sendo usado. (BEAVERS, 2008)¹⁵²

¹⁵² I first clarify the distinction I make between motion events and motion verbs (or more properly motion predicates). Any given situation in the real world has a range of properties that a specific event-denoting lexeme may or may not encode. For example, an event of John running into the house necessarily involves both a manner and a goal, but three different descriptions of the event might highlight different properties and remain neutral about others. The sentence *John went into the house* is neutral with respect to manner but imposes a constraint on the goal (its topography and

De um certo ponto de vista, este posicionamento poderia se configurar como uma variável da clássica distinção argumento vs. adjunto. No caso do português, tal distinção explicitaria a diferença entre preposições que introduzem argumentos verbais daquelas que, independentemente do verbo, introduzem alvos, como é o caso de 'para' vs. 'até', respectivamente. Neste sentido, vale destacar que Beavers (2008) também aponta a imprecisão dos testes de adjunto/argumento para o japonês e para outras línguas românicas que investiga quando se trata de verbos que codificam maneira de movimento. Todavia, o autor conclui que

(...) ambos '-ni' e '-made' podem co-ocorrer desde que '-ni' descreva o alvo selecionado pelo verbo e '-made' agregue informações adicionais sobre este alvo, mais específicas do evento. Isso certamente sugere que pelo menos uma posposição (presumivelmente '-made') marque um adjunto. No entanto, sem mais evidências corroborantes é difícil dizer que função gramatical cada SP tem, embora isso não queira dizer que um contraste sintático não exista. Apesar disso, o que é crucial é que há um contraste semântico, como discutido acima, demonstrando diferenças significativas entre essas duas posposições. (BEAVERS, 2008)

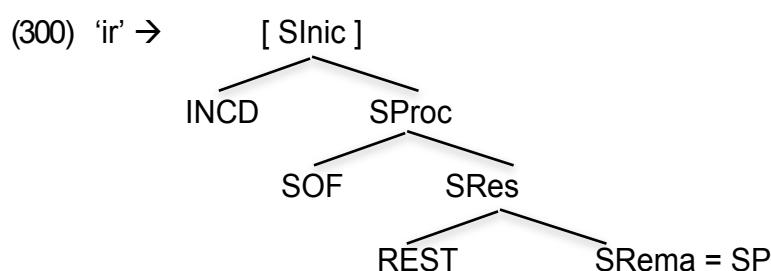
Buscando, então, evidências semânticas para clarificar a distinção entre as duas posposições acima, Beavers explora outro fato interessante que corroboraria a proposta de que '-ni', no japonês, seria um marcador de argumentos verbais: em domínios não espaciais, '-ni' aparece como marcador de Dativo. Ora, no PB, temos exatamente o mesmo quadro para as preposições 'a' e 'para'.

Resta-nos, então, estabelecer a forma como essa habilidade de realizar argumentos também codificados pelo verbo poderia ser representada nanossintaticamente. Como sugerem Pantcheva (2011) e Caha (2009), a resposta poderia estar na estrutura dos itens lexicais envolvidos. Para isso, precisamos observar que, nas representações propostas no final das Seções 3.2 e 3.4 e ao longo da discussão deste Capítulo, os itens verbais não incluem a projeção SN. Deste modo, para realizar um complemento nominal de lugar, tais verbos precisam, necessariamente, vir acompanhados de preposições ou locuções preposicionais que possuam a habilidade de introduzir SN com o sentido de localização. É somente uma preposição que cobrirá a

directionality from the deictic center), while John ran is neutral with respect to the goal, but imposes a constraint on the manner (running). John ran into the house encodes both components explicitly. Distinguishing properties of events from those encoded by the verb, we can classify each restriction (...) in terms of whether it depends on the event being described or the verb being used. (BEAVERS, 2008)

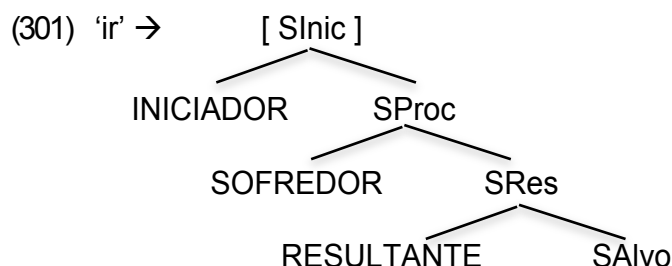
ponte da estrutura entre aquela parte codificada pelo verbo e a estrutura nominal codificada dentro dos substantivos.

Evidentemente, para os eventos de movimento codificados por verbos de movimento espacial, temos uma longa lista de possibilidades: ‘a’, ‘para’, ‘em’, ‘até’, ‘ao encontro de’, ‘em direção a’, ‘em cima de’, ‘embaixo de’, ‘sob’, ‘sobre’ etc. Todas elas, independentemente de sua estrutura específica, são capazes de introduzir argumentos dos verbos de movimento como ‘ir’. Partindo desta constatação, portanto, temos sugerido que a forma da estrutura codificada nos itens verbais do PB possa incluir partes da decomposição do SP:



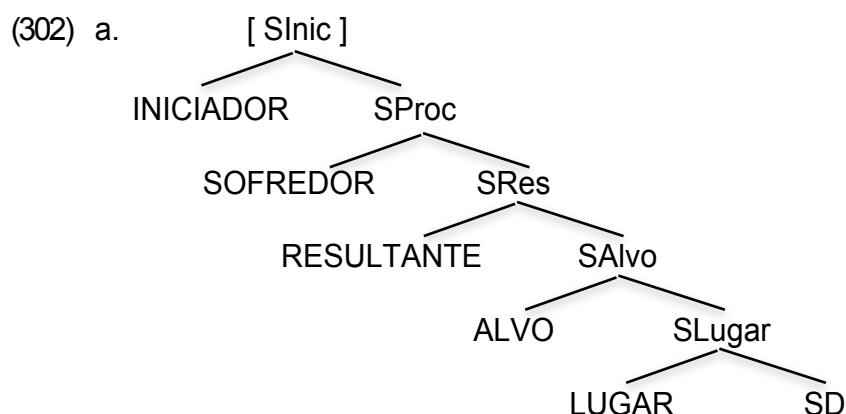
Além disso, tendo em vista que os SPs podem ser decompostos em traços mais finos, seguindo o que já delineamos anteriormente, podemos conjecturar que determinados verbos especifiquem quais subpartes da Hierarquia Espacial estejam codificadas neste SP específico que fará parte de sua estrutura sob o traço SRes. Para poder realizar esses e outros traços específicos da Hierarquia Espacial, além de poder ser acompanhado de um SN argumento, então, o verbo de movimento seria obrigado a selecionar uma preposição que codificasse eventuais traços espaciais não codificados pelo lexema verbal e fosse capaz de introduzir o SN de lugar.

Para visualizarmos melhor tal contexto, passemos a um exemplo concreto. No caso do item lexical ‘ir’, tal como ‘vir’, ‘entrar’ e ‘sair’, por exemplo, sua estrutura especificaria igualmente uma subparte da projeção SALvo, subparte esta que atuaria como “selecionadora” dos itens possíveis para a boa realização de tal verbo quando este vier seguido de um SN de lugar:

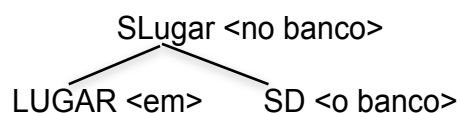


Antes de mais nada, é importante perceber que a estrutura acima termina no traço SALvo, sem especificar o complemento deste traço. No caso das preposições espaciais que possuem tal traço, sabemos que podemos encontrar aquelas que carregam toda a estrutura ALVO-LUGAR, como 'para'. Por outro lado, temos aquelas que carregariam somente uma subparte da Hierarquia Espacial, seu traço mais básico de LUGAR, como 'em'. Assim, no processo de lexicalização de estruturas envolvendo (301) acima, encontraríamos uma situação propícia para a Reanálise e para a suposição de sincretismos que, finalmente, não seriam sincretismos verdadeiros.

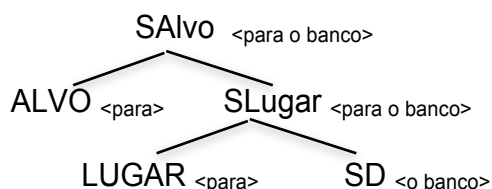
Tentemos visualizar como estas possibilidades estariam ocorrento. Levando-se em conta a imposição do Princípio de Subassociação, nomeadamente, de que as projeções subassociadas se harmonizem em relação ao teor conceitual das projeções que as substituem, podemos cogitar a seguinte situação: para construir o seguinte evento de movimento (302)-(a), no PB, podemos utilizar os itens abaixo, como detalhado em (302)-(b) a (d). Optarei, nestas representações, por colocar os itens lexicais que podem codificar os traços e sintagmas criados pela sintaxe ao lado de cada um destes, para maior clareza.



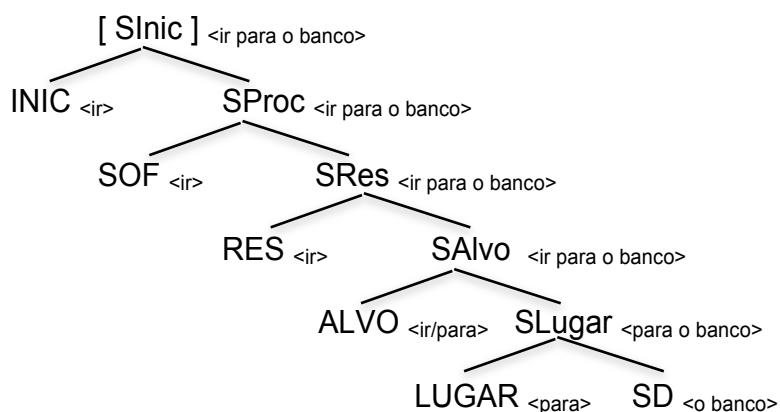
b. Primeiramente, teríamos que construir a projeção SLugar. Para isso, selecionamos o item 'em', que codifica o traço de Lugar e o associamos a um SD, no caso, "o banco". Assim, produzimos a seguinte construção:



c. Note-se, contudo, que outros itens preposicionais do PB carregam a estrutura em (b). De qualquer forma, nesta fase, 'em' venceria a competição por possuir menos traços sobressalentes. Agora, para continuar a composição da estrutura em (380), precisamos associar a projeção criada em (b) com um item que carregue ALVO. No caso do PB, temos um item que carrega exatamente a estrutura ALVO-LUGAR. Como já vimos na Seção 4.3, a existência deste item faz com que a combinação da fase anterior seja anulada e o item 'para' pode, então, se combinar com toda a estrutura abaixo:

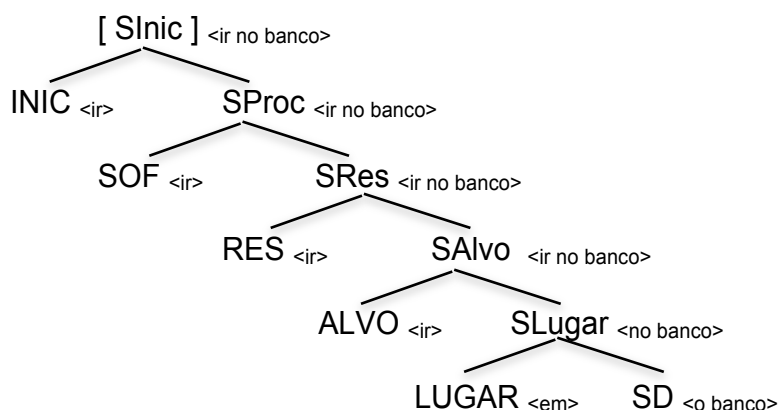


d. Na sequência, a sintaxe vai procurar na língua um item que tenha o traço RES para inserção. Note-se, neste momento, que muitos verbos de movimento ficarão de fora desta seleção, pois não carregam tal traço em suas nanoestruturas. O verbo 'ir', neste caso, é um bom candidato. Como sabemos que este item também carrega os traços PROC e INIC, vamos pular para a fase final de combinação, cuja imagem seria a seguinte:



Agora, cogitemos, antes de continuar, uma imagem alternativa desta construção.

e. Neste outro quadro, o item ‘para’ não teria sido escolhido para seleção, tendo em vista que o item verbal ‘ir’ também possui, para além da projeção SRes, a projeção SALvo codificada em sua entrada lexical. A existência desta projeção dentro do item ‘ir’ permitiria que a construção final fosse aquela abaixo, pois o conhecimento da Hierarquia Universal faz com que falantes infiram que ALVOS são construídos sobre LUGARES, fato que não importaria problema para a representação a seguir:

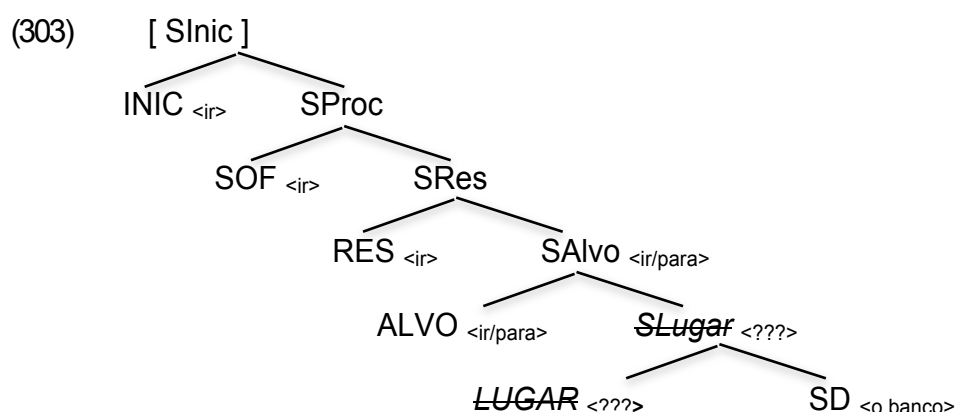


Como consequência desta reanálise, o item ‘ir’ passaria a ser associado à estrutura INIC-PROC-RES-ALVO. Em termos estruturais, porém, as duas configurações (c) e (d) são bem sucedidas em lexicalizar a estrutura criada pela sintaxe. Mais do que isso, deparamo-nos com estruturas de superfície que são, aparentemente, idênticas. Tal contexto faz com que partes diferentes da estrutura nanossintática possam ser atribuídas, equivocadamente, a itens diferentes daqueles que as estariam realmente codificando.

Isto estaria acontecendo, por exemplo, nos recentes trabalhos que atribuem à preposição ‘em’ a capacidade de codificar o sentido de ALVO (FRANÇA, 2006; KEWITZ, 2007; BERLINCK, 2011; DE JESUS, 2012; WIEDEMER, 2008, 2013; entre outros). Como vemos claramente na representação nanossintática acima, a estrutura e o sentido deste item não se modificaram no PB ao longo dos últimos séculos. O que de fato se modificou ou se fortaleceu foi a habilidade de preposições como ‘a’ e ‘para’ lexicalizarem somente o sentido de Alvo, criando, conseqüentemente, contextos em que novas combinações poderiam ser inferidas.

No caso do aumento de usos da preposição ‘em’, a reanálise pode ter acontecido mais ou menos da seguinte forma: falantes que passam a associar, em suas gramáticas internas, o item ‘para’ ao sentido mais abstrato de ALVO (sem carregar na sua base o traço LUGAR) deixam de usar este item na codificação de eventos como aqueles em (c) e (d) acima. Na interpretação de faltantes com essa gramática, o item

'para' não poderia codificar de forma bem sucedida a estrutura criada pela sintaxe, pois a estrutura codificada por 'para' não possuiria o traço SLugar que ficaria, assim, sem combinação, ferindo o Princípio da Lexicalização Exaustiva:



Ao mesmo tempo, suas gramáticas teriam um item perfeito para codificar os traços que agora se encontram descobertos, além de poder introduzir um SD: a preposição 'em'. Mais do que isso, tendo em vista que a Hierarquia Espacial associada ao Princípio *ABA, de adjacência, impõe restrições para as construções sintáticas, esses falantes saberiam intuitivamente que traços ALVO de movimento se constroem sobre traços LUGAR. Portanto, mesmo que o verbo 'ir' carregasse somente uma estrutura que terminasse no traço Alvo, ainda assim seria possível supor que o traço seguinte da estrutura deste verbo seria o traço de LUGAR, principalmente levando-se em conta seus usos espaciais.

Outra possibilidade a ser cogitada, obviamente, é que, com a mudança ocorrida na flexibilização da estrutura das preposições 'a' e 'para', talvez o próprio verbo 'ir' tenha sido reanalisado para incluir na base de sua estrutura a projeção SLugar, passando a induzir o falante à seleção de um item com essa configuração para lexicalizar o traço LUGAR. A ocorrência dos exemplos (304) e (305), encontrados no primeiro *corpus*, parece indicar que essa interpretação está disponível há bastante tempo:

(304) ... a ultima vez que **fui na** vossa loja foi quando fui lhi pagar 900 ...

(305) ... Eu a minha **vou no** Jardim beijar a mão a minha Madrinha ...

Paralelamente, também é preciso apontar que uma sutil distinção na interpretação das sentenças (c) e (d) acima pode ser explorada. Interessantemente, mais

uma vez¹⁵³, essa diferença reside no fato de um mesmo item lexical, no caso, o lexema verbal inserido, ser responsável ou não pela combinação de todos os traços de sua estrutura com aqueles do evento construído. Levando em consideração que, em (c), a preposição ‘para’ deixa seus traços para fora da estrutura, e que, levando em conta seus outros contextos de usos, seu traço de LUGAR também pode ficar frequentemente desassociado, a interpretação do lugar-alvo resultante do movimento fica dependente do traço RES, que se encontra codificado dentro do verbo de movimento. Deste modo, em (c), é possível sugerir que a figura que se desloca não termine, necessariamente, *localizada* no interior do banco. Assim, novamente, a efetiva localização final da figura em movimento pode ser relativizada, pois essa localização final resultante continua possível, mas não especificada.

Ao mesmo tempo, em (d), é razoável propor que o lugar final precisa ser obrigatoriamente alcançado para que a interpretação da sentença seja válida. Ou seja, uma vez que a preposição ‘em’ seja usada para se combinar à estrutura de evento, o conceito de LUGAR carregado por ela precisa ser interpretado, restando ao verbo cobrir o sentido mais abstrato de ALVO. Como resultado, a presença da preposição ‘em’ força a interpretação de que o SD por ela introduzido seja, necessariamente, a localização final da figura. Podemos encontrar a mesma distinção em pares aparentemente idênticos, no PB, mas que podem denotar interpretações diversas:

- (306) a. Fui (direto)/Corri para a Juliana.
 b. Fui (direto)/corri na Juliana.

Na interpretação das sentenças em (a), segundo os falantes informalmente consultados, a leitura menos marcada e mais à disposição seria a de que o sujeito em questão dirigiu-se para a pessoa da Juliana que se encontrava no mesmo local do evento. Juliana seria interpretada, assim, como o ALVO do movimento, mas não como sua localização final. Portanto, nos primeiros casos, teríamos a preposição ‘para’ codificando o sentido mais abstrato de ALVO, sem contribuir com seu traço de LUGAR.

Inversamente, a leitura menos marcada ou mais disponível para a segunda sentença é a de que o sujeito dirigiu-se à casa de Juliana. Nas sentenças em (b), deste modo, a preposição ‘em’ forçaria a leitura de que ‘Juliana’ é um espaço onde se possa

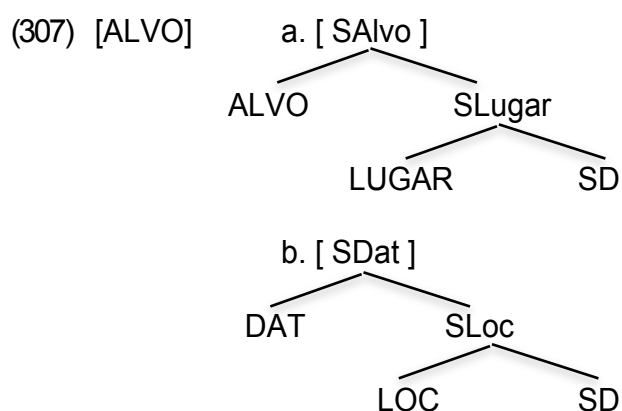
¹⁵³ Já vimos esta distinção sutil na Seção 2.4, em que discutimos possibilidade de um mesmo lexema verbal codificar o traço INIC ou não, gerando, assim, uma interpretação semântica bastante fina, sistemática e acertada para os argumentos com papel de Agente ou Ator.

localizar uma figura, e o nome próprio seria interpretado, necessariamente, como a ‘casa de Juliana’¹⁵⁴ (uso bastante comum no PB).

Levando em conta a apreciação destas interpretações mais finas, podemos voltar à nossa pergunta inicial e esclarecer como o item ‘a’ estaria perdendo seu sentido mais concreto, espacial, enquanto se especializa em domínios mais gramaticais/abstratos, como o domínio temporal ou possessivo. Primeiramente, é preciso destacar que este último sentido é expresso, em múltiplas línguas, com a morfologia do Dativo. Assim, a realização do sentido de posse ou de beneficiário de um “ato de dar” pode, em variadas línguas, ser concretizada pelo mesmo item lexical que codifica o sentido de ALVO do domínio espacial.

Por um lado, o recrutamento de itens lexicais que expressem sentidos espaciais para a codificação de sentidos mais abstratos é uma proposta central da Semântica Conceitual, comprovada tanto para o inglês, como para o PB. Por outro lado, a distinção entre o sentido espacial que um determinado item codifica e estes outros sentidos mais abstratos estaria, segundo Caha (2014), na relação da Hierarquia de Casos com a Hierarquia Espacial. Em sua mais recente proposta, o autor sugere que os sentidos da Hierarquia Espacial são construídos a partir da combinação de um dos traços da Hierarquia de Casos sobre o traço LOC, de Localização. Deste modo, o sentido de Alvo seria construído com a sobreposição dos traços DAT e LOC.

Em uma tentativa de aproximar a proposta de Caha da Hierarquia de Pantcheva aqui utilizada, do ponto de vista conceitual, poderíamos sugerir que as duas representações abaixo seriam equivalentes:



¹⁵⁴ Segundo alguns falantes consultados, somente em uma interpretação um pouco mais forçada da sentença (a) poderíamos entender que Juliana é um lugar - no caso, ‘a casa de Juliana’. De qualquer forma, essa possibilidade não é excluída do sistema, uma vez que a preposição ‘para’ também carrega o traço de LUGAR, ela só não é a preferida ou mais transparente.

Para Caha (2014), esta segunda representação daria conta de unificar as Hierarquias do domínio espacial e do domínio de casos sem que itens que codificam sentidos espaciais e sentidos mais abstratos pareçam estar infringindo o Princípio da Adjacência. Isto é, uma Hierarquia não seria construída sobre a outra (a Hierarquia Espacial ficaria sobre a de Casos, ou vice-versa), mas os sentidos de ambas seriam construídos a partir de uma interação de conceitos mais abstratos, codificados nos casos morfológicos, com o conceito básico de lugar físico concreto. Consequentemente, um item que codifica tanto o sentido de Alvo de movimento quanto de Dativo teria a estrutura em (307)-(b). Nos casos em que apenas o traço Dativo é selecionado para domínios não espaciais, então, o item lexical em questão deixaria a projeção LocP desassociada.

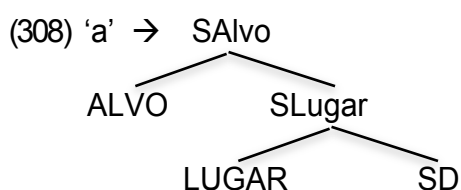
Alternativamente, também poderíamos propor que o sentido abstrato de Alvo como a meta de uma trajetória de mudança análoga a uma trajetória espacial, ainda que fora dos domínios físicos, continuaria sendo expressa pelo traço ALVO. Nas línguas onde o Dativo é morfológicamente marcado, então, esse traço seria expresso na codificação da projeção ALVO sem a projeção LUGAR encaixada abaixo. Já nas construções em que o traço de ALVO de movimento é necessário, toda a estrutura de (307)-(a) seria inserida, seja por um só item lexical, seja por vários.

Infelizmente, a verificação de um ou outro cenário foge ao escopo desta tese. De toda maneira, ambas as posições parecem trazer respostas igualmente interessantes aos casos específicos dos usos inovadores e mudanças na frequência das preposições 'para' e 'a'. Contudo, como tenho partido da hipótese de que o domínio espacial serve de base para a construção de outros sentidos mais abstratos, e tendo em vista a tese amplamente aceita de que itens do domínio espacial são sistematicamente recrutados para expressar novos sentidos mais gramaticais, optarei por assumir a segunda hipótese: a preposição 'a' carregaria, inicialmente, a estrutura em (307)-(a). Somente quando usada em contextos não espaciais, sua projeção SLugar ficaria desassociada.

Note-se que, partindo desta hipótese, poderíamos entender como tal item poderia, sistematicamente, parar de ser associado com a projeção SLugar, guardando para si somente a projeção SALvo e aparecendo cada vez mais em contextos mais gramaticais e mais abstratos. De maneira cíclica, ao não ser mais associado ao traço LUGAR, este item acabaria se especializando em sentidos mais abstratos e gramaticais relacionados à noção de alvo, como a marcação gramatical do dativo. Obviamente, outras questões estão envolvidas nessa mudança. Principalmente, não me preocupo aqui com as razões pelas quais este item poderia deixar de ser associado com o sentido

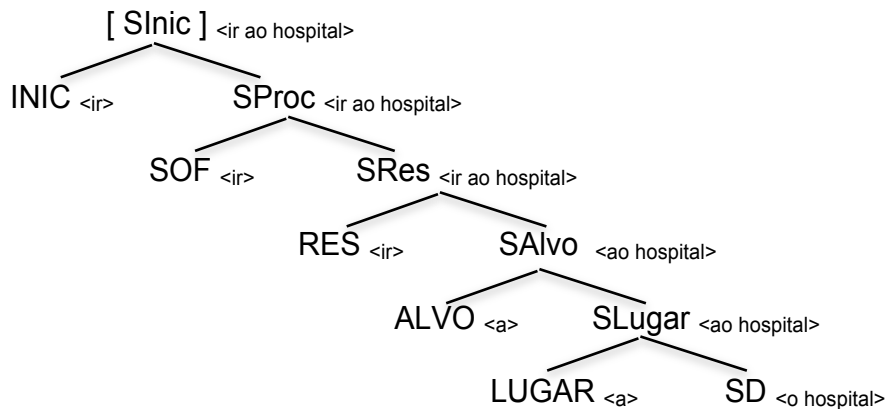
de lugar. Meu objetivo, como já mencionado, é tão somente propor um possível caminho para a mudança, não suas motivações.

Voltando aos exemplos encontrados no primeiro e no segundo *corpus*, e levando em conta a argumentação desenvolvida nesta seção, pode-se sugerir que a preposição 'a' continue carregando, pelos menos na gramática de alguns falantes, a estrutura sugerida na Seção 3.4, embora ela esteja mais flexível e, na maioria dos casos, não seja usada para codificar o traço LUGAR:

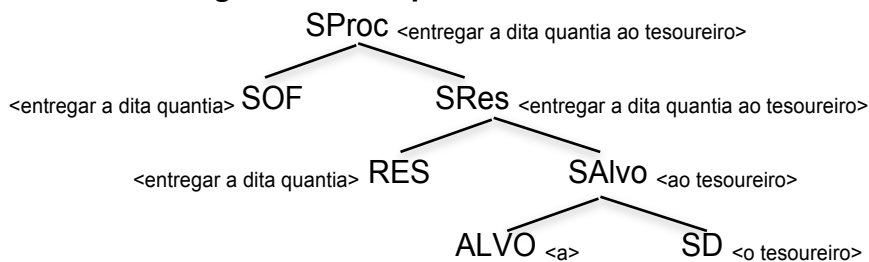


Assim, ela segue sendo capaz de expressar o argumento da projeção SAIvo dos verbos de movimento, como em (a) abaixo. Ao mesmo tempo, em contextos não espaciais, sua projeção SLugar fica desassociada e somente o traço mais abstrato de ALVO é combinado contra a construção nanossintática (b):

(309) a. ... **Senhor Costa foi ao Hospital** Portuguez de Beneficiencia e ...



b. ... **entregando a dita quantia ao tesoureiro** da irmandade ...

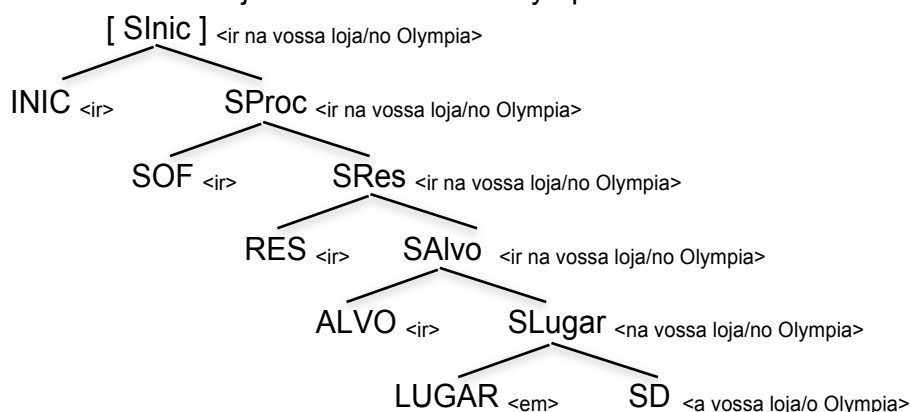


Tendo resolvido o problema da aparente excentricidade das construções 'ir a', passemos, então, à observação de algumas ocorrências de 'ir em' e 'ir para' nos dois *corpus*:

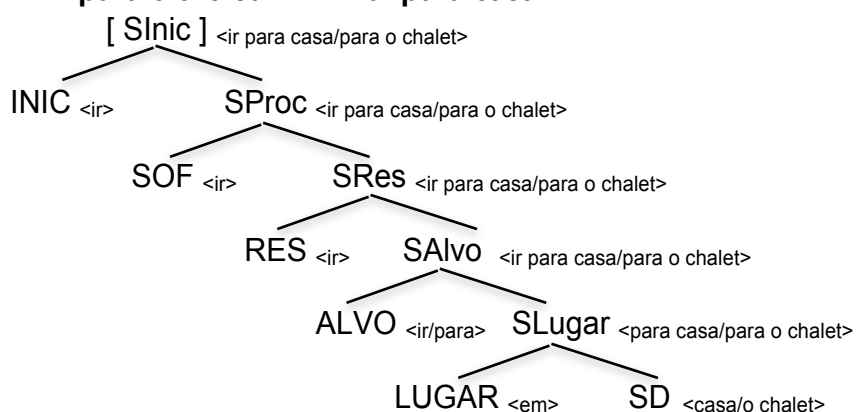
- (310) ... a ultima vez que **fui na** vossa loja foi quando fui lhi pagar 900 ...
 (311) ... Eu a minha **vou no** Jardim beijar a mão a minha Madrinha ...
 (312) ... **Foi para** essa cidade e não tendo as chaves ...
 (313) ...você não pretende **ir para** o chalet, cujo aluguel corre por minha conta.
 (314) ... **Vai na** televisão e faz um discurso ...
 (315) ... **Vamos no** Olympia hoje ver o Caetano? ...
 (316) ... Saí do apartamento e **fui para** a rua junto com meus vizinhos...
 (317) ... Então, ela sai do trabalho, **vai para** casa, faz uma comidinha...

As estruturas das construções em (310) a (317), podem ser semelhantes àquelas propostas em (302)-(c) e (d) acima. Repito as mesmas para melhor visualização:

- (318) ... **fui na** vossa loja... / ... **vamos no** Olympia ...



- (319) ... **ir para** o chalet ... / ... **vai para** casa ...



Note-se que, da mesma forma que nas construções 'entrar para' e em algumas ocorrências de 'sair para', na análise de todas as sentenças com a construção 'ir para', não é possível perceber o sentido de Alvo ou Trajetória que a preposição poderia contribuir, para além do sentido de trajetória já codificado pelo verbo. Assim, também é possível propor que, quando encontramos o item 'para' introduzindo o Alvo do

movimento do verbo 'ir', esse item estaria contribuindo somente com os traços mais baixos de sua construção, enquanto que seu traço ALVO ficaria subassociado, pois se harmoniza conceitualmente com uma projeção já lexicalizada pelo verbo. Somente nos resta, deste modo, conjecturar sobre os contextos que proporcionaram o aumento relativo na frequência de 'para'.

Antes de prosseguir, contudo, é importante também mencionar as duas inesperadas ocorrências do verbo 'ir' acompanhado da preposição 'em' no primeiro *corpus*. Muito embora esta construção seja comum no português contemporâneo, muitos trabalhos mencionam este uso como uma inovação, dando a entender que seria uma peculiaridade das mudanças ocorridas no PB ao longo do Séc. XX. A sentença (310), contudo, foi encontrada no *corpus* da primeira metade do Séc. XIX, e (311), na segunda metade. Fato interessante, ambos os exemplos encontram-se nos dados de Minas Gerais, região do Brasil conhecida pelos usos inovadores da língua.

De toda maneira, embora esses dois exemplos apresentem um desafio à tese de que o uso da preposição 'em' com o verbo 'ir' seja uma inovação recente do PB, eles não representam um problema para a presente argumentação. Na verdade, demonstram que a Reanálise aqui proposta já havia ocorrido na gramática de alguns falantes do Séc. XIX, embora tenha se espalhado com maior velocidade ao longo do Séc. XX. Voltando ao problema da preposição 'para', então, uma pergunta ainda permanece não respondida: por que esta preposição continuaria sendo usada (em um grande número de casos) para codificar o sentido mais fino de LUGAR complemento dos verbos de movimento se nossa língua possui um item, 'em', mais especializado?

Uma das hipóteses teria relação com a frequência e a abundância de contextos em que 'para' pode expressar ALVO+LUGAR de movimento, principalmente com outros verbos de movimento que não codificam necessariamente o traço ALVO, mas que podem igualmente bem se combinar com 'para' a fim de lexicalizar eventos de movimento direcionado ('correr para', 'voar para', 'rolar para', 'rastejar para', 'engatinhar para' etc). Diferentemente, a preposição 'em' somente pode ser inserida em contextos que expressam LUGAR do movimento ou, em casos excepcionais, quando o verbo em si já codifica ALVO.

Uma outra proposição que poderia igualmente bem explicar esses casos já foi estabelecida por Ramchand (2008a) para o inglês. Em seu trabalho, a autora trata a preposição 'to' como uma preposição que carregaria a projeção SRes. Para ela, este fato justificaria seus usos em construções como orações subordinadas adverbiais finais, por

exemplo. Nesta interpretação alternativa, as análises linguísticas do quadro preposicional do PB apresentariam, novamente, o que Pantcheva (2011) chama de falso sincretismo: casos em que um item lexical é associado a uma estrutura (de traços) que, na verdade, pertencem a um item adjacente. Somente após análise mais minuciosa é que seria possível perceber que outra configuração existia, pois os itens envolvidos codificavam partes distintas mas adjacentes de uma mesma hierarquia que, na combinação verbo e preposição poderia ser “mal interpretada”.

Como foi mencionado em diferentes momentos, na presente tese, proponho que é a partir de um “erro” análogo a este, fruto de contextos de ambiguidade estrutural, em que se associaria uma determinada projeção a um outro item lexical, que a Reanálise acontece. No caso da preposição ‘para’, poderíamos imaginar o caminho de mudança seguinte: inicialmente, o item ‘para’ é associado a uma estrutura que, preferencialmente, codifica ALVO, no sentido mais abstrato e, quando utilizada para lexicalizar eventos de movimento, pode lexicalizar o traço mais baixo, LUGAR. Pouco a pouco, esse item ganha força nos contextos de uso mais abstratos, aumentando a frequência de *input* que permite associá-la à estrutura SALVO, em detrimento de SALVO-SLugar. Importante mencionar que esta Reanálise ainda é favorecida pelo paralelo crescimento do *input* contendo ‘em’ nas estruturas que expressam o LUGAR resultante de um deslocamento espacial, ou seja, como complemento do traço ALVO contido no verbo.

Em um segundo momento, então, determinados falantes começam a associar a preposição ‘para’ ao traço RES, tendo em vista que este traço, em grande parte dos casos, encontra-se nas estruturas adjacentes à estrutura do próprio item ‘para’ quando este é selecionado para codificar ALVO, seja ele de um movimento concreto, ou em contextos mais abstratos. Por este motivo, falantes de PB começam a associar a preposição ‘para’ à estrutura RES-ALVO-LUGAR ou RES-ALVO. Logo, esta nova configuração faz com que este item lexical seja recrutado para expressar sentidos muito mais abstratos do que Alvo, envolvendo contextos em que o sentido de resultado de um processo esteja igualmente presente. De qualquer modo, a grande frequência de ocorrências de ‘para’, nos *corpora* analisados, com o sentido resultativo ou de finalidade já pode ser interpretado como prova suficiente de que este caso de Reanálise esteja provavelmente se produzindo.

Para o momento, vamos explorar a primeira hipótese com os dados dos verbos ‘correr’, ‘pular’, ‘rolar’ e ‘voar’ associados às preposições ‘em’ e ‘para’. Perceberemos, neste exame, que o fato de ‘para’ também ser usado muito frequentemente em eventos

que codifiquem ALVO de movimento a partir de verbos que não necessariamente codifiquem tal traço possa ser razão suficiente para o aumento de sua frequência relativa, muito embora o item 'em' se configure em um melhor candidato para expressar o sentido de localização final dos verbos que já carregam os traços RES-ALVO.

6.3.4 Verbos de maneira: 'andar', 'caminhar' e 'nadar' vs. 'correr', 'rolar' e 'voar'

Explorarei, nesta seção, os casos específicos dos verbos de movimento que também carregam o sentido maneira em PB. Veremos, através da análise a seguir, que a diferença no comportamento de alguns participantes deste grupo está na estrutura nanossintática que cada verbo carrega: por um lado, temos aqueles que se comportam como itens lexicais que não codificam nenhum traço específico da Hierarquia Espacial (decomposição do conceito de TRAJETÓRIA) em suas estruturas; por outro lado, encontramos aqueles itens que ora se comportam como os membros desse primeiro grupo, ora se comportam como os verbos da seção anterior, ou seja, codificam parte dos traços (ALVO e/ou LUGAR) da Hierarquia Espacial em suas estruturas.

Esta duplicidade de comportamento teria relação, como esperado, com a forma da(s) estrutura(s) que tais itens codificam. Partindo da análise nanossintática, será possível visualizar de maneira clara como essas leituras ambíguas e alternativas estariam se produzindo. Ao mesmo tempo, acredito que, a partir de tal análise, podemos propor uma resposta interessante para o problema sintático-semântico envolvendo os verbos de maneira de movimento que, aparentemente, ferem a distinção verbo de maneira vs. verbo de resultado, critério clássico usado como evidência contra as tradicionais classes de verbos inergativos e inacusativos (BEAVERS, 2008, 2010).

Observemos, inicialmente, os casos dos verbos 'andar', 'caminhar' e 'nadar'. Como se pode perceber após consulta aos *corpora*, não foi encontrada nenhuma ocorrência destes verbos seguidos da preposição 'a', tanto nos dados históricos, quanto nos dados contemporâneos, com uma única exceção da construção 'caminhar a' no Séc. XIX. Tal verificação parece sugerir que o uso da preposição 'a' para indicar tão somente o lugar-alvo de movimento é incomum no PB há mais de um século. Em outras palavras, poderíamos dizer que, em muitas gramáticas de falantes de português brasileiro, a preposição 'a' não carrega o traço de ALVO de movimento espacial, construído em combinação com o traço de LUGAR.

De fato, verificando o exemplo de 'caminhar a' com falantes da região de Foz do Iguaçu (PR-Brasil), todos(as) expressaram estranhamento. Ao mesmo tempo, uma

consulta rápida em portais de busca da internet permite verificar que, em registros em português europeu, estas não seriam construções impossíveis. Vejo tal discrepância como indício de que a preposição ‘a’ possa, realmente, estar se especializando em expressar conceitos que sejam cada vez mais abstratos e gramaticais na língua brasileira.

Por outro lado, a combinação dos verbos ‘andar’, ‘caminhar’ e ‘nadar’ com as preposições ‘em’ e ‘para’ pode ser visualizada no seguinte panorama:

| Corpus 1: | | | | Total: |
|-----------|------|--------|---------|--------|
| ANDAR | a: 0 | em: 1 | para: 1 | 2 |
| CAMINHAR | a: 1 | em: 0 | para: 1 | 2 |
| NADAR | a: 0 | em: 2 | para: 0 | 2 |
| Corpus 2: | | | | Total: |
| ANDAR | a: 0 | em: 6 | para: 1 | 7 |
| CAMINHAR | a: 0 | em: 29 | para: 6 | 35 |
| NADAR | a: 0 | em: 4 | para: 3 | 7 |

Quadro 12: Frequências dos verbos ‘andar’, ‘caminhar’ e ‘nadar’ : corpus 1 e 2

Obviamente, levando-se em conta o tamanho dos dois *corpora*, não podemos interpretar o grande crescimento de usos da construção ‘caminhar em’ de forma absoluta. Contudo, podemos observar o aumento da preposição ‘em’ nos casos destes três verbos em relação ao crescimento das outras preposições com o mesmo verbo. Logo, de acordo com o quadro encontrado nos *corpora* aqui comparados, o uso da preposição ‘em’ cresceu de forma acentuada. Outro fato que vale a pena comentar parece ser o crescente uso da preposição ‘para’, embora apareça, em dois de três casos, em construções que introduzem outros itens gramaticais que também codificam sentido de Lugar: ‘para cá’, ‘para lá’, ‘para longe’. Observemos os exemplos abaixo:

Primeiro *corpus*:

(320) ... **Anda no** ar, como um gnomo multiforme; ...

(321) ... e comecei a **andar para** o hotel, afim de trepar no baio ...

(322) ... o aniversario do rei, e **caminhar ao** Capitolio para render graças aos ...

(323) ... perseguições e injustiças **caminha para** a felicidade.

(324) ... o Brasil **nadava em** mar de rosas e a confiança...

Segundo *corpus*:

(325) ... sob o inclemente sol carioca é obrigado a **andar na** calçada oposta...

(326) ... pode estar na iminência de voltar a **andar para** trás...

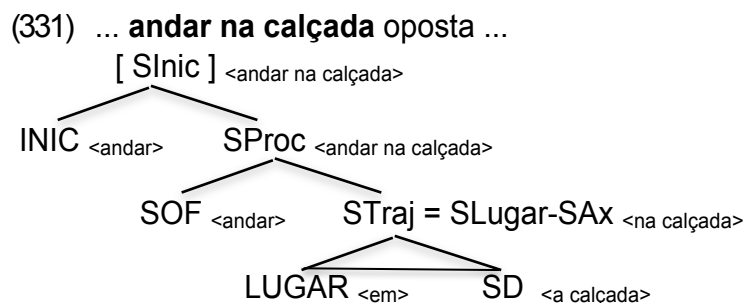
(327) ... matou o pedreiro José dos Santos, 53, que **caminhava na** calçada...

(328) ... o homem (...) se despiu e **caminhou para** um rio próximo, declarando ...

(329) ... "**Nadei no** Saracura até o fim dos anos 1950, quando começaram a canalizar o rio"...

(330) ... **Nadei para** longe por causa do querosene...

A análise dos exemplos acima nos permite verificar que está correta a hipótese de que os verbos 'andar', 'caminhar' e 'nadar' carregariam tão somente a estrutura INIC-PROC-TRAJ. Assim, as interpretações das sentenças acima seriam bastante precisas: quando a estrutura nanossintática destes verbos estiver se combinando com a estrutura nanossintática da preposição 'em', que codifica somente o conceito LUGAR, o movimento será interpretado como ocorrendo em um mesmo espaço, nomeadamente, aquele introduzido pela preposição locativa:



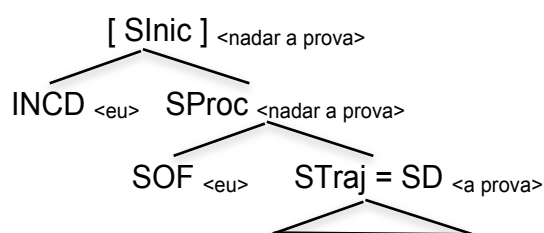
Tendo em vista a previsão de que a preposição que se encaixa em posição remática empresta homomorficamente suas propriedades para o subevento de processo codificado pela projeção SProc, paralelamente, quando o traço TRAJ for pareado com a estrutura de 'para', que codifica o conceito de ALVO, para além do conceito de LUGAR, o processo denotado pelo SV será interpretado como indicando um deslocamento ou movimento direcionado:

(332) ... **caminhou para** um rio próximo ...



Para além destes exemplos, também é necessário mencionar os casos em que tais verbos de movimento introduzem um SD, possibilidade fortemente bloqueada para os verbos analisados nas seções anteriores (embora não impossível, dado o contexto certo). Por um lado, construções como ‘andar duas quadras’, ‘nadar uma piscina’ etc são relativamente comuns; por outro, nos dados do segundo *corpus*, deparamo-nos com sentenças inusitadas como a seguinte:

(333) ... **nadei a prova** mais rápida da minha vida ...



Apesar de sua peculiaridade, a existência e a relativa frequência de tais ocorrências somente corroboram a argumentação desenvolvida. Ou seja, em construções como esta em (333), o SD introduzido pelo verbo é um argumento da projeção STraj, e não da projeção SProc que o verbo igualmente codifica. A existência de complementos na posição de objeto direto que também definem a trajetória do movimento, portanto, não invalida a argumentação até aqui desenvolvida.

Após esta análise, é possível comprovar mais duas de nossas hipóteses: (1) primeiramente, a estrutura nanossintática associada aos verbos ‘andar’, ‘caminhar’ e ‘nadar’ e seu decorrente sentido não sofreu mudança nos últimos dois séculos; (2) além disso, as estruturas nanossintáticas associadas a cada um dos itens aqui analisados refletem os seus usos reais, sugerindo que a teoria utilizada na presente tese tem poder de explicação teórico e empírico. Continuaremos nossa observação dos usos de outros itens envolvidos na expressão de movimento para reforçar este posicionamento.

Assim, observemos alguns exemplos de uso dos verbos ‘correr’, ‘pular’ ‘rolar’ e ‘voar’. Nos quadros, as sentenças estão separadas em três grupos: no primeiro, foram

colocadas aquelas em que o lugar introduzido pela preposição pode ser entendido como o Alvo do movimento; no segundo, estão as sentenças nas quais a preposição parece introduzir a localização do movimento; finalmente, no terceiro grupo, exclusivo do *corpus* contemporâneo, estão as sentenças em que a interpretação da figura introduzida pela preposição poder ser tanto a de Alvo, quanto de Lugar do movimento:

Primeiro *corpus*:

| | |
|-----------------------|--|
| A
L
V
O | (329) ... correu logo à imprensa todo revoltado contra ...
(330) ... uma faca de ponta, e fê-lo correr para uma casa vizinha...
(331) ... aos golpes da cruenta e insaciavel parca, rolou para o sepulcro ...
(332) ... meu pensamento que muitas vezes me deixa voa para junto de ti ... |
| L
U
G
A
R | (333) ... acaba de sossobrar-se no mesmo rio, rolando em suas ondas ... |

Quadro 13: Alvo vs. Lugar nas construções com ‘correr’, ‘rolar’ e ‘voar’ - *Corpus 1*

Segundo *corpus*:

| | |
|-----------------------|---|
| A
L
V
O | (334) Os primeiros bombeiros (...) que correram ao local...
(335) ...recomendou que os assalariados corram ao supermercado...
(336) ... bateu o escanteio e correu na área para cabecear... ¹⁵⁵
(337) ... O cara correu na bola, disputou ela com o goleiro ...
(338) ... (...) correu na prefeitura para pedir seu tombamento...
(339) ... ele rolou [a bola] no buraco deixado pela defesa alvinegra...
(340) ... Evair rolou para Zinho, que chutou; a bola desviou na zaga...
(341) ... não ser apanhado, deixei o canto e corri para a varanda ... |
| L
U
G
A
R | (342) ... corre na própria sacada (“para ativar circulação e mente”)...
(343) ... O lateral-direito (...) foi o único a correr no gramado no final ...
(344) ... A bola rolou no gramado do estádio ... |

¹⁵⁵ É importante notar que o uso das cores verde e vermelho é proposital e visa maior clareza: tanto nesses exemplos, quanto nos corpora etiquetados, as ocorrências inovadoras em que a preposição ‘em’ pode ser associada a ALVO estão marcadas em verde. Paralelamente, as ocorrências ambíguas entre ALVO e LUGAR estão marcadas em vermelho.

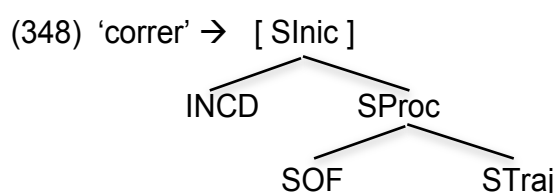
| | |
|---------------------------------|---|
| A
M
B
Í
G
U
O | (345) ... Corri na varanda com o piso molhado, levei um tombo...
(346) ... O funcionário correu na água e caiu no gelo ...
(347) ... Me levou pro Sumaré, me mandou correr no mato e atirou... |
|---------------------------------|---|

Quadro 14: Alvo vs. Lugar nas construções com ‘correr’, ‘rolar’ e ‘voar’ - *Corpus 2*

Ao observarmos estes dados, podemos notar que as ocorrências das preposições ‘a’ e ‘para’ correspondem ao esperado, levando-se em conta as análises que fizemos até aqui. A preposição ‘em’, contudo, parece mais uma vez, introduzir o lugar-alvo do movimento em determinadas construções. Embora na análise da seção anterior tal fenômeno não tenha se configurado como um problema, pois os verbos em questão já codificavam o traço ALVO, na presente situação, os verbos não codificariam nem RES, nem ALVO, de acordo com nossas avaliações iniciais. Estes contextos se configuram, desta forma, como argumento para o posicionamento já mencionado de que ‘em’ seria um exemplo de sincretismo entre ALVO e LUGAR no PB.

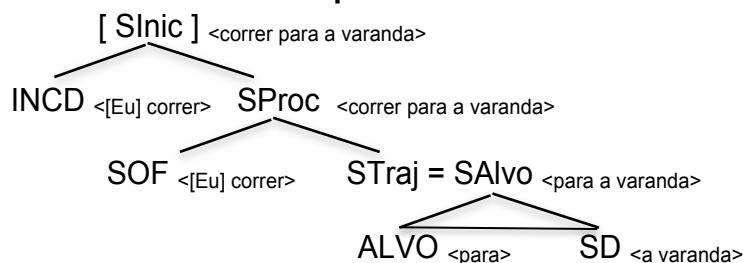
No entanto, como partimos da hipótese de que ‘em’ segue sendo uma preposição exclusivamente locativa, precisamos nos perguntar o que estaria permitindo a presente interpretação peculiar. Inicialmente, poderíamos modificar nossa hipótese inicial e sugerir, seguindo os outros trabalhos, que a preposição ‘em’ estaria passando por uma mudança e que estaria sendo associada ao sentido de ALVO no PB atual. Como vimos na seção anterior, porém, este não parece ser o caso. Além disso, não encontramos nenhum outro indício, nos usos da preposição ‘em’, que sugiram um sentido de ALVO. Sua associação com este conceito parece ser tão somente restrita aos contextos em que o verbo em si já codificaria tal noção.

Deste modo, tal cenário parece indicar que a resposta mais óbvia esteja na estrutura codificada pelos próprios verbos do tipo ‘correr’ e ‘rolar’. Relembremos a estrutura que inicialmente associamos a esses itens:

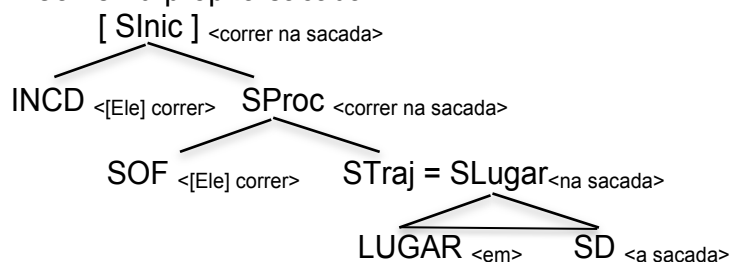


De acordo com a análise proposta na Seção 3.2, verbos de movimento do tipo INIC-PROC-TRAJ licenciam qualquer preposição para introduzir o alvo ou o lugar do deslocamento codificado pela raiz verbal. Assim, caso a preposição utilizada codificasse ALVO(-LUGAR), o espaço introduzido pela preposição seria interpretado como o ponto final do deslocamento. Por outro lado, caso a preposição codificasse o sentido de LUGAR, o espaço introduzido pela preposição seria interpretado como o lugar onde o deslocamento aconteceu por completo, ou seja, onde começou e terminou. E este é o quadro que observamos nos dados dos Séc. XVIII e XIX, analisados anteriormente, e com os exemplos abaixo, retirados do segundo *corpus*:

(349) ... deixei o canto e **corri para** a varanda ...



(350) ... **corre na** própria sacada...



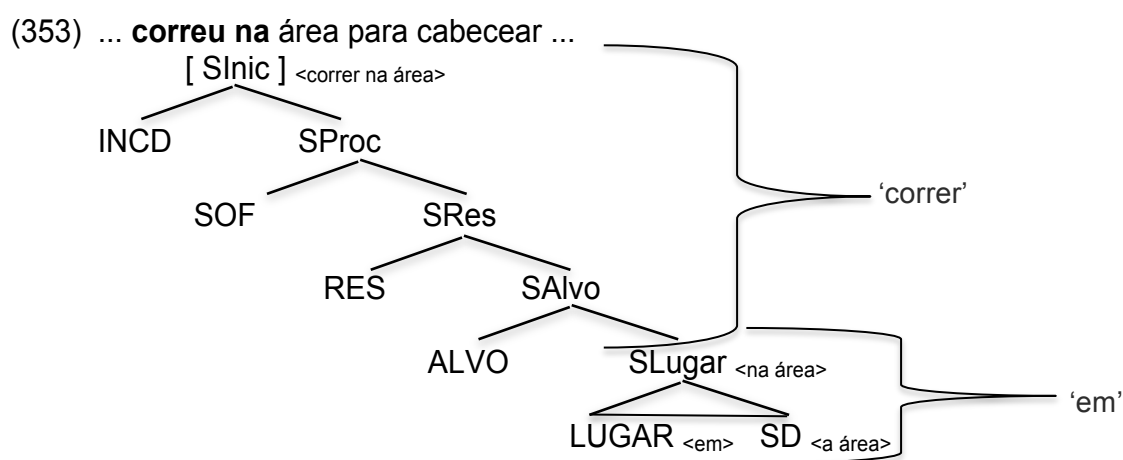
Interessantemente, embora alguns usos tenham se mantido estáveis, o cenário parece não ser mais tão simples assim. Temos, desta forma, nos dados do segundo *corpus*, dois novos fenômenos que possibilitam interpretações inusitadas. Primeiramente, encontramos casos em que a preposição 'em' parece codificar, sem sombra de dúvidas, o ALVO do movimento de verbos que, sozinhos, não codificariam ALVO:

(351) ... **correu na** bola, disputou ela com o goleiro ...

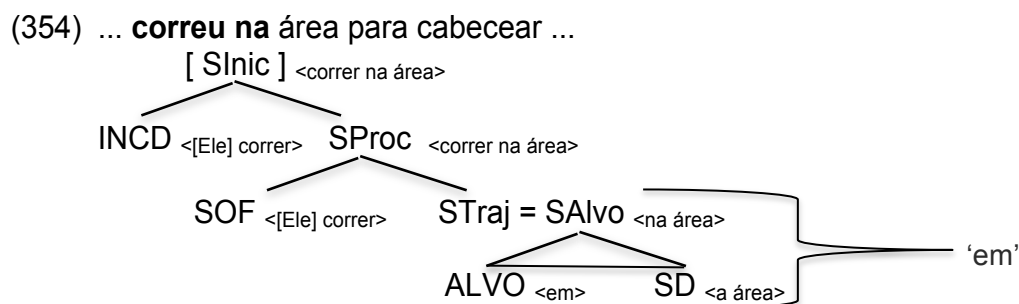
Além disso, há os casos em que a leitura não parece ser tão clara, mesmo levando em conta o contexto. Ou seja, a localização introduzida pela preposição poderia ser interpretada como o espaço onde o deslocamento acontece ou o ponto final do deslocamento:

(352) ... **Corri** na varanda com o piso molhado, levei um tombo...

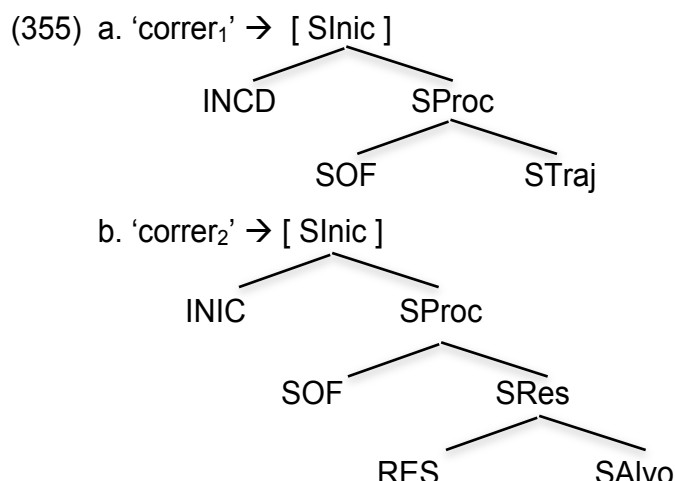
Mais uma vez, estamos diante de um possível caso de Reanálise. Todavia, tendo estabelecido que a preposição 'em' não possui estrutura ambígua e tão somente codifica a estrutura SLugar, a mudança provavelmente teria acontecido na nanoestrutura associada aos próprios verbos. Lembremos que, em nossa análise inicial, os verbos do tipo 'correr' e 'rolar' demonstraram ter um comportamento semelhante àquele de 'andar' e 'caminhar'. No entanto, nos casos de (292) a (293), poderíamos sugerir que a estrutura dos verbos do tipo 'correr' e 'rolar' teria a configuração abaixo, idêntica à do verbo 'ir':



Note-se que, não sendo este o caso, seríamos obrigados a associar o sentido de ALVO ao item 'em', possibilidade que não é comprovada em nenhum outro contexto de uso desta preposição:

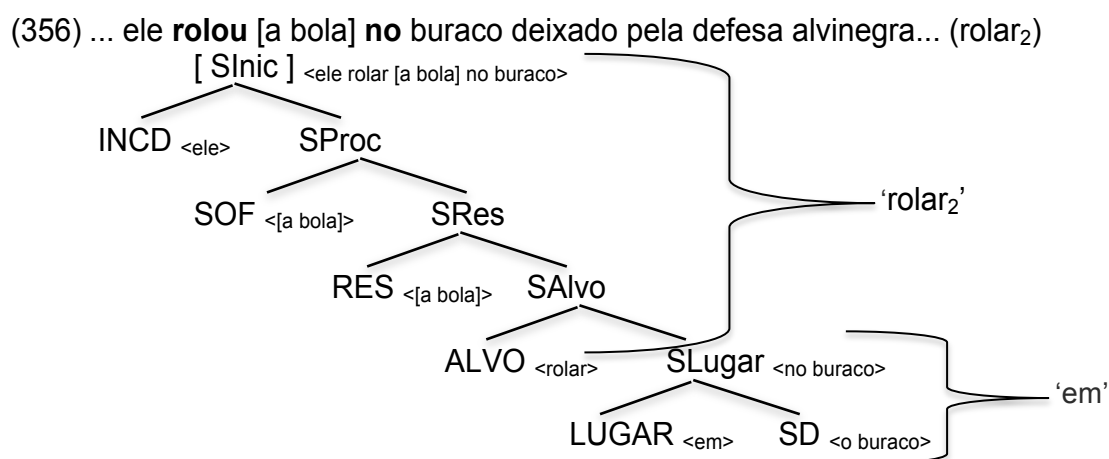


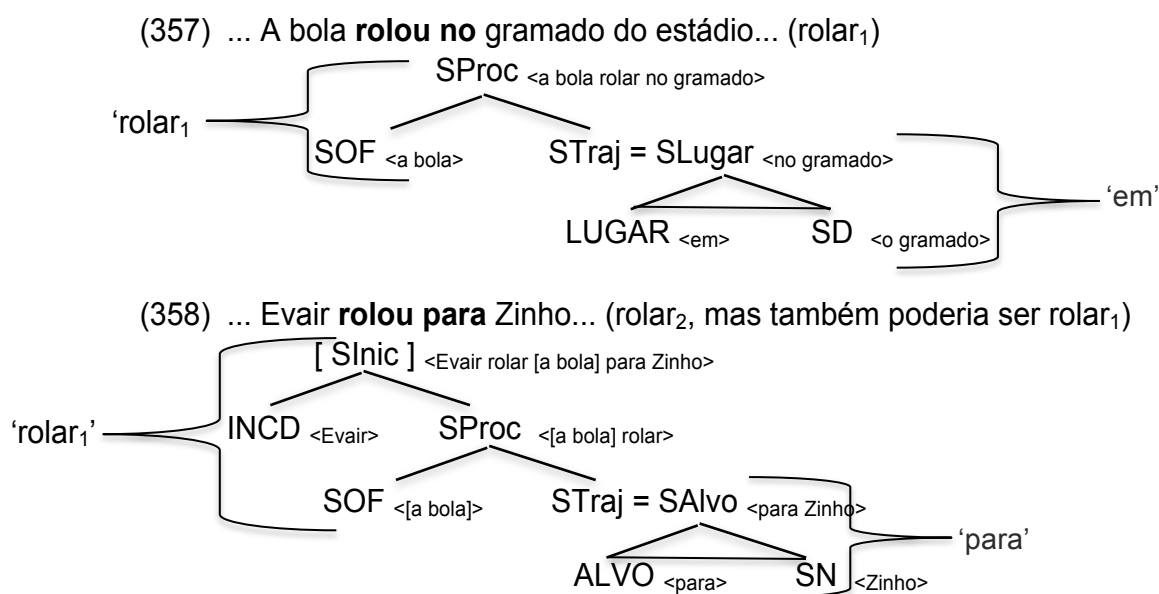
Consequentemente, estamos diante de uma situação em que o verbo estaria sendo associado a duas nanoestruturas. Portanto, ao assumir que duas estruturas podem ser codificadas pelos verbos do tipo 'correr' e 'rolar', estamos admitindo que o léxico do PB possuiria dois itens lexicais distintos, mas homônimos:



Assim, precisaríamos explicar como o segundo verbo teria “ganhado” tal estrutura. Levando em conta as análises anteriores e os princípios do presente sistema, poderíamos conjecturar que a Reanálise teria acontecido da seguinte maneira: (a) ao observar o paralelo das estruturas sintáticas de superfície de construções como ‘ir para’ e ‘correr para’ (estas são, de fato, as construções mais frequentes no segundo *corpus*), um(a) falante poderia concluir que o item ‘correr’ carregue a mesma estrutura que o verbo ‘ir’ em PB. Neste caso, o(a) falante em questão acabaria por associar a estrutura SALvo da preposição ‘para’ à estrutura codificada pelo item verbal ‘correr’. Conseqüentemente, como este novo item passaria a carregar em sua estrutura o sentido implícito de ALVO, ou seja, ponto final do deslocamento, toda sua configuração seria reanalisada para carregar as projeções SRes-SALvo. Assim, o traço RES seria associado a este novo item em decorrência de o sentido de ALVO estar codificado dentro do lexema verbal.

Logo, apesar de sintaticamente termos a mesma estrutura, nanossintaticamente, teríamos as configurações abaixo para os exemplos a seguir:





Para justificar o posicionamento aqui adotado, i.e., a existência de dois verbos ‘correr’ codificando partes distintas da Hierarquia Funcional-Conceitual Universal, acredito que devemos retomar a argumentação de Beavers (2008, 2010), Levin & Rappaport-Hovav (2008) e Levin, Beavers & Tham (2009) apresentada na Seção 2.3.3. Como já vimos, é verificado translinguisticamente que o comportamento dos tradicionais verbos de maneira de movimento é tão complexo, porque estes itens têm a potencialidade de codificar tanto a maneira (constituente modificador da função ACT), quanto o resultado de um verbo de movimento.

Além disso, é preciso recordar o princípio da distribuição complementar de raízes de maneira vs. resultado. Neste sentido, o fato de uma raiz codificar as noções de RESULTADO-ALVO impõe interpretações bastante diretas e generalizantes para o comportamento daquele item. Especificamente, se a raiz verbal codificar RES-ALVO, o alcance da localização resultante do movimento não pode ser relativizado. Assim, na sentença (359), é possível inferir que o ALVO pode não ter sido alcançado, pois este traço também estaria dentro da preposição ‘para’, e não no verbo:

(359) Corri_[INIC-PROC-TRAJ] para_[ALVO] a porta, mas caí no meio do caminho.

Na sentença (360), inversamente, o traço ALVO, como especificação de uma propriedade do traço RES, estaria dentro do item ‘correr’, e não na preposição, forçando a interpretação de que o lugar introduzido por esta deve, necessariamente, ser entendido como o ponto final resultante do movimento denotado pelo verbo:

(360) *Corri_[INIC-PROC-RES] na_[LUGAR] janela, mas cai no meio do caminho.

Em resumo, em termos nanossintáticos, estaríamos dizendo que um item ‘correr’ codificaria somente os traços INIC-PROC-TRAJ, enquanto um item homônimo codificaria INIC-PROC-RES-ALVO. Assim, a depender da configuração que a sintaxe construir, um dos dois itens seria selecionado para lexicalização sintagmática. É possível entender, portanto, por que temos duas interpretações disponíveis para as sentenças ambíguas. Primeiramente, é importante perceber que, mesmo havendo duas leituras possíveis para as sentenças ambíguas, uma interpretação exclui a outra. Ou seja, as duas interpretações não podem ser admitidas ao mesmo tempo, pois uma contradiz a outra.

Esta evidência, portanto, além de corroborar a existência de dois itens distintos, refina a proposta de Levin & Rappaport-Hovav (2008) e Levin, Beavers & Tham (2009) de que, embora uma raiz possa carregar os sentidos de maneira e de resultado, é impossível que ela acomode ambos em uma mesma situação de uso. Isso implica que, com mais informações sobre o contexto, eventualmente, o(a) ouvinte será capaz de selecionar a melhor estrutura para interpretar e decidir que item está efetivamente sendo usado para codificar a construção.

Levando todos estes fatos em consideração, pode-se concluir que para os dois sentidos de ‘correr’ co-existirem no PB atual, duas Reanálises foram necessárias: uma Reanálise aconteceu e expandiu os contextos em que a preposição ‘em’ poderia ser usada para introduzir o ALVO de verbos de movimento direcionado. Ao mesmo tempo, alguns verbos de maneira, como os verbos ‘correr’ e ‘rolar’, começaram a ser associados à estrutura [INIC-PROC-RES-ALVO], devido ao paralelismo nos seus contextos de superfície com construções como ‘ir para’ (‘correr para’, ‘rolar para’, ‘voar para’, etc).

Como já mencionado anteriormente, as motivações para esta Reanálise fogem ao escopo deste trabalho. Pode-se conjecturar que a frequência de expressões como ‘ir correndo para’ também possam ter influenciado a associação da estrutura de ‘correr’ para incluir SRes-SALvo. Além disso, o aumento do uso do verbo ‘ir’ com a preposição ‘em’ faz com que construções como ‘ir correndo no’ tornem-se mais frequentes, o que pode levar à associação de ‘correr em’ com o sentido de ALVO.

Embora estas sejam apenas especulações, ainda assim é importante registrar uma ressalva: seja qual for a motivação e o correto caminho da mudança, ela parece acontecer de item a item. Isto é, classes como “verbos de maneira de movimento” ou “verbos de trajetória” não parecem refletir a real riqueza de possibilidades de uso que os

verbos de movimento licenciam. Para concluir esta análise, observaremos os itens ‘descer’ e ‘subir’, exemplares de mais uma fina nuance no comportamento dos verbos de movimento.

6.3.5 Verbos ‘descer’ e ‘subir’

Nesta última seção de análise, vamos examinar os casos dos verbos ‘descer’ e ‘subir’. Nos dados contemporâneos, este pequeno grupo de verbos também parece se comportar ora como um verbo INIC-PROC-TRAJ, ora como um verbo INIC-PROC-RES. Essa variação, contudo, poderia ser mais uma instância do que foi proposto na seção anterior: temos dois itens de superfície que são homônimos. Nas sentenças abaixo, retiradas do segundo *corpus*, estamos observando instâncias de ‘subir₁’ (INIC-PROC-TRAJ):

- (361) Algumas substâncias (...) **sobem na atmosfera**, atingindo a camada de ozônio.
- (362) A água foi **subindo, subindo, até** a altura de seu pescoço .
- (363) O câmbio **não parou de subir** desde o começo do ano, influenciado pela política de minibandas do Governo .
- (364) Os juros estão caindo lá fora e a Bolsa de Nova Iorque há 10 anos que **sobe sem parar**.
- (365) Nahum **subiu a Pedra da Gávea** junto com outros 21 adolescentes...

Na sentença (361), o evento é indeterminado e o espaço introduzido pela preposição é interpretado como o LUGAR onde o movimento acontece, não o ALVO deste. Em (362), somente a preposição ‘até’ impõe um limite a um movimento que, aparentemente, não teria ponto final. Lembremos, neste caso, que esta preposição é frequentemente usada para impor um limite ou culminação a eventos que possuem um ponto final que não pode ser codificado pela raiz verbal utilizada. Nos exemplos (363) e (364), por sua vez, o movimento não parece ter chegado ao fim e continua se desenvolvendo. Finalmente, em (365), a trajetória expressa pelo verbo parece ser quantificada pelo complemento nominal ‘a Pedra da Gávea’, da mesma forma que se observa com argumentos incrementais: ‘comer a maçã’, ‘correr a maratona’ etc.

Por outro lado, nos exemplos abaixo, temos a impressão de estar observando ocorrências de verbos resultativos, i.e., itens que codificam para além do PROCESSO, o RESULTADO de uma trajetória de mudança:

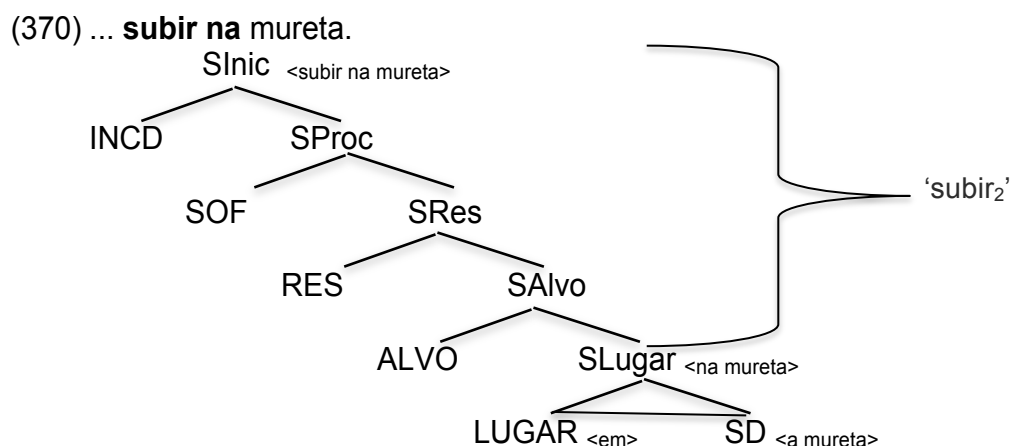
- (366) Depois, teria tirado os sapatos e **subido na** mureta de 98 centímetros que separa um pequeno banheiro do resto da cela...
- (367) O ego do sociólogo-presidente vai **subir às** nuvens.
- (368) “Ainda tentei arrombar a porta e **subi para** a laje” (...).
- (369) ...muitas empresas fazem propostas que não pretendem honrar, apenas para **subir o preço** de um filme e prejudicar um concorrente.

A interpretação de que tais verbos estariam codificando eles mesmos a noção de ALVO, como é o caso dos verbos ‘ir’ e ‘vir’, é reforçada pela grande frequência da preposição ‘em’ introduzindo ALVO do movimento. Contudo, exemplos como (369), mesmo não denotando eventos de deslocamento espacial, também validam tal leitura, uma vez que o SD complemento sofre uma mudança escalar como resultado da trajetória análoga a um movimento espacial que é codificada pelo verbo, e termina em uma posição resultante diferente da inicial.

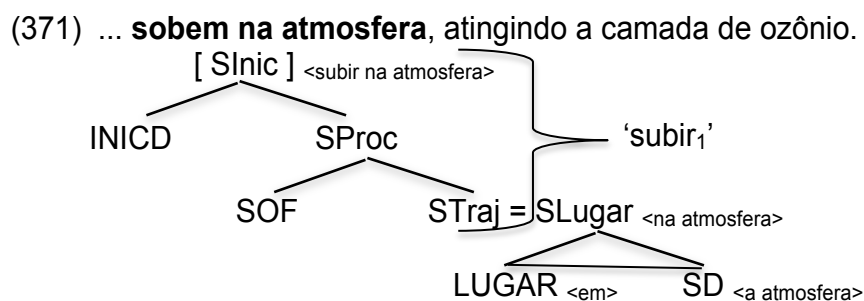
Tendo em vista o retrato que temos diante de nós, é possível concluir que, assim como os verbos do tipo ‘correr’ e ‘rolar’ acima, devido às suas duas estruturas nanossintáticas, estes verbos carregariam em si a potencialidade de se combinar tanto com estruturas de evento que carreguem o PROCESSO do deslocamento, quanto com estruturas de evento que carreguem o RESULTADO. Portanto, novamente, a peculiaridade do comportamento dos verbos de movimento não se encontraria no fato de um codificar Maneira ou Trajetória/Resultado de movimento, mas sim na sua possibilidade de condicionar tanto PROC-TRAJ quanto PROC-RES-ALVO.

Resta-nos entender porque certos verbos (‘ir’, ‘vir’, ‘entrar’, ‘chegar’ etc) não parecem ser tão flexíveis quanto os verbos analisados nestas duas últimas seções. No caso dos tradicionais verbos de maneira de movimento, acredito que seja a complexidade da configuração espacial dos eventos de movimento em questão que permite distintas formas de lexicalização dos variados conceitos envolvidos. Já no caso dos verbos ‘subir’ e ‘descer’, o que parece estar permitindo a sua flexibilidade seria uma noção de Escala de mudança envolvida no tipo de movimento que estes itens codificam.

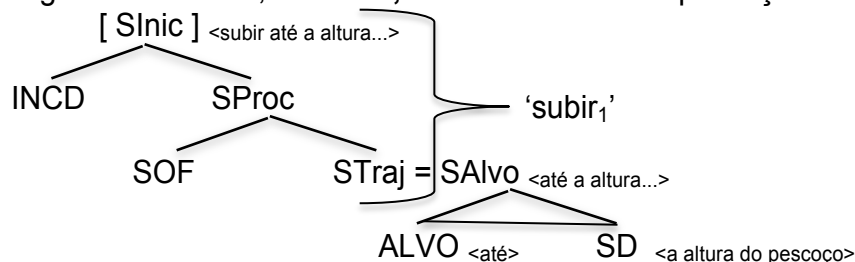
A possibilidade ou não de uma leitura que interprete a trajetória codificada pelo verbo como uma sequência de pontos em uma escala parece estar diretamente ligada à presença ou não de RES. Assim, quando o evento construído pela sintaxe possuir uma projeção SRes, a interpretação disponível para o lugar introduzido pela preposição que acompanha os itens ‘subir’ e ‘descer’ será pontual e não implicará na existência de pontos intermediários na trajetória de movimento:



Paralelamente, caso a sintaxe construa um evento sem RES, ainda assim os verbos ‘subir₁’ e ‘descer₁’ poderiam se combinar com a estrutura criada para lexicalizar a construção. E embora suas estruturas de superfície pareçam idênticas com os itens ‘subir₂’ e ‘descer₂’, a sutil distinção na nanoestrutura codificada pelos mesmos itens fará com que a interpretação de tais sentenças seja sistematicamente distinta e previsível. Portanto, nos casos abaixo, os complementos introduzidos pelas preposições são interpretados como o espaço onde o deslocamento acontece ou como um ponto em uma trajetória de movimento que pode ser entendida como uma escala de mudança:

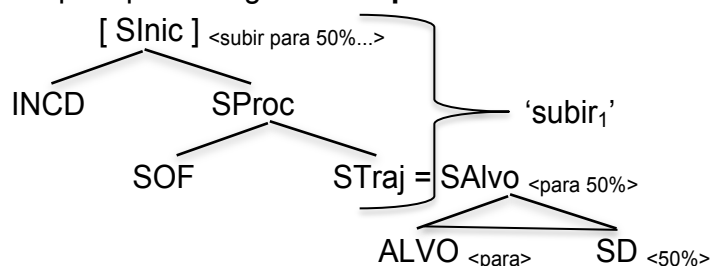


(372) A água foi **subindo, subindo, até a altura** de seu pescoço .



Para ampliar o número de evidências, observemos, também, o exemplo abaixo, que representa uma ocorrência amplamente mais frequente dos verbos 'descer' ou 'subir' com a preposição 'para':

(373) No Brasil, os charter representam apenas 4 % do mercado, enquanto na Europa a percentagem **sobe para** 50 %.



Novamente, na interpretação da sentença acima, a noção de RESULTADO parece estar ausente, implicando, de forma muito clara, que o complemento introduzido pela preposição deve ser interpretado como um ponto em uma escala ao longo da trajetória de movimento expressa pelo verbo, escala esta que não termina na localização introduzida pela preposição.

Considerando, então, a flexibilidade dos verbos deste grupo, além da mudança nos contextos em que a preposição 'em' passou a ser aceita, nomeadamente, para introdução da localização do ponto final resultante de um deslocamento, podemos entender a mudança ocorrida no quadro abaixo:

| | | | | |
|-------------------|-------|--------|------------------------|--------|
| <i>Corpus 1 :</i> | | | | Total: |
| DESCER | a: 2 | em: 0 | para: 0 | 2 |
| SUBIR | a: 5 | em: 1 | para: 1 | 7 |
| <i>Corpus 2 :</i> | | | | Total: |
| DESCER | a: 11 | em: 31 | para: 26 | 68 |
| SUBIR | a: 50 | em: 40 | para: 1 ¹⁵⁶ | 91 |

Quadro 15: Frequências dos verbos ‘descer’ e ‘subir’ : *corpus 1 e 2*

Como já mencionado, a comparação entre os resultados do primeiro *corpus* e aqueles do segundo deve ser interpretada de forma relativa, tendo em vista a diferença na natureza e tamanho das duas fontes. Ainda assim, podemos perceber que o item ‘em’ teve um considerável aumento na sua frequência de uso para expressão do ALVO do deslocamento espacial concreto denotado por esses verbos, em comparação com as outras preposições.

Curiosamente, enquanto a preposição ‘para’ ganhou força na expressão do ALVO do deslocamento introduzido pelo verbo ‘descer’, as construções com o verbo ‘subir’ parecem ainda dar preferência à preposição ‘a’. Tal fenômeno reforça, deste modo, a proposta de que os contextos que aceitam a preposição ‘a’ codificando o sentido de LUGAR final de um deslocamento de fato sofreram mudança na gramática de muitos falantes. Ao mesmo tempo, quando estes verbos são usados em construções que codifiquem o ALVO de um movimento abstrato ao longo de uma escala, novamente a preposição ‘para’ é preferida, apresentando centenas de ocorrências no *corpus* contemporâneo analisado, que ficaram de fora desta análise pelos motivos já mencionados.

6.4 Síntese das mudanças semânticas ocorridas no português brasileiro

Nas últimas quatro seções, apresentei o exame de quatro possíveis configurações nanossintáticas codificadas por diferentes itens do PB. A partir desta discussão, é possível concluir que

- 1) O item ‘em’ não sofreu mudança de sentido nos dois últimos séculos e codifica a estrutura LUGAR-AXIAL.

¹⁵⁶ Os verbos ‘subir’, ‘descer’ e ‘cair’ acompanhados de um SD com o sentido de escala ou quantidade (“subir para 11%” ou “cair para a terceira posição”) foram encontrados em centenas de ocorrências cada.

- 2) Os itens 'para' e 'a' parecem estar se especializando em contextos mais abstratos e, em muitos casos, deixam de fora da lexicalização o seu traço LUGAR. Contudo, a análise dos dados coletados para essa tese não me permite sugerir que estes itens tenham modificado sua estrutura conceitual para carregar somente o traço de ALVO, tendo em vista que a desassociação de traços é prevista pelo sistema, especialmente em contextos de competição para inserção. Assim, ambos codificam a estrutura ALVO-LUGAR.
- 3) Os itens 'entrar' e 'sair' codificam a estrutura INIC-PROC-RES-ALVO-LUGAR-AX no PB e também não sofreram mudanças nos seus sentidos na passagem dois dois últimos séculos.
- 4) Os itens 'ir' e 'vir' parecem codificar no PB a estrutura INIC-PROC-RES-ALVO. Dados de ambos os *corpora* corroboram essa hipótese.
- 5) Os itens 'caminhar', 'andar', 'nadar' (entre muitos outros verbos tradicionalmente referidos como de maneira de movimento) codificam a estrutura INIC-PROC-TRAJ e também não sofreram mudanças nos seus sentidos na passagem dois dois últimos séculos.
- 6) Finalmente, os verbos 'subir', 'descer' e alguns verbos de maneira de movimento, como 'correr', 'rolar' e 'voar' parecem ter sofrido mudanças de sentido e, conseqüentemente, se suas estruturas nanossintáticas. A Reanálise da estrutura destes itens levou ao surgimento de dois itens homônimos no PB atual: um primeiro, codificando a estrutura do grupo acima, INIC-PROC-TRAJ; e um segundo item codificando a estrutura dos verbos de movimento direcionado, INIC-PROC-RES-ALVO.

O debate apresentado, além disso, ajudou a comprovar que a teoria nanossintática, associada às propostas da Semântica Conceitual, permite, de forma simples e elegante, explicar o aparente caos observado nos dados do PB. Deste modo, a grande riqueza de construções constatada translinguisticamente é explicada pelas diferenças sutis na forma das estruturas de itens lexicais específicos em uma língua específica. Nas considerações finais, voltarei a abordar essa hipótese.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

7.1 PERCURSO EMPREENDIDO

Para iniciar este capítulo, relembremos o percurso da discussão desenvolvida nesta tese. Depois de apresentada uma síntese da pesquisa, iniciamos nosso trajeto, no Capítulo 2, com a análise de diferentes teorias que propõem um tratamento para a tradicional “classe” dos verbos de movimento, dividindo esse grupo, por vezes, em verbos de maneira de movimento, por um lado, e verbos de movimento direcionado, por outro. Foi possível verificar, assim, que grande parte das teorias disponíveis na literatura sempre encontra um ou outro empecilho para o tratamento dos verbos de movimento.

Neste sentido, verificamos que as tradicionais classificações (verbos transitivos vs. intransitivo ou inergativos vs. inacusativos, por exemplo) encontram limites no seu poder explicativo quando observamos alguns dados empíricos de variação do PB. Principalmente, tais propostas não nos fornecem subsídios para explicar o fenômeno de alternância (anti)causativa que alguns verbos (‘descer’, ‘subir’, ‘voar’, ‘saltar’, ‘entrar’, por exemplo) parecem licenciar. Igualmente, observamos que uma abordagem semântica lexicalista que classifica raízes verbais entre aquelas que codificam maneira vs. resultado precisa lançar mão de motivações não semânticas, mas pragmáticas, para tratar dos casos irregulares.

Por estes motivos, busquei teorias alternativas que pudessem dar conta dos dados empíricos, ao mesmo tempo em que tivessem força explanatória e que pudessem fornecer uma explicação semântica para os fenômenos analisados. Assim, apresentei e discuti as teorias que embasam esta análise ao longo do Capítulo 3. Buscando aproximar a Semântica Conceitual e a Nanossintaxe, propus que os significados dos itens lexicais que expressam movimento e deslocamento espacial poderiam ser decompostos em traços conceituais finos ordenados e restringidos por uma Hierarquia Funcional-Conceitual Universal.

Para a Semântica Conceitual, tal Hierarquia é estabelecida a partir dos primitivos amplamente discutidos e confirmados translinguisticamente, levando-se em conta teorias linguísticas cognitivas e pesquisas de outros campos da cognição, como percepção, visão e memória. Paralelamente, para a proposta nanossintática, cada um destes conceitos ocuparia a posição de núcleo funcional. Além disso, adotei a proposta de Ramchand (2008a) de que haveria um único módulo sintático-semântico que operaria

sobre os núcleos funcionais-conceituais e seus argumentos (que também seriam constituintes de categorias conceituais), seguindo princípios sintáticos tradicionalmente aceitos e independentemente motivados.

Outro ponto a destacar é o fato de que a noção de hierarquia é crucial em ambas as teorias que embasam o presente trabalho. Como a Hierarquia impõe restrições na ordem de organização dos primitivos conceituais, ela também impõe restrições para as operações sintáticas e os princípios de lexicalização sintagmática (seleção e inserção) previstos pela Nanossintaxe. Ainda, e talvez mais importante, é a proposta de que esta Hierarquia seja universal, i.e., ela seria reflexo de nossa Estrutura Conceitual (Jackendoff 1983, 1990). A riqueza e diversidade que observamos nos dados de superfície das línguas naturais, portanto, poderiam ser interpretadas como uma consequência das distintas formas e mecanismos que as línguas têm para empacotar partes desta Hierarquia dentro dos itens de seu léxico, observados determinados princípios e mecanismos sintáticos.

Levando em consideração que o modelo nanossintático é uma proposta bastante recente na literatura linguística (e pouco divulgado no Brasil), tendo se desenvolvido, principalmente, nos últimos dez anos, dediquei o Capítulo 4 para a apresentação de suas propostas principais. Desta forma, vimos que, para além da Hierarquia Funcional Universal, o princípio de adjacência (Princípio *ABA), o Princípio do Superconjunto, a restrição de movimento motivado pela forma dos itens lexicais e o Princípio de Lexicalização Sintagmática Cíclica são centrais para a teoria. Tendo concluído a primeira parte da tese, que apresentava o embasamento teórico da análise aqui proposta, iniciei a Parte II do trabalho.

Na segunda parte, então, revisei propostas de diferentes quadros teóricos que têm um objetivo em comum: todas buscam elucidar os princípios e mecanismos que controlam as mudanças linguísticas diacrônicas. Nesta tarefa, encontrei no mecanismo tradicionalmente referido como Reanálise uma possível explicação para as mudanças observadas nos itens lexicais que expressam movimento e deslocamento no PB. Vale destacar, então, que se considerarmos que tal mecanismo funciona da forma como foi proposto nesta tese, ele se alinha perfeitamente com os fenômenos de ambiguidade estrutural ao longo da Hierarquia Funcional-Conceitual já previstos pelas teorias nanossintática e semântico-conceitual, além de explicar os casos de falso sincretismo que encontramos nas pesquisas linguísticas desta linha. Logo, propus que a Reanálise seria um dos

mecanismos centrais pautando a consolidação de uma análise levemente incorreta na associação de um traço conceitual a um item lexical. Tal fenômeno gera, conseqüentemente, uma mudança no léxico e na gramática individual de um(a) falante-ouvinte do PB.

Em síntese, a proposta de mudança sob Reanálise concebida neste trabalho pode ser delineada assim: a partir de contextos de ambigüidade estrutural, o(a) falante que possui, em seu léxico, um item com a nova estrutura (levemente diferente daquela que outros falantes possuem) passa a usá-lo em contextos sintáticos e semânticos que antes não seriam permitidos. Esses novos usos, por sua vez, geram *input* diferente para outros(as) falantes e podem culminar na motivação para novas Reanálises. Finalmente, como os fenômenos de ambigüidade estrutural são balizados pela Hierarquia Funcional-Conceitual Universal, obrigatoriamente, a Reanálise é restringida por ela.

Enfim, para comprovar esta hipótese, analisei, ao longo do Capítulo 6, dados empíricos organizados em dois *corpora* distintos: um primeiro *corpus* reunindo sentenças com verbos de movimento e as preposições ‘a’, ‘em’ e ‘para’ retiradas de textos dos Séc. XVIII-XIX, e outro reunindo sentenças retiradas de textos do final do Séc. XX e início do Séc. XXI. Esta discussão confirmou que a Reanálise restringida pela Hierarquia Funcional-Conceitual pode ser um mecanismo fundamental na regulação do epifenômeno de mudança linguística denominado semantização. Apresentarei na próxima seção uma síntese dos resultados encontrados.

7.2 RESULTADOS DA (RE)ANÁLISE

A partir das análises desenvolvidas nos Capítulos, 2, 3 e 6, foi possível verificar que os itens verbais podem ser divididos em três grupos diferentes. Alguns deles sofreram mudança ao longo dos dois últimos séculos e outros não. Foi possível concluir que os verbos ‘entrar’ e ‘sair’, por exemplo, codificam a estrutura INIC-PROC-RES-ALVO-LUGAR-AX no PB e não sofreram modificações nesta configuração de acordo com os dados analisados. Da mesma forma, as estruturas funcionais-conceituais dos verbos ‘ir’ e ‘vir’ (INIC-PROC-RES-ALVO) não se modificaram do Séc. XVIII para cá.

Dentre a “classe” dos verbos que são tradicionalmente denominados como de maneira de movimento, encontramos dois grupos com comportamentos distintos. No primeiro grupo, constituído pelos itens ‘caminhar’, ‘andar’, ‘nadar’, encontram-se os itens que codificam a estrutura INIC-PROC-TRAJ e que também não sofreram mudanças nos

seus sentidos. Finalmente, no segundo grupo, em que se encontram os verbos ‘subir’, ‘descer’ e alguns verbos de maneira de movimento, como ‘correr’, ‘rolar’ e ‘voar’, descobrimos itens que parecem ter sofrido mudanças de sentido e, conseqüentemente, de suas estruturas nanossintáticas. Minha hipótese é de que a Reanálise da estrutura destes itens levou a uma mudança que culminou no surgimento de dois itens homônimos no PB atual: um primeiro, codificando a estrutura do primeiro grupo - INIC-PROC-TRAJ - e um segundo item codificando a estrutura tradicionalmente associada aos verbos de movimento direcionado - INIC-PROC-RES-ALVO.

No domínio do SP, foi possível averiguar que o item ‘em’, de fato, não sofreu mudança de sentido nos dois últimos séculos e codifica a estrutura LUGAR-AXIAL. Esta hipótese contesta a maioria dos trabalhos sobre mudança semântica das preposições realizados no Brasil na última década. Ao mesmo tempo, verificou-se que, sim, os itens ‘para’ e ‘a’ parecem estar se especializando em contextos mais abstratos e, em muitos casos, no processo de lexicalização sintagmática, deixam de fora o seu traço LUGAR. Diferentemente da primeira hipótese, essa constatação vai ao encontro da maioria das pesquisas recentes que sugerem que tais itens, no PB, estejam se especializando em contextos semânticos mais abstratos (DE JESUS, 2012; BERLINCK, 2011; WIEDEMER, 2013; entre outros). Contudo, a análise dos dados coletados para essa tese não me permite afirmar que estes itens tenham modificado sua estrutura conceitual para carregar somente o traço de ALVO, tendo em vista que a desassociação de traços é prevista pelo sistema. Assim, proponho que tanto ‘a’, como ‘para’ continuam codificando a estrutura ALVO-LUGAR e não sofreram mudança.

A discussão e análise apresentadas permitiram comprovar que a associação da teoria nanossintática com as propostas da Semântica Conceitual possibilita, de forma simples e elegante, explicar a diversidade de construções que denotam movimento e deslocamento espacial no PB. Finalmente, esta comprovação levou à verificação de uma última hipótese importante: tratar o comportamento sintático e semântico de verbos e preposições a partir de classes definidas por um único traço conceitual não nos leva aos resultados corretos. Dentro da presente abordagem, a variação pode ser melhor entendida se assumirmos que as possíveis classes verbais/lexicais são formadas a partir da associação de uma estrutura nanossintática a um determinado item lexical. Deste modo, a grande riqueza de construções observada translinguisticamente é explicada pelas diferenças sutis na forma das estruturas de itens lexicais específicos em uma determinada língua.

Evidentemente, estas análises não concluem tudo que se poderia verificar, teórica e empiricamente a partir da riqueza de dados do PB. Considerando que muitas questões ficaram sem respostas, tentarei apontar alguns possíveis caminhos de investigação que motivarão a continuidade desta pesquisa.

7.3 CAMINHOS PELA FRENTE

A meu ver, a primeira questão que mereceria mais investigação seria a possível direção da mudança: seria ela determinada para cima ou para baixo da Hierarquia? No que concerne aos sentidos espaciais, aparentemente, as mudanças estão direcionadas da base para o topo, a partir da perda possibilitada pela desassociação de traços mais baixos na estrutura. Outra questão central diz respeito ao limite (ou não), no tamanho das estruturas codificadas pelos itens lexicais. Esta hipótese, por sua vez, tem relação com outra que poderia explicar o desaparecimento (ou gramaticalização) de determinados itens. Isto é, talvez fosse possível prever que quanto mais sentidos, e conseqüentemente mais traços/projeções, são associados a um item lexical, com mais contextos sintáticos ele pode ser combinado - Princípio do Superconjunto -, aumentando seu uso e suas chances de passar por uma nova Reanálise. Ao mesmo tempo, quanto mais projeções forem sendo associadas à sua entrada lexical, mais este item corre o risco de perder a competição para inserção devido à quantidade de traços sobressalentes - Princípio Minimize Subassociação. Este último movimento poderia resultar, assim, na extinção de um item em uma determinada língua.

É importante observar, neste sentido e mesmo que brevemente, que o Princípio da Subassociação tem duas versões dentro da Nanossintaxe, uma mais branda e outra mais radical. Na versão mais radical, defendida por Ramchand (2008b) como a principal restrição para seleção e combinação na construção de predicados complexos, um item somente pode deixar subassociadas as suas projeções mais altas, respeitando a harmonização semântica dos traços. Na versão mais branda, qualquer projeção poder ficar desassociada, contanto que se respeite o Princípio da Adjacência. Assim, um item poderia deixar seus traços mais baixos de fora de uma combinação, contanto que fossem contíguos. Foi esta segunda versão que adotei para explicar a variação das preposições 'a' e 'para', muito embora o Princípio na sua forma mais radical explique grande parte dos fenômenos de seleção de preposição que observamos nos dados analisados.

Finalmente, mereceriam atenção as motivações linguísticas que poderiam “facilitar” a Reanálise. Um exemplo desta questão seria a necessidade de verificação da frequência de construções como ‘ir correndo’, ‘entrar voando’, ‘sair rolando’, ‘vir pulando’ etc, que poderiam ter influenciado a Reanálise de alguns verbos de movimento no PB. Infelizmente, por questão de tempo, esta verificação não pôde ser realizada. Espero, contudo, ter apresentado uma proposta para o tratamento dos verbos e preposições do PB que seja relevante tanto teórica, quanto empiricamente.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, L. **A Causativização de verbos inacusativos**. Relatório Final de Iniciação Científica, Faculdade de Letras- UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

BEAVERS, J. On the nature of goal marking and delimitation: Evidence from Japanese. **Journal of Linguistics**, v. 44, n. 2. Cambridge University Press, 2008. p. 283-316.

BERG, M.B. Relações predicativas das preposições. **Revista da ABRALIN**, v.8, n.2, p. 101-116, jul/dez. 2009. Disponível em: <<http://www.abralin.org/site/data/uploads/revistas/2009-vol-8-n-2/marciabarretoberg.pdf>>. Acesso em: 10 jan 2017.

BERLINCK, R.A. "Dirigiu-se para a sede social da Elite Flor da Liberdade" e "ofereceu um banquete aos visitantes": sobre a variação das preposições em complementos verbais." **Revista Diadorim**, v. 8, p. 287-305. 2011. Disponível em: <<http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br/index.php/revistadiadorim/article/view/199>>. Acesso em: 10 jan 2017.

BERTINETTO, P. M. On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: the perfective-telic confusion. **Semantic Interfaces: Reference, Anaphora and Aspect**. Stanford: CSLI Publications, 2001. p. 177-210. Disponível em: <http://linguistica.sns.it/QLL/QLL00/PMB_misunderstandings.pdf>. Acesso em: 10 jan 2017.

BORER, H. **In name only**. New York: Oxford University Press on Demand, 2005.

BURZIO, L. **Italian syntax: A government-binding approach**. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1986.

BYE, P. & SVENONIUS, P. Non-concatenative morphology as epiphenomenon. In: TROMMER, J. (Ed.). **The Morphology and Phonology of Exponence**. Oxford Scholarchip Online, 2011. p. 427-495.

CAHA, P. Case movement in PPs. **Nordlyd**, v. 34, n. 2, p. 240-299. 2007.

CAHA, P. The case hierarchy as functional sequence. In: RICHARDS, M. & MALCHUKOV, A. L. (Eds.). **Scales**. LINGUISTISCHE ARBEITS BERICHTE 86, p. 247-276, Universität Leipzig. 2008. Disponível em: <http://www.uni-leipzig.de/~asw/lab/lab86/LAB86_Caha.pdf>. Acesso em: 10 jan 2017.

CAHA, P. **The nanosyntax of case**. Tese de Doutorado. 334 f. University of Tromsø, Tromsø. 2009.

CAHA, P. **Spell-out (Morphosyntax)**. Bruxelas, Bélgica, 7-11 abril 2014. Minicurso ministrado na First Glow Spring School (GSS1): 'Theories in Dialogue'. Generative Linguistics in the Old World - GLOW 37.

CANÇADO, M. Argumentos: complementos e adjuntos. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 53, n. 1, p. 35-59. 2009. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1676>>. Acesso em 10 jan 2017.

CANÇADO, M. Hierarquia Temática: uma proposta para o PB. **Revista Letras**, v. 61, p. 17-44. 2003..

CANÇADO, M. Uma aplicação da teoria generalizada dos papéis temáticos: verbos psicológicos. **Revista do GEL** - Número Especial: em memória de Carlos Franchi, p. 93-125. 2002. Disponível em:
<<https://revistas.gel.org.br/rg/article/viewFile/178/154#page=86> >. Acesso em: 10 jan 2017.

CANÇADO, M. Verbos psicologicos: uma classe relevante gramaticalmente? **Veredas - Revista de Estudos Linguísticos**, v. 16, n. 2, p. 1-19. 2012. Disponível em:
<<https://veredas.ufff.emnuvens.com.br/veredas/article/view/140>>. Acesso em: 10 jan 2017.

CASTILHO, A. T. A Gramaticalização. **Estudos lingüísticos e literários**, v. 19, p. 25-64. 1997.

CASTILHO, A.T. Análise multissistêmica das preposições do eixo transversal no português brasileiro. n: RAMOS, J.; ALCKMIM, M. (Org.). **Para a história do português brasileiro**, Vol. V. Estudos sobre mudança linguística e história social. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

CASTILHO, A.T. O problema da gramaticalização das preposições no Projeto Para a História do Português Brasileiro. **Estudos linguísticos XXXIII**, v. 33, p. 982-988. 2004. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudos-linguisticos/edicoes.php> >. Acesso em: 10 jan 2017.

CASTILHO, A.T. Proposta funcionalista de mudança linguística: os processos de lexicalização, semanticização, discursivização e gramaticalização na constituição das línguas. In: LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO Z.; ALMEIDA, N. (Org.). **Para a história do português brasileiro - Vol. VI**: novos dados, novas análises. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 223-296.

CHOMSKY, N. **The minimalist program**. Cambridge, MA: MIT press, 1995.

CINQUE, G. Mapping Functional Structure: A project. In: CINQUE, G. **Functional structure in DP and IP**: The cartography of syntactic structures. New York: Oxford University Press, 2002. p. 3-14.

CINQUE, G. & RIZZI, L. **Mapping Spatial PPs**: The cartography of syntactic structures. Vol. 6. New York: Oxford University Press, 2010.

CIRÍACO, L. & CANÇADO, M. Inacusatividade e inergatividade no PB. **Cadernos de estudos linguísticos**, v. 46, n. 2, p. 207-225. 2004.

COLLINS, A. M. & QUILLIAN, M. R. Retrieval time from semantic memory. **Journal of Memory and Language**, v. 8, n. 2, p. 240-247, April. 1969.

COMRIE, B. The antiergative: Finland's answer to Basque. **Proceedings from the Annual Meeting of the Chicago - CLS 11**. 1975. p.112-121.

COROA, M.L.M.S & LIMA, S. Recategorização, semantização e discursivização na trajetória de gramaticalização do onde. **Via Litterae**, v. 5, n. 2, p. 307-333. 2013.

CULICOVER, P. W. & JACKENDOFF, R. **Simpler syntax**. New York: Oxford University Press, 2005.

CYRINO, S. M. L., PAULA, J.; BARRICHELO, F. F. **Cartas não-oficiais – Curitiba, Paraná**. CD-rom. 2004.

DE JESUS, H.M. A variação de preposições com o verbo ir de movimento em comunidades rurais do semiárido baiano. **Entrepalavras**, v. 2, n. 1, p. 306-325. 2012. Disponível em: <<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/57>>. Acesso em: 10 jan 2017.

DOWTY, D. Thematic proto-roles and argument selection. **Language**, 67, p. 547-619 1991.

DOWTY, D. **Word Meaning and Montague Grammar: The Semantics of Verbs and Times in Generative Semantics and in Montague's PTQ**. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1979.

ESCHER, M.C. **Ascending and descending**. Litografia. 1960. Disponível em: <http://www.mcescher.com/>. Acesso em 18 de abril de 2017.

ESCHER, M.C. **Waterfall**. Liografia. 1961. Disponível em: <http://www.mcescher.com/>. Acesso em 18 de abril de 2017.

ECKARDT, R. **Meaning change in grammaticalization: an enquiry into semantic reanalysis**. New York: Oxford University Press, 2006.

FÁBREGAS, A. An argument for phrasal spell-out: Indefinites and interrogatives in Spanish. **Nordlyd**, v. 36, n. 1. 2009. p. 129-168.

FÁBREGAS, A. The exhaustive lexicalisation principle. **Nordlyd**, v. 34, n. 2, p. 165-199. 2007.

FERREIRA, T.L. & RAMMÉ, V. Causativização dos verbos de maneira de movimento no PB. In: IX Encontro do CELSUL, 2014, Chapecó. **Anais do CELSUL 2014**. Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul, 2014. p. 1-19.

FIGUEIREDO-SILVA, M.C. A perda do marcador dativo e algumas das suas conseqüências. In: CASTILHO, A.T.; TORRES MORAIS, M.A.; LOPES, R.E.V.; CYRINO, S.M.L. (orgs.) **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. Campinas: Pontes Editores, 2007. p. 85-110.

FILLMORE, C. Frame Semantics. In: **Linguistics in the morning calm**. Edição: The Linguistic Society of Korea. Seoul: Hashin Puclishing Co., 1982. p. 111-137

FILLMORE, C. J. The case for case. In: BAHC, E.; HARMS, R. (Eds.) **Proceedings of the Texas Symposium on Language Universals**. April. 1967. p.1-90. Disponível em: <<https://eric.ed.gov/?id=ED019631>>. Acesso em: 10 jan 2017.

FOLLI, R.; RAMCHAND, G. Prepositions and results in Italian and English: An analysis from event decomposition. In: Verkuyl, H. J.; DE SWART, H.; VAN HOUT, A. (Eds.). **Perspectives on aspect**, v. 35. Springer Netherlands, 2005. p. 81-105.

- FRANÇA, I.S. **Gramaticalização da preposição a e a interferência dos campos semânticos entre as preposições a, em e para**. Dissertação de Mestrado. 146 f. Salvador: UFBA, 2006.
- FRANCHI, C. & CANÇADO, M. Teoria generalizada dos papéis temáticos. **Revista de estudos da linguagem**, v. 11, n. 2, p.83-123. 2003.
- HALE, K. & KEYSER, S.J. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: HALE, K. & KEYSER, S.J. (Eds.). **The view from Building 20: Essays in linguistics in honor of Sylvain Bromberger**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1993. p. 53-109.
- JACKENDOFF, R. Your theory of language evolution depends on your theory of language. In: LARSON, R.K.; DÉPREZ, V.; YAMAKIDO, H. (Eds.). **The evolution of human language: Bilingual perspectives**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 63-72. Disponível em: <<http://ase.tufts.edu/cogstud/jackendoff/papers/languageevolution.pdf>>. Acesso em:
- JACKENDOFF, R. **Foundations of Language**. New York: Oxford University Press, 2002.
- JACKENDOFF, R. **Semantic Structures**. Vol. 18. Cambridge: MIT Press, 1990.
- JACKENDOFF, R. **Semantics and Cognition**. Cambridge: MIT Press, 1983.
- JACKENDOFF, R. **The architecture of the language faculty**. Cambridge: MIT Press, 1997.
- KENNEDY, C. The composition of incremental change. **Telicity, change, state: A cross-categorical view of event structure**, 2012, p. 103-121.
- KEWITZ, V. **Gramaticalização e semanticização das preposições A e PARA no Português Brasileiro (séculos XIX e XX)**. Tese de Doutorado. 210 f. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.
- KITTILÄ, S. Causativization as a detransitivizing device. In: **Poznań: Book of abstracts of the 37th Poznań Linguistic Meeting**, p.33-34. 2006. Disponível em: <http://wa.amu.edu.pl/plm_old/2006/plm_2006_abstracts.pdf>. Acesso em: 20 jan 2017.
- KITTILÄ, S. Causative morphemes as a de-transitivizing device: what do non-canonical instances reveal about causation and causativization? **Folia Linguistica**. v. 47, n. 1, p. 113–138. 2013.
- KRATZER, A. Severing the external argument from its verb. In: ROORYCK, J.; ZARING, L. (Eds.) **Phrase Structure and the Lexicon**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1996, p. 109-137.
- KRIFKA, M. The origins of telicity. In: Rothstein, S. (Ed.) **Events and Grammar**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1998. p. 197-235.
- KROCH, A. Syntactic Change. In: BALTIN, M. & COLLINS C. (Eds.). **The Handbook of Contemporary Syntactic Theory**. Malden, MA: Blackwell Publishers Ltd., 2001. p. 699-729. Versão disponível em <<http://people.umass.edu/roeper/711-05/kroch01%20diachronic-syntax-99.pdf>>. Acesso em: 10 jan 2017.

LEVIN, B. & PAPPAPORT-HOVAV, M. **Unaccusativity: At the syntax-lexical semantics interface**. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

LEVIN, B., BEAVERS, J. & THAM, S.W. Manner of motion roots across languages: Same or different. Trabalho apresentado no workshop **Roots: Word Formation from the Perspective of 'Core Lexical Elements'**. Universität Stuttgart, 2009. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/039b/f6d4ead0a77360467930da8f6c5a18d720ef.pdf>>. Acesso em 10 jan 2017.

LEVIN, B., BEAVERS, J. & THAM, S.W. The typology of motion expressions revisited. **Journal of Linguistics**, v. 46, n. 2, p. 331-377, july. 2010.

LIGHTFOOT, D. **The development of language: Acquisition, change, and evolution**. Malden, MA: Blackwell, 1999.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

MEILLET, A. **L'évolution des formes grammaticales**. Paris, 1912.

NIKITINA, T. Pragmatic factors and variation in the expression of spatial goals. **Syntax and Semantics of Spatial P**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 2008. P. 175-195.

OLIVEIRA, M. A perda da preposição a e a recategorização de lhe. In: 51º Seminário do GEL - UNITAU -Taubaté, 2003. **Estudos Linguísticos XXXIII**, 2004. p. 292-297. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudos-linguisticos/edicoes.php>>. Acesso em: 10 jan 2017.

PANTCHEVA, M.B. The syntactic structure of locations, goals, and sources. **Linguistics**, 48, n. 5, p. 1043-1081. 2010.

PANTCHEVA, M.B. **Decomposing Path : The Nanosyntax of Directional Expressions**. Tese de Doutorado. 301 f. University of Tromsø, Tromsø, 2011.

PERLMUTTER, D. M. Impersonal passives and the unaccusative hypothesis. In: BLS 4: General Session. **Annual meeting of the Berkeley Linguistics Society 38**, p.157-189. 1978. Disponível em: <<http://journals.linguisticsociety.org/proceedings/index.php/BLS/article/view/2198>>. Acesso em: 10 jan 2017.

PINKER, S. & JACKENDOFF, R. The faculty of language: what's special about it? **Cognition** v. 95, n. 2, p. 201-236. 2005.

PINKER, S. **Learnability and cognition: The acquisition of argument structure**. Cambridge, MA: MIT Press, 1989.

PLATAFORMA DO PROJETO PARA A HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO (PHPB). **Corpus Histórico do Português - PHPB**. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/corporaphpb/>>. Acesso em: 2 fev. 2017.

PLATAFORMA DO PROJETO AC/DC: CORPO NILC/SÃO CARLOS. **Corpus NILC/São Carlos**. Disponível em:

<<http://www.linguateca.pt/aceso/corpus.php?corpus=SAOCARLOS>>. Acesso em: 2 fev. 2017.

RAMCHAND, G. **Verb meaning and the lexicon: A first phase syntax**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008a.

RAMCHAND, G. Lexical items in complex predications: Selection as underassociation. **Nordlyd**, v. 35, n. 1, 2008b.

RAMCHAND, G. Minimalist semantics. In: BOECKX, C. (Ed.). **The Oxford Handbook of Linguistic Minimalism**. Oxford: Oxford University Press, 2011. pp. 449–471.

RAMCHAND, G.; SVENONIUS, P. Deriving the functional hierarchy. **Language Sciences**, v. 46, p. 152-174. 2014.

RAMMÉ, V. & WACHOWICZ, T.C. Análise da expressão do deslocamento no português brasileiro (PB) dentro da Nano-sintaxe: respostas para a variação. **Revista Veredas on-line: Sintaxe das línguas brasileiras**, v. 18, n. 1, p. 185-202. 2014.

RAMMÉ, V. **A expressão do deslocamento nas línguas naturais**. Dissertação de Mestrado. 144 f. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2012.

RAPPAPORT-HOVAV, M. & LEVIN, B. Reflections on manner/result complementarity. In: RAPPAPORT-HOVAV, M, DORON, E.; SICHEL, I. **Syntax, lexical semantics, and event structure**. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 21-38.

ROTHSTEIN, S. **Structuring Events: A Study in the Semantics of Lexical Aspect**. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

SILVA, C.R.T. & FARIAS, J.G. O fenômeno da inacusatividade no português: por uma análise léxico-sintática dos verbos do tipo ir e chegar. Edição: PPG LINGUÍSTICA/UFJF. **Revista Veredas on-line atemática**, v. 15, n.1, p. 1-15. 2011.

SOARES, E.C. & MENUZZI, S.M. Introduzindo e problematizando papéis temáticos e hierarquias temáticas: uma questão de interfaces. **Signo**, v. 35, n. n. 59, p. 13-43. 2010.

SON, N. & SVENONIUS, P. Microparameters of cross-linguistic variation: Direct motion and resultatives. In: ABNER, N.; BISHOP, J. (Eds.). **Proceedings of the 27th west coast conference on formal linguistics**. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2010. 388-396. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/07b6/c9b64242b8a94763a9a40d739e838bad4e8f.pdf>>. Acesso em 10 jan 2017.

SOUZA, L.M. **Comparativas quantitativas no português brasileiro: sintaxe e semântica**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2010.

STARKE, M. Nanosyntax: a short primer to a new approach to language. **Nordlyd**, v. 36, n. 1, p. 1-16. 2010.

STARKE, M. On the inexistence of specifiers and the nature of heads. In: BELLETTI, A. (Ed.). **Structures and Beyond: The Cartography of Syntactic Structures**. Oxford: Oxford University Press Inc., 2004. p. 252–268.

STARKE, M. **Towards an elegant solution to language variation: Variation reduces to the size of lexically stored trees**. Não publicado. 2011. Disponível em: <<http://ling.auf.net/lingbuzz/001183/current.pdf>>. Acesso em: 10 jan 2017.

SVENONIUS, P. Spatial P in English. In: CINQUE, Z.; RIZZI, L. (Eds.). **Mapping spatial PPs: The cartography of syntactic structures**, v. 6. 2010. p. 127-160.

TALMY, Leonard. Lexicalization patterns: Semantic structure in lexical forms. **Language typology and syntactic description**, v. 3, n. 99, p. 36-149, 1985.

TALMY, L. **Toward a cognitive semantics**. Cambridge: MIT Press, 2000.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Eds.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica. Homenagem a Fernando Tarallo**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 9-106.

TARUGOTT, E.C. & DASHER, R.B. **Regularity in semantic change**. New York: Cambridge University Press, 2004.

VENDLER, Z. Verbs and Times. **The Philosophical Review**, vol. 66, n. 2, p. 143-160, April. 1957.

WACHOWICZ, T.C. As leituras aspectuais da forma do progressivo do PB. **Revista Letras**, v. 58, p. 397-406. 2002. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/letras/article/view/18367>>. Acesso em 10 jan 2017.

WACHOWICZ, T.C. Telicidade e classes aspectuais. **Revista do GEL**, v. 5, n. 1, p. 57-68. 2008. Disponível em: <<https://revistadogel.emnuvens.com.br/rg/article/view/133>>. Acesso em: 10 jan 2017.

WACHOWICZ, T.C., e M.J. FOLTRAN. Sobre a noção de aspecto. **Cadernos de estudos linguísticos**, v. 48, n. 2, p. 211-232. 2006.

WIEDEMER, M.L. **Variação e gramaticalização no uso de preposições em contextos de verbos de movimento no português brasileiro**. Tese (Doutorado em Linguística). 250 f. UNESP, São José do Rio Preto, 2013.

ZWARTS, J. A hierarchy of locations: Evidence from the encoding of direction in adpositions and cases. **Linguistics**, v. 48, n. 5, p. 983-1009. 2010.

ZWARTS, J. Priorities in the production of prepositions. In: ASBURY, A.; DOTLACIL, J.; GEHRKE, B.; NOUWEN, R. (Eds.). **Syntax and Semantics of Spatial P**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 2008. p. 85-102.

APÊNDICES

Nos Apêndices I e II, as construções que expressam movimento ou deslocamento espacial estão destacadas em negrito e etiquetadas para ilustrar os traços associados a cada item lexical em cada construção. Para facilitar a verificação do(a) leitor(a), além disso, as sentenças que possibilitam leituras inovadoras ou incomuns estão marcadas em verde. Já aquelas que possibilitam interpretações ambíguas estão marcadas em vermelho.

1 APÊNDICE I: DADOS PHPB ETIQUETADOS

1.1 ANDAR

1.1.1 'Andar a': nenhuma ocorrência

Nenhuma ocorrência encontrada.

1.1.2 'Andar em'¹⁵⁷: 1 ocorrência

1 ...não sei; mas existe em nossa Província. **Anda**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **ar**_{LUGAR}, como um gnomo multiforme;

1CARredXIX2PR.txt

1.1.3 'Andar para': 1 ocorrência

1 ...e comecei a **andar**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **o hotel**_{ALVO-LUGAR}, a fim de trepar no baio e pôr-me de veréda para casa.

1CARleitorXIX2SP.txt

1.2 CAMINHAR

1.2.1 'Caminhar a': 1 ocorrência

1 ... só então nos poderemos regosijar com o dia 2 de Dezembro, o aniversário do rei, e **caminhar**_{INIC-PROC-TRAJ} **ao**_{ALVO-LUGAR} **Capitolio**_{ALVO-LUGAR} para render graças aos deuses, pela sua renovação.

3 CARredator XIX 2 PE.txt

1.2.2 'Caminhar em': nenhuma ocorrência

Nenhuma ocorrência encontrada.

1.2.3 'Caminhar para': 1 ocorrência

1 ...em fim, os tempos calamitosos estão passados, e a **nova província**_{INCD-SOF} livre de perseguições e injustiças **caminha**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO} **a felicidade**_{ALVO}.

1CARleitorXIX2PR.txt

¹⁵⁷ Construções excluídas: *andar em pé*, *andar em viagens*.

1.3 CORRER

1.3.1 'Correr a': 3 ocorrências

- 1 ... e, presentindo logo que havia sido roubado, chamou os soldados da guarda d'alfandega, e foi **correr**_{INIC-PROC-TRAJ} **á**_{ALVO-LUGAR} **sobredicta loja**_{ALVO-LUGAR}. Uma carteira que continha pouco mais ou menos 1:500\$ reis estava aberta...
1CARredatorXIX2BA.txt
- 2 **Um filho do Brazil**_{INCD-SOF} – que zangado pela injustiça que nos fazem alguns jornaes da Europa, **correu**_{INIC-PROC-TRAJ} logo **á**_{ALVO-LUGAR} **imprensa**_{ALVO-LUGAR} todo revoltado contra os estrangeiros residentes no Brazil, commettendo assim uma grande injustiça, por que os estrangeiros aqui residentes não podem ser responsaveis pelo que na Europa, em Montevidéo, ou outra qualquer parte praticam os seus compatriotas.
1CARleitorXIX2SP.txt
- 3 **O publico**_{INCD-SOF} que **corre**_{INIC-PROC-TRAJ} **ás**_{ALVO-LUGAR} **galerias**_{ALVO-LUGAR} fica admirado de ouvir em vez de discussões luminosas, feitas de um modo grave e serio, (...) – o sussurro das conversações...
1CARredatorXIX2BA.txt

1.3.2 'Correr em': nenhuma ocorrência

Nenhuma ocorrência encontrada.

1.3.3 'Correr para': 5 ocorrências

- 1 ...por fallar em alguns furtos do dito cabra o fora dezafiar a sua porta e coneffecto **o dito molato**_{INCD-SOF} **naõ corre**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **dentro de caza**_{ALVO-LUGAR} o [ilegível] mata com huma faca de ponta...
CARofiXVIII2BATâniaLobo.txt
- 2 D'aqui **correrei**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **o Rio**_{ALVO-LUGAR}, e quando vir que os nossos serviços vão sendo dispensave[i]s correrei ate lá...
1 CARparticular XIX 2 BAFeira.txt
- 3 O Sr. Dr. Aires dirá que não sabe donde partio o conflicto, porque estando ao pé da mesa no centro da igreja, quando **correo**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **o patamar**_{ALVO-LUGAR} já lavrava a desordem.
1CARredatorXIX2CE.txt
- 4 ... e **os moradores**_{INCD-SOF} da Villa a **correre**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **fóra**_{ALVO-LUGAR}, de sorte que hoje só se vê casas fechadas e avaguearem pelas ruas, soldados, feridos, nós e a se definharem de fome.
2 CARparticular XIX 2 BAFeira.txt
- 5 ... mas **o monstro**_{INCD} arremessou-se a elle com uma faca de ponta, e **fêl-o**_{SOF} **correr**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **uma casa visinha**_{ALVO-LUGAR}, onde escapou á sanha do malvado!
2AnunXIX2BAFeira.txt

1.4 DESCER

1.4.1 ‘Descer a’¹⁵⁸: 2 ocorrências

1 ... se deixam também arrastar, e **descem**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR} **combate**_{ALVO-LUGAR} n’esse terreno immundo...

Editoriais XIX 2 PB.txt

2 **Descendo**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR} **Commercio**_{ALVO-LUGAR} na 3^a feira soube não ter seguido como me disse, e por trez vezes o procurei no armazem do Motta e Silva e não o encontrei.

2 CARparticular XIX 2 BAFeira.txt

1.4.2 ‘Descer em’: nenhuma ocorrência

Nenhuma ocorrência encontrada.

1.4.3 ‘Descer para’: nenhuma ocorrência

Nenhuma ocorrência encontrada.

1.5 ENTRAR

1.5.1 ‘Entrar a’: nenhuma ocorrência

Nenhuma ocorrência encontrada.

1.5.2 ‘Entrar em’¹⁵⁹: 19 ocorrências

1 ...e para todo o refferido concedam ao [...] Juis a jurisdicção propria como tambem ade poder **entrar**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **em**_{LUGAR-AXIAL} **todo e qualquer destructo**_{ALVO-LUGAR} inda que seja dejurisdicção alheia...

CARofiXVIII2BATâniaLobo.txt

2 ... sahir o algodão em rama dos Portos do Brazil, **entrar**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **no** **[em]**_{LUGAR-AXIAL} **[o] de Lixboa**_{ALVO-LUGAR}, sahir deste da mesma forma, entrar nos Portos Estrangeiros, tornar a **entrar em**_{LUGAR-AXIAL} **Lixboa**_{ALVO-LUGAR} ...

CARparticular XIX 1 SP.txt

3 Disse-me que foi temeridade do Cezar **entrar**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **em**_{LUGAR-AXIAL} **Canudos**_{ALVO-LUGAR} sem discanso da força...

2 CARparticular XIX 2 BAFeira.txt

¹⁵⁸ Construções excluídas: *descer ao nível, descer ao pagode (falar do pagode)*

¹⁵⁹ Construções excluídas: *entrar em ação, entrar em uso, entrar em exercício, em questão, em uma discussão, em pormenores, em detalhes, em acordo, em linha, na lista, na nova candidatura, no caso, no Instituto (na facul)*

- 4 No domingo 22 do corrente ás onze horas da noite, vindo o *Senhor Ramou Zalduando do Bomfim*, ao **entrar**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **em**_{LUGAR-AXIAL} **casa**_{ALVO-LUGAR}, notou que dous degráos da escada, que fica sobre a sua loja de charutos, na rua d'Alfandega...
1CARredatorXIX2BA.txt
- 5 ...em marcha acelerada, ententou o Coronel Cezar **entrar**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **em**_{LUGAR-AXIAL} **Canudos**_{ALVO-LUGAR} custace o que custace;
2 CARparticular XIX 2 BAFeira.txt
- 6 ... durante 14 dias!!!![...] e ainda não puderam **entrar**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **em**_{LUGAR- AXIAL} **Canudos**_{LUGAR}, por haver falta de munição...
2 CARparticular XIX 2 BAFeira.txt
- 7 No primeiro caso fica aberto o Campo para os Portugueses a seu salvo fazerem o Contrabando, principalmente da Costa Oriental, quepos em vir Costiando o Brasil para os introduzir, e até **entrar**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **em**_{LUGAR-AXIAL} **seus Portos**_{ALVO-LUGAR} de arrebadá para refrescar, e fazer a venda a sua vontade...
9CARparticularXIX1Rumeu.txt
- 8 ... quando de huma verde planicie **se entra**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **em**_{LUGAR-AXIAL} **montanhas**_{ALVO-LUGAR} escabrosas.
18CARparticularXIX1págRJ.txt
- 9 **Quem**_{INCD-SOF-REST} **entrar**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **repartição**_{ALVO-LUGAR} do thesouro conhecerá que ali não existe moveis de luxo, a menos que lhe não dê nas vistas a fachada do edificio...
CARleitor XIX 2 PB.txt
- 10 Com Grande magoa **entrei**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **Igreja**_{ALVO-LUGAR} de S. Miguel...
1CARoficialXIX1PB.txt
- 11 Mostra-se, com a mesma uniformidade, que **entrando**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **curveta**_{ALVO-LUGAR} **trinta homens**_{INCD-SOF-REST} armádos, violentamente Conduziraõ ao mencionádo Joaõ da Costa Cirne (...) para bórdo do seu Navio;
CARofiXVIII2BATâniaLobo.txt
- 12 ... pois desde 3 de Fevereiro tomo café no Java todas as noutes - Como brevemente **entrarei**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **[prova] oral**_{ALVO-LUGAR} que me falta, vim antes para ver se havia alguma differença e estar prevenido para o que dêsse e viêsse...
CARparticular XIX 2 SP.txt
- 13 ... e para que **tem entrado**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **Hespanha**_{ALVO-LUGAR} **perto de duzentos mil Franceses**_{INCD-SOF-REST}, e todos os dias estaõ desfilando para quem dos Pirineus...
1CARoficialXIX1PB.txt
- 14 Vós mesmos confessaes, que **essa gente**_{INCD-SOF-REST} vinha reunida **entrar**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **cidade**_{ALVO-LUGAR}, e perguntamos, qual é a policia taõ negligente...
1CARredatorXIX1CE.txt
- 15 A Derrocada que falla sempre em nome do povo desprotegido, do povo perseguido, do povo sem protecção, nao pode calar-se ao ver **entrar**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL}

sede_{ALVO-LUGAR} de suas officinas o typo da caridade, do bom amigo, do verdadeiro christão. Por isso, em nome desse povo agradecido comprimenta ao **recem-**chegado e a sua excelentíssima familia.

1CARredXIX2MG.txt

- 16 Só se vendo para bem avaliar a confusão e o temor que de nós se apoderou porque o alferes que veio primeiro, parece-me que mesmo ao **entrar**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **villa**_{ALVO-LUGAR}, julgava ouvir tropellar atras de si legiões de **carigés**...

2 CARparticular XIX 2 BAFeira.txt

- 17 ... ordenado a imposição do direito de oitenta réis por tonelada em cada navio de coberta, nacional e estrangeiro, que **entra**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **no**_{LUGAR-AXIAL} **porto**_{ALVO-LUGAR} do Recife, para ser aplicado às obras do mesmo porto.

CARoficial XIX 1 PE.txt

- 18 ... outenta reis por tonelada em cada Navio de Coberta, assim Nacional, como estrangeiro, que **entrar**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **no**_{LUGAR-AXIAL} **porto**_{ALVO-LUGAR} do Recife de Pernambuco...

CARoficial XIX 1 PE.txt

- 19 Por motivos de força maior demorei um pouco a **entrar**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} com o dinheiro_{SOF-REST} **no**_{LUGAR-AXIAL} **banco**_{ALVO-LUGAR}, pelo que peço-te desculpas...

CARparticular XIX 2 SP.txt

1.5.3 'Entrar para'¹⁶⁰: 8 ocorrências

- 1 *A' quem compete, justiça por caridade! O escrivão Antonio Thomé*_{INCD-SOF-REST} já **entrou**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **a fazenda**_{ALVO-LUGAR} provincial com a quantia de 120\$ réis de decimas do inventario em que é inventariante José de Souza Roslino?

1 CARleitor XIX 2 SC.txt

- 2 ... qualquer pessoa que o prender leve-o a Rua do Rangel, sobrado da esquina do lado esquerdo, **entrando**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o beco**_{ALVO-LUGAR} do Carcereiro, que será bem recompensado.

1AnunXIX1PE.txt

- 3 ...escandalosamente desfruta **dinheiros**_{INCD-SOF-REST} que **devião entrar**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **os cofres**_{ALVO-LUGAR} publicos;

1CARleitorXIX2MG.txt

- 4 Vossa Excelência deve lembrar-se que estamos ao factod os negocios do commissariado do exercito no Rio Grande do Sul sobre 3:523:427\$720 réis de economias feitas pelo commissario o Senhor Antonio Candido Gomes da Silva, cuja **quantia**_{SOF-REST} **entrou**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **os cofres**_{ALVO-LUGAR} publicos.

1CARredatorXIX2RJ.txt

- 5 Lá foi **um oficial francês**_{INCD-SOF-REST}, chamado Lucien, que **entrou**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o gabinete**_{ALVO-LUGAR} de Rubião, segundo as ordens dadas ao criado. Quincas Borba, Machado de Assis. Resultados da procura NILC ENTRAR.txt

¹⁶⁰ Construções excluídas: *entrar para o ministério*

6 Paguei o imposto predial, e **entrei** INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL com 450#000 SOF-REST **para** ALVO-LUGAR-AXIAL **o banco** ALVO-LUGAR, o restante está em meu poder para quando quizeres é só escrever;...

CARparticular XIX 2 SP.txt

7 Dirijo - te esta como vehiculo de um amistosissimo amplexo por arredondares hoje a conta de mais uma primavera. [espaço] E te será esta a ultima !.... **para** ALVO-LUGAR-AXIAL **o anno** ALVO-LUGAR **entrarmos** INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL quasi juntos no Outonno da vida !....

CARparticular XIX 2 SP.txt

1.6 IR

1.6.1 'I r a': 27 ocorrências

1 - Espalha-se, que **foi** INIC-PROC-RES-AVO **ao** ALVO(-LUGAR) **chefe de Policia** ALVO quezar-se o dos Morancó.

2 CARparticular XIX 2 BAFeira.txt

2 ... a convite do mesmo Senhor Costa **foi** INIC-PROC-RES-AVO **ao** ALVO-LUGAR **Hospital Portuguez de Beneficiencia** ALVO-LUGAR...

1CARleitorXIX2PE.txt

3 Hontem me participou Guinaebaud que esperava do Rio huma Charrua, que endireitara **vai** INIC-PROC-RES-AVO **á** ALVO-LUGAR **França** ALVO-LUGAR, que n'ella vai hum Francez, que foi seu secretario;

1 CARparticular XIX 1 BAFeira.txt

4 Presente esta representação á camara municipal, deliberou ella que **o fiscal fosse** INIC-PROC-RES-AVO **ao** ALVO-LUGAR **logar** ALVO-LUGAR e que examinando desse informação...

1CARleitorXIX2SP.txt

5 Li mais um consta que **o Vianna vai** INIC-PROC-RES-AVO **ao** ALVO-LUGAR **Rio** ALVO-LUGAR e de lá a São Paulo, e que será o substituto de Campos Salles;

2 CARparticular XIX 2 BAFeira.txt

6 Apenas almoçei, tornei à sair, **fui** INIC-PROC-RES-AVO **ao** ALVO-LUGAR **mercado** ALVO-LUGAR, onde soube que o Senhor Patrao...

1AnunXIX1SC.txt

7 **Fui** INIC-PROC-RES-AVO **á** ALVO-LUGAR **Festa do Rio das Ostras** ALVO-LUGAR com Tio Torquato e Tia Coroca e gostei muito do lugar, achei a festa muito bonita, muito bôa, só senti que acabou se tão depressa.

CARparticular XIX 2 SP.txt

8 O general Oscar, depois que aqui chegou vindo de Queimadas **foi** INIC-PROC-RES-AVO com espaço de poucos dias **ao** ALVO-LUGAR **Cumbe** ALVO-LUGAR, quando voltou foi a Queimadas, e depois desse ultimo regresso de novo foi ao Cumbe;

2 CARparticular XIX 2 BAFeira.txt

9 Remetido do Ministro, da fazenda para este pedir a graça ao Imperador, este conseda de pois **vai** INIC-PROC-RES-AVO **a** ALVO-LUGAR **Assembleia** ALVO-LUGAR para sancionar, a ley e depois **vai** INIC-PROC-RES-AVO **ao** ALVO-LUGAR **Senado** ALVO-LUGAR, para fazer o mesmo,

- sansionada seja a ley das camaras, **vai**_{INIC-PROC-RES-ALVO} outra vez **ao**_{ALVO-(LUGAR)} **Imperador**_{ALVO} para paçar o decreto...
CARparticular XIX 1 MG.txt 9
- 10 Tal é a opinião, de **muita gente** que nunca **foi**_{INIC-PROC-RES-AVO} **á**_{ALVO-LUGAR} **Coimbra**_{ALVO-LUGAR}, mas que tem no coração um pouco de patriotismo e no encéphalo um pouco de razão e de bom senso.
1CARredatorXIX2RJ.txt
- 11 Hoje **fui**_{INIC-PROC-RES-AVO} **ao**_{ALVO-LUGAR} **banco**_{ALVO-LUGAR} e creditei mais 450#000, aluguel de 2 casas, o Lebeis este mez ainda não pagou.
CARparticular XIX 2 SP.txt
- 12 O abaixo assignado declara que, tendo o **Sr. Antonio Francisco Rammos ido**_{INIC-PROC-RES-AVO} **ao**_{ALVO-LUGAR} **seu estabelecimento**_{ALVO-LUGAR} de molhado á rua da Ponte, de ordem do Sr. José Vicente de Lima..
CARleitor XIX 2 PB.txt
- 13 ... fóra, se levantava um lufar de ventos **fui**_{INIC-PROC-RES-AVO} **á**_{ALVO-LUGAR} **sacada**_{ALVO-LUGAR}, em pelle, banhei-me intensamente na noite.
Cartas pessoais XIX2 SC.txt
- 14 Apenas sahi do quartel, **fui**_{INIC-PROC-RES-AVO} **á**_{ALVO-LUGAR} **casa**_{ALVO-LUGAR}, e, tomando a casada, dirigi-me á residencia do **Excelentíssimo Senhor** presidente para expor-lhe o que me acabava de succeder;...
1CARleitorXIX1RJ.txt
- 15 Hontem á tarde quando sahi do meu serviço de pedreiro das obras do palacio, **fui**_{INIC-PROC-RES-AVO} **á**_{ALVO-LUGAR} **fabrica**_{ALVO-LUGAR} do **senhor** Miguelista Guelmi comprar, como costume, os meus charutos.
1CARleitorXIX2SP.txt
- 16 Se preciso sahir a **qualquer** viagem por curta que seja, **fui**_{INIC-PROC-RES-AVO} **á**_{ALVO-LUGAR} **Canudos**_{ALVO-LUGAR} confiar a Antonio Conselheiro o numero de praças aqui existentes...
2 CARparticular XIX 2 BAFeira.txt
- 17 ALLERTA!!! ALLERTA!!! **Vamos**_{INIC-PROC-RES-AVO} **á**_{ALVO-LUGAR} **casa da rua da Carioca**_{ALVO-LUGAR} **número** 14, (Pinto Porto) comprar ricas fazendas de todas as qualidades chegadas ultimamente do Rio de Janeiro pelos preços quasi iguaes ao desse lugar.
1Anun2PR.txt
- 18 **O Sr. Fonceca**, negociante estabelecido nesta praça, só **vai**_{INIC-PROC-RES-AVO} **ao**_{ALVO-LUGAR} **Recife**_{ALVO-LUGAR} tratar dos seus negocios.
CARleitor XIX 2 PB.txt
- 19 ...e porque vi passava do tempo necessario **fui**_{INIC-PROC-RES-AVO} **ao**_{ALVO-LUGAR} **lugar**_{ALVO-LUGAR} para onde se tinha resguardado, e achei ao dito Piloto com hum lapes na maõ escrevendo em hum papel que logo imdiatamente o guardou dentro de huma carteira...
1CARoficialXVIII2PE.txt
- 20 **Fui**_{INIC-PROC-RES-AVO} **ao**_{ALVO-LUGAR} **Monte Santo**_{ALVO-LUGAR}, (covil de defuntos) e fiquei tão aterrado que rezolvi voltar incontinente...
2 CARparticular XIX 2 BAFeira.txt

- 21 **Fui**_{INIC-PROC-RES-AVO} **ao**_{ALVO-LUGAR} **certáo**_{ALVO-LUGAR} forçado, mais assim me herá percizo em vista da falta de agoas *que* havia; dei as providencias e voltei logo.
2 CARparticular XIX 2 BAFeira.txt
- 22 ...no dia 20 quando **fui**_{INIC-PROC-RES-AVO} **ao**_{ALVO-LUGAR} **Timbó**_{ALVO-LUGAR} embarquei-me com o Pai d'elle e este disse-me estar elle em casa, e na minha volta no dia 22, o vi na janella e disse-lhe adeos, mesmo do trem.
2 CARparticular XIX 2 BAFeira.txt
- 23 ... eu **fui**_{INIC-PROC-RES-AVO} **ao**_{ALVO-LUGAR} **Pombal**_{ALVO-LUGAR} tractor da quelle negocio damatrico...
2 CARparticular XIX 2 BAFeira.txt
- 24 **Fui**_{INIC-PROC-RES-AVO} **ao**_{ALVO-LUGAR} **Jose Luis**_{ALVO-LUGAR} logo que recebi sua carta e com elle conversei sobre o Felis...
2 CARparticular XIX 2 BAFeira.txt
- 25 ... antes disto **fui**_{INIC-PROC-RES-AVO} **ao**_{ALVO-LUGAR} **velho Borges**¹⁶¹_{ALVO-LUGAR} para ver se o Felis tirava o gado e elle Borges nada poudendo arranjar...
2 CARparticular XIX 2 BAFeira.txt
- 26 Quatro são as injustiças accusações do Pahybano ao Sr. Fonseca; 1.^a (...); 4.^a finalmente que, quando **vai**_{INIC-PROC-RES-AVO} **á Pernambuco**, anda occulto e de noite.
CARleitor XIX 2 PB.txt
- 27 Diz o calumniador que o Sr. Fonseca, quando **vai**_{INIC-PROC-RES-AVO} **á Pernambuco**_{ALVO-LUGAR}, anda occulto e de noite... Miseravel, que nem ao menos sabe cohonestar a sua mentira e calumnia... !!
CARleitor XIX 2 PB.txt
- 1.6.2 'Ir em'¹⁶²: 2 ocorrências
- 1 ... a ultima vez que **fui**_{INIC-PROC-RES-AVO} **na**_{LUGAR} **vossa loja**_{LUGAR} foi quando fui lhi pagar 900 res que divia comprei um lenco a vista e nada mas.
CARparticular XIX 2 MG.txt
- 2 **Eu a minha vou**_{INIC-PROC-RES-AVO} **no**_{LUGAR} **Jardim**_{LUGAR} beijar a mão a minha Madrinha...
CARparticular XIX 1 MG.txt
- 1.6.3 'Ir para': 29 ocorrências
- 1 ... o Atual Diretor Francisco Antonio da Silveira que se dis **foi**_{INIC-PROC-RES-AVO} **para**_{ALVO-LUGAR} **essa cidade**_{ALVO-LUGAR} e naõ tendo as chaves do Cofre que precisaua para...
CARofiXVIII2BATâniaLobo.txt
- 2 ... no mez de Março deste anno em que **foi**_{INIC-PROC-RES-AVO} **para**_{ALVO-LUGAR} **Cairú**_{ALVO-LUGAR} na semana de Lazaro, ahi esteve a Semana Sancta, e na de Pascho ella veio para esta Villa...

¹⁶¹ "Velho Borges" pode ser interpretado como a pessoa (ALVO) ou sua casa (LUGAR-ALVO).

¹⁶² Construções excluídas: *ir em caminho do cimitério*

CARofiXVIII2BATâniaLobo.txt

3 ... este que ultimamente Servia acabado o tempo da ultima Provizaõ do Seu Provido **foi**_{INIC-PROC-RES-AVO} **para**_{ALVO-LUGAR} **essa cidade**_{ALVO-LUGAR}, abandonou o Cartorio, e ficou a Villa sem Escrivam algum...

CARofiXVIII2BATâniaLobo.txt

4 ...naõ queriaõ que **Joaõ Carlos**_{INCD-SOF-REST} **fosse**_{INIC-PROC-RES-AVO} **para**_{ALVO-LUGAR} **o Rio**_{ALVO-LUGAR...}

CARparticular XIX 1 SP.txt

5 Depois que o **Senhor Alfredo Vasconcellos**_{INCD-SOF-REST} **foi**_{INIC-PROC-RES-AVO} **para**_{ALVO-LUGAR} **ahi**_{ALVO-LUGAR} já te escrevi duas vezes...

CARparticular XIX 2 SP.txt

6 Não me occuparei de responder ao que o General Osorio disse acerca da maneira porque **foi**_{INIC-PROC-RES-AVO} **para**_{ALVO-LUGAR} **o seo Exercito**_{ALVO-LUGAR} **a força**_{INCD-SOF-REST} que foi deste encorporar-se ao délle...

1 CARparticular XIX 2 BAFeira.txt

7 “Nada meu amigo, eu estou de Evangelho, e tu de Epistola, e se **formos**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**_{ALVO-LUGAR} **essa aula**_{ALVO-LUGAR} muitos males nos hão de sobrevir.”

1CARleitorXIX1MG.txt

8 ...**o Senhor**_{INCD-SOF-REST} **vai**_{INIC-PROC-RES-AVO} **para**_{ALVO-LUGAR} **o Judiahi**_{ALVO-LUGAR} vemho falla com Senhor Francisco Benedito de Asil na Rua de Santa Curize...

3 CARparticular XIX 2 BA Klebson.txt

9 ... que elle lhe der para Pernambuco quando **o Correio**_{INCD-SOF-REST} **for**_{INIC-PROC-RES-AVO} **para**_{ALVO-LUGAR} **Pernambuco**_{ALVO-LUGAR;...}

1CARoficialXIX1PB.txt

10 Agora tive a certesa que **o da Cruz**_{INCD-SOF-REST} **foi**_{INIC-PROC-RES-AVO} **para**_{ALVO-LUGAR} **lá**_{ALVO-LUGAR}, e que a poucos foi visto com outros nas proximidades...

2 CARparticular XIX 2 BAFeira.txt

11 As pressas lhe escrevo para ver se axo **quem**_{INCD-SOF-REST} **va**_{INIC-PROC-RES-AVO} **para**_{ALVO-LUGAR} **o Bom Conselho**_{ALVO-LUGAR}.

2 CARparticular XIX 2 BAFeira.txt

12 Vende-se o sitio denominado - Santa Anna, no municipio de São João de Capivary, distante legua e meia da cidade e junto ao caminho que **vao**_{INIC-PROC-RES-AVO} **para**_{ALVO-LUGAR} **a villa de Santa Barbara**_{ALVO-LUGAR...}

2AnunXIX1SPinterior.txt

13 ...**o alferis**_{INCD-SOF-REST} **no** **foi**_{INIC-PROC-RES-AVO} **para**_{ALVO-LUGAR} **Bahia**_{ALVO-LUGAR}, esteve fora duas noites...

2 CARparticular XIX 2 BAFeira.txt

14 Se **for**_{INIC-PROC-RES-AVO} **para**_{ALVO-LUGAR} **Bahia**_{ALVO-LUGAR} antes de mim dê 24\$ da assignatura do Republicano.

2 CARparticular XIX 2 BAFeira.txt

15 **O vigario**_{INCD-SOF-REST} **foi**_{INIC-PROC-RES-AVO} **para**_{ALVO-LUGAR} **Bahia**_{ALVO-LUGAR} com Marcionilho.

2 CARparticular XIX 2 BAFeira.txt

- 16 Não me esqueci do Lucas, não me tem sido possível encontrá-lo, na prisão não está, me parece que **foi**^{INIC-PROC-RES-AVO} **para**^{ALVO-LUGAR} **algum Batalhão**^{ALVO-LUGAR}, emprego todos os meios para o encontrar, não creio que tenha morrido...

2 CARparticular XIX 2 RJ.txt

- 17 ...pertendião, que neste estado **fosse**^{INIC-PROC-RES-AVO} **para**^{ALVO-LUGAR} **a Fragata Venus**^{ALVO-LUGAR}, aonde Servia;

2CARofiXVIII2Afranio.txt

- 18 ...com suas terras lavradas dentro do mesmo cercado, sita na borda do Rio Juquiri **estrada**^{SOF-REST}, que **vai**^{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**^{ALVO-LUGAR} **Jundiay**^{ALVO-LUGAR};

2AnunXIX1SPinterior.txt

- 19 Hoje qualquer barbeiro falla em jurisprudencia, só porque ouviu fallar em uso e costumes, em lei, e racional. Ande, **vai**^{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**^{ALVO-LUGAR} **escola**^{ALVO-LUGAR} orelhudo.

1CARleitorXIX2SP.txt

- 20 ... a qual **vai**^{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**^{ALVO-LUGAR} **o Rozario**^{ALVO-LUGAR} com parte dos pequenos, passar alguns mezes, a fim de ver se milhora, de|vendo sair sabado 17 do corrente.

2 CARparticular XIX 2 BAFeira.txt

- 21 ... vossa Excelença sabe que temos huma **antiga picada**^{SOF-REST}, que **vai**^{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**^{ALVO-LUGAR} **os Campos da Gracioza**^{ALVO-LUGAR}, e Se aviventou a poucos tempos para o exame dos pinhos...

CARoficial XVIII 2 PR.txt

- 22 ... para não hir para o Rio o Doutor Sebastião já foi para a[] emeasseverão **elle vai**^{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**^{ALVO-LUGAR} **o Rio**^{ALVO-LUGAR} parem denovo eu eminha Companheira lhe rogamos para ver se não vai...

CARparticular XIX 1 MG.txt

- 23 ... propria para criar vaccas ou fazer um lindo sitio por ser na **estrada velha**^{SOF-REST} que **vai**^{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**^{ALVO-LUGAR} **a Varzia**^{ALVO-LUGAR} na passagem da Magdalena...

1AnunXIX1PE.txt

- 24 ... lembrai-vos de mim, que eu logo **vou**^{INIC-PROC-RES-AVO} **para**^{ALVO-LUGAR} **a batalha**^{ALVO-LUGAR}...

1CARleitorXIX2SP.txt

- 25 ... a criação de gados, e **quem**^{INCD-SOF-REST} **vay**^{INIC-PROC-RES-AVO} **para**^{ALVO-LUGAR} **o Ceará**^{ALVO-LUGAR} com este fim...

2 CARoficial XVIII 2 PE.txt

- 26 Amanhã **vai**^{INIC-PROC-RES-AVO} **para**^{ALVO-LUGAR} **Ribeira**^{ALVO-LUGAR} **o Doutor Arlindo**^{INCD-SOF-REST}...

2 CARparticular XIX 2 BAFeira.txt

- 27 VENDE-SE uma chacara no Rocio, a quem do rio Bariguy á direita da **estrada**^{SOF- REST} que **vai**^{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**^{ALVO-LUGAR} **o Campo magro**^{ALVO-LUGAR}, com casa de telha, grande quintal e potreiro...

1Anun2PR.txt

28 ... e que o aconselhe que **va**^{INIC-PROC-RES-AVO} **para**^{ALVO-LUGAR} **California**^{ALVO-LUGAR} **para** assim ficarmos izentos de uma peste que possa graçar entre nós...
1CARleitorXIX1CE.txt

29 **O caxeiro**^{INCD-SOF-REST} **foi**^{INIC-PROC-RES-AVO}¹⁶³ **no barco** **para**^{ALVO-LUGAR} **a Cidade**^{ALVO-LUGAR} acompanhar a mulher...
1 CARparticular XIX 2 BAFeira.txt

1.7 NADAR

1.7.1 ‘Nadar a’: nenhuma ocorrência

Nenhuma ocorrência encontrada.

1.7.2 ‘Nadar em’: 2 ocorrências

1 O rei pode viver **nadando**^{INIC-PROC-TRAJ} **em**^{LUGAR-AXIAL} **prazeres**^{LUGAR}, quando a nação vive submergida na miséria. A história nos oferece mil exemplos disto.
3 CARredator XIX 2 PE.txt

2 Pelo prisma porque viam as cousas, **o Brasil**^{SOF} **nadava**^{INIC-PROC-TRAJ} **em**^{LUGAR-AXIAL} **mar**^{LUGAR} de rosas e a confiança, fóra do paiz, implantava-se no animo de todas as nações com uma força irresistível...
3 CARredator XIX 2 PE.txt

1.7.3 ‘Nadar para’: nenhuma ocorrência

Nenhuma ocorrência encontrada.

1.8 ROLAR

1.8.1 ‘Rolar a’: nenhuma ocorrência

Nenhuma ocorrência encontrada.

1.8.2 ‘Rolar em’: 1 ocorrência

1 **A nossa ponte metálica**^{SOF} assestada no rio Pacoty acaba de sossobrar-se no mesmo rio, **rolando**^{PROC-TRAJ} **em**^{LUGAR-AXIAL} **suas ondas**^{LUGAR}, não podendo resistir á uma enchente repentina.
1CARleitorXIX2CE.txt

¹⁶³ Infelizmente, este tipo de ocorrência, em que um outro SX aparece entre o SV e o SP, ficou fora da análise por questões técnicas.

1.8.3 'Rolar para': 1 ocorrência

- 1 Mais **uma illustre victima**_{SOF}, dobrando a servir aos golpes da cruenta e insaciavel parca, **rolou**_{PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o sepulcro**_{ALVO-LUGAR}, lembrando o in pulverem reverteris!

2CARredatorXIX2PER.txt

1.9 SAIR

1.9.1 'Sair a'¹⁶⁴: nenhuma ocorrência

Nenhuma ocorrência encontrada.

1.9.2 'Sair em': nenhuma ocorrência

Nenhuma ocorrência encontrada.

1.9.3 'Sair para'¹⁶⁵: 8 ocorrências

- 1 Em setembro **sahi**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **para**_{ALVO-LUGAR} **a Belgica**_{ALVO-LUGAR}, onde o dezejo de estudar o sistema penitenciario e (...) me retiverão ate dias do mez de novembro;

1 CARparticular XIX 2 BAFeira.txt

- 2 No sabbado (14) pretendo **sahir**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **para**_{ALVO-LUGAR} **a Freguesia**_{ALVO-LUGAR}, e como Vosmice diz-me, que virá a 15, toque ali para conversarmos ...

1 CARparticular XIX 2 BAFeira.txt

- 3 O Felipino respondeo-me que a vender cá vende aqui mesmo i não **sai**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **para**_{ALVO-LUGAR} **fora**_{ALVO-LUGAR}.

2 CARparticular XIX 2 BAFeira.txt

- 4 ... e longe de estar pela deliberação do Governo, **sahio**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **para**_{ALVO-LUGAR} **Queixeramobim**_{ALVO-LUGAR} em correição com o dezignio de criminar a hum dos Conselheiros, que votou para elle ser suspenção...

1CARleitorXIX1CE.txt

- 5 ... pois não tem mais que hum piqueno Lagomar em que surgir, e tudo o mais para huma e outra parte he baixo; ao navio que aqui entrar, não poderá **sahir**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **para**_{ALVO-LUGAR} **fora**_{ALVO-LUGAR} sem evidetissimo risco de encalhar...

2 CARoficial XVIII 2 PE.txt

- 6 Escrevir-lhe no dia 1o no dia que **sahi**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **para**_{ALVO-LUGAR} **Monte Santo**_{ALVO-LUGAR}.

2 CARparticular XIX 2 BAFeira.txt

¹⁶⁴ Construções excluídas: *sair ao encontro de*

¹⁶⁵ Construções excluídas: *sair para + V*

7 O **Dr. Urpia**^{INCD-SOF} foi o primeiro que **sahio**^{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **para**^{ALVO-LUGAR} **Bahia**^{ALVO-LUGAR} com a Família.

2 CARparticular XIX 2 BAFeira.txt

8 Felicíssimo, cambaleando, com os olhos tortos e compridos, **saiu**^{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **para**^{ALVO-LUGAR} **o meio da sala**^{ALVO-LUGAR}, gritando com voz difícil:...

Canaã, Graça Aranha. Resultados da procura NILC SAIR.txt

1.10 SUBIR

1.10.1 'Subir a'¹⁶⁶: 5 ocorrências

1 ... visto que disseram ser só para fazer **subir**^{INIC-PROC-RES} **às**^{ALVO-LUGAR} **mãos do presidente**^{ALVO-LUGAR} ...

1CARleitorXIX2PR.txt

2 O criminoso fôra enforcado na prisão. Temia-se que elle commettesse acto de violencia antes de **subir**^{INIC-PROC-RES} **ao**^{ALVO-LUGAR} **patibulo**^{ALVO-LUGAR}. Ao contrario, recebeu a morte com a mais profunda indiferença.

3 CARredator XIX 2 PE.txt

3 N'este grande dia terá de **subir**^{INIC-PROC-RES} **ao**^{ALVO-LUGAR} **palco**^{ALVO-LUGAR} sobralense, depois que a orchestra tiver executado a introdução do estylo, o desejado drama em tres actos, intitulado O MENDIGO NEGRO...

1AnunXIX2CE.txt

4 ... elle deo os vivas ao memoravel dia 7 de setembro, e nessa occasião **subio**^{INIC-PROC-RES} **ao**^{ALVO-LUGAR} **ar**^{ALVO-LUGAR} **uma grande girandola**^{SOF}, sendo os musicos servidos com um abundante café, e outros refrescos.

1CARleitorXIX2MG.txt

5 Afirma esse linguíça, que eu no Conciliador N°12 disse, que o **Príncipe**^{INCD-SOF} **subio**^{INIC-PROC-RES} **ao**^{ALVO-LUGAR} **Throno**^{ALVO-LUGAR} por gosto, e ultimo conselho de seu pai; logo (conclue o burrinho) já afirmou, que a Soberania do Snr. D. Pedro dimanou do principio de legitimidade.

2 CARleitor XIX 1 PE.txt

1.10.2 'Subir em': 1 ocorrência

1 O primeiro projecton [ilegível] ão ministra meios de distribuir as agoas nas casas, acima do pavimento térreo, porque sendo somente produzido o seo movimento nos tubos de distribuição pelo repuxo d'ellas na caixa d'agoa onde são elevados 14 palmos acima do nivel medio da cidade, evidente he que não podem **subir**^{INIC-PROC-RES} **nas**^{LUGAR} **casas**^{ALVO-LUGAR}, se não á uma altura inferior a estes 14 palmos, o que pouca ou nenhuma vantagem produzirá.

2 CARleitor XIX 1 PE.txt

¹⁶⁶ Construções excluídas: *subir ao poder*

1.10.3 'Subir para': 1 ocorrência

- 1 ...a ponto de um levita do Senhor, que há dias, **subia**_{INIC-PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR} **o seo santo ministerio**_{ALVO-LUGAR}, recuar do caminho para dar passagem a uns feijões que rolavão pela ladeira e tapar as ventas com a batina.

1CARleitorXIX2MG.txt

1.11 VIR

1.11.1 'Vir a'¹⁶⁷: 11 ocorrências

- 1 Muito sinto que **venha**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR} **Rio**_{ALVO-LUGAR} sem dar |aos seos consocios o prazer de festejar uma intelligencia tao bem empregada...

CARparticular XIX 2 PE.txt

- 2 Os Senhores major Gaignette e Pombinho, forão testemunhas oculares de que, quando **o Senhor Costa Mello**_{INCD-SOF-REST} **veio**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR} **meu escriptorio**_{ALVO-LUGAR} para tratar da sua causa, eu lhe respondi — não posso, procure outro.

1 CARleitor XIX 2 SC.txt

- 3 Diz elle, que **El-Rey**_{INCD-SOF-REST} **veio**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR} **Brasil**_{ALVO-LUGAR} por mares nunca d'antes navegados |Que tal *Senhor Redactor!*

1CARleitorXIX1RJ.txt

- 4 ... é por isso que **venho**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR} **jornal**_{ALVO-LUGAR} responder-lhe, o que faço em poucas palavras.

1CARleitorXIX2SP.txt

- 5 Dois judas iscariotes o Jose Teixeira **o ente mais falso**_{INCD-SOF-REST} que **veio**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR} **mundo**_{ALVO-LUGAR}; que desde que foi ahi a ultima vez...

2 CARparticular XIX 2 BAFeira.txt2

- 6 **Silveira Lobo**_{INCD-SOF-REST} **veio**_{INIC-PROC-RES} **á**_{ALVO-LUGAR} **capital**_{ALVO-LUGAR} declarar nos guerra a todo transe.

1 CARparticular XIX 2 BAFeira.txt

- 7 Estas reflexões explicarão tambem o motivo, porque não inserimos **uma outra correspondencia**_{INCD-SOF-REST}, que nos **veio**_{INIC-PROC-RES} **á**_{ALVO-LUGAR} **máo**_{ALVO-LUGAR} em defêsa do mesmo Senhor Ouvidor.

1CARredatorXIX1SP.txt

- 8 *Resposta ao pé da letra.* Não me admirou que **o Senhor Doutor Abdon Baptista**_{INCD-SOF-REST} **viesses**_{INIC-PROC-RES} **á**_{ALVO-LUGAR} **imprensa**_{ALVO-LUGAR} para contestar o artigo publicado no Despertador de 26 de Setembro...

1 CARleitor XIX 2 SC.txt

- 9 Não é no intuito de fazer reclame de meu nome, nem de mostrar conhecimentos que não possuo que **venho**_{INIC-PROC-RES} **á**_{ALVO-LUGAR} **imprensa**_{ALVO-LUGAR} lamentar o passamento do general Telles.

¹⁶⁷ Construções excluídas: *vir ao meu conhecimento, à frente da casa, à mente*

1CARleitorXIX2BA.txt

- 10 Não me vali da imunidade da tribuna, o tanto que **venho**_{INIC-PROC-RES} **á**_{ALVO-LUGAR} **imprensa**_{ALVO-LUGAR} sustentar o meu procedimento como deputado.

1 CARleitor XIX 2 SC.txt

- 11 *Inedictorial. O Senhor Ingeauo e José Ferraro.* Pela ultima vez **venho**_{INIC-PROC-RES} **á**_{ALVO-LUGAR} **imprensa**_{ALVO-LUGAR}, não para refutar todos os argumentos que Sua **Senhoria** propõe, muitos dos quaes são estranhos á questão, e mesmo porque não tenho á minha disposição as obras dos autores que Sua **Senhoria** cita...

1CARleitorXIX2BA.txt

1.11.2 'Vir em'¹⁶⁸: nenhuma ocorrência

Nenhuma ocorrência encontrada.

1.11.3 'Vir para'¹⁶⁹: 11 ocorrências

- 1 ... ahi esteve a Semana Sancta, e na de Paschoella **veio**_{INIC-PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR} **esta Villa**_{ALVO-LUGAR}...

CARofiXVIII2BATâniaLobo.txt

- 2 **Hum estrangeiro**_{INCD-SOF-REST}, as mais das vezes réo de policia no seo paiz (o que não affirmo quanto ao de que trato), **vem**_{INIC-PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR} **o Brasil**_{ALVO-LUGAR} sem offerecer garantia alguma, e cá faz destas, e outras peiores...

1 CARleitor XIX 1 SC.txt

- 3 Não aproveitando nado (sic) com o tratamento, teve baixa do serviço (sic) e **veio**_{INIC-PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR} **minha casa**_{ALVO-LUGAR}.

1 CARleitor XIX 2 SC.txt

- 4 So não ha que estranhar que estou bem Siemte de toido dispouis que **vim**_{INIC-PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR} **Sua fazenda**_{ALVO-LUGAR} he que Se meo freSe dizer a vossa mercê.

CARparticular XVIII 2 MG.txt

- 5 Ha dias **o tio Padre Chico**_{INCD-SOF-REST} **veiu**_{INIC-PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR} **casa de tio Neco**_{ALVO-LUGAR} (doente), era hydrophesia, hontem entregou a alma ao Creador.

1 CARparticular XIX 2 PR.txt

- 6 ... hoje tambem escrevi para Papai, o Alfredo Piraja ficou no colleijo muito doente **veio**_{INIC-PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR} **ca**_{ALVO-LUGAR} esteve muito mal passei telegrama ao Dr. José Alfredo hoje porem esta livre de perigo...

1 CARparticular XIX 2 PR.txt

- 7 ... esta escrava **veio**_{INIC-PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR} **o Recife**_{ALVO-LUGAR} em companhia de uma negra...

1AnunXIX1PE.txt

¹⁶⁸ Construções excluídas: *vir em em auxílio de, [texto] vem no Diário*

¹⁶⁹ Construções excluídas: *vir para + V*

- 8 Dizem, que sahíra do Rio de Janeiro a Fragata Dona Francisca, e dous Brigues transportando o Batalhão 18 para Pernambuco, e que o **Batalhão 5 que ali se acha**^{INCD-SOF-REST}, **vem**^{INIC-PROC-RES} **para**^{ALVO-LUGAR} **esta Cidade**^{ALVO-LUGAR}.
1CARredatorXIX1BA.txt
- 9 Consta-me que **Carlito e Senhora**^{INCD-SOF-REST} **vem**^{INIC-PROC-RES} **para**^{ALVO-LUGAR} **o Rio**^{ALVO-LUGAR} em principios de Dezembro.
2 CARparticular XIX 2 RJ.txt
- 10 ... fizemos os protestos necessarios naquela parte em que prejudica a este Povo que por Certidão leva o nosso procurador para Vossa Excelência ver a razão que nos assiste por que a esta penção se intender para **o Sal**^{INCD-SOF-REST} que **vier**^{INIC-PROC-RES} **para**^{ALVO-LUGAR} **esta Villa**^{ALVO-LUGAR}, vem este limitado Povo a pagar duas inpoziçoens huã he a que ofereçe, e outra he para a Camara de Parnagua no dito Sal.
CARoficial XVIII 2 PR.txt
- 11 Para eu cumprir como devo, avizei ao Escrivam da ouveduria João Alfonso Liberato, que se acha em Cayrû, que sem demora **viesse**^{INIC-PROC-RES} **para**^{ALVO-LUGAR} **esta villa**^{ALVO-LUGAR} com o cartorio...
CARofiXVIII2BATâniaLobo.txt

1.12 VOAR

1.12.1 'Voar a': 3 ocorrências

- 1 Por muito tempo ainda vi o seu lenço branco agitar-se ao longe, como as asas brancas do meu amor, que fugia e **voava**^{INIC-PROC-TRAJ} **ao**^{ALVO-LUGAR} **céu**^{ALVO-LUGAR}.
Resultados da procura NILC VOAR.txt
- 2 ... e seus lábios se uniram outra vez num longo beijo, em que essas duas almas irmãs, confundindo-se numa só, **voaram**^{INIC-PROC-TRAJ} **ao**^{ALVO-LUGAR} **céu**^{ALVO-LUGAR}, e foram abrigar-se no seio do Criador .
Resultados da procura NILC VOAR.txt
- 3 Custódio enfiou um casaco de alpaca e **voou**^{INIC-PROC-TRAJ} **à**^{ALVO-LUGAR} **Rua da Assembléia**^{ALVO-LUGAR}.
Resultados da procura NILC VOAR.txt

1.12.2 'Voar em': nenhuma ocorrência

Nenhuma ocorrência encontrada.

1.12.3 'Voar para: 1 ocorrência

- 1 **O meu pensamento**^{SOF} que muitas vezes me deixa **voa**^{PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR} **junto de ti**^{ALVO-LUGAR}, e de teu marido...
8CARparticularXIX2teseRumeu(Pedreira)RJ.txt

2 APÊNDICE II : DADOS NILC-SÃO CARLOS ETIQUETADOS

2.1 ANDAR

2.1.1 'Andar a': nenhuma ocorrência

Nenhuma ocorrência encontrada.

2.1.2 'Andar em': 6 ocorrências

1 Mal consegue **andar**_{INIC-PROC-TRAJ} **em**_{LUGAR-AXIAL} **campo**_{LUGAR} e correr atrás dos adversários...

2 ... ter muito pique para **andar**_{INIC-PROC-TRAJ} **em**_{LUGAR-AXIAL} **trilhas**_{LUGAR}, descer cachoeiras em bote, nadar...

3 ... **ele** não vai conseguir nem **andar**_{INIC-PROC-TRAJ} **em**_{LUGAR-AXIAL} **campo**_{LUGAR} ...

4 ... as dificuldades que teria para **andar**_{INIC-PROC-TRAJ} **na**_{LUGAR-AXIAL} **área**_{LUGAR}, que é bastante acidentada .

5 ... sob o inclemente sol carioca é obrigado a **andar**_{INIC-PROC-TRAJ} **na calçada oposta**_{LUGAR} ...

6 ... **um país inteiro**_{SOF} **andando**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **fio da navalha**_{LUGAR}.

2.1.3 'Andar para': 1 ocorrência

1 ... pode estar na iminência de voltar a **andar**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **trás**_{LUGAR-AXIAL}.

2.2 CAMINHAR

2.2.1 'Caminhar a'¹⁷⁰: nenhuma ocorrência

Nenhuma ocorrência encontrada.

2.2.2 'Caminhar em'¹⁷¹: 29 ocorrências

1 Nomes decisivos como **Uidemar, Beto e Túlio**_{INCD-SOF} jogavam, ou melhor, **caminhavam**_{INIC-PROC-TRAJ} **em**_{LUGAR-AXIAL} **campo**_{LUGAR}, como se o gol do Botafogo pudesse sair só porque eles queriam -- esqueceram-se apenas de avisar isso ao América .

¹⁷⁰ Construções excluídas: *caminhar ao encontro de, ao lado de, ao longo de*

¹⁷¹ Construções excluídas: *em direção a, em sentido..., em busca de, em volta de, no mesmo lugar, no meio da rua, no interior de, no rumo de, na escuridão, na névoa*

- 2 Diretor de uma fábrica de relógios em Durban, o indiano **Khalil Mahomed**^{INCD-SOF}, 33, dizia enquanto **caminhava**^{INIC-PROC-TRAJ} **em**^{LUGAR-AXIAL} **North Beach**^{LUGAR} (praia de Durban)
- 3 Enquanto **caminha**^{INIC-PROC-TRAJ} **na**^{LUGAR-AXIAL} **charmosa Recoleta**^{LUGAR}, **ela**^{INCD-SOF} conta como estava no Brasil antes de mudar-se para Nova Iorque .
- 4 No início da tarde, **caminhou**^{INIC-PROC-TRAJ} **no**^{LUGAR-AXIAL} **calçadão**^{LUGAR} da praia da Barra (zona sul) e almoçou com a família em um restaurante do Barra Shopping .
- 5 Ele morreu aos 75 anos, sábado ao meio-dia, vítima de um ataque cardíaco, quando **caminhava**^{INIC-PROC-TRAJ} **na**^{LUGAR-AXIAL} **estação**^{LUGAR} Brigadeiro do metrô .
- 6 **Gordo**^{INCD-SOF} não pode **caminhar**^{INIC-PROC-TRAJ} **na**^{LUGAR-AXIAL} **praia**^{LUGAR} que logo fica com a virilha assada.
- 7 A SMT diz ainda que tal irregularidade prejudica os pedestres, «pois com a calçada obstruída **eles**^{INCD-SOF} têm que **caminhar**^{INIC-PROC-TRAJ} **na**^{LUGAR-AXIAL} **rua**^{LUGAR} e correm o risco de atropelamento» .
- 8 Mas, se estiverem mais ou menos corretos, tanto **os candidatos da oposição como o do governo**^{INCD-SOF} vão **caminhar**^{INIC-PROC-TRAJ} **no**^{LUGAR-AXIAL} **fio da navalha**^{LUGAR} .
- 9 Faz tempo, creio que no final dos anos 60, fumava meu cachimbo **caminhando**^{INIC-PROC-TRAJ} **no**^{LUGAR-AXIAL} **calçadão**^{LUGAR} .
- 10 Um ônibus clandestino que manobrava à noite na Cidade Júlia, zona sul, matou o pedreiro **José dos Santos**^{INCD-SOF}, 53, que **caminhava**^{INIC-PROC-TRAJ} **na**^{LUGAR-AXIAL} **calçada**^{LUGAR} da av.. Ângelo Cristiniani
- 11 Ostenta o honesto e explícito título de «O Seio Nu» e trata exatamente dele, ou, melhor, do **senhor Palomar**^{INCD-SOF} **caminhando**^{INIC-PROC-TRAJ} **na**^{LUGAR-AXIAL} **praia**^{LUGAR}, meditando como sempre, e que avista de repente uma moça deitada ao sol, quieta e «topless» .
- 12 Dentro da ilha fica o parque Seward onde há trilhas para **caminhar**^{INIC-PROC-TRAJ} **na**^{LUGAR-AXIAL} **beira do lago**^{LUGAR} .
- 13 No único momento em que foi visto por jornalistas, **caminhando**^{INIC-PROC-TRAJ} **no**^{LUGAR-AXIAL} **terraço**^{LUGAR} de seu escritório com um dos assessores, o presidente não respondeu a perguntas que lhe foram gritadas .
- 14 Nessa missão, **ele**^{INCD-SOF} **caminhou**^{INIC-PROC-TRAJ} **no**^{LUGAR-AXIAL} **espaço**^{LUGAR} por uma hora e sete minutos .
- 15 O último astronauta a deixar suas pegadas na superfície lunar e **segundo americano**^{INCD-SOF} a **caminhar**^{INIC-PROC-TRAJ} **no**^{LUGAR-AXIAL} **espaço**^{LUGAR} durante a missão Gemini 9 .
- 16 A missão Gemini 10 fez de Collins o **terceiro americano**^{INCD-SOF} a **caminhar**^{INIC-PROC-TRAJ} **no**^{LUGAR-AXIAL} **espaço**^{LUGAR} .
- 17 Durante a missão Apollo 12 ele **caminhou**^{INIC-PROC-TRAJ} **no**^{LUGAR-AXIAL} **espaço**^{LUGAR} por sete horas e quarenta e cinco minutos, e por cinco horas e cinquenta e um minutos durante a missão Skylab 2

- 18 **Caminhe**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **velho porto de Roma**_{LUGAR}, em Óstia.
- 19 Durante o vôo da missão Apollo 16, **Mattingly**_{INCD-SOF} **caminhou**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **espaço**_{LUGAR} por uma hora e vinte e quatro minutos .
- 20 Astronauta americano que voou na missão Apollo 16, em que **caminhou**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **espaço**_{LUGAR} por vinte horas e catorze minutos .
- 21 Astronauta que voou na missão Apollo 14, durante a qual **caminhou**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **espaço**_{LUGAR} por nove horas e vinte e três minutos .
- 22 Astronauta americano que voou na missão Apollo 15, durante a qual **caminhou**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **espaço**_{LUGAR} por 39 minutos .
- 23 Nessa missão, **ele**_{INCD-SOF} **caminhou**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **espaço**_{LUGAR} por cerca de 18 horas e trinta e cinco minutos .
- 24 «A campanha já decolou», disse, enquanto **caminhava**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **centro de Salvador**_{LUGAR} com o ministro da Fazenda, Rubens Ricupero .
- 25 No dia 17 de dezembro de 1992, o **cientista japonês Gen Suwa**_{INCD-SOF} **caminhava**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **deserto** quando avistou um dente no chão .
- 26 A **contadora Fátima de Almeida**_{INCD-SOF}, 39, que ontem **caminhava**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **parque**_{LUGAR}, reclamava da sujeira .
- 27 Assim como na Manoel da Nóbrega, é constante a presença de ciclistas e de **pessoas**_{INCD-SOF} **caminhando**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **acostamento**_{LUGAR} ou à beira da pista .
- 28 A imagem de **Kirk Douglas**_{INCD-SOF} **caminhando**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **interior**_{LUGAR} de uma trincheira é como se fosse o coração de «Glória Feita de Sangue»...
- 29 “As crianças foram as mais prejudicadas, porque não tinham espaço para **caminhar**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **ônibus**_{LUGAR}.”

2.2.3 ‘Caminhar para’¹⁷²: 6 ocorrências

- 1 ... Laing descreve o caso de um homem que em um pic-nic se despiu e **caminhou**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **um rio próximo**_{ALVO-LUGAR}, declarando que jamais tinha amado sua esposa e filhos, jogando repetidamente água no seu corpo, e refutando em deixar o rio até que ele estivesse sido «purificado».
- 2 Então **caminhou**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **o fundo**_{ALVO-LUGAR}, disfarçadamente trágico, mas efetivamente com o fim de falar ao bastidor, e dizer em voz surda: “O pisão !”
- 3 Envolvido pelos repórteres, o ex-secretário **caminhou**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **a sala de conferência**_{ALVO-LUGAR}, deixando Malvina com Bresser .
- 4 Ao chegar, o governador viu os militares e, pressentindo o que queriam, cumprimentou-os friamente e **caminhou**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **o helicóptero**_{ALVO-LUGAR} .

¹⁷² Construções excluídas: *caminhar para o fim de sua carreira, para a legalidade, para domínios complexos, para uma unificação, para o apocalipse*

- 5 Ninguém, nem gritos e lágrimas, conseguiram impedir que fossem todas elas no rastro do flautista, que **caminhou**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **o monte Koppelberg**_{ALVO-LUGAR}, que afinal se abriu diante dele para engoli-lo e engolir todas as crianças, menos uma que ficou para contar o caso .
- 6 Mas a convidada continuou a sorrir se desculpando e **caminhou**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **a porta**_{ALVO-LUGAR} .

2.3 CORRER

2.3.1 'Correr a'¹⁷³: 13 ocorrências

- 1 Os primeiros bombeiros e técnicos que **correram**_{INIC-PROC-TRAJ} **ao**_{ALVO-LUGAR} **local**_{ALVO-LUGAR} para controlar o incêndio receberam doses excessivas de radiação .
- 2 **Correu**_{INIC-PROC-TRAJ} **ao**_{ALVO-LUGAR} **escritório dele**_{ALVO-LUGAR} .
- 3 Tanto assim que recomendou que os assalariados «**corram**_{INIC-PROC-TRAJ} **ao**_{ALVO-LUGAR} **supermercado**_{ALVO-LUGAR}» logo que receberem o salário para evitar maior erosão do poder de compra .
- 4 Mas para o conjunto da sociedade, a ausência de inflação traz vantagens como a de não precisar **correr**_{INIC-PROC-TRAJ} **ao**_{ALVO-LUGAR} **banco**_{ALVO-LUGAR} para aplicar cada tostão; ou a de não precisar fazer a compra tão logo saia o salário .
- 5 Bacha até recomenda que os assalariados continuem **correndo**_{INIC-PROC-TRAJ} **ao**_{ALVO-LUGAR} **supermercado**_{ALVO-LUGAR}, tão logo recebam o salário, para evitar a erosão maior ainda do seu poder de compra .
- 6 E o jeito foi **correr**_{INIC-PROC-TRAJ} **ao**_{ALVO-LUGAR} **Ritz**_{ALVO-LUGAR} que abriu rapidinho suas portas só para atender tão nobre cliente .
- 7 Mas não há necessidade de se **correr**_{INIC-PROC-TRAJ} **ao**_{ALVO-LUGAR} **banco**_{ALVO-LUGAR} nesses primeiros quatro dias para trocar dinheiro...
- 8 Vizinhos ainda **correram**_{INIC-PROC-TRAJ} **ao**_{ALVO-LUGAR} **local**_{ALVO-LUGAR} .
- 9 * Evite **correr**_{INIC-PROC-TRAJ} **ao**_{ALVO-LUGAR} **banco**_{ALVO-LUGAR} para trocar o seu dinheiro .
- 10 Se não houver tempo, **corra**_{INIC-PROC-TRAJ} **ao**_{ALVO-LUGAR} **local de exame**_{ALVO-LUGAR} e converse com o coordenador .
- 11 Não há necessidade de **correr**_{INIC-PROC-TRAJ} **aos**_{ALVO-LUGAR} **bancos**_{ALVO-LUGAR} com medo de que seu dinheiro suma .
- 12 Quando os jornais as chamaram para a sessão de fotos, elas **correram**_{INIC-PROC-TRAJ} **aos**_{ALVO-LUGAR} **quartos do hotel**_{ALVO-LUGAR} para passar as roupas, se maquiar e posar .
- 13 **Correram**_{INIC-PROC-TRAJ} **aos**_{ALVO-LUGAR} **jornais**_{ALVO-LUGAR} .

¹⁷³ Construções excluídas: *correr ao lado de, ao redor de, ao encontro de*

2.3.2 'Correr em'¹⁷⁴: 50 ocorrências selecionadas¹⁷⁵

- 1 Um rio para ser navegável não deve ser encachoeirado, **correndo**_{PROC-TRAJ} **em**_{LUGAR-AXIAL} **uma planície**_{LUGAR}, como o rio Amazonas, ou em um planalto, com longos trechos sem quedas, como o rio São Francisco .
- 2 NAZARETH, Eua -- Michael Andretti aproveitou a vantagem de **correr**_{INIC-PROC-TRAJ} **em**_{LUGAR-AXIAL} **casa**_{LUGAR} para calar os seus críticos .
- 3 ... mas como **a Indyso**_{SOF} só **corre**_{PROC-TRAJ} **em**_{LUGAR-AXIAL} **pistas ovais**_{LUGAR} com tempo seco...
- 4 ... buscavam tipicamente analogias com formas mais simples (como **correr**_{INIC-PROC-TRAJ} **em**_{LUGAR-AXIAL} **um labirinto**_{LUGAR} OU dar bicadas em uma gaiola) de organismos mais simples (como ratos ou pombos) .
- 5 Nietzsche denunciou a decadência socrática, mas o fez dialeticamente, sabendo que ele próprio era um filho de Sócrates, que **o sangue socrático**_{SOF} **corria**_{PROC-TRAJ} **em**_{LUGAR-AXIAL} **suas veias**_{LUGAR} e que as propostas que poderia fazer para um futuro melhor não seriam senão propostas socráticas .
- 6 Moradores da Mooca tentam proteger "castelinho" na região (...) **Elizabeth Graceffi Blanco**_{INCD-SOF}, 48, **correu**_{INIC-PROC-TRAJ} **na prefeitura** para pedir seu tombamento.
- 7 Garantir horas pedalando, **correndo**_{INIC-PROC-TRAJ} **em**_{LUGAR-AXIAL} **um esteira**_{LUGAR} OU levantando pesos, tudo isso às 2h ou 3h, tem sido a grande atração da Master Academia .
- 8 No domingo, para fazer jus ao sangue exclusivo que **corre**_{INIC-PROC-TRAJ} **em**_{LUGAR-AXIAL} **minhas veias**_{LUGAR}, pretendia jogar golfe .
- 9 «Se for parar de **correr**_{INIC-PROC-TRAJ} **em**_{LUGAR-AXIAL} **Imola**_{LUGAR}, tem que parar de correr em Mônaco, em Adelaide (Austrália) etc.
- 10 A Williams concordaria se o **Senna**_{INCD-SOF} não quisesse **correr**_{INIC-PROC-TRAJ} **em**_{LUGAR-AXIAL} **Imola** ?
- 11 No ano passado, não **correu**_{INIC-PROC-TRAJ} **em**_{LUGAR-AXIAL} **Phoenix**_{LUGAR} porque sofreu um acidente nos treinos .
- 12 Como **a F-1**_{SOF} nunca **correu**_{PROC-TRAJ} **em**_{LUGAR-AXIAL} **Aida**_{LUGAR}, haverá um treino extra-oficial na quinta-feira .
- 13 Dos 28 pilotos inscritos, só **um**_{INCD-SOF} já **correu**_{INIC-PROC-TRAJ} **em**_{LUGAR-AXIAL} **Aida**_{LUGAR} .
- 14 Lama -- O esquema de jogo não é tão importante, o fundamental é que **a bola**_{SOF} **corra**_{PROC-TRAJ} **em**_{LUGAR-AXIAL} **campo**_{LUGAR} .
- 15 O lateral-direito Jorginho foi **o único**_{INCD-SOF} a **correr**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **gramado**_{LUGAR} no final do dia .

¹⁷⁴ Construções excluídas: *correr em busca de, em direção de, em socorro, em defesa de, no seco, no campeonato, na F1, [um processo] correr na Justiça*

¹⁷⁵ Quase cem ocorrências de 'correr em' foram encontradas. Para esta análise, foram selecionados cinquenta exemplos aleatoriamente.

- 16 Se funcionarem as alterações, elas podem ser colocadas no **carro**_{SOF} que **corre**_{IPROC-TRAJ} **em**_{LUGAR-AXIAL} **Imola**_{LUGAR} dia 1.º Mas os testes de Nogaro, uma pista lenta e travada, já fazem parte da programação para o GP de Mônaco, dia 15 de maio .
- 17 **Michael Schumacher**_{INCD-SOF}, que **corria**_{INIC-PROC-TRAJ} **em**_{LUGAR-AXIAL} **casa**_{LUGAR}, esmurrou o painel de seu Benetton ao perceber que abandonaria a corrida na 20ª volta, com problemas no carro .
- 18 ... bateu o escanteio e **correu**_{INIC-PROC-TRAJ} **na**_{LUGAR-AXIAL} **área**_{LUGAR} para cabecear.
- 19 Para **correr**_{INIC-PROC-TRAJ} **em**_{LUGAR-AXIAL} **Monza**_{LUGAR}, os pilotos exigiram reformas na pista...
- 20 ... tão animada que já pensa em **correr**_{INIC-PROC-TRAJ} **na**_{LUGAR-AXIAL} **Maratona de Nova Iorque**_{LUGAR}, em novembro .
- 21 **Rominger e Indurain**_{INCD-SOF} podem **correr**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **mundo inteiro**_{LUGAR}, menos na França.
- 22 «Não é preciso ser proprietário de um haras para ter **seus cavalos**_{INCD-SOF} **correndo**_{INIC-PROC-TRAJ} **em**_{LUGAR-AXIAL} **Cidade Jardim**_{LUGAR}», afirma Arthur Francisco, gerente de «handicapeur» (que monta programas de apostas).
- 23 ... que planavam no ar ou como **os rios**_{SOF} que **corriam**_{PROC-TRAJ} **na**_{LUGAR-AXIAL} **várzea**_{LUGAR...}
- 24 Morando numa cobertura em Goiânia, acorda cedo (6h30), **corre**_{INIC-PROC-TRAJ} **na**_{LUGAR-AXIAL} **própria sacada**_{LUGAR} («para ativar a circulação e a mente») e toma um café à base de frutas...
- 25 **O inglês**_{INCD-SOF}, que ainda **corre**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **Japão**_{LUGAR} e **na**_{LUGAR-AXIAL} **Austrália**_{LUGAR...}
- 26 Chuva impede a seleção de **correr**_{INIC-PROC-TRAJ} **na**_{LUGAR-AXIAL} **praia**_{LUGAR...}
- 27 **A categoria**_{INCD-SOF} se recusava a **correr**_{INIC-PROC-TRAJ} **na**_{LUGAR-AXIAL} **pista**_{LUGAR} por causa da falta de infra-estrutura...
- 28 **Karl Wendlinger**_{INCD-SOF} diz que **corre**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **Japão**_{LUGAR}.
- 29 **O lateral-direito Jorginho**_{INCD-SOF} foi o único a **correr**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **gramado**_{LUGAR} no final do dia .
- 30 Na sexta-feira, **correu**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **Ibirapuera**_{LUGAR} (tentando explorar sua imagem...).
- 31 Se a Benetton apelar, **Schumacher**_{INCD-SOF} **corre**_{INIC-PROC-TRAJ} **na**_{LUGAR-AXIAL} **Alemanha**_{LUGAR}, domingo...
- 32 ... fez um lançamento longo para Euler, que **corria**_{INIC-PROC-TRAJ} **na**_{LUGAR-AXIAL} **faixa direita do campo**_{LUGAR} .
- 33 **Corremos**_{INIC-PROC-TRAJ} **na**_{LUGAR-AXIAL} **Terra**_{LUGAR}, não na lua...
- 34 Apelou e **correu**_{INIC-PROC-TRAJ} **na**_{LUGAR-AXIAL} **Alemanha**_{LUGAR}, na Hungria e na Bélgica...

- 35 ... **um bando de homem**_{INCD-SOF} **correndo**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **capim**_{LUGAR} atrás de uma bola...
- 36 ... jogador que está no meio para o que **corre**_{INIC-PROC-TRAJ} **na**_{LUGAR-AXIAL} **lateral**_{LUGAR}.
- 37 É a primeira vez que **corro**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **Rio**_{LUGAR}.
- 38 *Regina Duarte sofre queda em casa e deixa o 'Dança dos Famosos'. "Corri*_{INIC-PROC-TRAJ} *na*_{LUGAR-AXIAL} *varanda*_{LUGAR} *com o piso molhado, levei um tombo..."*
- 39 ... o aplicou a um fluído aquecido que **corre**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **interior de uma tubulação**_{LUGAR} .
- 40 **Ele**_{INCD-SOF} **correu**_{INIC-PROC-TRAJ} **na**_{LUGAR-AXIAL} **rua**_{LUGAR} segurando um celular. Segundo a polícia, os PMs pensaram que o aparelho era uma arma e o mataram a tiros.
- 41 Há alguns meses atrás meu coração parecia que ia sair pela boca! **Corri**_{INIC-PROC-RES} **na**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **farmácia**_{ALVO-LUGAR} pra comprar o teste e saber de qtas semanas já estava! Li pela primeira vez "grávida" e dizia 3+!
- 42 Chame um amigo para **correr**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} «**Battle Trax**_{LUGAR}» (foto) .
- 43 Individualmente, possuem **cavalos**_{INCD-SOF} **correndo**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **Jóquei**_{LUGAR} 401 pessoas .
- 44 “Riverrão” de Rosa vem **correr**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **palco**_{LUGAR}.
- 45 Daqui a pouco, vai estar **correndo**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **pasto** atrás de boi gordo .
- 46 **Piada né!!! Só pode ser...O cara**_{INCD-SOF} **correu**_{INIC-PROC-RES} **na**_{ALVO} **bola**_{ALVO}, disputou ela com o goleiro, impedimento claro, não deu porque não quis...
- 47 Você aí, que **corre**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **Parque do Ibirapuera**_{LUGAR} todos os dias...
- 48 ... você sabe que há muita gente **correndo**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **parque**_{LUGAR} .
- 49 Me levou pro Sumaré, me mandou **correr**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **mato** e atirou .
- 50 *Homem se atrapalha ao transportar cisne para lago descongelado. O funcionário*_{INCD-SOF} *correu*_{INIC-PROC-TRAJ} *na*_{LUGAR-AXIAL} *água*_{LUGAR} e caiu no gelo até conseguir capturar o ganso e levá-lo para um lago próximo de Minsk...

2.3.3 ‘Correr para’¹⁷⁶: 50 ocorrências selecionadas¹⁷⁷

- 1 Não é por acaso que **Gilbert e seu irmão retardado**_{INCD-SOF} costumam **correr**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **a estrada**_{ALVO-LUGAR} para ver a passagem de uma caravana de trailers...
- 2 ... deixei o canto e **corri**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **a varanda**_{ALVO-LUGAR} .

¹⁷⁶ Construções excluídas: *correr para* + V, *correr para* + -ção, *para cima*, *para o abraço*, *correr para alguém* (= *por alguém*)

¹⁷⁷ Mais de uma centena de ocorrências de ‘correr para’ foram encontradas. Para esta análise, foram selecionados cinquenta exemplos aleatoriamente.

- 3 Ficou debaixo d' água por duas ondas até conseguir cair fora e **correr**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **a selva**_{ALVO-LUGAR} .
- 4 ... permaneceram parados e **milhares de passageiros**_{INCD-SOF} **correram**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **os pontos de ônibus**_{ALVO-LUGAR} .
- 5 De lá saíram **correndo**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **a Unesco**_{ALVO-LUGAR} -- onde passaram rapidamente -- e seguiram para a Sorbonne, onde FH foi condecorado .
- 6 ... **correu**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO(-LUGAR)} **a torcida**_{ALVO} batendo as palmas espalmadas como um sinal de agradecimento...
- 7 Apertou apressadamente a mão da moça, passou o buquê à primeira pessoa que encontrou e **correu**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO} **o celular**_{ALVO} .
- 8 ... o shopping havia desmoronado, comecei a chorar e **corri**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **a casa da Andréa**_{ALVO-LUGAR} .
- 9 O fogo começou no térreo, bloqueou a escadaria e **os moradores**_{INCD-SOF} foram obrigados a **correr**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **a cobertura do imóvel**_{ALVO-LUGAR} .
- 10 **Ela**_{INCD-SOF} disse ter acordado ao ouvir o tiro, visto dois vultos saindo do apartamento, **corrido**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **a cozinha**_{ALVO-LUGAR} e batido a porta .
- 11 Imediatamente, **correu**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **o portão**_{ALVO-LUGAR} e levou um tremendo susto...
- 12 **Ele**_{INCD-SOF} viu o quintal de seu vizinho iluminado por uma luz estranha e **correu**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **lá**_{ALVO-LUGAR} .
- 13 ... disse **Zagalo**_{INCD-SOF} enquanto **corria**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **o elevador**_{ALVO-LUGAR} .
- 14 ... todos **os jogadores e o técnico**_{INCD-SOF} Parreira **correram**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **o vestiário**_{ALVO-LUGAR}, evitando entrevistas.
- 15 Logo, **a turma**_{INCD-SOF} **correu**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **o ônibus**_{ALVO-LUGAR}, que disparou em direção à nova morada do nosso futebol, auspiciosamente denominada de Villa Felice .
- 16 Sob aplausos, **Pelé**_{INCD-SOF} **correu**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **dentro**_{AXIAL} **do gol**_{ALVO-LUGAR}, pegou a bola e a beijou.
- 17 Então **André**_{INCD-SOF} **corre**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **a sala**_{ALVO-LUGAR} e sob os protestos do pai...
- 18 **Rivaldo**_{INCD-SOF} toca para Flávio Conceição e **corre**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **a frente**_{ALVO-LUGAR} junto com César Sampaio .
- 19 **Corri**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **o boxe**_{ALVO-LUGAR} da McLaren...
- 20 Ao vê-lo **correu**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **seus braços**_{ALVO-LUGAR} .
- 21 **Corra**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **a luz**_{ALVO-LUGAR}, querida.

- 22 **Todos**^{INCD-SOF} **correram**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR} **uma cabana**^{ALVO-LUGAR} que havia nas imediações.
- 23 Volto ao Brasil e **corro**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR} **o filme de Orson Welles**^{ALVO-LUGAR}, louco para ver...
- 24 ... Moss de bobs no cabelo e **Campbell**^{INCD-SOF} **correndo**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR} **um desfile**^{ALVO-LUGAR} .
- 25 ... parte dos espectadores lhe dava as costas, **correndo**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR} **a saída**^{ALVO-LUGAR} .
- 26 **Correu**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **a porta**^{ALVO-LUGAR} assim como não soube quando aplaudir porque sequer se deu o desafio de ler programa impresso .
- 27 **Ela**^{INCD-SOF} **correu**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR} **casa**^{ALVO-LUGAR}, mas foi atingida quando chegava ao portão .
- 28 «No momento em que **correu**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR} **a bola**^{ALVO-LUGAR}, ele vacilou porque não dei nenhuma dica sobre o lado que eu saltaria. "
- 29 Estavam ansiosos para sair mais cedo do trabalho e **correr**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR} **a casa**^{ALVO-LUGAR}.
- 30 Este toca a Pelé e **corre**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR} **a esquerda**^{ALVO-LUGAR}, arrastando o marcador Facchetti .
- 31 **Romário**^{INCD-SOF} **correu**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR} **o banco de reservas**^{ALVO-LUGAR} para comemorar seu gol.
- 32 Quando o Joelma pegou fogo as pessoas se lembraram disso e **correram**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR} **o telhado**^{ALVO-LUGAR} .
- 33 **Os dois policiais que davam apoio**^{INCD-SOF} **correram**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR} **o local**^{ALVO-LUGAR} .
- 34 «Após os tiros, **meus amigos**^{INCD-SOF} **correram**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR} **meu carro**^{ALVO-LUGAR} .
- 35 As pessoas entenderam que a conversão para real foi automática e não **correram**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR} **as agências**^{ALVO-LUGAR}», disse Mario Eduardo Martins Júnior...
- 36 Sem controle do escoamento, **a água corre**^{PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR} **o rio**^{ALVO-LUGAR}, levando a terra ...
- 37 Temendo um ataque, **as mulheres e crianças dos ianomâmis**^{INCD-SOF} **correram**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR} **a floresta**^{ALVO-LUGAR}, enquanto os homens foram ao encontro dos garimpeiros .
- 38 **Um outro segurança**^{INCD-SOF}, que estava em uma guarita, **correu**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR} **a sala**^{ALVO-LUGAR} .
- 39 Cabeça disse que escapou porque **correu**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR} **a praia**^{ALVO-LUGAR} .

- 40 **Muitos**_{INCD-SOF} **correram**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **dentro da água**_{ALVO-LUGAR}, com medo das fagulhas .
- 41 Quaresma desviou, **correndo**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **a calçada**_{ALVO-LUGAR} .
- 42 Os líderes da oposição **correram**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **lá**_{ALVO-LUGAR} e, ao chegarem, não conseguiram acreditar: não viram João Paro .
- 43 Ele deu um tiro com a última bala que tinha, mas como errou, **correu**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **o mato**_{ALVO-LUGAR}», afirmou .
- 44 Desde o colapso do comunismo, **as indústrias de cigarros**_{INCD-SOF} **correram**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **a Polônia**_{ALVO-LUGAR}, onde cada adulto fuma 3.620 cigarros por ano, a maior média do mundo .
- 45 Fernanda disse que **os banhistas**_{INCD-SOF} **correram**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **a ponta do Arpoador**_{ALVO-LUGAR}, tentando se proteger .
- 46 A partir daí, **todos os jogadores**_{INCD-SOF} **correram**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **o local**_{ALVO-LUGAR} e houve empurrões de parte a parte, mas sem maiores consequências .
- 47 Assim que acabou a partida, **os são-paulinos**_{INCD-SOF} **correram**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **o vestiário**_{ALVO-LUGAR} .
- 48 Assustada, pegou o garoto e **correu**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **um banheiro**_{ALVO-LUGAR} ao lado .
- 49 **A maioria das pessoas**_{INCD-SOF} **correu**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **o segundo andar dos sobrados**_{ALVO-LUGAR} .
- 50 O menor esfaqueou Maurício no pulmão e **ele**_{INCD-SOF} **correu**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **a cabine de som**_{ALVO-LUGAR}, onde Edson trabalhava .

2.4 DESCER

2.4.1 ‘Descer a’¹⁷⁸: 11 ocorrências

- 1 Eram 22h30 (2h30 no Brasil) quando **ele**_{INCD-SOF-REST} **desceu**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **restaurante**_{ALVO-LUGAR} do hotel Marriot, onde está a seleção, e foi aplaudido pelos presentes .
- 2 Não, não **desceremos**_{INIC-PROC-RES} **a**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **esse campo**_{ALVO-LUGAR} que exigiria muito papel e tinta.
- 3 ... o público de Cannes só terá oportunidade de conhecer as novas produções brasileiras se **descer**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **subsolo**_{ALVO-LUGAR} do Palácio onde funciona o festival para assistir às sessões de mercado .
- 4 A certa altura, ele se levanta, **desce**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **palco**_{ALVO-LUGAR}, veste uma casaca de «Pequeno Príncipe» e corta uma cebola junto aos olhos para chorar .

¹⁷⁸ Construções excluídas: *descer a serra, a rua, a rampa do Planalto, a montanha, a escada, a estrada, a ladeira, ao fundo, ao lado, ao nível, ao inferno, ao purgatório*

- 5 Segundo o Dersa, **270 mil veículos**_{SOF-REST} **desceram**_{PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **litoral**_{ALVO-LUGAR} no fim-de-semana .
- 6 50 % dos **carros**_{SOF-REST} que **desceram**_{PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **litoral**_{ALVO-LUGAR} haviam voltado até as 17h.
- 7 **Os caminhões**_{SOF-REST} que **descem**_{PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **litoral**_{ALVO-LUGAR} devem utilizar a via Anchieta .
- 8 Desde às 14h de ontem, **o paulistano**_{INCD-SOF-REST} que **desceu**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **litoral**_{ALVO-LUGAR} pela Imigrantes enfrentou trânsito...
- 9 **Desce**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **saguão**_{ALVO-LUGAR} do comitê e pede empenho aos militantes na fiscalização da apuração dos votos...
- 10 ... prefere **descer**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **lobby**_{ALVO-LUGAR} para conversar e ler jornais.
- 11 Em seguida **desce**_{PROC-RES} **ao**_{LUGAR} **lado**_{AXIAL} **das ruínas**_{LUGAR} do templo de Zeus, passa entre as árvores do Jardim Nacional e conduz ao Estádio Olímpico, onde no ano de 1896 foi disputada a primeira olimpíada dos novos tempos.

2.4.2 'Descer em': 31 ocorrências

- 1 Havia três jatos prontos para **descer**_{PROC-RES} **em**_{LUGAR-AXIAL} **Cumbica**_{ALVO-LUGAR...}
- 2 ...toda a terra estava inundada de um luar branco; as nuvens, **descendo**_{PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **céu**_{LUGAR}, **desmanchavam-se no horizonte...**
- 3 **O avião**_{SOF-REST} teria que **descer**_{PROC-RES} **em**_{LUGAR-AXIAL} **Guayaquil**_{ALVO-LUGAR}, trocar pneus e esvaziar o tanque...
- 4 ... **o avião**_{SOF-REST} **desceu**_{PROC-RES} **em**_{LUGAR-AXIAL} **Tarauacá**_{ALVO-LUGAR} sem problemas .
- 5 O DC-10 partiu de Los Angeles preparado para **descer**_{PROC-RES} **em**_{LUGAR-AXIAL} **Recife**_{ALVO-LUGAR} .
- 6 **Ao descer**_{INIC-PROC-RES} **no**_{LUGAR-AXIAL} **aeroporto**_{ALVO-LUGAR} de Salvador, no sábado...
- 7 LOUCOS pra **descer**_{INIC-PROC-RES} **em**_{LUGAR-AXIAL} **Miami**_{ALVO-LUGAR}, o Morumbi de Cuba...
- 8 **O presidente eleito**_{INCD-SOF-REST} **desceu**_{INIC-PROC-RES} **em**_{LUGAR-AXIAL} **São Paulo**_{ALVO-LUGAR} às 17h30 .
- 9 **Antes de chegar lá, um deles**_{INCD-SOF-REST} **desceu**_{INIC-PROC-PATH} **na**_{LUGAR-AXIAL} **avenida Indianópolis**_{LUGAR} .
- 10 **Desceram**_{INIC-PROC-RES} **no**_{LUGAR-AXIAL} **Largo da Carioca**_{ALVO-LUGAR} .
- 11 Assim é que, à medida que **desce**_{INIC-PROC-TRAJ} **na**_{LUGAR-AXIAL} **água**_{LUGAR}, o mergulhador necessita de ar ...
- 12 Depois de **descer**_{INIC-PROC-RES} **em**_{LUGAR-AXIAL} **São Paulo**_{ALVO-LUGAR}, outro táxi e outro motorista .

- 13 Novamente na rua, confere o endereço, entra em números errados, toma elevadores equivocados, **desce**_{INIC-PROC-RES} **em**_{LUGAR-AXIAL} **andares estranhos**_{ALVO-LUGAR} .
- 14 ... preferem ficar no navio jogando ou bebendo a **descer**_{INIC-PROC-RES} **em**_{LUGAR} **cada ilha**_{ALVO-LUGAR} .
- 15 **Ao descer**_{INIC-PROC-RES} **na**_{LUGAR-AXIAL} **av. Paulista**_{ALVO-LUGAR}, tiveram que correr de santistas .
- 16 Passou quatro dias na Bahia e **desceu**_{INIC-PROC-RES} **em**_{LUGAR-AXIAL} **São Paulo**_{ALVO-LUGAR} gritando Kaô kabiesili !
- 17 ... três gatos pingados **descerem**_{INIC-PROC-RES} **na**_{LUGAR-AXIAL} **ilha**_{ALVO-LUGAR} para panfletar o fim do regime ...
- 18 Um atirador **desceu**_{INIC-PROC-RES} **na**_{LUGAR-AXIAL} **plataforma**_{ALVO-LUGAR} de uma estação...
- 19 ... 30 passageiros com seus equipamentos e o **avião desceu**_{PROC-RES} **na**_{LUGAR-AXIAL} **Ilha Flutuante**_{ALVO-LUGAR}.
- 20 ... colocou 27 homens em órbita lunar dos quais **12**_{INCD-SOF-REST} **descerem**_{INIC-PROC-RES} **na**_{LUGAR-AXIAL} **Lua**_{ALVO-LUGAR} .
- 21 ... era integrada por outros 18 passageiros (**13**_{SOF-REST} **descerem**_{INIC-PROC-RES} **em**_{LUGAR-AXIAL} **São Paulo**_{ALVO-LUGAR} e cinco em Recife)...
- 23 Apenas um passageiro, Antonio Cassiano, vendedor, entrou no ônibus, no segundo ponto da Lapa, e **desceu**_{INIC-PROC-RES} **na**_{LUGAR-AXIAL} **Penha**_{ALVO-LUGAR} .
- 24 **Descemos**_{INIC-PROC-RES} **na**_{LUGAR-AXIAL} **primeira estação**_{ALVO-LUGAR...}
- 25 **O passageiro**_{INCD-SOF-REST} que **descer**_{INIC-PROC-RES} **na**_{LUGAR-AXIAL} **Barra Funda**_{ALVO-LUGAR} poderá usar a linha leste...
- 26 Basta **descer**_{INIC-PROC-RES} **na**_{LUGAR-AXIAL} **Estação da Luz**_{LUGAR...}
- 27 ... quando **desce**_{INIC-PROC-RES} **no**_{LUGAR-AXIAL} **aeroporto de Paris**_{ALVO-LUGAR} e encontra brasileiros...
- 28 **A gente**_{INCD-SOF-REST} **desce**_{INIC-PROC-RES} **na**_{LUGAR-AXIAL} **praia**_{ALVO-LUGAR} e pensa que tá em Woodstock !
- 29 “uma espécie de **um anjo**_{INCD-SOF-REST} que **desceu**_{INIC-PROC-RES} **na**_{LUGAR-AXIAL} **terra**_{ALVO-LUGAR}”
- 30 ... justamente para evitar a colisão com **os aviões**_{SOF-REST} que **desceriam**_{PROC-RES} **no**_{LUGAR-AXIAL} **aeroporto**_{ALVO-LUGAR} minutos depois .
- 31 **Desceu**_{INIC-PROC-RES} **no**_{LUGAR-AXIAL} **Rio**_{ALVO-LUGAR}, em plena fervura do jogo final da Taça Guanabara .

2.4.3 ‘Descer para’¹⁷⁹: 26 ocorrências

- 1 ... soterrados pelo deslizamento de uma barreira, que **desceu**_{PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **a rua**_{ALVO-LUGAR} trazendo junto uma árvore...
- 2 Um a um, **os jogadores**_{INCD-SOF-REST} **desceram**_{INIC-PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **a pista**_{ALVO-LUGAR} .
- 3 ... jamais entendi: essa gente do Sertão, que **desce**_{INIC-PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o litoral**_{ALVO-LUGAR}, sem razão, fica vivendo no meio da lama, comendo os siris que apanha;...
- 4 ... não deixar **o lateral-direito do Bahia**_{INCD-SOF-REST} **descer**_{INIC-PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o campo de ataque**_{ALVO-LUGAR} .
- 5 ... Grécia, passa pela Europa, América, **desce**_{INIC-PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o Brasil**_{ALVO-LUGAR} e termina tendo um encontro com a Marquesa de Santos .
- 6 ... apenas **Romário, Dunga e Branco**_{INCD-SOF-REST} **desceram**_{INIC-PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o saguão do hotel**_{ALVO-LUGAR} .
- 7 Depois da meia-noite, **todos**_{INCD-SOF-REST} **descem**_{INIC-PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **a avenida Atlântica**_{ALVO-LUGAR...}
- 8 Com isto, **os nutrientes**_{SOF-REST} **descem**_{PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o subsolo**_{ALVO-LUGAR}, inviabilizando a agricultura...
- 9 Depois da meia-noite, **Collor e alguns amigos**_{INCD-SOF-REST} **desceram**_{INIC-PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **a beira do lago** e soltaram 75 rojões...
- 10 **375.083 carros**_{SOF-REST} **desceram**_{PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o litoral**_{ALVO-LUGAR} .
- 11 Às 17h **desceu**_{INIC-PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o saguão do prédio**_{ALVO-LUGAR} onde mora em São Paulo e deu entrevista .
- 12 ... **tudo que entra pela boca**_{SOF-REST} **desce**_{PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o ventre**_{ALVO-LUGAR} e depois...
- 13 Dos **126.587 veículos**_{SOF-REST} que **desceram**_{PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o litoral** no fim-de-semana...
- 14 A frente fria que atingiu todo o Estado de São Paulo estragou o passeio **dos**_{INCD-SOF-REST} que **desceram**_{INIC-PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **a Baixada Santista**_{ALVO-LUGAR} .
- 15 «**O silicone do peito**_{SOF-REST} **desceu**_{PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **a barriga**_{ALVO-LUGAR} .
- 16 Na sexta-feira e no sábado, **desceram**_{INIC-PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o litoral** 101 mil .
- 17 Nesta época, os chamados **sacoleiros**_{INCD-SOF-REST} **descem**_{INIC-PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o Paraguai**_{ALVO-LUGAR} em centenas de ônibus...

¹⁷⁹ Construções excluídas: *descer para o quarto lugar, descer para + V, descer para + nível/número/posição em escala*

- 18 Os presos abriram um buraco na parede do pavilhão D, passaram para o teto do pavilhão E, que fica na frente do presídio e, usando «jibóias» ('pécie de corda feita com pedaços de lençóis) , **desceram**^{INIC-PROC-RES} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **uma área**^{ALVO-LUGAR} que não tem muro .
- 19 Aproximadamente **50 mil veículos**^{SOF-REST} devem **descer**^{PROC-RES} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o litoral**^{ALVO-LUGAR} norte a partir de amanhã.
- 20 ... cerca de **140 mil veículos**^{SOF-REST} **desceram**^{PROC-RES} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o Litoral Norte**^{ALVO-LUGAR} durante o feriado...
- 21 ... **mil carros**^{SOF-REST} **desceram**^{PROC-RES} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **a Baixada Santista**^{ALVO-LUGAR} ontem durante a Operação Descida, segundo o Dersa .
- 22 **Mais da metade (59 %) dos carros**^{SOF-REST} que **desceram**^{PROC-RES} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **a Baixada Santista**^{ALVO-LUGAR} no fim-de-semana tinha retornado a São Paulo até as 16h de ontem .
- 23 O Dersa (Desenvolvimento Rodoviário S.A.) informou que até as 13h **desceram**^{PROC-RES} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o litoral**^{ALVO-LUGAR} **cerca de 60 mil carros**^{SOF-REST} .
- 24 Armstrong e Aldrin encontravam-se a poucos minutos do momento em que iriam acionar o motor e **descer**^{INIC-PROC-RES} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **a superfície lunar**^{ALVO-LUGAR} .
- 25 Depois da reunião, **FHC, Pimenta, Aécio e Azeredo**^{INCD-SOF-REST} **desceram**^{INIC-PROC-RES} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **a entrada do prédio**^{ALVO-LUGAR} .
- 26 Ele avança, passa a jogar de armador e **o outro**^{INCD-SOF-REST} **desce**^{INIC-PROC-RES} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o seu lugar de zagueiro**^{ALVO-LUGAR} .

2.5 ENTRAR

2.5.1 'Entrar a': nenhuma ocorrência

Nenhuma ocorrência encontrada.

2.5.2 'Entrar em'¹⁸⁰: 50 ocorrências selecionadas¹⁸¹

- 1 Geninho garante que **sua equipe**^{INCD-SOF-REST} **não vai entrar**^{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **em**^{LUGAR-AXIAL} **campo**^{LUGAR} apenas para "perder de pouco"...
- 2 ...**o cineasta italiano Michelangelo Antonioni**^{INCD-SOF-REST} **entrou**^{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**^{LUGAR-AXIAL} **sala de exibição**^{LUGAR...}
- 3 Vamos **entrar**^{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **em**^{LUGAR-AXIAL} **campo**^{LUGAR} com a ilusão da vitória...

¹⁸⁰ Construções excluídas: *entrar em vigor, em circulação, em contato, em greve, em cana, em depressão, em cena, na justiça, na fase, na universidade, no jornalismo, na moda, na besteira de*

¹⁸¹ Milhares de ocorrências da construção 'entrar em' foram encontradas. Para esta análise, foram selecionados cinquenta exemplos aleatoriamente.

- 4 ... perdeu três jogos e empatou dois, vai **entrar**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **em**_{LUGAR-AXIAL} **campo**_{LUGAR} com pelo menos uma alteração...
- 5 ... **entrando**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **no**_{LUGAR-AXIAL} **palco**_{LUGAR} depois de outra revelação, o pernambucano Chico Science & Nação Zumbi .
- 6 do comerciante a tiros e pularam outro muro, **entrando**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **em** **uma chácara** .
- 7 ... centenas de pessoas tentavam pular cercas para **entrar**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **em**_{LUGAR-AXIAL} **áreas reservadas pela organização**_{LUGAR} .
- 8 ... termina hoje às 22h30, quando **entrar**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **em**_{LUGAR-AXIAL} **campo**_{LUGAR} contra o São Paulo...
- 9 ... inúmeras maldades com **os bandidos**_{INCD-SOF-REST} que tentam **entrar**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **em**_{LUGAR-AXIAL} **sua casa**_{LUGAR} .
- 10 Na saída, **Adriane**_{INCD-SOF-REST} **entrou**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **van da família de Senna**_{LUGAR-AXIAL...}
- 11 Até **o Viola**_{INCD-SOF-REST} **entrou**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **passarela**_{LUGAR} assim como o francês Eric...
- 12 sair da União Soviética com um importante artefato militar (no caso, o submarino nuclear «Outubro Vermelho») e **entrar**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **em**_{LUGAR-AXIAL} **domínios norte-americano**_{LUGAR} (sic).
- 13 ... estava saindo de um caixa eletrônico para **entrar**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **em**_{LUGAR-AXIAL} **seu Uno 1.5**_{LUGAR}, quando os três homens...
- 14 Sobreviventes afirmaram que **o homem**_{INCD-SOF-REST} **entrou**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **lanchonete**_{LUGAR} e começou a atirar .
- 15 Nos últimos seis meses, **62 % das pessoas**_{INCD-SOF-REST} que **entraram**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **em**_{LUGAR-AXIAL} **lojas americanas**_{LUGAR} saíram sem comprar...
- 16 **Tudo**_{SOF-REST} que **entrava**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **em**_{LUGAR-AXIAL} **seu ateliê**_{LUGAR} não podia sair .
- 17 ...não vão subir os morros, **entrar**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **em**_{LUGAR-AXIAL} **favelas**_{LUGAR} .
- 18 Os soldados chegaram a subir o morro e **entraram**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **em**_{LUGAR-AXIAL} **uma das casas da favela**_{LUGAR}, mas ...
- 19 Ele atravessou a rua e **entrou**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **em**_{LUGAR-AXIAL} **um restaurante**_{LUGAR} .
- 20 **Entrei**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **em**_{LUGAR-AXIAL} **casa**_{LUGAR} correndo .
- 21 ... homem não identificado pula o muro e **entra**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **casa do médico Eduardo Araújo**_{LUGAR}.
- 22 ... pulavam em frente dos carros de brancos que **entravam**_{PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **rua**_{LUGAR} .

- 23 ... rolava a bola para Dhalin chutar de primeira ao **entrar**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **área**_{LUGAR} .
- 24 Depois que **entrou**_{PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **no**_{LUGAR-AXIAL} **caixa**_{LUGAR}, o dinheiro tem que ser aplicado tecnicamente para garantir a aposentadoria dos associados .
- 25 Novaes viu **Zezé**_{INCD-SOF-REST} sair e **entrar**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **sala**_{LUGAR} três vezes .
- 26 Nos motéis, se **você**_{INCD-SOF-REST} **entra**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **banheira de hidromassagem**_{LUGAR} não sai mais...
- 27 ... depois de sair do túnel o **carro**_{SOF-REST} **entra**_{PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **avenida 23 de Maio**_{LUGAR} .
- 28 É possível **entrar**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **lama**_{LUGAR} de terno branco e sair limpo do outro lado ?
- 29 Desci ao primeiro andar do edifício, **entrei**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **capela**_{LUGAR} .
- 30 **A criança**_{INCD-SOF-REST} **entrava**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **escola**_{LUGAR} com os pais...
- 31 Em 92 ele veio jogar em Campinas e **eu**_{INCD-SOF-REST} **entrei**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **em**_{LUGAR-AXIAL} **campo**_{LUGAR} para tirar uma foto com ele .
- 32 ... a fumaça sai pelos buracos dos fornos e **entra**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **casa de Valdivino**_{LUGAR}, acordando toda família..
- 33 ...às 22h de anteontem, 14 horas depois de terem **entrado**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **propriedade**_{LUGAR} .
- 34 ... de manhã, **um grupo de jornalistas**_{INCD-SOF-REST} tentou **entrar**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **fazenda**_{LUGAR}, mas foi descoberto pelos agentes...
- 35 Quando **entrei**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **sala**_{LUGAR}, ninguém ralhou comigo .
- 36 “Quando **entrei**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **no**_{LUGAR-AXIAL} **barraco**_{LUGAR}, começaram as explosões .”
- 37 ... uma contínua passagem de substâncias: **entram**_{PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **célula**_{LUGAR} **materiais essenciais**_{SOF-REST...}
- 38 Pouco depois regressou, **entrando**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **Câmara**_{LUGAR} sozinho...
- 39 Enquanto os outros subiam os degraus da porta e **entravam**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **habitação**_{LUGAR}, Álvaro achou...
- 40 **Entrei**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **em**_{LUGAR-AXIAL} **casa**_{LUGAR} e telefonei para a polícia.
- 41 ... os ladrões subiram por um muro e **entraram**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **varanda do andar superior do sobrado**_{LUGAR} .

- 42 Me perdi no centro e, sem saber, **entrei**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **faixa exclusiva para ônibus**_{LUGAR ...}
- 43 ... ao cruzar o semáforo verde para **entrar**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **Celso Garcia**_{LUGAR}, chocou-se de frente com um ônibus da viação Santo Estevam .
- 44 ... coronel Marcos Paes, disse que seus comandados continuarão **entrando**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **favela**_{LUGAR} com a mesma determinação .
- 45 **O Ramones**_{INCD-SOF-REST} **entrou**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **no**_{LUGAR} **palco**_{LUGAR} às 21h56, tocando «Teenage Lobotomy» .
- 46 **Amin**_{INCD-SOF-REST} **entrou**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **no**_{LUGAR-AXIAL} **palco**_{LUGAR} convidado para cantar «Menino da Porteira» em dupla com o cantor Sérgio Reis .
- 47 Mas, quando **entramos**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **no**_{LUGAR-AXIAL} **saguão**_{LUGAR}, a funcionária do balcão saiu de trás dele, pegou Lillie no colo e as duas começaram a se beijar .
- 48 **Os assaltantes**_{INCD-SOF-REST} **entraram**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **no**_{LUGAR-AXIAL} **prédio**_{LUGAR} anteontem à noite...
- 49 Ao **entrar**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **no**_{LUGAR-AXIAL} **Banco**_{LUGAR} esbarrou no sócio, que saiu...
- 50 ...**a bola**_{SOF-REST} só sai de campo ou somente **entra**_{PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **no**_{LUGAR-AXIAL} **gol**_{LUGAR} se ultrapassar completamente a linha...

2.5.3 'Entrar para'¹⁸²: nenhuma ocorrência

Nenhuma ocorrência encontrada.

2.6 IR

2.6.1 'Ir a'¹⁸³: 50 ocorrências¹⁸⁴

- 1 **O cara**_{INCD-SOF-REST} **vai**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Maracanã**_{ALVO-LUGAR}, está vendo o jogo, mas fica com o radinho de pilha na orelha .
- 2 Eu não conheço o Amazonas, estive em Porto Alegre uma vez, nunca **fui**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Mato Grosso**_{ALVO-LUGAR} .
- 3 No domingo, véspera do Pleito Caído, **fui**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **cinema**_{ALVO-LUGAR} assistir «Kika» e peguei fila pra comprar, fila pra entrar, fila pra **ir** ao banheiro .
- 4 “**Eu**_{INCD-SOF-REST} **fui**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **ao**_{ALVO} **presidente**_{ALVO} depois de tudo isso publicado na imprensa e ele me disse para continuar, que não desistisse.”

¹⁸² Construções excluídas: *entrar para o colégio, para o exército, para a história, para os anais, para o Guinness, para o partido, para o Senado, para o PT*

¹⁸³ Construções excluídas: *ir ao ar, ir ao banho, “mas vamos ao jogo” (falar do jogo)*

¹⁸⁴ Cinquenta e quatro ocorrências da construção ‘ir a’ foram encontradas. Para esta análise, foram selecionados cinquenta exemplos aleatoriamente.

- 5 Falo-lhes de experiência própria, porque, durante as inúmeras vezes, a toda a hora do dia, em que **fui**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Hotel Términus**_{ALVO-LUGAR} procurar o Deputado Castro...
- 6 Também só não **fui**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **estádio RFK**_{ALVO-LUGAR}, em Washington .
- 7 Não **fui**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **plenário**_{ALVO-LUGAR} anteontem, mas votaria contra o decreto...
- 8 É a primeira vez que **FHC**_{INCD-SOF-REST} **vai**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **à**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Bahia**_{ALVO-LUGAR}, desde que PSDB e PFL formalizaram a aliança para a sucessão .
- 9 **A dona de casa**_{INCD-SOF-REST} que **vai**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **supermercado**_{ALVO-LUGAR} ou à feira sabe melhor...
- 10 Torcedor de verdade é **aquele**_{INCD-SOF-REST} que **vai**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **estádio**_{ALVO-LUGAR} levando consigo o seu radinho...
- 11 Hoje, **FHC**_{INCD-SOF-REST} **vai**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Congresso**_{ALVO-LUGAR} para tentar assegurar que a emenda entre na pauta de votação da revisão já na quinta-feira .
- 12 Sábado **vai**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **desfile**_{ALVO-LUGAR} .
- 13 Requerimento do governo foi aprovado por 372 votos; **PT**_{INCD-SOF-REST} **vai**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **STF**_{ALVO-LUGAR}.
- 14 Sadyrin afirmou que “**o time**_{INCD-SOF-REST} **vai**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Mundial dos Eua**_{ALVO-LUGAR} com um pensamento: ...”
- 15 **Wagner**_{INCD-SOF-REST} **vai**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Fórum**_{ALVO-LUGAR...}
- 16 **Vai**_{INIC-PROC-RES-AVO} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Paraná**_{ALVO-LUGAR} .
- 17 **Itamar Franco**_{INCD-SOF-REST} (que não **vai**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **jantar**_{ALVO-LUGAR} de posse de FHC no Itamaraty) , faz o réveillon da sua despedida no Palácio do Jaburu...
- 18 Agora, **vai**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **ginásio**_{ALVO-LUGAR} e provoca uma guerra .
- 19 Recuperando-se de uma operação na região do malar (osso da face) , depois de levar um soco do zagueiro Válber, do São Paulo, **Antônio Carlos**_{INCD-SOF-REST} **foi**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **vestiário**_{ALVO-LUGAR}, participar da comemoração .
- 20 A operação é a seguinte: 1) **o exportador**_{INCD-SOF-REST} **vai**_{INIC-PROC-RES-AVO} **ao**_{ALVO-LUGAR} **banco**_{ALVO-LUGAR} e «trava» o câmbio, recebendo antecipadamente os reais pela exportação;...
- 21 Gramacho diz que **o agricultor**_{INCD-SOF-REST} só **vai**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **aos**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **bancos**_{ALVO-LUGAR} depois de conhecer as regras do governo para o custeio
- 22 O festival também toma as telas, com a mostra **O cinema**_{INCD-SOF-REST} **vai**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **teatro**_{ALVO-LUGAR}, que começa nesta sexta no Estação Paço .

- 23 O especial, de 45 minutos, conta a história de **um garoto**_{INCD-SOF-REST} que **vai**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **castelo**_{ALVO-LUGAR} durante uma noite de insônia .
- 24 **Vai**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **forno de carvão**_{ALVO-LUGAR}, no qual também se incenera (sic) a turfa .
- 25 Bia é flamenguista, mas “não um torcedor clássico, desses que **vai**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **estádio**_{ALVO-LUGAR} para ver a torcida, o espetáculo das arquibancadas, eu gosto mesmo é do jogo...”.
- 26 À noite, **foi**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **culto**_{ALVO-LUGAR} .
- 27 ... **fomos**_{INIC-PROC-RES-AVO} de mala a tiracolo **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **boteco**_{ALVO-LUGAR} mais próximo...
- 28 De El Calafate **fomos**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **à**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **área**_{ALVO-LUGAR} do parque nacional Los Glaciares...
- 29 **Iam**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **à**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **casa dele**_{ALVO-LUGAR}, todos os dias, alguns duas vezes...
- 30 Quando **iam**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **a**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **S. Clemente**_{ALVO-LUGAR}, tinham notícias da moça, sem que lhes dessem certeza do regresso .
- 31 Com ele e com suas colegas **vai**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **teatro**, frequenta bares e sai para dançar...
- 32 Pouco após a meia-noite, **foi**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **a**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **uma boate**_{ALVO-LUGAR} na Lagoa (zona sul) , para encontrar o rapper brasileiro Gabriel, o Pensador .
- 33 Passeamos, **vamos**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **cinema**_{ALVO-LUGAR}, jogamos videogame .
- 34 Olhe, escute: **nós**_{INCD-SOF-REST} hoje **vamos**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Campo**_{ALVO-LUGAR} ver o fogo...
- 36 Três vezes por semana **vou**_{INIC-PROC-RES-AVO} **a**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **uma academia**_{ALVO-LUGAR} e faço exercício...
- 37 Outros ritmos, escuto quando **vou**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **a**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **danceterias**_{ALVO-LUGAR} .
- 38 Eu não saio nunca, mas quando **vou**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **a**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **um clube**_{ALVO-LUGAR} em NY, vou ao Sound Factory .
- 39 ... não fumo, não **vou**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **cinema**_{ALVO-LUGAR} há mais de quinze anos...
- 40 Além disso, toda vez que **vou**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **cinema**_{ALVO-LUGAR}, em geral, é para assistir a filmes desse estilo .
- 41 “Não **vou**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **litoral**_{ALVO-LUGAR} .”
- 42 Depois de Feinberg, deu conferência no IAD, **foi**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Departamento de Estado**_{ALVO-LUGAR}, se reuniu com o presidente da Organização dos Estados Americanos...

- 43 Com as amigas Thais de Azevedo, 13, Eliane Gianotti, 16, e Juliana Fonseca, 14, **ela**_{INCD-SOF-REST} **foi**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Metropolitan**_{ALVO-LUGAR} principalmente para ver o Cidade Negra e os Paralamas .
- 44 **Foi**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **a**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **dois shoppings centers**_{ALVO-LUGAR} e caminhou pelas ruas...
- 45 **Você**_{INCD-SOF-REST} **foi**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **médico**_{ALVO-LUGAR} sozinha ou seu namorado foi junto ?
- 46 **Fomos**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **a**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **reservas na África**_{ALVO-LUGAR}, com elefantes e leões .
- 47 Depois de uma conversa de quatro horas com os três ministros, **Vicentinho**_{INCD-SOF-REST} **foi**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Palácio**_{ALVO-LUGAR} do Planalto para informar Itamar sobre a finalização da negociação .
- 48 No dia seguinte **fui**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **à**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **sua casa**_{ALVO-LUGAR}, literalmente correndo .
- 49 Na quarta-feira **fui**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **a**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **uma partida beneficente**_{ALVO-LUGAR} para ajudar as crianças com vírus HIV (causador da Aids)...
- 50 No dia seguinte, Natcher **foi**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Capitólio**_{ALVO-LUGAR} em maca de rodas, com tubo de oxigênio no nariz, para manter o seu recorde .

2.6.2 'Ir em': 4 ocorrências

- 1 **Você**_{INCD-SOF-REST} **vai**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **na**_{LUGAR-AXIAL} **banca de jornal**_{ALVO-LUGAR} tem todo tipo de revista, você vai dizer só pode comprar se for maior de 18 anos, se um garoto de 15 anos for comprar o cara não vai vender ?
- 2 **Vai**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **na**_{LUGAR-AXIAL} **televisão**_{ALVO-LUGAR} e faz um discurso de oposição .
- 3 **A bola**_{INCD-SOF-REST} **vai**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **no**_{LUGAR-AXIAL} **ângulo direito de Fernandez**_{ALVO-LUGAR}, bate na trave e no travessão e cai dentro do gol: 1 a 1 .
- 4 «**Vamos**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **no**_{LUGAR-AXIAL} **Olympia**_{ALVO-LUGAR} hoje ver o Caetano? »

2.6.3 'Ir para'¹⁸⁵: 50 ocorrências selecionadas¹⁸⁶

- 1 Quando **fui**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **a Rússia**_{ALVO-LUGAR} (1974) , cruzei com crianças na rua .
- 2 No Brasil me acusavam de cópia e quando **fui**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Nova York**_{ALVO-LUGAR} me disseram que minhas fotos tinham aspectos bem brasileiros .

¹⁸⁵ Construções excluídas: *ir para a frente, para cima, para a caderneta, ir para + número/posição*

¹⁸⁶ Centenas de ocorrências da construção 'ir para' foram encontradas. Para esta análise, foram selecionados cinquenta exemplos aleatoriamente.

- 3 **Fui**^{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **casa de meu pai**^{ALVO-LUGAR...} e de repente, hoje...
- 4 **Fui**^{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o Novorizontino**^{ALVO-LUGAR} .
- 5 E aí **fui**^{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **a escolinha de Eunice**^{ALVO-LUGAR,} que já morreu .
- 6 ...a Bethânia olhou para mim e **eu**^{INCD-SOF-REST} **fui**^{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **junto dela**^{ALVO-LUGAR...}
- 7 “**Fui**^{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **a frente das câmeras**^{ALVO-LUGAR} totalmente atordoado .”
- 8 Há dois anos **fui**^{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **a Espanha**^{ALVO-LUGAR,} onde fiz oito filmes .
- 9 “Já **fui**^{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **a Disney**^{ALVO-LUGAR} e comprei um computador .”
- 10 **Vai**^{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Metrópolis**^{ALVO-LUGAR,} arruma emprego no «Planeta Diário» de Perry White e conhece Lois Lane (a gatíssima Teri Hatcher)...
- 11 **Fui**^{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Los Angeles**^{ALVO-LUGAR,} joguei alguns meses no Montebelo Panthers .
- 12 Mas aí **fui**^{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **a Suíça**^{ALVO-LUGAR,} fiquei dois anos e vim para o Botafogo .
- 13 Sei que está na moda falar das crianças de rua brasileiras, mas **eu**^{INCD-SOF-REST} realmente **fui**^{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o Rio**^{ALVO-LUGAR} e vi a coisa de perto .
- 14 **Fui**^{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **cama**^{ALVO-LUGAR} e disse para a mulher me chamar...
- 15 “Saí do apartamento e **fui**^{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **a rua**^{ALVO-LUGAR} junto com meus vizinhos.
- 16 Depois da Bolívia, **fui**^{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o Chile**^{ALVO-LUGAR,} onde fiquei até 1969...
- 17 “Uma das coisas mais difíceis quando se **vai**^{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o exterior**^{ALVO-LUGAR} é conviver com a solidão .”
- 18 Nunca **vai**^{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **casa**^{ALVO-LUGAR} antes das 23h .
- 19 Na transcrição da fita feita pelo TRE, o pastor Didini diz, como se 'tivesse se dirigindo a Dirceu: «por favor, pega um avião e **vai**^{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Cuba**^{ALVO-LUGAR} .
- 20 **Hillary Clinton**^{INCD-SOF-REST} **vai**^{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **a Índia**^{ALVO-LUGAR} .
- 21 Taxas nominais **vão** cair com a chegada da nova moeda; **dinheiro**^{INCD-SOF-REST} sai dos CDBs prefixados e **vai**^{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **as cadernetas**^{ALVO-LUGAR} .
- 22 Com a interdição da pista, **muitos aviões**^{SOF-REST} de carreira que levavam parlamentares **foram**^{PROC-RES-ALVO} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Goânia**^{ALVO-LUGAR} .

- 24 A busca de qualidade não termina quando **o funcionário** INCD-SOF-REST **vai** INIC-PROC-RES-ALVO **para** ALVO-LUGAR-AXIAL **casa** ALVO-LUGAR depois de uma jornada de trabalho de oito horas na empresa .
- 25 Com isso, Da Guia, que estava na lateral-direita, **vai** INIC-PROC-RES-ALVO **para** ALVO-LUGAR-AXIAL **o meio-campo** ALVO-LUGAR...
- 26 Depois do Brasil **vai** INIC-PROC-RES-ALVO **para** ALVO-LUGAR-AXIAL **a Martinica** ALVO-LUGAR .
- 27 Depois **fomos** INIC-PROC-RES-ALVO **para** ALVO-LUGAR-AXIAL **o sindicato** ALVO-LUGAR .
- 28 Oito caminhões do Corpo de Bombeiros **foram** INIC-PROC-RES-ALVO **para** ALVO-LUGAR-AXIAL **o local** ALVO-LUGAR .
- 29 Sai da casa de Lula e **vai** INIC-PROC-RES-ALVO **para** ALVO-LUGAR-AXIAL **o comitê** ALVO-LUGAR na av.. Angélica, na região central de São Paulo .
- 30 **A exposição** SOF-REST esteve ano passado na sala histórica do Musée de l'Élysée, na Suíça, e em 1996 **vai** PROC-RES-ALVO **para** ALVO-LUGAR-AXIAL **a Maison Latino-Americaine** ALVO-LUGAR, em Paris .
- 31 **A mulher de Nasser** INCD-SOF-REST sai do carro e **vai** INIC-PROC-RES-ALVO **para** ALVO-LUGAR **casa** ALVO-LUGAR de carona .
- 32 Quando **vai** INIC-PROC-RES-ALVO **para** ALVO-LUGAR-AXIAL **a casa** ALVO-LUGAR da amiga Ana Zerlotti Sarkovas, 10, Iná e Ana nunca deitam antes da 1h, de madrugada .
- 33 Às 16h30, **vai** INIC-PROC-RES-ALVO **para** ALVO-LUGAR-AXIAL **Blumenau** ALVO-LUGAR (SC) , onde concede nova coletiva e faz outro comício .
- 34 **O filme Jenipapo** SOF-REST, de Monique Gardenberg, **vai** PROC-RES-ALVO **para** ALVO-LUGAR-AXIAL **o Canadá** ALVO-LUGAR .
- 35 **Vai** INIC-PROC-RES-ALVO **para** ALVO-LUGAR-AXIAL **Varginha** ALVO-LUGAR (MG) , onde faz carreata às 18h e comício às 20h .
- 36 ... a franquia dos Timberwolves fica mais um ano em Minnesota e depois **vai** INIC-PROC-RES-ALVO **para** ALVO-LUGAR-AXIAL **Nova Orleans** ALVO-LUGAR .
- 37 Ele ficou me ouvindo; **fomos** INIC-PROC-RES-ALVO caminhando **para** ALVO-LUGAR-AXIAL **o autódromo** ALVO-LUGAR.
- 38 Ele aprende a controlar o veículo, como se comportar no trânsito e, com o instrutor do lado, **vai** INIC-PROC-RES-ALVO **para** ALVO-LUGAR-AXIAL **as ruas** ALVO-LUGAR .
- 39 «**Vamos** INIC-PROC-RES-ALVO **para** ALVO-LUGAR-AXIAL **o plenário** ALVO-LUGAR defender nossas propostas», disse o presidente da Força Sindical, Luiz Antônio Medeiros .
- 40 «**Vamos** INIC-PROC-RES-ALVO **para** ALVO-LUGAR-AXIAL **a rua** ALVO-LUGAR, nada de encontrozinhos em associações», disse o candidato a seus assessores depois da convenção .
- 41 «Esqueçam as pesquisas, **vamos** INIC-PROC-RES-ALVO **para** ALVO-LUGAR-AXIAL **as ruas** ALVO-LUGAR», disse .

- 42 Diz que **cinco mil paulistas**_{INCD-SOF-REST} **vão**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **pro**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Rio**_{ALVO-LUGAR} !
- 43 Às 15h **vai**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Recife**_{ALVO-LUGAR} (PE) , onde passa o resto do dia .
- 44 «**As garotas daqui**_{INCD-SOF-REST} **têm que ir**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **casa**_{ALVO-LUGAR} às 21h .
- 45 «As pessoas ficam mais tempo nos bares antes de **ir**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **as danceterias**_{ALVO-LUGAR} e optam por bebidas geladas e roupas mais leves», afirmou Geraldo .
- 46 **Vai**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**_{ALVO-LUGAR} **a piscina**_{ALVO-LUGAR} todo dia, tem memória privilegiada e uma consciência grande dos cuidados com sua alimentação. "
- 47 **O golfinho**_{INCD-SOF-REST} **vai**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **os lugares**_{ALVO-LUGAR} onde os peixes são mais abundantes .
- 48 A maior parte é mandada para o entreposto do Ceasa em Curitiba e **o restante**_{SOF-REST} **vai**_{PROC-RES-ALVO} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **restaurantes**_{ALVO-LUGAR} de Londrina e Maringá .
- 49 O juiz vai decidir se **a menina**_{INCD-SOF-REST} **vai**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **uma Casa Abrigo**_{ALVO-LUGAR} OU será adotada .
- 50 **Vai**_{INIC-PROC-RES-ALVO} **pra**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Cuba**_{ALVO-LUGAR} !

2.7 NADAR

2.7.1 'Nadar a': nenhuma ocorrência

Nenhuma ocorrência encontrada.

2.7.2 'Nadar em': 4 ocorrências

- 1 Eu nunca faço o seu tipo Já bebi xampú Já **nadei**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **Tietê**_{LUGAR} Apareço no Datena pra ...
- 2 "**Nadei**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **Saracura**_{LUGAR} até o fim dos anos 1950, quando começaram a canalizar o rio",
- 3 "**Minha mãe**_{INCD-SOF} **nadou**_{INIC-PROC-TRAJ} **nessa**_{LUGAR} **piscina**_{LUGAR} entre os anos 60 e 70", conta.
- 4 Ou **nadou**_{INIC-PROC-TRAJ} **na**_{LUGAR-AXIAL} **longa piscina**_{LUGAR}, pedalou na academia ao ar livre, sussurrou segredos ao ouvido de outro bacana em algum dos amplos salões.

2.7.3 'Nadar para': 3 ocorrências

- 1 **Nadei**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **cá**_{ALVO-LUGAR} e **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **lá**_{ALVO-LUGAR}, tudo lindo e maravilhoso.

- 2 FOLHA - Como foi ficar em alto mar? RODRIGUES - **Nadei**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **longe**_{ALVO-LUGAR} por causa do querosene.
- 3 ... um pedaço da tolda do botequim e **nadei**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO} **êle**_{ALVO}, onde subi e pude recolher mais 3 pessoas...

2.8 ROLAR

2.8.1 'Rolar a': nenhuma ocorrência

Nenhuma ocorrência encontrada.

2.8.2 'Rolar em'¹⁸⁷: 17 ocorrências

- 1 «**Homens santos pelados rolam**_{INIC-PROC-TRAJ} **em**_{LUGAR-AXIAL} **fezes**_{LUGAR}», da revista norte-americano «People» .
- 2 Carmo disse que **as pedras que rolaram**_{INIC-PROC-TRAJ} **em**_{LUGAR-AXIAL} **Picinguaba**_{LUGAR} não oferecem riscos aos moradores.
- 3 A excitação recrudescceu; **eu rolava**_{INIC-PROC-TRAJ} **na**_{LUGAR-AXIAL} **cama**_{LUGAR} sobre um tormento de lascas cortantes .
- 4 Em setembro, ele teve as duas pernas quebradas com barras de ferro e foi forçado a **rolar**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **chão**_{LUGAR} três vezes para agravar os ferimentos .
- 5 Para não **rolar**_{INIC-PROC-TRAJ} **na**_{LUGAR-AXIAL} **ladeira**_{LUGAR}, atenção aos casos mais polêmicos .
- 6 Provavelmente também não consiga dormir às 23h, como a maioria dos franceses, e **role**_{INIC-PROC-TRAJ} **na**_{LUGAR-AXIAL} **cama**_{LUGAR} até as 3h.
- 7 A bola começou a **rolar**_{INIC-PROC-TRAJ} **na**_{LUGAR-AXIAL} **Copa**_{LUGAR} .
- 8 **As legendas podem rolar**_{INIC-PROC-TRAJ} **na**_{LUGAR-AXIAL} **tela**_{LUGAR} verticalmente, como nos créditos.
- 9 «Já, na época que eu fazia Mackenzie, de **rolar**_{INIC-PROC-TRAJ} **na**_{LUGAR-AXIAL} **calçada**_{LUGAR}» .
- 10 **A bola rolava**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **campo**_{LUGAR} e a moça, deitada sobre o cimento quente, ressonava .
- 11 Enquanto **rolavam**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **chão**_{LUGAR}, segundo testemunhas, outro assaltante teria se aproximado e atirado em Miyashita .
- 12 **A bola rolou**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **gramado do estádio**_{LUGAR};
- 13 **Mulheres e homens caem e rolam**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **chão**_{LUGAR}, patéticos, desesperados, comovidos, gratos

¹⁸⁷ Construções excluídas: [a bola] está rolando em Piracicaba, rolar em direção a, em cima de, deitar e rolar em, [a bola] rolar na Copa, no campeonato, no jogo

- 14 Todavia, o dobre continuou ao longe, **rolando**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **espaço**_{LUGAR}, como um soluço que se desdobra .
- 15 Mas coragem é o que lhe faltava; por duas ou três vezes o aventureiro teve um ímpeto de suspender-se ao frechal, e deixar **a tábua rolar**_{INIC-PROC-RES} **no**_{LUGAR-AXIAL} **abismo**_{ALVO-LUGAR}; não passou de um desejo .
- 16 Com espaço, **ele rolou**_{INIC-PROC-RES} **[a bola]**_{SOF} **no**_{LUGAR-AXIAL} **buraco**_{ALVO-LUGAR} deixado pela defesa alvinegra, e Gustavo empurrou para o gol.
- 17 O jovem driblou seu marcador e **rolou**_{INIC-PROC-TRAJ} **[a bola]**_{SOF} **no**_{LUGAR-AXIAL} **canto esquerdo de Lú**_{ALVO-LUGAR}, que desta vez, nada pode fazer.

2.8.3 'Rolar para': 7 ocorrências¹⁸⁸

- 1 ... a altura e o vigor físico são fundamentais cai aos pés desse baixinho capaz de surgir por detrás daquele armário russo e 'corar um córner de bate-pronto, com a ponta do pé, fazendo **a bola**_{SOF} **rolar**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o gol**_{ALVO-LUGAR} .
- 2 Quando a pessoa vira a cabeça de lado ou mesmo verticalmente para baixo, **essas pedrinhas**_{SOF} **rolam**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **outra posição**_{ALVO-LUGAR...}
- 3 Embalado pelo sucesso do carro, o governo malaio encorajou a instalação de uma segunda montadora no país, a Perusha Otomil Kedua, que já **rolou**_{SOF} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **fora de suas esteiras**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **um primeiro modelo**_{SOF}, o Kancil (nome de um pequeno cervo nativo da Malásia) .
- 4 **Evair rolou**_{INIC-PROC-TRAJ} **[a bola]**_{SOF} **para**_{ALVO} **Zinho**_{ALVO}, que chutou; a bola desviou na zaga e entrou no canto direito .
- 5 Antônio Carlos lançou na ponta-direita para Edmundo, que entrou na área e **rolou**_{INIC-PROC-TRAJ} **[a bola]**_{SOF} **para**_{ALVO} **Rivaldo**_{ALVO}, livre, marcar .
- 6 43 min **Zinho rola**_{INIC-PROC-TRAJ} **[a bola]**_{SOF} **para**_{ALVO} **Dunga**_{ALVO}, que penetra na área e chuta para fora .
- 7 **Você**_{INCD-SOF} **rola**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **fora do saco de dormir**_{ALVO-LUGAR} às cinco para enviar seu texto vital à Folha, que 'tá cinco horas adiante de seu fuso horário .

2.9 SAIR

2.9.1 'Sair a'¹⁸⁹: 2 ocorrências

- 1 Trate de resolver todas as charadas para poder **sair**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **mar**_{ALVO-LUGAR} e ser salvo, caso contrário...
- 2 **Apollo**_{INCD-SOF-REST} **sai**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **mundo**_{ALVO-LUGAR-}

¹⁸⁸ Construções excluídas: *bola rolar para o público, rolar para a desgraça*

¹⁸⁹ Construções excluídas: *sair ao encontro de, ao lado de, ao ataque*

2.9.2 ‘Sair em’¹⁹⁰: 10 ocorrências

- 1 Chegou a **sair**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **janela**_{ALVO-LUGAR} e brincar com os repórteres-fotográficos que o esperavam...
- 2 Atualmente, **você**_{INCD-SOF-REST} não pode nem **sair**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **rua**_{ALVO-LUGAR} com a camisa do seu clube...
- 3 Como você pode mandar uma mensagem para o sistema, é um pouco como **sair**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **avenida Paulista**_{ALVO-LUGAR} e gritar opiniões .
- 4 Por isso, esta alegria organizada que oferece a agremiação carnavalesca não se limita a preparação do que vai **sair**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **rua**_{ALVO-LUGAR} no tempo certo do Carnaval, mas se espalha pelo ano todo .
- 5 Mas **quem**_{INCD-SOF-REST} **sairia**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **rua**_{ALVO-LUGAR} com um chapéu de bichinho como o de Anna Sui, por exemplo ?
- 6 “Essas roupas não são para **sair**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **rua**_{ALVO-LUGAR}, quem consegue usar isso? ” etc .
- 7 E como **os Doces Bárbaros**_{INCD-SOF-REST} vão **sair**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **avenida**_{ALVO-LUGAR} ?
- 8 Não subir na árvore, não andar a cavalo, não **sair**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **na**_{LUGAR-AXIAL} **janela**_{ALVO-LUGAR} .
- 9 “É só **sair**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **nas**_{LUGAR-AXIAL} **ruas**_{ALVO-LUGAR} que os soldados chegam junto”.
- 10 As pessoas que aguardaram o final da reconstituição, em frente à casa, gritaram «monstro», «assassino», «debochado», quando **Carlos Alberto**_{INCD-SOF-REST} **saiu**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **no**_{LUGAR-AXIAL} **carro da polícia**_{LUGAR} .

2.9.3 ‘Sair para’¹⁹¹: 9 ocorrências

- 1 **O caminhão**_{SOF-REST} **sai**_{PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o acostamento**_{ALVO-LUGAR} .
- 2 **Oliveira**_{INCD-SOF-REST} **saiu**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **a rua**_{ALVO-LUGAR} armado com a foice .
- 3 **Um pacato cidadão de classe média**_{INCD-SOF-REST} **sai**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o trabalho**_{ALVO-LUGAR} e, de repente, se torna prisioneiro do seu automóvel .
- 4 Às 7h, dois homens invadiram a casa do analista de sistemas **José Aníbal Ferreira**_{INCD-SOF-REST}, 36, que estava **saindo**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o trabalho**_{ALVO-LUGAR}, e renderam a família .

¹⁹⁰ Construções excluídas: *ao busca de, em disparada, em direção, em defesa, em carreatas, em DVD, sair em alguma lista, em férias, na capa do..., na frente, no jornal, na porrada*

¹⁹¹ Construções excluídas: *sair para + V, para outro entrar, para um mergulho (= para mergulhar), para a defesa/o contra-ataque*

- 5 Impossibilitados de **sair**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o alto mar**_{ALVO-LUGAR}, e vendo negadas suas propostas de acordo, Saldanha da Gama e 525 companheiros se asilaram em navios portugueses .
- 6 Manuel, a poucos passos, roncava com insistência incômoda; Raimundo, depois de virar-se muitas vezes na rede, ergueu-se fatigado, acendeu um charuto e **saiu**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **a varanda**_{ALVO-LUGAR} .
- 7 **O motorista do carro**_{INCD-SOF-REST} foi obrigado a **sair**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **um acostamento precário**_{ALVO-LUGAR...}
- 8 Na equipe irlandesa, o contrato só é assinado se **Rubens Barrichello**_{INCD-SOF-REST} **sair**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **outro time**_{ALVO-LUGAR} .
- 9 Dona Ítala reproduz, por exemplo, duas das músicas que Carlos escreveu ainda em São Paulo, antes de **sair**_{INIC-PROC-RES-LUGAR-AXIAL} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o Rio**_{ALVO-LUGAR} e depois **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **a Itália**_{ALVO-LUGAR} .

2.10 SUBIR

2.10.1 'Subir a': 50 ocorrências selecionadas

- 1 WASHINGTON -- Um por um, **senadores republicanos**_{INCD-SOF-REST} **subiram**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **pódio**_{ALVO-LUGAR} durante uma entrevista coletiva...
- 2 ... aguarda oportunidade para **subir**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **espaço**_{ALVO-LUGAR} .
- 3 Isso significava que a produção do espetáculo nunca tinha muita certeza de **quem**_{INCD-SOF-REST} iria **subir**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **palco**_{ALVO-LUGAR} .
- 4 **Ele**_{INCD-SOF-REST} **subiu**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **palco**_{ALVO-LUGAR} com 35 minutos de atraso .
- 5 **As brasileiras**_{INCD-SOF-REST}, que **subiram**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **pódio**_{ALVO-LUGAR} nas 10 etapas do Circuito, terminaram a temporada com dois primeiros lugares, quatro segundos e quatro terceiros .
- 6 **Tuan**_{INCD-SOF-REST} foi o primeiro pessoa vietnamita a **subir**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **espaço**_{ALVO-LUGAR} .
- 7 **Svetlana Savitskaya**_{INCD-SOF-REST} foi a segunda mulher a **subir**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **espaço**_{ALVO-LUGAR} .
- 8 **Alexandrov**_{INCD-SOF-REST} foi o segundo búlgaro a **subir**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **espaço**_{ALVO-LUGAR} .
- 9 As missões também poderiam ser planejadas de tal modo que **uma tripulação**_{INCD-SOF-REST}, **subindo**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **espaço**_{ALVO-LUGAR} em uma nave, poderia voltar...
- 10 **Oito alunos do 2º colegial e a professora de laboratório do Instituto Educacional Santo Vito**_{INCD-SOF-REST} **subiram**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **pico do Jaraguá**_{ALVO-LUGAR}.

- 11 ... **ex-prefeita de São Paulo Luiza Erundina**_{INCD-SOF-REST} **subiu**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR} **carro de som**_{ALVO-LUGAR} com uma flor de papel violeta a cor do feminismo no cabelo e uma blusa no mesmo tom .
- 12 O gerente de hotelaria Paulo Campos chamou a polícia, que não **subiu**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **escritório**_{ALVO-LUGAR}, mas o levou para dar queixa na delegacia do consumidor .
- 13 Desta vez, **quem**_{INCD-SOF-REST} **subiu**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **podium**_{ALVO-LUGAR} foi o empreendedor que que construiu uma marca de sucesso em mais de cem países: Philip Knight...
- 14 Se outro artista em fim de carreira aportar por estas plagas, juro que **subo**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **topo do pico do Jaraguá**_{ALVO-LUGAR} e grito até estourar as cordas vocais .
- 15 **Dominguinhos**_{INCD-SOF-REST} **subiu**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **palco**_{ALVO-LUGAR} por volta das 11h30 .
- 16 **Ela**_{INCD-SOF-REST} **subiu**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **apartamento**_{ALVO-LUGAR} para retirar suas duas filhas, de 9 e 13 anos .
- 17 Desde ontem, os policiais do 22º DP ou qualquer pessoa que passe pela rua e veja a faixa podem **subir**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **2º andar da delegacia**_{ALVO-LUGAR} e comer em um pequeno restaurante self-service .
- 18 Ele havia acabado de retornar daquela cidade, onde trabalhava, quando **subiu**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **topo do prédio**_{ALVO-LUGAR} .
- 19 O empresário pretende manter a fidelidade à casa até na hora de **subir**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **altar** que deve ser montado na pista de dança da Saint Paul, provavelmente em dezembro .
- 20 Ela interfona para o porteiro perguntando se **algum estranho**_{INCD-SOF-REST} **subiu**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **oitavo andar**_{ALVO-LUGAR} .
- 21 **Sete homens**_{INCD-SOF-REST} **subiram**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **segundo andar**_{ALVO-LUGAR}, levando de refém um PM e o pediatra Jefferson Coe, 32 .
- 22 **Subir**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **palco**_{ALVO-LUGAR} brigados, por exemplo, nunca .
- 23 Diante do fato consumado, **o candidato**_{INCD-SOF-REST} **subiu**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **palanque**_{ALVO-LUGAR} e, mostrando a sabedoria...
- 24 **Subir**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **palco**_{ALVO-LUGAR} e dar uma canja na noite de estréia da turnê internacional de Tina Turner, 58 anos, em Paris .
- 25 O gerente de hotelaria Paulo Campos chamou a polícia, que não **subiu**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **escritório**_{ALVO-LUGAR}, mas o levou para dar queixa na delegacia do consumidor .
- 26 **Eles**_{INCD-SOF-REST} **subiram**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **palco** e foram bastante aplaudidos .

- 27 Já seu amigo, **Fabrizio Alves**_{INCD-SOF}, 22, conseguiu **subir**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **pódio de Barretos**_{ALVO-LUGAR} em 1992 .
- 28 No Canadian Holstein Sale, por exemplo, das **32 fêmeas**_{SOF-REST} que **subiram**_{PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **palco**_{ALVO-LUGAR}, apenas uma não encontrou comprador e retornou para a fazenda dos Roberti .
- 29 **Eu**_{INCD-SOF-REST} já **subi**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **palanque**_{ALVO-LUGAR} ao lado do Antônio Carlos...
- 30 Itamar abandonará a posição de «árbitro» em relação à sua sucessão e admite até mesmo **subir**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **palanque**_{ALVO-LUGAR} de FHC na campanha .
- 31 Na hora do comício, quando **Tancredo**_{INCD-SOF-REST} **subiu**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **palanque**_{ALVO-LUGAR}, uma multidão lotava a Praça Cívica .
- 32 **O candidato**_{INCD-SOF-REST} **subiu**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **palco**_{ALVO-LUGAR} .
- 33 O animador do comício na cidade de Presidente Prudente anunciou que dentro de alguns minutos **subiria**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **palanque**_{ALVO-LUGAR} o candidato do então PDS, Reynaldo de Barros .
- 34 Eles não deviam ter permitido que **qualquer pessoa**_{INCD-SOF-REST} **subisse**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **camarote**_{ALVO-LUGAR} .
- 35 Mesmo assim, astrônomos buscarão ver com telescópios a explosão refletida em luas de Júpiter, ondas propagadas na atmosfera do planeta e **um possível cogumelo atômico**_{SOF-REST} **subindo**_{PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **espaço**_{ALVO-LUGAR} .
- 36 Os fotógrafos foram autorizados a **subir**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **gabinete**_{ALVO-LUGAR} de Itamar e registrar o encontro com Luiz Henrique .
- 37 Quando **subia**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **palanque**_{ALVO-LUGAR}, foi interceptado por um jovem de fala mansa:...
- 38 A meia-noite, cerca de **200 crianças**_{INCD-SOF-REST} **subiram**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **palco**_{ALVO-LUGAR} e teve início, com um banho de champanhe, uma queima de fogos que durou 15 minutos .
- 39 Ele havia acabado de retornar daquela cidade, onde trabalhava, quando **subiu**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **topo do prédio**_{ALVO-LUGAR} .
- 40 **Mazaro**_{INCD-SOF-REST} **subiu**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **primeiro andar do prédio**_{ALVO-LUGAR}, onde ocorreu o assalto.
- 41 Apesar dos desejos dos integrantes do Kiss, que pretendem selecionar fãs femininas para **subir**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **palco**_{ALVO-LUGAR}, o público que sitiou o Maksud atrás de autógrafos foi predominantemente masculino .
- 42 ... **Nelson Wedekind**_{INCD-SOF-REST}, **subiu**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **palanque**_{ALVO-LUGAR} de Lula e discursou.
- 43 E **subiu**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **escritório**_{ALVO-LUGAR}, sem dar maiores satisfações .

- 44 **Kiss**_{INCD-SOF-REST} **subiu**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **palco**_{ALVO-LUGAR} às 23h50 e deu o melhor espetáculo, com direito a fogos, laser, pirâmides e mulheres com lingerie preta .
- 45 Quando **FHC**_{INCD-SOF-REST} **subiu**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **palanque**_{ALVO-LUGAR}, os protestos aumentaram .
- 46 **Anacleto Gomes**_{INCD-SOF-REST}, um ex-militante do Pp, **subiu**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **palco**_{ALVO-LUGAR} e tomou o microfone .
- 47 Após a apresentação da peça das 20h00 às 21h40 e dos autógrafos, **Fernando Henrique**_{INCD-SOF-REST} **subiu**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **palco**_{ALVO-LUGAR} e cumprimentou o elenco...
- 48 As imagens feitas pelo radar do ônibus espacial mostram aspectos diferentes da erupção, que começou por acaso horas depois que o **Endeavour**_{SOF-REST} **subiu**_{PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **espaço**_{ALVO-LUGAR}, dia 30 de setembro .
- 49 O show do Racionais MC's foi interrompido pela polícia, que **subiu**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **palco**_{ALVO-LUGAR} na hora em que o grupo cantava o rap «O Homem na Estrada» .
- 50 ...a dupla Leandro e Leonardo não teve dúvidas: **subiu**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **palanque**_{ALVO-LUGAR} no último comício do candidato governista de Goiás, Maguito Vilela .

2.10.2 'Subir em'¹⁹²: 40 ocorrências

- 1 ... rodopiou, bateu na guia direita, **subiu**_{PROC-RES} **na**_{LUGAR-AXIAL} **calçada**_{ALVO-LUGAR} e capotou .
- 2 ... se livrou de dois postes e, após **subir**_{PROC-RES} **na**_{LUGAR-AXIAL} **calçada**_{ALVO-LUGAR}, bateu com violência contra o muro .
- 3 **O carro**_{SOF-REST} **subiu**_{PROC-RES} **na**_{LUGAR-AXIAL} **calçada**_{ALVO-LUGAR} e ficou imprensado entre um poste e um muro .
- 4 ... encarcerado no presídio Vieira Ferreira, em Niterói -- **subiu**_{INIC-PROC-RES} **na**_{LUGAR-AXIAL} **mesa**_{ALVO-LUGAR} segurando a bandeira da Imperatriz e um troféu que lhe foi entregue por assessores e gritou chorando nos microfones...
- 5 Quando estavam se preparando para **subir**_{INIC-PROC-RES} **na**_{LUGAR-AXIAL} **sacada da residência**_{ALVO-LUGAR}, foram vistos pela mulher do comerciante, Eva, 60 .
- 6 Quando **subiram**_{INIC-PROC-RES} **no**_{LUGAR-AXIAL} **muro**_{ALVO-LUGAR} através de uma corda, acionaram o alarme do presídio .
- 7 ... perdeu o controle de seu Uno, **subiu**_{INIC-PROC-RES} **na**_{LUGAR-AXIAL} **calçada**_{ALVO-LUGAR} e atropelou um casal ...
- 8 **O motorista e três pessoas**_{INCD-SOF-REST} **subiram**_{INIC-PROC-RES} **na**_{LUGAR-AXIAL} **carroceria**_{ALVO-LUGAR} .

¹⁹² Construções excluídas: *subir na carreira, subir na empresa, subir na pesquisa, no ranking*

- 9 Joca relata que quando sentiu o barco virando, **subiu**_{INIC-PROC-RES} **na**_{LUGAR-AXIAL} **borda** **que estava voltada para cima**_{ALVO-LUGAR...}
- 10 O grupo, que conseguiu sair da cela dois através de uma corda feita com roupas e lençóis, estava **subindo**_{INIC-PROC} **na**_{LUGAR-AXIAL} **corda**_{LUGAR} para pular o pátio da cadeia quando carcereiros identificaram a fuga .
- 11 **Ele**_{INCD-SOF-REST} **teria utilizado uma corda para subir**_{INIC-PROC} **na**_{LUGAR-AXIAL} **parede**_{LUGAR} .
- 12 **Os dois**_{INCD-SOF-REST} **subiram**_{INIC-PROC-RES} **no**_{LUGAR-AXIAL} **Fusca branco**_{ALVO-LUGAR} e fugiram, disse Carmelita.
- 13 Segundo Maria Estela quando **subir**_{INIC-PROC-RES} **no**_{LUGAR-AXIAL} **ônibus**_{ALVO-LUGAR} o usuário deve observar o porte do motorista e se cientificar de que ele não aparente estar alcoolizado .
- 14 **Os bailarinos**_{INCD-SOF-REST} **subiram**_{INIC-PROC-RES} **no**_{LUGAR-AXIAL} **palco**_{ALVO-LUGAR} e justificaram a ausência .
- 15 ... saiu do carro, **subiu**_{INIC-PROC-RES} **no**_{LUGAR-AXIAL} **capô**_{ALVO-LUGAR}, tirou as roupas e sapateou .
- 16 «**Subiram**_{INIC-PROC-RES} **no**_{LUGAR-AXIAL} **avião**_{ALVO-LUGAR} junto com outros três passageiros e, após 15 minutos de vôo, os três passageiros não-identificados obrigaram o piloto a desviar de sua rota original», disse .
- 17 Quero me preservar até o casamento, **subir**_{INIC-PROC-RES} **no**_{LUGAR-AXIAL} **altar**_{ALVO-LUGAR} e criar meus filhos .
- 18 O helicóptero da Policia Civil sobrevoava o prédio quando um grupo de cerca de **dez detentos**_{INCD-SOF-REST} **subiu**_{INIC-PROC-RES} **no**_{LUGAR-AXIAL} **telhado da cadeia**_{ALVO-LUGAR} e passou a arremessar telhas no pátio buscando atingir os policiais .
- 19 **Os presos**_{INCD-SOF-REST} **subiram**_{INIC-PROC-RES} **no**_{LUGAR-AXIAL} **telhado do prédio**_{ALVO-LUGAR...}
- 20 **Ele**_{INCD-SOF-REST} **subiria**_{INIC-PROC-RES} **no**_{LUGAR-AXIAL} **ônibus**_{ALVO-LUGAR} tomado pela mulher .
- 21 **Depois da matança, iniciada há uma semana, a polícia**_{INCD-SOF-REST} **finalmente subiu**_{INIC-PROC} **no**_{LUGAR-AXIAL} **morro**_{LUGAR}, **fazendo incursões por vielas e revistando moradores e barracos** .
- 22 Após **subir**_{INIC-PROC-RES} **no**_{LUGAR-AXIAL} **trio elétrico de «Dodô, Armandinho e Osmar»**_{ALVO-LUGAR}, Caetano Veloso cantou «Atrás do Trio Elétrico» e o «Hino ao Senhor do Bonfim» .
- 23 Depois de tomar várias caipirinhas, **ele**_{INCD-SOF-REST} **subiu**_{INIC-PROC-RES} **no**_{LUGAR-AXIAL} **telhado da garagem da casa de um vizinho**_{ALVO-LUGAR...}
- 24 Ele corria de bicicleta pelas alamedas sombreadas, **subia**_{INIC-PROC-RES} **nas**_{LUGAR-AXIAL} **árvores**_{ALVO-LUGAR}, apanhava sapotis e carambolas .
- 25 No último dia 16, **seis homens armados de escopetas e revólveres**_{INCD-SOF-REST} **subiram**_{INIC-PROC-RES} **no**_{LUGAR-AXIAL} **ônibus**_{ALVO-LUGAR} na altura da rua Cesário de Melo e começaram a saquear os passageiros .

- 26 De topless e fio dental, ele foi obrigado a **subir**_{INIC-PROC-RES} **no**_{LUGAR-AXIAL} **carro**_{ALVO-LUGAR} **alegórico** por causa do assédio da multidão .
- 27 **Ela**_{INCD-SOF-REST} começa **subindo**_{INIC-PROC-RES} **no**_{LUGAR-AXIAL} **telhado de sua casa**_{ALVO-LUGAR} e termina escalando um prédio projetado pela mãe .
- 28 **O carro-forte e a carreta**_{SOF-REST} saíram da pista e **subiram**_{PROC-RES} **no**_{LUGAR-AXIAL} **canteiro lateral da rodovia**_{ALVO-LUGAR} .
- 29 M.A.C. contou que **subiu**_{INIC-PROC-RES} **no**_{LUGAR-AXIAL} **primeiro avião que viu**_{ALVO-LUGAR...}
- 30 Testemunhas afirmaram à polícia que o homem disse ao motorista que um grupo de menores estava no ponto pedindo para **subir**_{INIC-PROC-RES} **no**_{LUGAR-AXIAL} **ônibus**_{ALVO-LUGAR} e que havia perigo de assalto .
- 31 **Ele**_{INCD-SOF-REST} **subiu**_{INIC-PROC-RES} **no**_{LUGAR-AXIAL} **ônibus**_{ALVO-LUGAR} em Jacarepaguá e viajou sentado no capô, conversando com o motorista sobre o perigo dos assaltos .
- 32 Em um semáforo na zona leste de São Paulo, **Sousa**_{INCD-SOF-REST} **subiu**_{INIC-PROC-RES} **no**_{LUGAR-AXIAL} **estribo do caminhão**_{ALVO-LUGAR}, quebrou o vidro e tentou render o motorista, que conseguiu fugir .
- 33 **Os fugitivos**_{INCD-SOF-REST} teriam **subido**_{INIC-PROC-RES} **no**_{LUGAR-AXIAL} **telhado de um galpão**_{ALVO-LUGAR}, pulado o muro e corrido em direção ao vizinho morro do Telégrafo, que faz parte do complexo da Mangueira .
- 34 Às 11h20, quando Brandão falava, **os presos conhecidos como «Carioca», «Betinho» e «Serginho»**_{INCD-SOF-REST} **subiram**_{INIC-PROC-RES} **no**_{LUGAR-AXIAL} **palco**_{ALVO-LUGAR} armados de facas e dominaram d.. Aloísio, Brandão e o padre Aldo Pagoto .
- 35 **Os três presos**_{INCD-SOF-REST} que **subiram**_{INIC-PROC-RES} **no**_{LUGAR-AXIAL} **palco**_{ALVO-LUGAR} do auditório do presídio
- 36 Quando perceberam a aproximação da polícia, os fugitivos mandaram **os reféns**_{INCD-SOF-REST} **subir**_{INIC-PROC-RES} **no**_{LUGAR-AXIAL} **carro-forte**_{ALVO-LUGAR} .
- 37 “**Subimos**_{INIC-PROC-RES} **no**_{LUGAR-AXIAL} **telhado**_{ALVO-LUGAR}.”
- 38 **O corcel**_{INCD-SOF-REST} **subiu**_{INIC-PROC-RES} **no**_{LUGAR-AXIAL} **canteiro**_{ALVO-LUGAR} e atropelou os três .
- 39 O que importa se **o intelectual**_{INCD-SOF-REST} **subiu**_{INIC-PROC-RES} **no**_{LUGAR-AXIAL} **jegue**_{ALVO-LUGAR}, se o operário perdeu o dedo, se o candidato não acredita em Deus, se fez menções mal explicadas sobre figuras sinistras da história ?
- 40 Os negros não têm mais o direito de **subir**_{INIC-PROC-RES} **nos**_{LUGAR-AXIAL} **trens**_{ALVO-LUGAR} OU ônibus utilizados pelos brancos .

2.10.3 ‘Subir para’¹⁹³: 1 ocorrência

- 1 Ainda tentei arrombar a porta e **subi**_{INIC-PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **a laje**_{ALVO-LUGAR}», conta Dejanildo, também resgatado pelo helicóptero da PM.

2.11 VIR

2.11.1 ‘Vir a’: 24 ocorrências

- 1 Com a vinheta «Noites Quentes», entram repórteres com cenas das animações de veraneio de **gente**_{INCD-SOF-REST} **que veio**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **mundo**_{ALVO-LUGAR} a passeio .
- 2 ... **veio**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **velório**_{ALVO-LUGAR} de ônibus .
- 3 Pedro de Rates Hanequim, **aventureiro**_{INCD-SOF-REST} **que veio**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR} **Brasil**_{ALVO-LUGAR} em 1702 em busca de ouro...
- 4 Além de Trisha Brown, a Bienal traz Lucinda Childs, outra sumidade pós-moderna que nunca **veio**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Brasil**_{ALVO-LUGAR} .
- 5 **O Sabbath**_{INCD-SOF-REST} **veio**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Brasil**_{ALVO-LUGAR} em 1992 com a formação do álbum «The Mob Rules»
- 6 **A cientista alemã Nicole Graf**_{INCD-SOF-REST} (foto) , 29, **veio**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Brasil**_{ALVO-LUGAR} pela primeira vez a negócios .
- 7 **Filho de um pequeno nobre com uma arrumadeira**_{INCD-SOF-REST}, **veio**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Brasil**_{ALVO-LUGAR} com a família real portuguesa em 1808, aos 17 anos .
- 8 ... **veio**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Brasil** para instalar um centro latino-americano de teatro de bonecos e marionetes .
- 9 Joãozinho pretende homenagear o pintor e desenhista francês Jean Baptiste Debret (1768-1848) , que integrou **uma missão artística**_{INCD-SOF-REST} **que veio**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Brasil**_{ALVO-LUGAR} em 1816 .
- 10 Quando **veio**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Brasil**_{ALVO-LUGAR}, este ano, perguntou por mim, sou das poucas brasileiras que ele conhece .
- 11 Felzi Riggio, nascido em Nova York de pais sicilianos, também viveu na Itália; **veio**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Brasil**_{ALVO-LUGAR} para abrir o restaurante Felzi...
- 12 Só o Texas recebeu no ano passado 4,7 milhões de turistas estrangeiros, três vezes mais do que o número que **veio**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Brasil**_{ALVO-LUGAR} no mesmo período .
- 13 **Vieram**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **mundo**_{ALVO-LUGAR} para se lamentar...
- 14 Até mesmo entre **técnicos do Fundo Monetário Internacional**_{INCD-SOF-REST} **que vieram**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR} **país**_{ALVO-LUGAR}.

¹⁹³ Construções excluídas: *subir para* + V, *subir para* + número/posição (escala)

- 15 “... com todos os outros três candidatos que **vierem**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Estado**_{ALVO-LUGAR}”, disse Dante .
- 16 Não é por acaso que **vários secretários americanos**_{INCD-SOF-REST} entre eles o da Defesa, William Perry **vieram**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Brasil**_{ALVO-LUGAR} este ano .
- 17 **Cientistas do mundo inteiro**_{INCD-SOF-REST} **vieram**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Brasil**_{ALVO-LUGAR} para assistir ao último eclipse total do Sol neste milênio .
- 18 “**Vemos**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR} **Brasil**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} dispostos a terminar entre os quatro primeiros”.
- 19 **Badal Roy**_{INCD-SOF-REST} **vem**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **5º. Vitória Festival**_{ALVO-LUGAR}.
- 20 Esta é a segunda vez que **ele**_{INCD-SOF-REST} **vem**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Brasil**_{ALVO-LUGAR} .
- 21 Cada vez que **vem**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Brasil**_{ALVO-LUGAR}, encontra um país diferente .
- 22 Estava enganado o maroto representante de si mesmo e teria se mantido mais próximo do terreno da ética se **viesse**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **seu espírito**_{ALVO-LUGAR}, como de outros deputados «infiéis», o exemplo do torcedor .
- 23 **Grupo americano de hardcore**_{INCD-SOF-REST} **vem**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Brasil**_{ALVO-LUGAR} em agosto para o Monsters of Rock e lança o LP ' Suicidal for Life ' .
- 24 Mas é a primeira vez que **vem**_{INIC-PROC-RES} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Rio**_{ALVO-LUGAR} e parece ansiosa para cumprir os tradicionais roteiros turísticos, além -- é claro -- de participar do torneio- exibição no Maracanãzinho .

2.11.2 ‘Vir em’¹⁹⁴: nenhuma ocorrência

Nenhuma ocorrência encontrada.

2.11.3 ‘Vir para’¹⁹⁵: 12 ocorrências

- 1 Então, se **você**_{INCD-SOF-REST} **veio**_{INIC-PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **São Chico**_{ALVO-LUGAR} com as flores no cabelo do Tony Bennett, atrás das noites do Eric Burdon & The Animals ou dos dias de San Francisco do Chris Isaak, é melhor mudar o disco .
- 2 Disse ainda que a família entendia que «**Ayrton**_{INCD-SOF-REST} **veio**_{INIC-PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **cá**_{ALVO-LUGAR} para uma missão .
- 3 Ver o parque prontinho e ver **o mundo inteiro**_{INCD-SOF-REST} **vindo**_{INIC-PROC-RES} **pra**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **cá**_{ALVO-LUGAR} .
- 4 ... “marido, ao telefone: ' Quando **você**_{INCD-SOF-REST} **vier**_{INIC-PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **casa**_{ALVO-LUGAR}, não deixe a menina entrar...”

¹⁹⁴ Construções excluídas: *vir em cima de*

¹⁹⁵ Construções excluídas: *vir para o Ministério*

- 5 Era **Maurice Chevalier**_{INCD-SOF-REST} que **viera**_{INIC-PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} um **show**_{ALVO-LUGAR} .
- 6 O sr. conhecia **os pintores holandeses**_{INCD-SOF-REST} que **vieram**_{INIC-PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o Brasil**_{ALVO-LUGAR} ?
- 7 **Os alemães**_{INCD-SOF-REST}, na verdade, **vieram**_{INIC-PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **os Eua**_{ALVO-LUGAR} com um seleto grupo de jogadores .
- 8 Dos 9.198 carros exportados, cerca de **90 %**_{SOF-REST} **vieram**_{PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o Brasil**_{ALVO-LUGAR} .
- 9 Em 1988, **vim**_{INIC-PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Paris**_{ALVO-LUGAR}, a convite do empresário José da Silva .
- 10 **Vim**_{INIC-PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **cá**_{ALVO-LUGAR} sem me preocupar com comparações com outros jogadores .
- 11 “O problema é que **a Colômbia**_{INCD-SOF-REST} **veio**_{INIC-PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **a Copa**_{ALVO-LUGAR} de salto alto”, afirmou Pelé após o jogo do Brasil contra Camarões .
- 12 Quando **vim**_{INIC-PROC-RES} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o Corinthians**_{ALVO-LUGAR}, pensei em tê-lo no time .

2.12 VOAR

2.12.1 ‘Voar a’¹⁹⁶: 3 ocorrências

- 1 **O astronauta Remek**_{INCD-SOF} foi o primeiro homem, não sendo americano nem soviético, a **voar**_{INIC-PROC-TRAJ} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **espaço**_{ALVO-LUGAR} .
- 2 **Jahn**_{INCD-SOF} foi o primeiro alemão oriental a **voar**_{INIC-PROC-TRAJ} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **espaço**_{ALVO-LUGAR} .
- 3 **A astronauta Valentina V. Tereshkova**_{INCD-SOF} **voou**_{INIC-PROC-TRAJ} por 70 horas e 50 minutos, sendo **a primeira mulher**_{INCD-SOF} **a voar**_{INIC-PROC-TRAJ} **ao**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **espaço**_{ALVO-LUGAR}, completando 48 órbitas ao redor da Terra .

2.12.2 ‘Voar em’¹⁹⁷: 23 ocorrências

- 1 “Se antes eu estava correndo, agora vou **voar**_{INIC-PROC-TRAJ} **em**_{LUGAR-AXIAL} **campo**_{LUGAR}”, afirmou .
- 2 «Quando **você**_{INCD-SOF} **voa**_{INIC-PROC-TRAJ} **em**_{LUGAR-AXIAL} **Boing 777**_{LUGAR}, você não se preocupa com a marca das turbinas, mas com o desempenho do todo»

¹⁹⁶ Construções excluídas: *voar ao lado de, ao sopro de*

¹⁹⁷ Construções excluídas: *voar em direção a, em cima de, em círculos, em formação, em bando, em socorro, em companhia de, em ziguezague*

- 3 No entanto, em 28 de fevereiro de 1966, ambos foram mortos enquanto **voavam**_{INIC-PROC-TRAJ} **em**_{LUGAR-AXIAL} **uma aeronave**_{LUGAR} de treino que chocou-se contra o prédio em que a sua nave estava sendo construída .
- 4 Disse que tinha medo de **voar**_{INIC-PROC-TRAJ} **em**_{LUGAR-AXIAL} **aviões pequenos**_{LUGAR} .
- 5 Num determinado sábado, ele ficou comigo até 4 ou 5h da manhã e às 8h e pouco foi **voar**_{INIC-PROC-TRAJ} **em**_{LUGAR-AXIAL} **Juiz de Fora**_{LUGAR} e lá morreu .
- 6 Gherman S. Titov foi voou pelo espaço por 25 horas e 18 minutos, completando 16 órbitas ao redor da Terra, tornando-se **o segundo homem**_{INCD-SOF} **a voar**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **espaço**_{LUGAR} .
- 7 ...Cafu, Euller, Muller, Axel, Gilmar, **todos eles**_{INCD-SOF} **voavam**_{INIC-PROC-TRAJ} **em**_{LUGAR-AXIAL} **campo**_{LUGAR}, aos 45 min do segundo tempo.
- 8 Em outras palavras, trate-se de Nova York ou Tóquio, Cairo ou Jerusalém, Moscou ou Nova Délhi, fazer turismo consiste em **voar**_{INIC-PROC-TRAJ} **nos**_{LUGAR-AXIAL} **mesmos aviões**_{LUGAR}, pegar os mesmos táxis ou ônibus em aeroportos idênticos...
- 9 Não é preciso nascer em circo para saber dar saltos triplos, **voar**_{INIC-PROC-TRAJ} **em**_{LUGAR-AXIAL} **um trapézio**_{LUGAR}, engolir fogo e fazer outras estripulias .
- 10 Hoje **os aviões da Boeing**_{INCD-SOF} **voam**_{INIC-PROC-TRAJ} **em**_{LUGAR-AXIAL} **todos os continentes**_{LUGAR} e com as cores de empresas aéreas de 120 países .
- 11 **Você**_{INCD-SOF} já se imaginou «**voando**»_{INIC-PROC-TRAJ} **num**_{LUGAR-AXIAL} **trapézio**_{LUGAR} a três metros de altura e terminando a exibição com uma bela cambalhota ?
- 12 As equipes promovem suas aventuras em cidades do interior porque é proibido **voar**_{INIC-PROC-TRAJ} **na**_{LUGAR-AXIAL} **capital**_{LUGAR} .
- 13 Certamente, os donos do Zoe descobriram o ouro no fim da **bandeira com arco-íris**_{SOF} que fica **voando**_{PROC-TRAJ} **na**_{LUGAR-AXIAL} **porta**_{LUGAR} .
- 14 ... **voando**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **alto de um balão**_{LUGAR}.
- 15 Os «extras» que aparecem no fundo (pessoas caminhando nas ruas, **pássaros**_{INCD-SOF} **voando**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **ar**_{LUGAR} etc.) poderão ser adquiridos...
- 16 Decidi me dedicar às ciências espaciais e, quem sabe um dia, **voar**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **espaço**_{LUGAR} .
- 17 Era como se realizasse um pouquinho o meu desejo de **voar**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **espaço**_{LUGAR} .
- 18 Se conseguir **voar**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **espaço**_{LUGAR} vai ser o suficiente para mim .
- 19 Linhas aéreas de Belize, Gâmbia, Gana, Honduras, Nicarágua, Paraguai, República Dominicana, Uruguai e Zaire estão impedidas de **voar**_{INIC-PROC-TRAJ} **nos**_{LUGAR-AXIAL} **Eua**_{LUGAR} .
- 20 Como distinguir entre "No céu uma homenagem para **quem**_{INCD-SOF} **voa**_{INIC-PROC-TRAJ} **no**_{LUGAR-AXIAL} **chão**_{LUGAR}" do locutor e «Para o Deus da velocidade, esse país é muito lento» do torcedor?

- 21 Muitas empresas não deixam dois de seus **executivos**^{INCD-SOF} **voarem**^{INIC-PROC-TRAJ} **no**^{LUGAR-AXIAL} **mesmo avião**^{LUGAR} .
- 22 **Hóspedes 'voam'**^{INIC-PROC-TRAJ} **no**^{LUGAR-AXIAL} **circo de Itaparica**^{LUGAR} .
- 23 Na última quarta-feira, no programa Juca Kfourri ao vivo, na CNT, **voou**^{INIC-PROC-RES} **na**^{LUGAR-AXIAL} **jugar do presidente Fernando Henrique**^{ALVO-LUGAR} .
- 2.12.3 'Voar para': 40 ocorrências
- 1 Hoje, **voam**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o Paraná**^{ALVO-LUGAR}, para conversar com o governador...
- 2 Os números do setor revelam que em 95 cerca de 1,5 milhão de brasileiros passearam pelo Brasil, mas **3 milhões**^{INCD-SOF} **voaram**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o exterior**^{ALVO-LUGAR} .
- 3 **As bruxas goyescas**^{INCD-SOF} **não voam**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **um mundo insondável**^{ALVO-LUGAR}, tampouco vêm de lá, são bruxas próximas, não seres de outro mundo, são seres da superstição cotidiana» (125) .
- 4 Na segunda-feira, **os deuses olímpicos**^{INCD-SOF}, um pouco mais ricos, com cachês médios de US\$ 30 mil, **voaram**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o Olimpo**^{ALVO-LUGAR} .
- 5 **O ex-presidente José Sarney**^{INCD-SOF} **voou**^{INIC-PROC-TRAJ} do Rio **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Brasília**^{ALVO-LUGAR}, ontem, às 17 horas .
- 6 **Empresas aéreas**^{INCD-SOF} **querem voar**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **AL**^{ALVO-LUGAR} .
- 7 Nos primeiros quatro meses de 94, **150 mil brasileiros**^{INCD-SOF} **voaram**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Flórida**^{ALVO-LUGAR}, Nova York e Califórnia (os três destinos preferidos) , entre outras cidades .
- 8 **As empresas Lufthansa, British Airways e Alitalia**^{INCD-SOF} **voam**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o país**^{ALVO-LUGAR}; passagem custa a partir de US\$ 1.768.
- 9 No próximo dia 29 de setembro a companhia inaugura vôo para Buenos Aires e, em 19 de novembro, se transforma na **primeira empresa aérea brasileira**^{INCD-SOF} **a voar**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Viena**^{ALVO-LUGAR}, na Áustria .
- 10 «Eu e seis companheiros fomos levados pelos soldados para a cidade de Inírida e de lá **voamos**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Tabatinga**^{ALVO-LUGAR} (Brasil) , onde o Exército brasileiro nos recolheu», contou .
- 11 **Vasp**^{INCD-SOF} **vai voar**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Miami e Nova York**^{ALVO-LUGAR} neste quadrimestre.
- 12 ... menos de doze horas depois, **Silva**^{INCD-SOF} estava **voando**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Nova York**^{ALVO-LUGAR} .
- 13 “Quando decidiram que as regionais poderiam explorar aeroportos centrais, decidiram também que **as nacionais**^{INCD-SOF} poderiam **voar**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o exterior**^{ALVO-LUGAR}.”

- 14 Ele vinha de Tabatinga e **voaria**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **São Paulo**^{ALVO-LUGAR}, indo depois para Madri .
- 15 Afinal, segundo ele, **quem**^{INCD-SOF} teria **voado**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **a convenção**^{ALVO-LUGAR} no avião de uma companhia aérea que fosse reconhecida por ter um índice de 99 % de acerto nos pousos e decolagens ?
- 16 Atrás de novidades em vinho, **César Dobbinis de França e Geraldo Aparecido de Oliveira do La Tambouille e do Leopoldo**^{INCD-SOF} **voaram**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **a Itália**^{ALVO-LUGAR} .
- 17 As asas que subiam dos cabelos de cobre confirmavam a apreensão: em rápida sequência elas me derrubaram da cadeira, recobram o ímpeto **voando**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-AXIAL} **o teto**^{ALVO} e depois se abateram a prumo sobre o peito e o baixo-ventre .
- 18 De lá, **o empresário**^{INCD-SOF} **voa**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Macau**^{ALVO-LUGAR}, última 'cala antes de voltar para a casa em Hong Kong .
- 19 Em seguida, **voam**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Durban**^{ALVO-LUGAR}, na África do Sul...
- 20 Pode-se ter certeza de que a expectativa de desastres com rodas e **fragmentos**^{SOF} **voando**^{PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **todos os lados**^{ALVO-LUGAR} é parte integrante da motivação de muitos aficionados por tais corridas .
- 21 ...na mesma tarde, **Katzenberg, Spielberg e Geffen**^{INCD-SOF} **voaram**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Los Angeles**^{ALVO-LUGAR}...
- 22 Já que **o titular do posto**^{INCD-SOF} deve **voar**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **outras searas**^{ALVO-LUGAR} .
- 23 Quando souberam das revelações de Clark, **o casal e Josephine**^{INCD-SOF} **voaram**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Londres**^{ALVO-LUGAR} para «passar a história a limpo» .
- 24 **Seguidores de outros países**^{INCD-SOF} **voaram**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Nova York**^{ALVO-LUGAR} a fim de participar do enterro.
- 25 Na terça, **voaram**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Brasília**^{ALVO-LUGAR} no mesmo jatinho alguns dos maiores opositores do quercismo no PMDB: Sarney, Luiz Carlos Santos e Gilberto Miranda .
- 26 **Voa**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **as três Guianas**^{ALVO-LUGAR} .
- 27 Semana retrasada, dois dias antes de **voar**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Nova York**^{ALVO-LUGAR} e nove anos após cultivar madeixas economicamente aparadas, ela entregou a cabeça a Ricardo Cassolari, do salão paulistano «L'Autre Famme» .
- 28 (da mesma forma que Os Felizes servidos à bordo dos aviões da United que **voam**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **DisneyWorld**^{ALVO-LUGAR})
- 29 Agora Luciano^{INCD-SOF} quer **voar**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Europa**, principalmente para França e Itália .
- 30 Vestindo blazers brancos e camisas pólo pretas, quase **200 membros da Yamaguchi-gumi**^{INCD-SOF} **voaram**^{INIC-PROC-TRAJ} **para**^{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Sapporo**^{ALVO-LUGAR}, capital da ilha, a fim de inaugurar a filial da quadrilha .

- 31 **Voei**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO} **o telefone**_{ALVO}, avisei o tailandês do fim do mundo, e como se 'tivesse carregando uma bomba relógio, desci a moamba para a portaria .
- 32 Em busca de novas tendências para a Le Lis Blanc, Traudi Guida **voou**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Nova York**_{ALVO-LUGAR} ao encontro da sócia Rahyja Tuch .
- 33 No programa, além dos sons e animação, tudo ganha vida com um simples clique do mouse nas cenas em que Harry e sua turma tentam achar **a bola**_{SOF} que **voou**_{PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **a casa fantasmagórica**_{ALVO-LUGAR} .
- 34 No dia anterior a nuvem baixa não permitiu ao piloto do bimotor Twin Otter a ver os esquiadores quando **voou**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **o Norte**_{ALVO-LUGAR}, e teve que esperar a clarear o tempo .
- 35 **Itamar**_{INCD-SOF} **voou**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Nova York**_{ALVO-LUGAR} às 11h30 de ontem e, de lá, seguiu para Brasília .
- 36 No final da tarde, **voou**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **Araçatuba**_{ALVO-LUGAR} (SP) , onde iniciou caravana pelo interior do Estado .
- 37 De lá, **voou**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR} **Letícia**_{ALVO-LUGAR}, onde teria comprado a droga, atravessado a fronteira e tomado um avião em Tabatinga (AM) com destino a Manaus .
- 38 Pouco tempo depois do duplo assassinato, **O.J.**_{INCD-SOF} **voou**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **cá**_{ALVO-LUGAR}, Chicago .
- 39 De sua cidade **ele**_{INCD-SOF} **voou**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **São Paulo**_{ALVO-LUGAR} e se encontrou com o governador Fleury e com Romeu Tuma .
- 40 **Tio Dave**_{INCD-SOF} **voou**_{INIC-PROC-TRAJ} **para**_{ALVO-LUGAR-AXIAL} **San Francisco**_{ALVO-LUGAR} ontem, depois dos Gay Games na Grande Maçã, bem em tempo de assistir àquela partida de futebol surreal, irreal em Palo Alto .

3 APÊNDICE III : BREVE HISTÓRICO DA NANOSSINTAXE

A Nanossintaxe é uma proposta teórica bastante recente. As primeiras referências a esta nova forma de abordar a arquitetura da língua remontam a um artigo de Michal Starke, publicado em 2004, e às suas aulas ministradas entre 2005 e 2006 na Universidade de Tromsø. Embora não tenham registro escrito, suas conferências são muito citadas em trabalhos que se desenvolveram desde então. Assim, para os(as) interessados(as) em se aprofundar nesta linha teórica, deixo aqui um breve histórico com os principais trabalhos e publicações sobre a Nanossintaxe¹⁹⁸.

| | |
|------|--|
| 2004 | On the inexistence of specifiers and the nature of heads (Artigo)
Starke, Michal |
| 2005 | Aulas de Michal Starke, na Universidade de Tromsø, Noruega.
The nanosyntax of the Icelandic passive (Artigo)
Peter Svenonius |
| 2007 | Axial parts ans Wholes (Artigo)
Antonio Fábregas
Adverbios en –mente y la estructura del adjetivo en español (Artigo)
Antonio Fábregas
An Exhaustive Lexicalisation account of directional complements (Artigo)
Antonio Fábregas
The focus marker in Kiitharaka: Syntax and semantics (Artigo)
Klaus Abels e Peter Muriungi
The Exhaustive Lexicalisation Principle (Artigo)
Antonio Fábregas |

¹⁹⁸ A maioria das publicações aqui listada está disponível online e em acesso livre através de um portal criado por Michal Starke: <http://ling.auf.net/lingbuzz>

2008

Verb Meaning and the Lexicon (Livro)
Gillian Ramchand

Nominalizations and Participles in Swedish (Tese)
Bjorn Lundqvist

Lexical Items in Complex Predications: Selection as Underassociation (Artigo)
Gillian Ramchand

Gender agreement on adverbs in Spanish (Artigo)
Antonio Fábregas

Two sources for nominal features in Spanish nominalizations (Artigo)
Antonio Fábregas

2009

The nanosyntax of case (Tese)
Pavel Caha

The nanosyntax of Nguni noun class prefixes and concords (Artigo)
Taraldsen, Tarald

A syntactic account of affix rivalry in Spanish nominalizations (Artigo)
Fabregas, Antonio

*Além destes trabalhos, a revista Nordlyd, publicada pelo Departamento de
Linguística da Universidade de Tromsø publica um número especial sobre
Nanossintaxe¹⁹⁹:*

Nanosyntax: A short primer to a new approach to language
Michal Starke

Directional expressions cross-linguistically: Nanosyntax and lexicalization
Marina Pantcheva

The nanosyntax of Hungarian postpositions
Éva Dékány

Classical Armenian declension
Pavel Caha

Lexicalizing number and gender in Lunigiana
Knut Tarald Taraldsen

¹⁹⁹ Disponível em: <http://www.ub.uit.no/baser/septentrio/index.php/nordlyd/issue/view/31>

An argument for phrasal spell-out: Indefinites and interrogatives in Spanish
Antonio Fábregas

Noun-verb conversion without a generative lexicon
Björn Lundquist

The union spell-out principle
Peter Kinyua Muriungi

2010

Towards elegant parameters (Artigo)
Michal Starke

The parameters of case marking and spell out driven movement (Artigo)
Pavel Caha

The nanosyntax of Nguni noun class prefixes and concords (Artigo)
Knut Tarald Taraldsen

2011

Towards elegant parameters: Language variation reduces to the size of lexically
stored trees (Artigo)
Michal Starke

Prefix stacking, syncretism and the syntactic hierarchy (Artigo)
Bartosz Wiland

Decomposing Path: The Nanosyntax of directional expressions (Tese)
Marina Pantcheva

Minimalist Semantics (Capítulo no livro "Oxford Handbook of Minimalism")
Gillian Ramchand

2012

Three challenges for nanosyntax (Artigo)
J. Van Craenenbroeck

Nanosyntax: A fresh approach to syntactic analysis (Artigo)
Erin Pretorius

2013

Explaining the structure of case paradigms by the mechanisms of Nanosyntax
(Artigo)
Pavel Caha

| | |
|-------------|---|
| | A vs. en in Spanish Locatives (Artigo)
Juan Romeu |
| | Lexical Items in Complex Predications: Selection as Underassociation (Artigo)
Gillian Ramchand |
| 2014 | |
| | Case stacking in nanosyntax (Artigo)
Anke Assmann |
| | Minicurso ministrado na First Glow Spring School (GSS1): 'Theories in Dialogue'
Pavel Caha |
| 2016 | |
| | Notes on insertion in Distributed Morphology and Nanosyntax (Artigo)
Pavel Caha |
| | The Nanosyntax of Spatial Deixis (Artigo)
Eric Lander e Liliane Haegeman |
| 2017 | |